



Tiago Rebelo

Autor de *O Tempo dos Amores Perfeitos*

A Magia do Acaso

ROMANCE

A magia acontece quando o inesperado muda radicalmente uma vida resignada e revela que ninguém está condenado a um destino sem amor.

ASA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



Tiago Rebelo

Autor de *O Tempo dos Amores Perfeitos*

A Magia do Acaso

ROMANCE

A magia acontece quando o inesperado muda radicalmente uma vida resignada e revela que ninguém está condenado a um destino sem amor.

ASA

Ficha Técnica

Título original: *A Magia do Acaso*

Autor: Tiago Rebelo

Revisão: Ana Barbara Pedrosa

ISBN: 9789892336282

Edições ASA II, S.A.

uma editora do Grupo LeYa

R. Cidade de Córdova, n.º 2

2160-038 Alfragide – Portugal

Tel.: (+351) 214 272 200

Fax: (+351) 214 272 201

© 2016, Tiago Rebelo

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

edicoes@asa.pt

www.asa.leya.com

www.leya.pt

Por vontade expressa do autor, o livro respeita
a ortografia anterior ao actual acordo ortográfico.

SOFIA

Era aparentemente um dia como outro qualquer e nada fazia prever que algo de extraordinário pudesse acontecer. Com efeito, a vida de Sofia estava prestes a dar uma volta inesperada. Um encontro improvável num momento de fragilidade marcaria o início do desvio inexorável da rotina dos seus dias, em direcção a um destino desconhecido, tão encantador quanto perigoso.

Como quase sempre acontecia nestas situações, seria apanhada de surpresa e ultrapassada pelo curso dos acontecimentos. Mas quem a conhecesse saberia que não era próprio da sua natureza tomar atitudes precipitadas. Sofia não tinha um espírito rebelde com tendência para partir a loiça toda, como se costumava dizer. Era uma alma pacífica e pouco arrojada, que raramente explodia ou seguia os seus instintos mais básicos sem pensar muito bem antes de tomar uma decisão importante. Por isso, não seria de esperar dela que ponderasse mudar tudo sem passar pelo cabo das Tormentas.

Com ela, havia sempre um longo caminho a percorrer, um descontentamento que se ia instalando lentamente e ia aumentando em silêncio, como a subida das marés. Tanto assim que só se apercebeu da real dimensão do seu incómodo quando já estava a chegar ao limite do suportável e a insatisfação com o rumo do seu casamento lhe desabou em cima com a força de uma tempestade.

Passou a tarde a trabalhar no acanhado gabinete que fazia também de recepção do escritório do famoso advogado Tomé de Noronha, seu patrão. O homem cobrava fortunas aos clientes e pagava-lhe um ordenado somítico a troco de uma dedicação rigorosa. Era a secretária diligente que lhe aturava as manias e os modos arrogantes com uma resiliência notável.

A luz que entrava pela janela conferia uma atmosfera triste ao gabinete austero. Trabalhava ali há tanto tempo que não era capaz de reparar no desmazelo dos móveis de boa madeira desgastada por décadas de uso. E era assim todo o escritório, sóbrio, severo, forrado de armários escuros e envidraçados, em cujas prateleiras envelheciam centenas de livros inúteis com lombadas nobres, páginas e páginas onde se inscreviam todos os princípios e normas de agora e do passado que compunham o Direito nacional. De nada serviam hoje em dia, e mesmo que alguém se propusesse encontrar um determinado título naquela floresta de livros, só por sorte daria com ele.

Pairava na atmosfera pouco arejada do escritório um vago cheiro a mofo de papel amarelecido que criava pó. Sofia não dava por isso, estava habituada. Porém, todo aquele ambiente sombrio concorria para lhe toldar a disposição. Depois, surgiu o advogado com os seus modos impetuosos e desprovidos de amabilidade e irritou-a. A semana estava a acabar e ela já só pensava em fugir dali, de preferência para sempre.

ANDRÉ

A reunião da administração decorreu sem problemas. André regressou ao seu gabinete satisfeito consigo próprio, cheio de si, a pensar que fazia uma dupla fantástica com Margarida. O presidente da empresa adorava-os e eles sabiam dar-lhe a volta na perfeição, bastava seguirem as deixas um do outro e apoiarem-se mutuamente e era uma limpeza. Nessa manhã, como sempre, dominaram a reunião sem permitirem que os colegas da administração se evidenciassem.

Entrou no gabinete, fechou a porta, despiu o casaco, alargou a gravata, deixou-se cair na cadeira atrás da secretária, agarrou no telefone, ligou para o gabinete de Margarida.

— Adorei a cara do choninhas quando o presidente disse que a nossa proposta era melhor do que a dele — declarou com jactância.

Ouviu uma gargalhada do outro lado da linha.

— Coitado — disse Margarida —, ele anda a preparar aquilo há tanto tempo. Ficou destroçado.

— Ui, ficou para morrer.

— És mau — disse ela, satisfeita.

André riu-se.

— Pois sou — disse.

— Adoro.

— O quê?

— Adoro-te assim, mau.

— Hum...

— O que foi?

— Nada.

— Apetecia-me comer-te.

— Malandrinha — disse, entusiasmado com o tom rouco da voz dela. —

Almoçamos hoje?

— E se saltássemos o almoço e fôssemos a minha casa?

— Também é uma ideia.

— Combinado?

— Combinado.

Desligou o telefone e ficou a antecipar a hora de almoço com um sorriso pendente. Pensou em ligar a Sofia antes de sair. Gostava de Sofia, Margarida era só a adrenalina do momento, uma espécie de parceria no trabalho e na cama, como ele via o caso. Nada de compromissos nem de chatices.

A vida corria-lhe bem, pensava, ganhava um bom ordenado, tinha um bom arranjo e era suficientemente esperto para não se deixar apanhar em falso.

MARGARIDA

Margarida também sorriu quando desligou o telefone. Gostava de André, mas era mais inteligente do que ele. Juntos, influenciavam as reuniões da administração, só que ele fazia o que ela lhe dizia. Deixava-o pensar que participava na estratégia, quando na verdade saía tudo da cabeça dela, e não tinha a menor dúvida de quem o presidente escolheria se alguma vez tivesse de se descartar de um dos dois. O homem adorava-a, e não era por ser mulher e saber levá-lo, enfim, não era só por isso, ele também percebia que ela tinha a melhor cabeça de entre todos os que se sentavam à mesa da administração.

O presidente não era parvo e Margarida não caía na asneira de pensar tal coisa a seu respeito. Jamais a teria como preferida ou seguiria as suas recomendações se não lhe reconhecesse a inteligência e a competência. A raposa velha não se excitava nem se desorientava com um rabo de saias. Era muito controlado e não perdia o domínio da empresa. Até porque a empresa estaria sempre em primeiro lugar na lista de prioridades do presidente e Margarida sabia muito bem que ele tinha um casamento à prova de bala. Não havia nenhuma outra no mundo que conseguisse interessá-lo ao ponto de negligenciar os negócios ou desviar-se da paixão que nutria pela sua mulher.

De qualquer modo, Margarida não se imaginava a seduzir o patrão, nem recorria a esse género de expedientes que não considerava dignos de uma pessoa superiormente inteligente, que sabia ser, e perfeitamente capaz de atingir os seus objectivos sem se rebaixar. Só se deitava com pessoas de quem gostava e jamais para tirar proveitos profissionais. Orgulhava-se de ser bem melhor do que isso e desprezava as mulheres que o faziam.

Quanto a André, trabalhavam juntos e eram aliados naturais porque se entendiam bem e tinham ideias semelhantes para a empresa, mas gostava dele genuinamente e, pelo menos por enquanto, conformava-se com as escapadelas à hora do almoço. Um dia, talvez fosse possível terem uma relação normal. Quem sabia, a vida dava muitas voltas.

BERNARDO

Acordou subitamente, assaltado pela sensação de que o despertador não tocara e se deixara dormir. Deitou a mão à mesa-de-cabeceira, pegou no telemóvel e demorou uns segundos a perceber que se enganara. O relógio do aparelho marcava 6:30.

Mas não tinha sono e sentia-se fresco como se tivesse dormido oito horas seguidas, o que na verdade não acontecera. Na noite anterior, estivera a rebolar-se na cama até às duas da manhã, incapaz de adormecer, e agora parecia-lhe que não chegara a mergulhar no sono profundo e que se mantivera só um pouco abaixo da superfície da consciência.

Sentou-se na cama, a procurar os chinelos com os pés e a dizer a si mesmo que era a preocupação que o impedia de dormir. Mais um dia, pensou, mais um dia e estava safo. Se tudo corresse como planeado, lá para o fim da tarde poderia voltar a respirar e a dormir tranquilamente. Lembrou-se de que aquele dia tão importante calhava numa sexta-feira 13. Sorriu, não era supersticioso e não ligava a essas coisas.

Levantou-se, foi para a cozinha, percorrendo os corredores da sua enorme e luxuosa casa. Estava outra vez sozinho, desde que a namorada decidira fazer as malas e partir desgostosa, mas naquele momento isso era a sua menor preocupação. Tinha mais em que pensar, estava a lutar para não ir ao fundo, para salvar a vida, por assim dizer. Caso contrário, perderia tudo o que tinha, incluindo a casa luxuosa.

Cortou duas fatias de pão, fez torradas, um café forte, sentou-se à mesa da cozinha a tomar o pequeno-almoço. Comeu devagar, a ponderar no que precisava de fazer durante a manhã. Tinha ainda muito tempo, não valia a pena apressar-se.

Depois foi para a casa de banho, fez a barba, tomou um duche, vestiu um dos seus melhores fatos, escolheu uma gravata e um relógio.

Foi até à sala e ligou a televisão para ver as primeiras notícias do dia. Estava ansioso por ir para o escritório, mas o motorista só o iria buscar dali a quarenta e cinco minutos.

Bernardo era optimista por natureza e, quando a vida lhe corria mal, achava sempre que daria a volta por cima. Os problemas com a empresa tinham vindo a acumular-se nos últimos anos e, de facto, até agora, arranjava sempre uma saída, devido seguramente ao seu espírito voluntarioso e a uma extraordinária força de vontade. Por muitos erros que cometesse, por mais esbanjador que fosse, no fim prevalecia uma habilidade inata para os negócios e uma capacidade assombrosa para captar financiamentos e, assim, manter a roda a rolar.

Saiu de casa à hora marcada e já tinha o motorista à espera, pontual e perfilado, de porta aberta, com um sorriso e uma palavra de bons dias que

Bernardo retribuiu. Entrou para o banco traseiro do carro e pegou num dos jornais que o motorista havia comprado, como habitualmente. Pôs os óculos de ver ao perto e leu os títulos.

As notícias alarmantes sobre o estado desastroso da economia não o surpreenderam nem o deprimiram, pois não relatavam nada de novo. O país soçobrava, exactamente como na véspera, e ninguém esperava que a situação tivesse mudado da noite para o dia.

Pôs o jornal de lado, desinteressado, tirou os óculos e respirou fundo. Em seguida, telefonou para o advogado para confirmar que a reunião marcada para a tarde se mantinha de pé e podia ter esperança de não declarar falência antes do fim-de-semana.

PIPA

Contemplou a sala cheia do restaurante e, por momentos, comoveu-se. Levou a palma da mão à boca, como se, subitamente, tivesse tomado consciência de algo que ainda lhe parecia difícil de interiorizar. O Papa Rica era um sucesso e ela era a gerente que fizera dele um dos restaurantes mais concorridos da cidade.

Claro que nada daquilo teria sido possível se Pipa não tivesse conhecido Bernardo, até porque fora ele, com os seus contactos, que chamara muitas das pessoas influentes que depois se tornaram clientes habituais, fazendo do Papa Rica o restaurante da moda.

Ele tinha sido bom para ela, tinha de reconhecê-lo. Apesar de estarem separados e já não se falarem há algum tempo, ainda acreditava que acabariam por se entender e que voltaria para ele. Sair de casa fora uma atitude drástica e arriscada, porque a ruptura nunca ajudava a resolver os problemas, mas na altura pensara que era a melhor decisão.

Viu um braço no ar de alguém sentado a uma mesa que tentava chamar a atenção de algum empregado e foi ela mesma atender o cliente. Pipa era atenciosa e preocupava-se com o serviço. Ouviu o pedido do cliente e providenciou para que fosse logo satisfeito. Em seguida, foi até à cozinha verificar como estava a decorrer o trabalho e se não havia atrasos.

Era imperioso não deixar as pessoas à espera mais do que o tempo razoável. Clientes com fome e irritados seriam meio caminho andado para estragar a reputação que lhe custara tanto conquistar. Por isso, andava sempre em cima dos empregados para que nada falhasse. Um restaurante que praticava preços altos e tinha uma clientela sofisticada e exigente não podia baixar o nível de qualidade.

Voltou para junto do balcão, donde podia abarcar todas as mesas. A sala estava cheia e já ia no segundo turno.

Como era teimosa e pouco transigente, depois de sair de casa ignorara os esforços de Bernardo para a contactar. Entretanto, passara um mês e meio. Ele não voltara a aparecer no Papa Rica e ela também não tomara nenhuma iniciativa para se encontrarem. Desejava a reconciliação, mas só se fosse nos seus termos e com a rendição total de Bernardo. Porém, preocupava-a que ele tivesse desistido de a procurar. Não podia impor-lhe nada se fosse ignorada.

Também se preocupava com a sua situação no restaurante. Para todos os efeitos, era empregada de Bernardo e, embora estivesse convencida de que ele não a despediria, a verdade é que poderia fazê-lo.

Perguntava-se se ele já não se importava, se estava só a fazer um braço de ferro, se tinha arranjado outra. O silêncio incomodava-a, mas não tencionava quebrá-lo.

Sofia tirou os olhos do computador, espreitou pela janela e deu consigo a pensar como seria bom ter uma solução financeira que lhe permitisse deixar aquele emprego. Ia fazer trinta e seis anos em breve e continuava a trabalhar como secretária. Supunha que a sua vida não tivesse nada de original e fosse igual à de milhares de homens e mulheres que cumpriam tarefas entediantes em escritórios semelhantes ao seu, mas, lá por a armadilha do emprego indispensável ser um mal geral, isso não a consolava.

O patrão irrompeu pela sala, levando-a a desviar os olhos da janela para a porta. Trazia uma pasta na mão, que deixou cair em cima da secretária ao lado do teclado sem uma palavra, deu meia volta e saiu. *O senhor simpatia*, pensou ela, com uma pontada de ressentimento.

Era um homem arrogante que não perdia tempo com amabilidades. Tinha uma farta cabeleira grisalha, apesar de já estar nos cinquenta, usava camisa branca sem um vinco e gravata vermelha em fato escuro. Só o pecado da barriga proeminente, resultante de muitos almoços e jantares de trabalho, traía o orgulho pretensamente atlético dos seus modos impetuosos.

Quando ele se voltou, Sofia fez-lhe uma careta e imaginou-se a saltar-lhe para as costas e a apertar-lhe o pescoço. Depois abriu a pasta e ocupou-se do documento que estava lá dentro.

Dali a uma hora, o advogado passou em frente do gabinete dela sem se deter no corredor, grunhiu uma despedida vaga e foi-se embora. Sofia recostou-se na cadeira e soltou um suspiro. Odiava trabalhar sozinha, fazia-lhe falta a companhia de colegas, quanto mais não fosse para se queixar do patrão. Concluiu rapidamente os assuntos pendentes, arrumou a secretária, pegou na carteira, no casaco, saiu.

*

Desceu as escadas de acesso ao Metro na Alameda. Entrou na estação e sentiu o peso do silêncio no cais, apesar da presença de dezenas de pessoas mais ou menos dispersas pela plataforma. O silvo da vibração dos carris anunciou a aproximação do comboio. Alguns segundos passaram, a composição imobilizou-se, as portas abriram-se, Sofia entrou e sentou-se junto à janela.

À sua volta, mais passageiros silenciosos, alheados, de olhos postos nos telemóveis, hipnotizados, a verificar a actividade no *Facebook*. Nem tinham ideia de como pareciam autómatos, todos iguais. Virou a cabeça para a janela, descobriu-se no reflexo do vidro com o fundo negro do túnel a deslizar rapidamente. Reconheceu a expressão da melancolia no seu próprio rosto. Pensou que a vida era só aquilo: sair do trabalho, apanhar o Metro, ir para casa fazer o jantar, esperar pelo marido.

Não obstante, sonhava muito, fantasiava uma vida diferente, imaginava uma existência mais glamorosa, mais interessante, enfim, mais venturosa. Ansiava quebrar a monotonia dos dias repetidos, porém, faltava-lhe a

determinação e, mesmo que se decidisse a mudar, não saberia por onde começar. Até o desejo por algo diferente daquilo que tinha actualmente não passava de uma ideia genérica, sem a consistência de uma ambição concreta. Não se sentia satisfeita com aquilo em que se tornara, era uma alma perdida, esmagada pela rotina, mas havia que estabelecer um rumo alternativo e Sofia não tinha nenhum.

As estações foram desfilando velozmente perante os seus olhos tristes, enquanto ponderava a vida. Numa delas, viu uma mulher bem vestida, levando pela mão duas meninas louras que envergavam sobretudos azul-claros com botões de latão por cima de vestidos. Casacos de princesa, como lhes chamava. Pareciam gémeas, mas não teve a certeza, viu-as só de relance. Ali estava uma ambição bem concreta, pensou: queria ter filhos e penalizava-se por ter adiado durante tanto tempo essa decisão.

Se no início do casamento concordara com o marido em guardarem um tempo para eles, para viajarem e se divertirem, para a carreira, agora parecia-lhe que já fizera viagens suficientes e tivera noitadas de copos com os amigos que chegassem, e o seu trabalho não se revelara uma carreira, mas apenas um emprego de que precisava para ajudar a pagar as contas.

Quando fora a última vez que falara com André sobre esse assunto? Há muito. Ao contrário de Sofia, a carreira do marido progredia. Ele trabalhava numa sociedade imobiliária e gestora de escritórios e ia a caminho de conquistar um lugar na administração. Estou a um passo, disse-lhe, e não posso dispersar-me com nada. Entretanto, André tornara-se realmente administrador e alegou que precisava de solidificar a sua nova posição na empresa e, assim, de desculpa em desculpa, foram adiando sucessivamente o projecto familiar.

Sofia pensou que eram essas decisões que lhe transmitiam a sensação de vida procrastinada. E, embora André argumentasse que se esforçava pelo futuro dos dois, ela não conseguia deixar de sentir que viviam em função do marido. A carreira dele era prioritária, as suas necessidades estavam em primeiro lugar, em última instância faziam conforme a sua vontade.

Bem, estava lá para o apoiar, mas talvez fosse altura de começar a reclamar os seus direitos, de ganhar espaço e não permitir ser asfixiada pelos objectivos profissionais do marido, como se só ele contasse e ela não passasse de uma bengala para os seus interesses.

Morava no Príncipe Real, mas a passagem pela estação do Rossio trouxe-lhe uma inspiração. Decidiu que nesse dia não iria directa para casa. Um impulso levou-a a sair do Metro. Era sexta-feira e apeteceu-lhe aproveitar o resto de sol do fim da tarde, passear pela Baixa, caminhar um pouco, ver montras. Subiu ao Chiado.

Quanto mais Sofia pensava no marido e no desequilíbrio que existia no casamento deles, mais se instalava na mente dela um ressentimento. Era como se, de repente, tivesse acordado para uma situação que tinha vindo a entranhar-se no subconsciente, uma pequena preocupação que fora crescendo até se tornar um verdadeiro problema. Ainda não sabia como iria resolvê-lo, mas naquele momento estava decidida a abordá-lo com o marido.

Sentou-se a uma mesa numa esplanada, pediu um café, observou um casal de estrangeiros numa mesa próxima. O homem esticou os braços, segurou as mãos da mulher entre as suas, sorriram um ao outro, demonstrando cumplicidade e amor. Testemunhou com emoção esse momento feliz daqueles dois estranhos, que, teve a certeza, haveriam de o recordar para o resto da vida. Sofia sorriu também, mas logo esse sorriso lhe morreu amargamente nos lábios, a pensar que ela e André já não tinham um bom momento, assim perene, há muito tempo.

Hoje em dia, ele só pensava no trabalho e ela ficara para segundo plano. Sofia tinha quase menos dez anos do que André e, não sendo extraordinariamente bonita, era gira e bastante vistosa. Ele costumava orgulhar-se por tê-la a seu lado. Nos jantares, nas festas, comprazia-se a alardear o seu sucesso profissional, enquanto surpreendia os amigos a deitarem olhares de admiração a Sofia. Adivinhava-lhes os pensamentos inconscientes e envaidecia-se com os comentários elogiosos sobre a mulher.

André revelava-se extremamente carinhoso com Sofia e ela adorava ver a sua cara de felicidade quando os seus olhos se procuravam numa sala cheia de gente e se encontravam por entre muitas cabeças de permeio. Porém, os anos tendiam a apagar as paixões e até a beleza mais estonteante perdia fulgor quando se convivia com ela quotidianamente e deixava de ser novidade. Os amigos de André já não se impressionavam tanto com Sofia e ele também já não a tratava com o deslumbramento de antigamente.

Acreditava que o marido continuava a amá-la, mas não lhe passava despercebido que se desleixava nos carinhos zelosos a que a habituara. Em consequência, ela retaliava com o mesmo alheamento, não tanto por querer maltratá-lo propositadamente, mas porque se sentia ignorada e ansiava pela sua atenção. A negligência de André incentivava-a a boicotar a relação.

Embora nenhum dos dois tivesse perfeita noção do resultado futuro das suas atitudes no presente, se não as alterassem, um dia, olhando para trás, poderiam ver com toda a clareza a trajectória desastrosa que tinham seguido.

Se é que não era já demasiado tarde para repararem os seus erros.

O pior, pensava, era aquela frustração que a afligia cada vez mais e que nessa tarde ganhara uma nova consciência, suscitando nela uma amargura terrível. Sentiu-se ofendida, zangada, revoltada.

Seria possível que uma pessoa amasse outra, não obstante as dificuldades subjacentes a qualquer relação, e, de repente, deixasse de amá-la? Ali estava ela a pagar o café, a levantar-se, a prosseguir o seu passeio errante, ainda sem uma ideia bem definida sobre a dimensão das consequências da sua preocupação, mas, definitivamente, perturbada e a um passo de decidir qualquer coisa. Restava saber o quê.

Deu por si a observar distraidamente a montra de uma loja de roupa de marca e a pensar no divórcio. Até há pouco tempo, nunca lhe ocorrera aplicar a palavra divórcio à sua relação, nem mesmo em pensamento. A separação não implicava somente cada um seguir o seu caminho isoladamente depois de terem dividido o espólio do casamento. Esses eram os aspectos práticos da separação, e o divórcio propriamente dito a parte burocrática que selava uma decisão irrevogável. A verdadeira separação estava na atitude consciente e violenta de renegar anos de cumplicidade; de abjurar todos os sentimentos e declarações de amor expressados com a sinceridade do coração; de renunciar, enfim, a uma parte de si mesma, na medida em que a essência do casal estava em, a partir de certa altura, os dois se completarem e, portanto, só juntos fazerem um.

Perguntou-se como se sentiria se optasse por uma ruptura com o seu passado. Sentir-se-ia desonesta, falsa, uma mulher que ainda ontem dizia *amo-te* e hoje declarava o contrário? E como seriam as coisas simples, por exemplo, escutar uma música que costumavam ouvir juntos, aquela música que sublinhava os momentos felizes, e já não estar ao lado dele? Ou ter algo importante da sua vida para lhe contar, como acontecia normalmente, e não poder, porque o repelira? Sentir-se-ia perdida e desamparada, ou, pelo contrário, ser-lhe-ia indiferente, uma vez que o deixara por causa do egoísmo dele, por pensar que fora ele quem a traía ao negligenciar a dedicação que lhe devia?

Mergulhou num turbilhão de pensamentos tristes e, embora se lhe afigurasse impossível deixar o marido, porque ainda lhe parecia ser o mesmo que cortar um braço, a verdade é que a sua vontade era fazer exactamente isso.

Somos almas negras em conflito permanente com nós próprios. Somos os agentes da nossa destruição, autofágicos, os causadores da nossa infelicidade devido à eterna insatisfação que nos faz progredir. Somos geneticamente programados para nos contraditarmos. Era isto que Sofia pensava ao admitir a hipótese de pedir o divórcio, senão de imediato, dali a algum tempo, pois seria preciso interiorizar a mera possibilidade, deixá-la seguir o seu caminho até já não ser uma ideia estranha e tornar-se uma vontade entranhada, inadiável, e, finalmente, uma realidade. A menos que tivesse a determinação necessária para contrariar os pensamentos negativos e não se permitir convencer-se de

que só poderia recuperar a felicidade renunciando a uma relação que já a fizera feliz.

Mas os pensamentos negativos impunham-se-lhe na mente e não conseguia afastá-los de modo a procurar uma atitude construtiva.

Os mal-entendidos eram, tantas vezes, responsáveis por situações que descambavam em enormes melindres e, na maior parte dos casos, deviam-se apenas à falta de comunicação. Sofia aborrecia-se por alguma razão que André nem suspeitava, mas, convencida de que o marido tinha consciência do seu estado de espírito, ficava furiosa com a falta de reacção dele, que tomava por indiferença, e retaliava com uma má-vontade surda que envenenava a relação. André não entendia o comportamento de Sofia, mas, por seu lado também irritado com a antipatia dela, remetia-se ao silêncio, permitindo que o equívoco se instalasse entre eles.

Agora mesmo, ela deambulava infelicíssima pelo Chiado sem saber o que fazer à vida e o marido estaria completamente embrenhado no trabalho, ignorando o que ela estava a passar. E o alheamento dele em relação à sua tristeza provocava-lhe uma mágoa insensata.

O acaso — a que chamamos sorte ou azar — condiciona as vidas das pessoas, alterando o rumo que levam e tornando-as frequentemente melhores ou piores, conforme a influência que exerce. Naquele instante, Sofia desinteressou-se da montra que observava e voltou-se para retomar a marcha. Ao mesmo tempo, um *Mercedes* de luxo estacionou a sua imponência junto ao passeio.

O homem que vinha no lugar traseiro saltou do carro antes de que o motorista tivesse tempo de sair também e rodeasse a viatura quase a correr para lhe abrir a porta. Este homem avançou decidido sem olhar para trás, enquanto o motorista fechava a porta e voltava para o carro.

Sofia reparou nele, porque era bem-parecido, alto e atlético num fato cinzento-claro de corte irrepreensível e gravata lisa de um cor-de-rosa garrido, e por ser uma daquelas pessoas em que, por algum motivo difícil de explicar, não se podia deixar de reparar, talvez pelas suas atitudes exuberantes, por darem a impressão de respirarem sucesso. Dir-se-ia o presidente executivo de uma grande empresa, embora também pudesse ter saído de um filme de James Bond, se ela quisesse dar asas à imaginação.

Ele passou por Sofia e, no momento em que se cruzaram, derramou nela um sorriso intenso e completamente inesperado, como se a súbita visão de Sofia à sua frente o tivesse iluminado. Aquela simpatia espontânea apanhou-a completamente de surpresa. Ele não se deteve, seguiu em frente na sua passada ligeira e larga, afastando-se muito depressa. Já Sofia sentiu-se corar. Deu alguns passos e atreveu-se a espreitar por cima do ombro, porém, o seu príncipe misterioso tinha desaparecido. Nem chegou a ver onde entrou. Baixou a cabeça, muito enfiada, foi-se embora. Mas ganhou o dia, até essa altura tão sombrio e impossível.

A disposição de Sofia alterou-se como por encanto graças à aparição do desconhecido improvável que lhe sorriu, deixando nela a impressão, certamente exagerada, de um cavaleiro moderno, poderoso nos seus quase dois metros musculados, o estereótipo do homem rico, bonito e sedutor que preenchia os sonhos secretos de qualquer mulher.

Ela sentiu-se feliz. Era uma felicidade superficial, obviamente, dado que as suas preocupações não se esfumaram com aquele episódio. Ficou feliz porque um desconhecido elegante reparou nela e lhe dispensou um sorriso, ou melhor, considerou que ela merecia um cumprimento especial. Era o contrário do que acontecia com André, e Sofia precisava de se sentir apreciada.

O marido estava lá por casa mas não estava na vida dela. Podia alterar o penteado, mudar de morena para loura, ou mesmo aparecer-lhe à frente com o cabelo pintado de verde, que ele nem dava por isso, como se ela fosse invisível. Por isso, saber que ainda conseguia provocar aquele efeito num homem recuperou um pouco a sua auto-confiança.

Quando era mais jovem e solteira, Sofia dava importância a que os homens a desejassem e a quisessem conquistar. Os elogios à sua beleza transmitiam-lhe segurança, até mesmo um piropo na rua atirado ao vento no mais vexante vernáculo era interpretado por ela como um sinal do poder do seu corpo. Ter a capacidade de mexer com a libido masculina, atrair os olhares dos homens, monopolizar a atenção deles, agradava-lhe sobremaneira. Mas depois de casar passou a não se importar tanto com estas coisas. Continuou a gostar de ser elogiada, evidentemente, mas estava muito mais descontraída, pois já concretizara o objectivo principal de casar com o homem certo e, desde então, a sua beleza só pertencia a este e apenas servia para mantê-lo interessado. Porém, nos últimos tempos, juntamente com o pressentimento de que o casamento se desmoronava, voltara a reconhecer em si aquela velha sensação de ansiedade por ser apreciada.

Não andou muito, porque a montra de um cabeleireiro lhe chamou a atenção e parou à frente da sua porta, hesitante, a ponderar a possibilidade de entrar. Sobreveio-lhe o pensamento de que uma das razões do desinteresse do marido fosse o seu aspecto actual. Questionou-se se não se teria desmazelado um pouco, se não se teria distraído e talvez negligenciado a aparência. Depois pensou no desconhecido do sorriso, na necessidade de se sentir atraente e de o notar na expressão dos homens, na satisfação de se ver elegante, pensou nisto tudo ao mesmo tempo e disse de si para si que era isso mesmo, precisava de se reinventar, mudar de penteado, comprar roupas novas, tratar de si. E entrou.

O cabeleireiro apelidava-se de salão de beleza, mas de salão não tinha nada, era só uma sala estreita e comprida como um corredor, com quatro cadeiras viradas para um espelho e um armário baixo que acompanhavam toda a parede do lado direito, e atrás, encostados à outra parede, dois sofás de napa castanha, divididos por uma mesa de apoio onde havia várias revistas com o aspecto antigo de já terem sido muito folheadas. Ao fundo, uma jovem penteava a única cliente, sentada na última cadeira da fila.

Uma mulher de seios avantajados, espartilhada numa camisola às riscas brancas e azuis, estilo marinheiro, e numas calças de ganga demasiado justas, aproximou-se para receber Sofia. A mulher, nos seus cinquenta e muitos anos, tinha uma farta cabeleira loura e era toda ela afectada, na postura, nos gestos, no tom de voz, pretensamente muito fina. Mas era só isso mesmo, pretensiosismo, e Sofia ficou assustada com o que viu. No entanto, apesar de arrependida por ter obedecido ao impulso de entrar, sentiu-se constrangida e não foi capaz de sair.

— Quero cortar o cabelo — disse, a medo. — Só um pouquinho.

— Estou a ver — comentou a mulher, insinuando uma cumplicidade despropositada. — Nada de grandes transformações.

— Nada disso, só um corte simples — respondeu Sofia, a pensar na melhor maneira de limitar os riscos. Dali não esperava nada de bom.

— Sente-se aqui, que trato já de si — indicou-lhe a primeira cadeira da fila. — Hoje, terá o privilégio de ser atendida pela patroa — anunciou-lhe, impante, a fazer-se de engraçada.

Sofia forçou um sorriso embaraçado, sentou-se.

— Um corte simples, assim pelos ombros? — perguntou a patroa.

— Hum-hum...

— Gosto disso. Ai, filha, se soubesse, entram-me aqui com cada pedido que uma pessoa nem sabe o que dizer. Querem ser iguais às estrelas das revistas, algumas até trazem fotografias, imagine, como se fosse possível! Eu posso melhorar-lhes o aspecto, mas não faço milagres, não acha? Ele há cada uma...

— Pois, milagres não pode fazer, realmente...

A patroa começou a alisar o cabelo de Sofia com uma escova.

— Veja lá, vem uma e pede-me um corte igual à rainha de Espanha, não é? E conseguir meter-lhe na cabeça que não lhe fica bem?! Ah, não, quer ser à força como a rainha de Espanha, depois fica uma palhaça e, no fim, começa a disparatar comigo. Olhe, um *hórror*, um *hórror*! — E enfatizava o horror revirando os olhos.

Sofia pensou que ia ser uma hora muito longa, mas ao mesmo tempo tinha de se controlar para não soltar uma gargalhada, porque a mulher lhe dava vontade de rir.

— Sabe o que é? — continuou. — Os maridos não lhes ligam nenhuma e

elas vêm ao cabeleireiro desesperadas para ficarem bonitas e conseguirem que eles voltem a olhar para elas. Mas há umas tão feinhas, coitadinhas. Enfim...

Sofia sentiu-se corar. Começava a odiar aquela mulher.

Mas o resultado final foi muito melhor do que ela receava. Bastante melhor, mesmo. Contemplou-se ao espelho e sentiu-se orgulhosa.

— Então, está bonita ou não está? — perguntou a patroa.

— Está ótimo! — exclamou, satisfeita.

— Com carinhas larocas assim o trabalho é mais fácil.

Ela riu-se como uma adolescente excitada, feliz com o que via. Pagou, ofereceu uma gorjeta generosa à cabeleireira, saiu a sentir-se reconciliada com a mulher e já não a ouviu comentar com desdém: «Estas finórias vêm para aqui todas emproadas. Entrou de nariz empinado e saiu toda contentinha. Disto é que eu gosto.»

Diz-se que a ficção imita a realidade, mas neste mundo acontecem situações tão inverosímeis que, por vezes, é mais correcto dizer que a realidade imita a ficção. Uma coincidência incrível fez com que, ao sair do cabeleireiro, Sofia voltasse a cruzar-se com o seu príncipe desconhecido e quase esbarrasse nele. Ela reconheceu-o, mas baixou os olhos, murmurou um pedido de desculpa e fez menção de rodeá-lo para seguir caminho. Porém, ele exclamou uma tal admiração que a fez deter-se de espanto.

— Uau!!!

Sofia riu-se, pois percebeu perfeitamente o que motivou a reacção dele.

— Cada vez que me cruzo consigo encontro-a melhor. Vai ficando mais bonita ao longo do dia, é isso?

E ela, desconcertada, continuou a rir-se, feliz por ver que os elogios dele, além de simpáticos, eram genuínos.

— Tem de me contar o segredo.

Sofia abanou a cabeça com graça, adejando as pontas perfeitamente acertadas do cabelo acabado de cortar.

— É só passar pelo cabeleireiro — disse.

— Ah, claro, cortou o cabelo. Ficou maravilhosa.

— Obrigada.

— De nada. Não o digo por favor. Nem consigo imaginar como estará se a encontrar uma terceira vez hoje.

— Acho que não vai acontecer.

— Que pena...

Ela fez uma expressão engraçada, que significava «paciência».

Esta conversa desenrolou-se entre risadas, enquanto ambos iam recuando devagar em direcções opostas, voltados um para o outro. Mas, então, ele inverteu a marcha e voltou a ir ao encontro dela.

— Espere — disse. — Você tem razão, não vai acontecer, e eu não me perdoaria se a deixasse ir embora sem a convidar para tomar um café. Aceita?

Sofia olhou para ele, aturdida. Hesitou, a pensar muito depressa se

aceitava o convite.

Quando saiu do escritório, mais cedo, Bernardo Ferreira Bastos dirigiu-se para o *Mercedes* que o esperava defronte do edifício. O motorista abriu-lhe a porta traseira, o seu lugar preferido. Ele deteve-se por um instante, só o suficiente para dizer ao motorista onde iam, e entrou. Durante o caminho manteve-se em silêncio. Ia preocupado.

Bernardo geria uma empresa de auditoria e consultadoria que fundara havia cerca de nove anos. Os primeiros tempos tinham corrido maravilhosamente e a empresa prosperara bastante depressa. Bernardo pudera mesmo comprar um magnífico apartamento *duplex*, espaçoso, com um terraço ajardinado e uma vista maravilhosa sobre a cidade, até ao rio. Mas depois viera a crise económica, os negócios ressentiram-se com o retraimento do mercado, começara a sentir as primeiras dificuldades.

Atravessara esses anos difíceis com as contas no vermelho, fazendo tudo o que podia para se manter acima da linha de água. A falência estivera iminente em diversas ocasiões e em todas elas conseguira dar a volta no derradeiro momento. Agora, encontrava-se novamente entre a espada e a parede, mas mais uma vez com uma solução de último recurso. A diferença, porém, é que hoje ou concluía um negócio que lhe permitiria afastar de uma vez por todas o fantasma da falência ou fechava portas definitivamente. De modo que chegara ao ponto crítico do tudo ou nada. Conseguia realizar o negócio e safava-se, não conseguia e o barco ia ao fundo que nem uma pedra e sem salvação possível.

Já se via, portanto, o motivo da enorme apreensão de Bernardo. Ia para o escritório do advogado, onde, em princípio, seria assinado o contrato, mas a outra parte não conhecia a situação desastrosa das contas da empresa que ia contratar e, se soubesse disso na próxima hora — ou se já tivesse conhecimento —, poderia, simplesmente, desistir do negócio; assim como ainda poderiam surgir exigências imprevistas que o inviabilisassem.

De qualquer forma, Bernardo orgulhava-se da sua presença de espírito nas situações mais complicadas, e, certamente, não lhe faltaria a serenidade nem lhe faltar a voz se precisasse de argumentar a seu favor, nem tão pouco lhe tremeria a mão quando assinasse o contrato decisivo. Era muito habilidoso e estava habituado a viver em cima do arame.

Há coisas que não se explicam, acontecimentos inesperados que nos mudam o humor, restauram a confiança, enfim, são inspiradores. Ao chegarem ao Chiado, o motorista encostou o automóvel e Bernardo não esperou que o homem lhe abrisse a porta, saltou do seu lugar, impaciente, e seguiu para a reunião ensimesmado. Foi então que reparou na mulher defronte da montra a voltar-se e a seguir na sua direcção.

Não saberia dizer o que havia de especial nela que atraiu a sua atenção, talvez a beleza serena naquele rosto abstraído do mundo. Ela parecia

pensativa, mas Bernardo percebeu, claramente, que voltou à vida quando o viu. E os olhos dele colaram-se aos dela e nenhum deles desviou o olhar, como se fossem duas pessoas conhecidas que se encontravam na rua e paravam para se cumprimentarem e conversarem um bocadinho. Mas ele tinha a certeza de que não a conhecia, por isso percebeu que foi uma atracção mútua, e por isso sorriu-lhe espontaneamente quando se cruzaram.

Parecia que quando algo lhe corria terrivelmente mal logo tudo o resto se desmoronava. Dir-se-ia que havia uma ligação invisível e determinante entre os vários aspectos da sua vida. E era natural que houvesse. Bernardo era dedicado ao trabalho, um batalhador incansável, e poderia estar em melhor situação se não fosse tão voluntarioso. Mas não se preocupava com pormenores e acontecia muito tomar a iniciativa sem ponderar cuidadosamente cada passo. Por ser impaciente e irrequieto, gostava mais de agir do que de planear. Frequentemente, via-se em apuros devido ao seu carácter impulsivo e, para ultrapassar as contrariedades, recorria a expedientes que nem sempre resultavam, um pouco como um jogador de póquer que continuava a apostar quando devia retirar-se do jogo.

Apesar de estar praticamente falido, não abdicava de um estilo de vida que não podia pagar, convicto de que desistir das aparências seria o mesmo que render-se e aceitar publicamente a derrota. Por isso, mantinha a casa demasiado grande e o carro com motorista e atrasava-se a pagar a pensão à mãe do seu filho, embora oferecesse à namorada vestidos de marca comprados em lojas que praticavam preços exorbitantes. Se bem que a relação com a namorada estivesse muito perto de se tornar mais um dos projectos falhados de Bernardo, já que, naquele momento, estavam separados.

Tinham-se conhecido há dois anos em circunstâncias singulares. Bernardo acabara de se separar da mulher e andava mais ou menos à deriva, dedicando os dias ao trabalho com uma fúria renovada e regressando tarde ao apartamento arrendado à pressa e ainda cheio de caixotes espalhados pela sala e pelos corredores.

Por um lado, sentia-se eufórico por ter recuperado a liberdade. Por outro não sabia para onde se virar. Nunca estivera sozinho e a solidão ameaçava-o. Com o tempo haveria de aprender a lidar com a nova situação, mas por agora ainda evitava o sossego do apartamento, onde não gostava de estar e a que tardava em dar uma arrumação, de modo a parecer-se mais com um lar. Ele quisera o divórcio, mas ninguém lhe dissera que iria viver uma época estranha e complicada.

Estava-se a 25 de Dezembro e, sendo um dia especial, não havia trabalho. Resignado em casa, começou a abrir os caixotes para se manter ocupado e conseguiu preencher várias prateleiras da sala com livros, mas, ao fim da tarde, aborrecido e com fome, tomou um duche rápido, vestiu-se e saiu de casa.

Como não sabia cozinhar, almoçava e jantava fora todos os dias. Decidiu explorar a pé o seu novo e desconhecido bairro na esperança de encontrar um restaurante. Justamente, depois de percorrer dois quarteirões à descoberta por Campo de Ourique, deu com um pequeno restaurante de porta aberta.

Entrou, olhou em redor e estranhou não haver ninguém, senão uma mulher sentada num banco alto ao balcão do fundo da sala e que, obviamente, não era cliente. Tinha uma figura esguia, olhos castanho-claros, um rosto interessante, de traços bem vincados, emoldurado por um cabelo cortado pelos ombros e por uma franja acertada por cima das sobrancelhas finas. Usava calças de ganga, uma camisola, sapatos de ténis, e tinha um avental pousado no colo.

— Desculpe, mas estamos fechados — disse, antes de Bernardo conseguir perguntar alguma coisa.

Ele apontou para trás, admirado.

— Estão? Como a porta estava aberta, pensei que...

Ela abanou a cabeça, desolada.

— Pois, mas não, estamos fechados, para sempre.

— Para sempre?

— Sim, o restaurante faliu, não volta a abrir.

Bernardo ficou ali, no meio da sala, estupefacto, a absorver a informação.

— A sério? — acabou por dizer.

— A sério.

— Sendo assim, terei de ir procurar outro restaurante.

— Às oito horas, no dia de Natal? Boa sorte.

— Não sabe de nenhum outro restaurante aberto aqui perto?

— A maioria está fechada e os que não estão devem estar cheios.

— Então acho que não vou jantar hoje.

Ela observou-o por segundos, pensativa, depois encolheu os ombros, saltou do banco, disse:

— Que se lixe, tire o casaco, eu ofereço-lhe o jantar.

— Oferece?

— Por que não? É da maneira que não janto sozinha, e também não fico mais falida por causa disso. Além de que ainda tenho imensa comida a que não sei o que fazer.

— Sendo assim, aceito com muito gosto.

— Escolha a mesa que preferir. Vou para a cozinha.

— Obrigado.

— Quer beber alguma coisa?

— Tem imperial?

— Sabe tirá-la da máquina?

Bernardo sorriu.

— Há uns anos passei um Verão a tirar cervejas num bar de praia — disse. — Acho que ainda me lembro.

— Então sirva-se. Não faça cerimónia.

— Não faço.

— Bem, então vou fazer o jantar, porque já despedi o cozinheiro.

— Não me quer dizer o seu nome primeiro?

Ela abanou a cabeça, fez um sorriso desconsolado.

— Tem de me desculpar, porque não estou num dos meus melhores dias. Filipa, mas toda a gente me trata por Pipa. E você?

— Bernardo.

Pipa deu três passos em frente e estendeu-lhe a mão, que ele apertou.

— Prazer em conhecê-lo — declarou, simulando uma formalidade a brincar.

Ela desapareceu atrás do balcão e ele foi descobrir um copo e servir-se de uma imperial. Em seguida, escolheu uma mesa ao calhas e sentou-se.

Era o primeiro dia de Natal que Bernardo passava sem a família. O filho, Eduardo, que fazia treze anos no mês seguinte, estivera com ele na véspera, na ceia em casa dos pais de Bernardo. Hoje estava com a família da mãe. Viu-se assim sentado a uma mesa de um restaurante vazio enquanto uma simpática desconhecida lhe fazia o jantar. Deu um gole na cerveja, pousou o copo, fez uma careta cómica para si próprio a acompanhar o pensamento de que a vida podia ser realmente surpreendente.

Recordou-se do Natal anterior, que fora ainda conforme a tradição, em família e sem sobressaltos. Mas os acontecimentos tinham-se atropelado no Verão passado e a separação concretizara-se pouco depois.

O seu caso extemporâneo com uma amiga comum fora o escândalo das férias no Algarve. A sua mulher, Ana, não lhe perdoara, ao contrário do marido da amante, que a recebera novamente de braços abertos. Enfim, não a censurava por não ser capaz de passar por cima do assunto e fazer um esforço para salvar o casamento. Ela não era mulher de aceitar ofensas com passividade e, provavelmente, nunca mais voltaria a ver-lhe um sorriso.

Ana era dona de uma personalidade muito forte e, em tempos, ele admirara-a por isso, mas, hoje em dia, esse seu carácter intransigente dificultava bastante o relacionamento deles. De qualquer modo, Bernardo não fora propriamente discreto no Verão, fizera de propósito para que ela soubesse e isso deixara-a ainda mais enfurecida.

O afastamento entre eles havia começado muito antes. Embora não houvesse mau ambiente em casa e nunca tivessem discussões graves, ao fim de dezasseis anos de casamento pouco tinham a dizer um ao outro. Eram ambos ambiciosos, dedicavam-se obsessivamente ao trabalho e, conquanto não o admitissem, competiam para ver qual dos dois tinha mais sucesso profissional. Ana pertencia aos quadros superiores de um banco, ele administrava a sua empresa. Cruzavam-se em casa, descruzavam um pouco o acompanhamento do filho, mas preocupavam-se em manter a imagem de casal modelo.

O desgaste daquela relação vazia começara a pesar-lhe e Bernardo tentara fazê-la compreender que o divórcio amigável seria a melhor solução para os dois. Mas Ana recusava-se a aceitar algo que manchasse a imagem de sucesso que granjeavam socialmente. Para ela, o divórcio representava uma derrota inaceitável. Enfim, o assunto arrastara-se durante meses sem que Ana cedesse um milímetro, até que no Verão anterior Bernardo se aproveitara da atracção que exercia sobre a amiga, uma antiga paixoneta nunca consumada, e precipitara a crise.

Ana odiava-o pelo que fizera, a amiga odiava-o por tê-la usado, o marido da amiga odiava-o por lhe ter roubado a mulher, o círculo de amigos deles tinha deixado de lhe falar. Em suma, fora um ano em grande, pensou

Bernardo.

Pipa veio da cozinha com um prato em cada mão, colocou um à frente dele.

— Interrompo alguma coisa? — perguntou. — Está com um ar pensativo.

Bernardo forçou um sorriso.

— Não interrompe nada — disse. — Isto está com óptimo aspecto!

— Espero que goste de bife, é do lombo.

— Adoro.

— Passamos para o vinho?

— Claro.

Ela foi buscar uma garrafa e dois grandes copos de vinho tinto, serviu-o, sentou-se, disse:

— Então, conte lá a sua história.

— A minha história?

— Por que está aqui a jantar comigo no dia de Natal?

Bernardo pousou os talheres, recostou-se na cadeira, coçou a cabeça a pensar por onde iria começar. Inicialmente, falou-lhe do divórcio só em traços largos, mas no momento em que Pipa abriu a segunda garrafa de vinho a conversa já se tornara, naturalmente, muito mais informal e ele não se importou de contar a história toda, apesar de mal a conhecer, ou talvez por isso. Mas omitiu os pormenores mais escabrosos que não o favoreciam. Pipa não teria ficado bem impressionada se soubesse que Bernardo se aproveitara da amiga para obrigar a mulher a aceitar o divórcio. Além disso, não se sentia nada orgulhoso do que fizera, nunca se sentia, fazia estas asneiras e só depois é que lhe davam os rebates de consciência.

Olhou para a caixa de cigarrilhas à sua frente na mesa, leu nela a inscrição: «O fumo contém cianeto de hidrogénio», pensou que estava mesmo a precisar de cianeto, acendeu uma, bebeu mais um gole de vinho, pousou o copo, disse:

— E a sua história? É a sua vez de contar.

— A minha história... — Pipa suspirou, fez uma pausa, apontou para a caixa de cigarrilhas. — Dá-me uma dessas?

Pipa tinha dois filhos, rapazes, gémeos de oito anos, que nessa noite estavam com o pai.

— Ele é um bom filho da mãe — frisou. — Normalmente, não quer saber dos miúdos, só passa um fim-de-semana com eles quando não se consegue esquivar e nunca os vai buscar à escola nem põe os pés nas reuniões dos encarregados de educação. E até prefiro que seja assim, quanto mais longe deles melhor.

— Porquê?

— Porque ele é um inútil, nunca fez nada de jeito. Pedi o divórcio porque ele se meteu na droga e já não dizia coisa com coisa. Agora está em

recuperação, mas nunca se sabe, pode ter uma recaída e não é um bom exemplo para os meus filhos.

Bernardo comoveu-se com o que ela lhe contava.

— Não deve ter sido fácil — comentou.

— Não foi, não é, ele não me ajuda a pagar a educação das crianças e, ainda por cima, agora vou ficar desempregada.

Aquele restaurante fora a concretização de um sonho, explicou Pipa, investira nele todas as poupanças e trabalhara muito para que corresse bem, mas ultimamente andava a pagar para o manter aberto e já não tinha mais dinheiro para aguentar a situação.

— Portanto, sou uma mãe solteira de trinta e seis anos e falida — concluiu, com um sorriso resignado.

Aquela primeira noite deles fora muito mais do que um simples jantar, fora o início de um amor para toda a vida, tanto quanto eram todos os amores nos seus primórdios subjugados às paixões que se pensavam perenes. Bernardo ficou encantado com Pipa e ela ficou deslumbrada com ele. Não se largaram mais.

Três semanas depois, já tinha um plano extraordinário para transformar o restaurante de Pipa e reabri-lo em grande estilo. Seria uma casa renovada, mais requintada, e ele encarregar-se-ia de trazer os amigos, as pessoas que interessavam para o colocar no mapa, torná-lo um espaço da moda, obrigatório! Ela, a tremer de emoção, disse-lhe que era uma ideia linda, mas não tinha dinheiro para a pôr em prática.

— Não te preocupes com isso, eu trato de tudo — replicou-lhe Bernardo.

Pipa protestou, declarou gravemente que não aceitava a generosidade de Bernardo.

— Não estou contigo pelo dinheiro, percebes?

— Acho bem que não estejas — gracejou ele.

— Não estou...

— Não espero que estejas.

— ... mesmo.

— Então o que pretendes fazer?

— Sei lá, arranjar um emprego, nem que seja a servir à mesa.

Mas Bernardo não desistiu da ideia e, como ela começava a sentir-se desesperada, não foi difícil deixar-se contagiar com o seu entusiasmo. Ele contratou uma amiga decoradora que os ajudou a renovar o espaço, terminaram as obras três semanas depois e reabriram o restaurante com um grande jantar de inauguração, onde não faltaram muitos amigos ricos de Bernardo e algumas estrelas da televisão.

Deram-lhe o nome de Papa Rica. A sala estava muito diferente da original, mais sofisticada, com um balcão ao longo do corredor da entrada, que fazia um L e desembocava na sala de jantar. A festa foi notícia nas revistas sociais, nos jornais e até num programa de televisão. Tal como ele prometera, o restaurante tornou-se um sucesso, sempre cheio e frequentado por gente conhecida da sociedade. Bernardo adorava passar por lá, ia jantar com Pipa quase todas as noites.

Seria de esperar que Pipa ficasse agradecida por ele ter tomado conta dela e a ter salvado da ruína, até porque — ironia da situação — se ela não tinha dinheiro para tornar possível aquele milagre, ele também não. A empresa de Bernardo debatia-se com a escassez de clientes, poucos contratos, falta de liquidez. Dificuldades que ele escondia habilmente, não permitindo que se soubesse que se afundava de mês para mês. Mas a paixão distorcia o bom

senso e Bernardo movia-se com toda a naturalidade num desvario de negócios perdidos e novos projectos, e endividou-se em mais uns milhares para oferecer o restaurante à namorada.

Pipa esqueceu-se rapidamente do que dissera no início da relação, quando declarara solenemente que não aceitava o dinheiro de Bernardo, pois só o queria por amor. Bem, agora aceitava-o de bom grado e não reclamava por causa dos presentes que ele lhe dava.

Nunca lhe pedia nada, bastava-lhe referir-se casualmente a uma carteira que vira, a uns sapatos que adorara, a um vestido de que necessitava e Bernardo levava-a logo às compras ou dava-lhe dinheiro para ela comprar o que desejava.

Não pagava pelo amor dela, evidentemente, mas porque oferecer-lhe presentes lhe transmitia a reconfortante sensação de estar a tomar conta dela, garantindo que nada lhe faltava, nem aos filhos.

Na correlação do casal, o poder económico dele era determinante, pois reforçava a dependência de Pipa. Em contrapartida, Pipa esforçava-se para que ele se mantivesse emocionalmente preso a ela. Note-se que Bernardo tinha uma genuína vontade de proteger Pipa, de a fazer feliz, e não olhava a gastos para isso, mas ela nunca estava contente, queria sempre mais, criticava-o, dificultava a relação, criava conflitos.

Bernardo comprou um apartamento novo num condomínio em Campolide e quis que Pipa e os filhos fossem viver com ele. Ela resistiu à ideia, argumentando que seria um passo arriscado para eles e, especialmente, para as crianças, que teriam de se adaptar a um ambiente desconhecido e conviver com o namorado da mãe, que mal conheciam. Mas Bernardo levou-a a ver o apartamento e as preocupações sensatas de Pipa foram-se dissipando à medida que ela percorria o *duplex*, descobria a sala ampla com lareira, se maravilhava com a suíte, se deslumbrava com a vista sobre a cidade que se apreciava do terraço.

Em comparação com o T2 dela, era simplesmente irresistível. Pipa rendeu-se. Mudaram-se na mesma semana e, com a pressa de se instalar no apartamento de luxo, nem se lembrou de preparar as crianças para uma transição tão importante. Para os gémeos aquilo era tudo novo e inesperado, teria sido bom se lhes tivesse sido dado tempo para se habituarem à ideia.

Pipa navegava num rumo incerto de contradições permanentes e Bernardo sentia dificuldade em acompanhar os humores dela, ora feliz com a vida que ele lhe proporcionava, ora insatisfeita com a relação que tinham. Mostrava-se insegura, exigia um compromisso total, queria casar-se, ter um filho dele.

— Vou casar-me contigo — disse Bernardo —, mas não é já.

— E vamos ter um filho?

— Pipa, já tens dois e eu um, por que queres outro?

— Porque não tenho nenhum contigo.

— Temos três, é como se fossem dos dois.

- Não é a mesma coisa.
- Muito bem, vamos ver como nos damos todos cá em casa e depois pensamos em ter mais um filho.
- Prometes que vais pensar nisso?
- Prometo.
- Olha que já fiz trinta e oito anos, não tens muito tempo para pensar.
- Essa agora! Tens muito tempo para ter outro bebé.
- Não, porque não quero ser uma mãe velha. E tu, meu querido, já tens quarenta.

Bernardo não era ingénuo, percebia perfeitamente o que Pipa pretendia e onde queria chegar. Ele interpretava com clareza o que ela pensava mas não dizia. Quando um homem queria conquistar uma mulher, recorria a todos os recursos ao seu alcance para concretizar o objectivo. E não poderia ser de outro modo. Se um homem rico se fizesse passar por pobre para ter a certeza de que não era vítima de uma caçadora de fortunas, que reacção poderia esperar da mulher quando ela descobrisse que andava a ser enganada e que ele era afinal um homem muito diferente?

Se fosse, de facto, uma caçadora de fortunas continuaria com ele, mas se não fosse sentir-se-ia defraudada e voltar-lhe-ia as costas, definitivamente. Não se ofendia por Pipa querer garantir o futuro, prendendo-o por laços legais e de sangue. Não seria legítima a atitude dela, depois de lhe ter oferecido um mundo novo enquanto a conquistava? Queria isso significar que Pipa não o amava? Não necessariamente, e ele não podia dar-se ao luxo de permitir que esse género de dúvidas envenenassem o seu pensamento, porque não a queria perder.

Até mesmo nas relações mais íntimas e incondicionais havia um limite para o que dois seres estavam dispostos a partilhar. Nunca se dizia tudo o que se pensava, o segredo selectivo fazia parte da liberdade individual de cada um, e, muitas vezes, uma certa reserva era mesmo essencial para evitar mal-entendidos espúrios.

Pipa poderia não ser inteiramente sincera relativamente ao motivo dessa vontade súbita de casar e de ter um filho dele, mas Bernardo também não lhe dizia para não se preocupar com o futuro porque, acontecesse o que acontecesse, ele tinha a intenção firme e irrevogável de tomar conta dela para sempre.

Porventura, se tivessem conversado mais teriam evitado que a relação se deteriorasse. Ele ter-lhe-ia dado mais segurança e ela teria sido mais tolerante em vez de lhe infernizar a vida sempre com o mesmo assunto. Mas Pipa não sabia esperar e, de momento, ele não tinha disponibilidade mental para os falsos problemas dela.

— Um dia destes, vou-me embora. Depois não digas que não te avisei — ameaçou ela.

— Por amor de Deus, Pipa, estou afogado em trabalho, estou a atravessar uma fase difícil na empresa. Não podes ter um bocadinho de paciência?

— Já tive muita paciência.

Na verdade, *uma fase difícil* era um eufemismo para *empresa a ir ao fundo*. No entanto, Bernardo não admitia fracassos profissionais nem à mulher que vivia com ele. Pensava: *se ela já é insegura normalmente, o que seria se lhe dissesse a verdade!*

Ultimamente, já não jantava todos os dias com Pipa no Papa Rica e havia

noites em que nem sequer ia a casa. Encostava-se no sofá do seu gabinete e ali adormecia. De manhã, tomava um duche na casa de banho privativa e vestia roupa lavada que mantinha num armário para as emergências. Enviava uma SMS a Pipa. E ela não acreditava na verdade, evidentemente.

Por fim, Pipa decidiu tomar uma atitude drástica, fez as malas, saiu de casa, deixou-lhe um bilhete de despedida: *Se não tens tempo para mim, não vale a pena estarmos juntos. Volto para a minha casa. Beijos.*

Quando leu o bilhete, sentiu-se revoltado. Dera-lhe um restaurante, trouxera-a para morar num apartamento de luxo, cuidava para que nada lhe faltasse, nem aos filhos, que mais queria ela?! Mas andava tão empenhado em salvar a empresa que pensou que era melhor assim. Concentrar-se-ia primeiro no trabalho e mais tarde trataria de recompor as coisas com Pipa.

Passou um mês, passaram dois, e ela continuou a ignorá-lo. Bernardo, desesperado com a empresa, dava consigo à beira do pânico, mas não podia permitir-se descontrolar-se. Estava tão perto do objectivo, era necessário concentrar-se. Ainda assim, enviou uma mensagem a Pipa, tentando sensibilizá-la para a sua situação. Não lhe deu grandes explicações, mas disse-lhe que atravessava um momento realmente complicado na empresa e precisava do apoio dela. Surpreendentemente, Pipa devolveu-lhe a mensagem com uma resposta concisa e petulante, dizendo que não queria saber dos problemas dele, pois já não estavam juntos. Estupefacto, ele pensou que a resposta não poderia ter sido mais abjecta.

E depois Bernardo conheceu Sofia.

Afinal, não assinou o contrato naquela tarde. A outra parte pediu-lhe garantias suplementares antes de fecharem o acordo. Garantias que Bernardo não tinha, mas que tencionava arranjar, nem que fosse preciso forjá-las, pois, desse lá por onde desse, teria de conseguir o contrato para se salvar. Que diabo, não era altura de se retrair por um escrúpulo idiota, a empresa estava em jogo, havia empregos em risco, ele próprio poderia ficar arruinado. Temia mais o fracasso do que rodear as regras da decência ou ultrapassar os limites da legalidade. Se necessário, escudar-se-ia nos advogados.

Não desanimou. Apesar de tudo, nada estava perdido. Saiu do escritório do advogado moderadamente encorajado, a mentalizar-se de que não era a primeira vez que passava por grandes apertos e que desta vez também haveria de desencantar uma solução para aquele problema. Tinha mais alguns dias para melhorar as condições do contrato, marcar nova reunião no escritório do advogado e concluí-lo.

Dirigiu-se ao lugar onde o motorista ficara com o carro. Ia distraído a ponderar alternativas, a imaginar expedientes, sem reparar na porta que se abria um pouco à frente, à direita, e na mulher que saía do cabeleireiro.

Teve de parar para evitar chocar com ela. Reconheceu-a, era a mesma com que se cruzara ao ir para o escritório do advogado. E estava diferente, mais bonita. Não se conteve, soltou um «Uau!!!» de admiração.

— De cada vez que me cruzo consigo, encontro-a melhor. Vai ficando mais bonita ao longo do dia, é isso? — disse-lhe. — Tem de me contar o segredo.

Ela adoptou uma atitude um tanto coquete, motivada pelos elogios, o que o entusiasmou ainda mais.

— É só passar pelo cabeleireiro — respondeu-lhe.

— Ah, claro, cortou o cabelo. Ficou maravilhosa.

Bernardo viu-a orgulhosa do seu bom aspecto e do efeito que produzia nele.

— Obrigada — disse.

— De nada. Não o digo por favor. Nem consigo imaginar como estará se a encontrar uma terceira vez hoje.

— Acho que não vai acontecer.

— Que pena...

Num dia tão complicado como aquele, estava longe de se imaginar a seduzir uma mulher, mas ele era assim, de impulsos, e convidou-a para um café.

Ela hesitou, mas acabou por erguer a mão esquerda, mostrando-lhe a aliança dourada no dedo, acompanhando com uma expressão desolada. Ele, porém, não se rendeu.

— Não me interprete mal, não é um convite mal-intencionado. Se me der o prazer da sua companhia, teria muito gosto em oferecer-lhe um café e conversar um bocadinho consigo. É só porque esta coincidência de a encontrar duas vezes... eu fui ali ao advogado e quando saio volto a vê-la... é tão, é tão... olhe, é o destino!

Subitamente, Sofia percebeu que, na realidade, tinha ido ao cabeleireiro pôr-se bonita para este estranho, porque fora ele quem lhe honrara a beleza com um sorriso aberto. E pensou, *por que não?*

— Está bem — aceitou. — Mas não me posso demorar. É só um café.

— Só um café — concordou ele, e apresentou-se, estendendo-lhe a mão — Bernardo Ferreira Bastos.

— Sofia Nunes.

Ele sugeriu que fossem de carro a um lugar agradável que conhecia, mas, vendo o desconforto dela em entrar no automóvel de um desconhecido, teve o bom senso de recuar.

— Tem toda a razão — disse, erguendo a mão em sinal de paz. — Que estupidez a minha. Não faz mal, vamos a pé, sempre damos um passeio.

E foram descendo a Calçada do Combro em passo desconfiado, enquanto o *Mercedes* imponente os seguia a curta distância, conduzido pelo motorista.

Havia ali perto um bar improvável no topo de um silo de estacionamento de automóveis, com uma vista deslumbrante sobre a cidade velha. Via-se a cor de tijolo dos telhados antigos, o campanário branco de uma igreja histórica, a majestosa ponte ao longe, o refulgir do sol no Tejo azul. Em breve seria o pôr-do-sol e eles chegaram mesmo a tempo de apreciarem o espectáculo da cidade a anoitecer.

Desistiram do café, pediram um copo de vinho tinto, ficaram duas horas a conversar, a conhecer-se mutuamente, bem-dispostos e confortáveis nas poltronas de madeira daquele terraço sobre Lisboa. Quando deram por isso já era noite. Sofia espreitou o relógio e sobressaltou-se.

— Que horror, já é tão tarde!

— Tem algum compromisso importante?

— Nem por isso, mas até é possível que o meu marido note a minha ausência.

Disse isto com uma nota de sarcasmo propositado, que não escapou a Bernardo.

— Nesta vida, tudo é possível — gracejou.

— Pois, tudo é possível. Quem sabe o que pode acontecer.

— Como termo-nos cruzado duas vezes e estarmos agora aqui.

— Vou confessar-lhe uma coisa.

— Confesse.

— Nunca me aconteceu nada igual.

— Acredito.

— Mas ainda bem que aconteceu, foi muito agradável.

— Gostei de a conhecer.

— Eu também.

Bernardo interpretou o que ela disse dela como sinal de encorajamento. Sofia não costumava beber e acabara de esvaziar o segundo copo de vinho. Sentia-se agradavelmente leve e despreocupada, o que a levou a dizer coisas que normalmente não diria.

Entusiasmou-se e deixou-se ir ao sabor da doce atmosfera de intimidade, criada pela subtileza das palavras sugestivas. No entanto, foi sincera quando disse que gostou dele. Mas era só isso, encarou aquele jogo de sedução como um parêntesis na vida real, como um momento de conversa inconsequente, sem que estivesse a comprometer-se ou quisesse fazê-lo. Não era essa a sua intenção, de facto. Porém, quando se deixavam cair as defesas e se abria a mente a novas possibilidades, mesmo sendo meras fantasias, tornava-se difícil controlar os impulsos provocados pelo efeito inebriante de uma alegria intensa que enchia a alma.

Justamente, Sofia observou os olhos azuis e penetrantes daquele homem perfeito, concentrou-se depois nos seus lábios sorridentes a emitirem uma voz sedutora, e tudo nele, o rosto, os olhos, o tom de voz, começava, perigosamente, a hipnotizá-la.

Sentiu o peito preenchido por uma excitação enlevada, sem se dar conta de que sorria para ele enquanto o ouvia. Mas quando ele lhe pediu o número de telefone foi como se um raio de realidade a trespassasse.

— Se me der o seu número, convido-a para nos encontrarmos aqui novamente, qualquer dia, ao pôr-do-sol — disse Bernardo.

Sofia abriu a boca duas vezes, em falso, sem dizer nada. Bernardo olhou-a em suspense e ela, por instantes, incapaz de falar, perguntou-se o que estava a fazer. Pensou que estava louca, que tinha de se ir embora depressa e esquecer aquilo tudo!

— O meu número de telefone?... — ouviu-se dizer. — Não, olhe, eu gostei muito de estar aqui consigo, até já me demorei muito mais do que podia, mas não lhe vou dar o meu número de telefone. Isso não, não acho boa ideia. — Agarrou na carteira, levantou-se meio desorientada, pediu desculpa, mas tinha mesmo de se ir embora.

— Espere, deixe-me só pagar, que eu acompanho-a. É só um minuto.

— Não precisa, a sério, prefiro ir sozinha.

Estendeu-lhe a mão, muito séria, com uma cerimónia despropositada, para o manter à distância e não se despedir com um beijo. Bernardo enfiou rapidamente a mão no bolso do casaco, retirou um cartão-de-visita e colocou-o na mão dela quando a apertou.

— Percebo perfeitamente — disse —, mas então fique com o meu número. Se depois quiser dizer-me alguma coisa, esteja completamente à vontade. Eu gostava muito, mas você decide.

— Não espere que ligue — respondeu Sofia. Guardou o cartão porque lhe pareceu desleal devolvê-lo. E ele não merecia.

Ficou a vê-la afastar-se por entre as mesas e desaparecer. Soltou um longo suspiro, desconcertado. O que lhe teria dado? Abanou a cabeça, confuso. *Mulheres...*

Chegou à rua sem fôlego e o primeiro pensamento que teve foi para o marido: *tenho de fazer amor com ele hoje*. Sofia sentiu que lhe fora infiel e que precisava de o compensar de alguma forma. Pôs-se a caminho do Metro, inicialmente muito depressa, mas à medida que se cansava foi abrandando o passo, estabilizou a respiração.

Entrou na estação, desceu as escadas, apanhou o primeiro comboio que passou. A carruagem ia quase vazia, escolheu um lugar qualquer, sentou-se. Entretanto, tivera tempo para se acalmar e pensou melhor sobre o que fizera naquele fim de tarde insólito. E, embora mantivesse a firme resolução de fazer amor com o marido, sabia que o faria para se redimir do encontro com Bernardo. Tratava-se, portanto, de uma atitude para apaziguar o sentimento de culpa e não um verdadeiro acto de amor.

Olhou para o relógio, ansiosa. Calculou que André já deveria estar em casa, mas depois viu-se reflectida no vidro da janela e tranquilizou-se. Estava bonita e o seu cabelo cortado justificaria perfeitamente o motivo de chegar tarde. Bastava dizer a verdade, omitindo a parte do pôr-do-sol na companhia de um desconhecido elegante e sedutor.

Sorriu com a evocação das horas agradáveis que passara com Bernardo. Ele era realmente encantador, tinha de admiti-lo, e salvara-lhe o dia. Pensou que a vida era surpreendente e que havia nela insondáveis mecanismos de compensação. Quem diria que aquele homem providencial iria surgir do nada no preciso momento em que ela se sentia triste e perdida?

Riu-se sozinha com a ideia inusitada de que Bernardo pudesse ser um anjo milagroso enviado para a resgatar da melancolia e ajudá-la a recuperar o amor-próprio. Mas, se fosse realmente um anjo, não seria possível revê-lo nunca mais! Levou instintivamente a mão ao bolso e tirou de lá o cartão-de-visita que ele lhe entregara. Alegrou-se, aquele cartão era a prova palpável de que Bernardo existia. Ele não era um anjo e ela não estava maluca.

Examinou cuidadosamente o cartão, absorvendo toda a informação que lhe oferecia. Levou-o apertado na mão durante o resto da viagem, enquanto recapitulava cada momento com Bernardo e todas as palavras que tinham dito um ao outro. Era uma pena que não pudesse voltar a encontrar-se com ele, pensou, com uma expressão sonhadora.

Encontrou André na cozinha a tentar preparar uma refeição. Beijou-o, perguntou-lhe o que fazia, levantando a tampa do tacho.

— Ia fazer arroz.

Sofia tomou conta da situação.

— Deixa, que eu faço — disse.

Ele foi sentar-se numa cadeira ao lado da mesa baixa encostada à parede, que costumavam usar para jantar.

— Onde andaste?

Ela acendeu o lume, pousou o isqueiro em cima da bancada, virou-se para André, avançou para ele com modos provocadores.

— Não notas nada de diferente?

— Hum... Foste ao cabeleireiro.

Sofia sentou-se no colo dele com uma perna de cada lado, a montá-lo.

— Uuui, tenho um marido tão observador.

— Não foste?

— Fui. Estou gira?

Ele fez que sim com a cabeça.

— Estás — respondeu.

Passou a mão pelo cabelo dele com os dedos abertos, puxando-lhe a cabeça para trás, beijou-o, as suas línguas juntaram-se.

Foi tudo muito rude, exactamente como Sofia desejava nessa noite. Quis satisfazer a excitação que cresceu nela quando André lhe puxou a camisa para cima, envolveu os seus seios com as mãos, mergulhou o rosto no peito dela. Sofia agarrou-lhe a cabeça enquanto ele a beijava, mas logo teve pressa de o ter e abriu-lhe o fecho das calças, enfiou a mão, segurou-o com força.

Dali a nada, já ela se erguera para se despir rapidamente e voltara a montá-lo com a determinação de uma necessidade irreprimível. E, ao senti-lo preenche-la totalmente, agarrou-se a ele num abraço de ferro e a sua alma rendeu-se a uma alegria imensa. Porém, fechou os olhos e pensou em Bernardo.

Mais tarde, ao lavar os dentes, Sofia teve um sobressalto. Era impossível que André não tivesse reparado que ela estivera a beber vinho. Notava-se perfeitamente, mesmo depois de escovar os dentes. E ele tinha-a beijado.

Entrou na cama. André já dormia, de costas para ela. Pensou em abraçá-lo, mas desistiu da ideia. Ficou deitada, de olhos abertos para o tecto, na escuridão, a cismar com aquele dia estranho.

Não conseguia compreender porque é que André não comentara nada sobre o sabor a vinho que sentira inevitavelmente na boca dela. Não que o simples facto de tomar um copo de vinho fora de casa fosse motivo para lhe inspirar desconfiança, mas seria natural — quase instintivo — que André tivesse dito algo.

Incomodava-a a falta de reacção do marido. Depois ocorreu-lhe que ele chegara a casa antes dela e nem sequer lhe telefonara para lhe perguntar onde estava e se se encontrava bem, o que não teria nada de especial se não fosse raríssimo Sofia chegar depois dele e, nesse caso, avisá-lo.

A razão para André ter ficado calado era, ao mesmo tempo, fácil e impossível de explicar. André sentia-se comprometido e esse embaraço levava-o a temer denunciar-se. Claro que achou estranho que Sofia tivesse bebido vinho. Bem, certamente que havia uma justificação perfeitamente plausível para isso: um copo oferecido enquanto esperava pela sua vez no cabeleireiro; um brinde para celebrar qualquer coisa no escritório; um encontro com uma amiga depois do trabalho. As hipóteses eram imensas e ele não estava nada preocupado, porque tinha a certeza de que Sofia seria incapaz de traí-lo. Já sobre si próprio não podia dizer o mesmo.

André não procurara aquilo, simplesmente acontecera. Ou ele deixara que acontecesse, para ser mais exacto. As reuniões com Margarida, a colega da administração; os jantares de trabalho a dois; a conversa a desviar-se para assuntos pessoais; ela a queixar-se de um divórcio conturbado; ele a consolá-la, a comover-se, a achá-la atraente; o primeiro beijo, no carro, à porta de casa dela; ela a convidá-lo para entrar; os dois a caírem na cama; a cena a repetir-se noite após noite; ele a dizer a Sofia que era um período complicado com um projecto importante entre mãos que o obrigava a trabalhar até muito tarde.

A excitação da novidade era arrebatadora, irresistível. O telefone tocava na secretária e André sentia o coração a galopar. Era Margarida a ligar-lhe do seu gabinete.

— Olá, querido.

— Olá, querida.

— Jantar de trabalho hoje em minha casa?

Ele soltava uma gargalhada nervosa.

— De trabalho. Está bem, está...

Ela também se ria, divertida com a conversa perversa. Gostava de provocá-lo.

— Estou excitada.

André engolia em seco.

— Estás?...

— Hum-hum. Quero-te todo para mim logo à noite.

— Eu também.

— Sais a que horas?

— Às oito.

— Vais ter a minha casa?

— Vou.

— Ai, não sei se aguento esperar até logo à noite.

— Mau, no que é que estás a pensar?

— Estou a pensar em ir até ao teu gabinete, trancar a porta e montar-te aí mesmo, na cadeira.

— Estás maluca?!

— Estou, não te apetece fazer isso?

— Margarida, nem penses nisso!

— Está bem, amorzinho, eu espero até logo à noite, mas olha que era divertido.

— Era, era, e também era divertido perdermos o emprego.

— Huuum... Estou tão excitada.

— Porta-te bem, vou desligar.

Ela suspirava, mandava-lhe um beijo, desligava. Ele respirava fundo, recostava-se na cadeira, pensava que, às vezes, Margarida conseguia ser assustadoramente depravada. E ele adorava isso.

Margarida despertava-lhe lascívia, o desejo mais básico por sexo sem freio, a estimulante libertinagem do amor clandestino. E sentia-se realizado por tê-la conquistado, porque ela era a mulher de que todos falavam no escritório.

Não obstante, André gostava de Sofia. Ela oferecia-lhe a segurança de uma vida tranquila e confortável e mantinha à distância o fantasma da solidão. André tremia só de imaginar perdê-la e ficar sozinho. Não se via a viver com outra mulher, nem mesmo com Margarida. Deixar Sofia era impensável.

No que lhe dizia respeito, tinha ficado logo tudo muito bem definido. A relação com Margarida era uma aventura sem compromisso e sem futuro. Ela aceitara os termos dele naquela noite, no carro, à porta do seu prédio, depois de se beijarem.

— Vamos entrar — convidou-o.

— Não posso, tenho de ir para casa — respondeu André.

— Só um bocadinho, ainda é cedo.

Ele teve uns segundos decisivos para escolher entre a opção correcta e a tentação.

— Margarida, se eu entrar... — deteve-se um instante a procurar as palavras certas. — Olha, eu não quero deixar a minha mulher. Isso não vai acontecer.

Margarida chegou-se a ele, abraçou-o, beijou-o longamente, e depois disse-lhe:

— Eu percebo isso. Não tens que te preocupar comigo. Entre nós, é só sexo.

Ela disse-lhe exactamente o que ele precisava de ouvir para se decidir. Entrou.

Mas aprendeu da pior maneira que esclarecer previamente a situação com Margarida não era garantia de se manter a salvo de complicações. Os seus actos tinham, inevitavelmente, consequências, e os acontecimentos que se seguiram demonstraram-lhe que não podia transgredir impunemente.

A sua vida estava a descarrilar e ele desesperava, pois não via como evitar a catástrofe. A emocionante e rejuvenescedora novidade da conquista tornara-se um cerco que se apertava inexoravelmente e o impedia de respirar. Previa o

pior e começava a entrar em pânico. Por isso, não teve coragem de fazer muitas perguntas a Sofia.

Entre aqueles que dependiam directamente de Margarida na empresa, e mesmo entre os seus pares, havia um misto de temor e admiração por ela. Não obstante o sorriso omnipresente e a elegância cativante, que tanto atraíam os homens como convidavam a admiração das mulheres, Margarida era só moderadamente simpática.

Conheciam-lhe perfeitamente a determinação e a reputação de conseguir sempre o que queria, e a prudência aconselhava a não contrariá-la demasiado e, sobretudo, a não entrar em guerra com ela. Margarida costumava sair-se bem nas confrontações directas e geria com mestria as intrigas de bastidores. Por alguma razão tinha a alcunha secreta de *Dama de Ferro*, epíteto de que estava a par, embora nunca ninguém tivesse tido a desfaçatez de lhe chamar isso na cara. Essa fama que se lhe colara à pele não a incomodava, preferia ser a *gaja lixada* de que falavam respeitosamente nas suas costas a deixar-se atropelar pelas ambições alheias.

Fora da empresa, permitia-se ser agradável e adversa a quezílias, mas no trabalho munia-se do seu escudo invisível e não permitia que os colegas percebessem que, por detrás daquela expressão enigmática, podia haver alguma sensibilidade. Nunca se altercava, sorria e porfiava, era uma perfeita passivo-agressiva com um arbítrio inabalável.

Com André, porém, baixara as defesas e consentira que ele descobrisse a mulher que procurava a felicidade sincera e livre das aparências rígidas da profissional calculista.

Sentada no sofá da sala do seu apartamento demasiado grande para uma só pessoa, Margarida perscrutou a alma no lusco-fusco de um único candeeiro ligado, na mesa de apoio ao seu lado. Era quase meia-noite. Examinava o problema que a afligia, mergulhada num silêncio introspectivo, ciente de que tinha o tempo contado para tomar a decisão mais importante da sua vida.

Quando abordara André para lhe falar do assunto, a reacção não fora encorajadora. Enviou-lhe uma mensagem logo de manhã a dizer que precisavam de conversar. Ele informou-a de que estava a chegar à empresa e ela foi ao seu gabinete.

Entrou, ficou encostada à porta fechada, contou-lhe.

André deixou-se cair na cadeira, atrás da secretária, como se lhe tivessem dado um murro no estômago.

— Quando é que soubeste isso? — perguntou-lhe, depois de um longo silêncio.

— Fiz o teste hoje de manhã.

— E o que pretendes fazer?

Ela lançou-lhe um sorriso ácido.

— O que pretendo fazer?

— Sim.

— Estás a dizer que é um problema meu...

— Não, Margarida, mas...

— Que não é um problema nosso?

— Não é nada disso.

— Não?

— Não. Mas é evidente que és tu quem toma a decisão final.

— E se fôssemos os dois?

— E se não concordarmos?

Ela cruzou os braços, fitou-o, disse:

— Podemos, ao menos, tentar?

Ele deixou escapar um suspiro.

— Não sei o que te dizer.

— Não sabes o que me dizer... hum. — Abanou a cabeça, a fazer que sim, lentamente, pensativa. — Olha, não digas nada, deixa estar que eu resolvo o assunto sozinha. E não te preocupes, que não te comprometo. — Abriu a porta, saiu.

Margarida acomodou-se melhor no sofá, recolheu as pernas, limpou uma lágrima com as costas da mão. O que esperara de André? Que assumisse a responsabilidade e a apoiasse? Na verdade, não fora capaz de antecipar a reacção dele. Na altura, parecera-lhe angustiado.

André procurara-a no gabinete dela, mais tarde nessa manhã.

— Eu sei que a minha reacção não foi a melhor, Margarida — disse. — Mas apanhaste-me de surpresa. Fiquei sem fala.

— E sem pinga de sangue.

Ele sorriu sem vontade.

— Também — admitiu.

— Olha — disse —, eu sei que gostas da tua mulher e não queres estragar o teu casamento. E preciso que acredites que isto não é nenhuma armadilha. Eu nunca te faria uma coisa dessas. Foi um acidente.

Não engravidara de propósito, realmente, mas a tendência dos homens nestas situações era para se sentirem encurralados e pensarem que tinham sido enganados. Não pretendia magoar André e não queria que ele a odiasse.

— Não nos vamos precipitar — disse ele. — Primeiro, é preciso que penses bem se queres ter essa criança, depois veremos o que fazer.

Ela concordou.

Levantou-se do sofá, apagou a luz, dirigiu-se para o quarto. Despiu-se em frente ao espelho de corpo inteiro defronte da cama, demorou-se a observar-se nua, tentando detectar alguma alteração, mas ainda era cedo para se notar. Vestiu um pijama, enfiou-se na cama, apagou a luz. Nessa noite quase não dormiu, mas quando se rendeu ao sono já sabia o que iria fazer.

Sofia deu consigo sentada à secretária a sonhar de olhos abertos. Recordava os acontecimentos da véspera. Tinha o cartão-de-visita de Bernardo à sua frente, em cima do teclado do computador, e fantasiava com a possibilidade de lhe enviar uma mensagem.

Sentia-se tentada, mas resistia. Lembrou-se do marido e pensou que, se o fizesse, não saberia o que poderia acontecer. Engraçado, no dia anterior estava preocupada e deprimida com o rumo do seu casamento, e hoje ponderava a hipótese de trair André. Enfim, não é que tencionasse traí-lo, tratava-se somente de falar com Bernardo, enviar-lhe uma mensagem, mas a consciência dizia-lhe que não devia fazê-lo.

Queria justificar-se por tê-lo deixado espicado no bar enquanto se ia embora apressadamente. Sentia-se embaraçada por se ter comportado como uma rapariguinha imatura. Bernardo merecia um pedido de desculpas, pensou, agarrando no telemóvel.

Nesse momento, o patrão irrompeu pelo gabinete e interrompeu-a com um pedido urgente. Sofia largou o aparelho para atender a solicitação de Tomé e desistiu de enviar a mensagem.

A manhã passou depressa e, à hora do almoço, escolheu uma esplanada ali perto do escritório, onde se foi sentar sozinha a aproveitar o bom tempo e a temperatura amena. O Verão estava a chegar e os dias maiores e calorosos tornavam-se mais brilhantes e cheios de cor, espevitando o optimismo. Sofia sentia-se optimista.

Nesse momento na esplanada, ela não pensava em Bernardo como algo sério. Porém, rememorar aquele pôr-do-sol com ele no terraço fazia-a feliz e, por isso, enveredou em fantasias, a imaginar como seria se o dia anterior tivesse uma sequência, se voltassem a ver-se, se se envolvessem num romance apaixonado, o que fariam para estarem juntos, que lugares secretos escolheriam para se encontrarem.

Lembrou-se de novo da forma intempestiva como o deixara, recusando-se a dar-lhe o número de telefone, rejeitando a oferta dele para acompanhá-la até à rua. Receou que ele tivesse ficado com má impressão.

É claro que, se não pretendesse reencontrar-se com Bernardo, não teria motivo para se preocupar com a impressão que lhe causara. A necessidade de se retractar era, portanto, um subterfúgio da alma para justificar a si própria o que fez a seguir. Tirou da carteira o telemóvel e o cartão-de-visita, escreveu a mensagem, enviou-a. Depois ficou a olhar para o aparelho com um sorriso pendente.

Não teve de esperar muito pela resposta. Ele dizia-lhe que compreendia a partida precipitada dela e sublinhava que gostara muito de a conhecer. Enviou-lhe uma segunda mensagem a dizer que também gostara muito de o

ter conhecido e entretanto regressou ao escritório, deixando quase intacta a sandes que encomendara, e continuou a trocar mensagens com Bernardo pela tarde fora.

O telemóvel só sossegou quando Sofia entrou em casa, à noite, mas na manhã seguinte ele foi o primeiro a enviar-lhe uma mensagem a desejar-lhe um bom dia e não pararam mais até ela o avisar de que estava a chegar a casa. Foi assim a semana toda e, inevitavelmente, a conversa tornou-se mais atrevida e íntima à medida que evoluía. Até Bernardo lhe telefonar e lhe dizer de viva voz que queria revê-la.

Era quarta-feira e não havia muito movimento no restaurante. Pipa servira meia dúzia de jantares e aguardava que os últimos clientes terminassem a refeição. Foi sentar-se ao balcão da entrada a bebericar um copo de vinho branco, num banco alto, a pensar em Bernardo. Lembrava-se muito dele, na verdade, todos os dias.

Pipa tinha consciência de que Bernardo ficara ofendido com ela e convencido de que se tinha aproveitado dele para resolver a situação profissional. E, realmente, na perspectiva dele, não havia outra forma de analisar o seu comportamento. Pipa acabara a relação abruptamente, insensivelmente, com uma falta de consideração que ele não merecia. Mas, não obstante o que ele pudesse pensar de mal dela, Pipa pensava que era injusto.

O julgamento lógico e definitivo de Bernardo padecia de um fraco entendimento das razões de Pipa, e a principal razão dela era que Bernardo lhe falhara. Claro que, tendo ele feito tudo por ela, não lhe era compreensível que Pipa tivesse semelhante pensamento, mas, convenhamos, ele não percebia nada de nada do pensamento de Pipa. Ou então fingia que não percebia, o que a exasperava ainda mais.

Pipa nunca tivera a intenção de se aproveitar de Bernardo, aceitara a sua ajuda, mas gostava dele genuinamente e, dizia a si própria, o amor não devia ser confundido com o negócio, embora fosse fácil entender que ele só a ajudava porque a amava. Mas também não percebia o pensamento dele, ou dava-lhe jeito não perceber, para ficar de consciência tranquila.

De qualquer modo, Pipa não o esquecera e acreditava que seria possível reconciliarem-se, desde que Bernardo se submetesse à sua vontade.

Estava assim, meio encostada ao balcão, alheada do escasso movimento na sala, do rumor surdo que vinha das conversas nas mesas, quando foi surpreendida pela chegada de Tomé de Noronha, um advogado sobejamente conhecido, que era frequentador assíduo do Papa Rica. Embora costumasse aparecer com amigos e com companhias femininas variadas, naquele dia estava sozinho e cumprimentou Pipa com simpatia e familiaridade, tratando-a pelo nome. Explicou que estivera a trabalhar até tarde e viera directo do escritório.

— Vem jantar, Dr. Noronha?

— Oh, Pipa, não me trate por doutor, por amor de Deus! Trate-me por Tomé — disse, jovialmente.

Apanhada de surpresa, ela teve uma reacção incerta.

— Ora essa, o senhor é meu cliente, não me dá jeito tratá-lo de outra maneira.

— Ai — gemeu ele, alegremente. — Agora trata-me por senhor.

Pipa achou-lhe graça, riu-se.

— Bom, então não o trato por nada. — disse. — Arranjo-lhe uma mesa?

— Pode ser, sim, como qualquer coisa, mas não estou com muita fome.

Pipa encaminhou-o para uma mesa, esperou que se sentasse, entregou-lhe a ementa.

— As favas estão boas — informou-o.

— Muito pesado a esta hora. Acho que me fico por um bife grelhado com salada.

— Sim, senhor.

Ele deitou-lhe um olhar de censura divertido.

— Sim, Tomé — corrigiu ela, a rir-se.

O rosto do advogado iluminou-se com aquela pequena vitória.

— Muito melhor! — exclamou.

Pipa serviu o vinho tinto que ele pediu e, alguns minutos depois, trouxe-lhe o prato encomendado. Entretanto, o restaurante foi-se esvaziando, Pipa dispensou os empregados e ficaram só os dois. Ele chamou-a.

— Sente-se, faça-me companhia, detesto comer sozinho.

Sentou-se, começaram a conversar. Dali a pouco foi buscar-lhe um café e permitiu-lhe que fumasse um cigarro, uma vez que não havia mais ninguém e já fechara a porta.

— Fuma? — perguntou ele.

— Às vezes.

Estendeu-lhe o maço de tabaco, Pipa tirou um cigarro e aceitou tomar um pouco de vinho. Desta vez foi ele a servi-la.

Tomé estava inspirado, eloquente, fumava cigarro atrás de cigarro e falava com propriedade de diferentes assuntos encadeados: da comida, excelente!, de restaurantes, conhecia-os todos, os bons e os maus, mas aquele era o que mais lhe agradava; dos seus julgamentos célebres, ah, as coisas que ele sabia e não podia contar; da sua vida, permitiu-se desvendar alguns pormenores, pedaços de intimidade, disse que passava demasiadas horas no escritório, que estava divorciado ia para cinco anos e já lhe fazia falta ter uma mulher em casa. Tinha uma filha adulta, mas via-a pouco.

Pipa ouviu-o com interesse e confirmou o que já constataria noutras ocasiões ao vê-lo entre os amigos: que dominava a palavra, era um orador de primeira e fascinava quem o escutava. Mas também lhe pareceu ser um solitário que só se sentia bem com as atenções centradas nele e não deixava mais ninguém falar. Na sua perspicácia fina, Pipa pensou que ele talvez trabalhasse muito mas não dispensava os jantares com os amigos, e era possível que desejasse assentar, mas entretanto ia saindo com aquelas raparigas, cada vez mais jovens, que trazia ao Papa Rica.

Pipa achou-o culto, inteligente, sedutor e, porventura, demasiado mulherengo. Não lhe perguntou a idade porque decidiu que não podia ter nem mais nem menos que cinquenta. Era um homem interessante, só pecava pela

barriga larga, que não condizia com o esmero orgulhoso da roupa de marca, do sapato caro, do perfume de luxo. Mas quem é que ligava à barriga dele?

Com o andar da conversa, Pipa começou a convencer-se de que o bom do Dr. Tomé de Noronha viera sozinho ao restaurante já com a ideia fisgada de se meter com ela. Imaginou-o a tirar a gravata antes de sair do escritório para se apresentar mais descontraído e jovial, a borrifar-se com perfume, a chupar uma pastilha para o hálito. E todo aquele esforço para a seduzir com artimanhas de conhecedor profundo honravam-na e enterneciam-na.

Porém, não mordeu o isco, não lhe interessava, e ele teve a sabedoria e a elegância de se manter dentro dos limites do bom gosto, ciente de que os assuntos amorosos demoravam o seu tempo. Não era um jovem impetuoso e, na sua idade, conhecia bem a virtude da paciência. Pipa gostou dele.

Sofia estava sentada a uma mesa da esplanada onde almoçava todos os dias. Tinha o telemóvel na mão, a caixa das mensagens aberta e uma resposta pronta a enviar a Bernardo. No início do almoço escrevera nela a palavra *sim*, e já pedira a conta. Só faltava decidir-se.

Agora sabia como é que aquelas coisas aconteciam, pensou. Durante a sua vida de casada, Sofia já passara por diversas ocasiões em que poderia ter traído o marido, mas isso nunca acontecera porque dissera sempre que não e se afastara sem pensar duas vezes.

Não encarara seriamente nenhuma dessas situações porque amava André e tal bastava para ignorar as tentações. Na verdade, nem chegavam a ser tentações, pois Sofia não valorizava por aí além a beleza masculina enquanto factor determinante, para escolher um homem e também não dava espaço para que uma conversa atrevida se prolongasse o suficiente para poder influenciá-la ou tornar-se um problema.

De qualquer modo, fizera a sua escolha há muito tempo e não tinha o menor interesse por jogos de sedução com outros homens. Sentia-se, portanto, à prova de aliciamento e vivia perfeitamente assim.

Porventura, conhecera Bernardo num momento de fraqueza. Constatava que André só se interessava pelo trabalho e desleixava a relação deles. O marido chegava tarde a casa e quase não conversava com Sofia durante o jantar, só ela falava, enquanto ele a escutava ensimesmado, com um olhar ausente.

Se Sofia se queixava, ele desculpava-se vagamente com os problemas no trabalho. Depois ela irritava-se e remetia-se também ao silêncio, ou então provocava uma discussão por um motivo fútil para o obrigar a dar-lhe atenção.

Sentia que havia uma apatia crescente e já se perguntava se seriam apenas as responsabilidades da empresa que o apoquentavam. Queria confrontá-lo com a sua suspeita e já o teria feito se não receasse a resposta. Não estava preparada para o ouvir dizer que já não a amava ou, pior ainda, que tinha outra e queria o divórcio. Por isso, calava-se.

Na última sexta-feira, percebeu que não poderia continuar a adiar a conversa com o marido, mas então Bernardo atravessou-se no seu caminho e Sofia, distraída com as mensagens dele, voltou a adiá-la.

Não foi indiferente às palavras deliciosas que Bernardo lhe escrevia, em contraste com o desinteresse de André, e, ao longo da última semana, deixara-se envolver. Caíra na armadilha dos sentimentos e era tão difícil resistir ao encantamento dos elogios carinhosos que transmitiam a segurança e o bem-estar que tanto desejava.

Da mesma forma que se iludira com o argumento de que precisava de se retractar para justificar a si própria a primeira de centenas de mensagens

trocadas com Bernardo, Sofia pensava agora que não faria mal se voltasse a encontrar-se com ele. Afinal, já tinham estado juntos uma vez sem que nada de impróprio tivesse acontecido. Sofia mantivera uma atitude digna e dissuasora para evitar o embaraço de algum avanço insensato da parte dele. E Bernardo fora irrepreensível. Podiam ser amigos, evidentemente, desde que cada um soubesse o seu lugar e não ultrapassasse os limites da decência.

Seria Sofia tão ingénua que acreditasse realmente que um homem se interessava por uma mulher só por amizade? Seria verosímil que um homem e uma mulher passassem uma semana inteira a trocar mensagens amorosas com intenções inocentes e, em momento algum, farejassem o perigo de poderem cair no abismo dos braços um do outro? A resposta era um rotundo não.

Naqueles dias, Sofia comportava-se como uma dependente de drogas, a mentir a si mesma para não cortar o contacto com Bernardo. E o que tinha de especial este homem que ela só vira uma vez? Bem, Sofia poderia passar o resto do dia a responder a esta pergunta, mas o mais importante e decisivo era que ele lhe devolvia o inestimável orgulho de voltar a sentir-se uma mulher desejada.

Enviou a mensagem, mas acrescentou-lhe uma advertência prudente: *Sim, mas não te ponhas com ideias, vamos só tomar um café.*

Quando Bernardo leu a mensagem de Sofia, não levou a sério o aviso dela, pelo contrário, desvalorizou-o e teve um sorriso sobranceiro, a pensar que as mulheres eram todas iguais no amor: negavam a evidência dos seus gestos para se defenderem dos falsos pretendentes. Um homem tinha de dar o seu melhor para merecê-las e só devia ter o direito de conquistá-las se as quisesse de corpo e alma. Elas defendiam-se do encantamento deles para garantirem que não seriam descartadas depois de se entregarem, porque não queriam investir numa relação sem futuro.

Bernardo conhecia de cor o pensamento feminino e conhecia tão bem os passos da sedução que se achava capaz de antecipar, em cada momento, o que uma mulher iria dizer a seguir. Seria de um convencimento insuportável, pois sim, mas ele era arrogante.

Dito isto, não significava que não houvesse surpresas e decepções. Bernardo já tivera as suas. Pipa fora a última, por ele se ter envolvido sem reservas, acreditando que ela seria a mulher definitiva. Não fora, e agora estava mais cauteloso e racional, ou pretendia estar. Hoje em dia, pensava, as mulheres fugiam cada vez mais ao padrão a que se habituara e baralhavam as contas aos homens. Quantas queriam o sexo pelo sexo; quantas eram casadas sem que isso as impedisse de trair e voltar para casa com um sorriso cândido?

Justamente, Bernardo pensava em Sofia como mais uma das suas doces conquistas sem consequências sérias. Ela era casada e dizia-lhe que queria continuar assim, porém mostrava-se entusiasmada ao dar seguimento à correspondência frenética de mensagens que fluía entre eles. E agora acedera em reencontrar-se com ele. Bernardo sentiu um breve frenesim de vitória.

Leu a mensagem de Sofia no elevador do edifício da empresa, ao voltar para o escritório depois do almoço. Estava a ser uma semana de loucos, com uma sucessão vertiginosa de contactos, telefonemas, reuniões, almoços e jantares de trabalho. Parecia-lhe que andava a enganar meio mundo para assegurar as garantias que lhe permitiriam concretizar o contrato necessário para salvar a empresa. Fazia promessas que não poderia cumprir e movia todas as influências ao seu alcance. Era um jogo de nervos e ele era obrigado a manter a imagem de homem de negócios descontraído e bem sucedido. Acabava o dia esgotado de usar a máscara do sorriso falso, das falinhas mansas, chegava a casa e sentava-se na sala a beber um uísque, de rosto crispado, a mentalizar-se de que não podia entrar em pânico.

No entanto, ainda arranjava tempo para ir respondendo às mensagens de Sofia, porque se sentia sozinho contra o mundo e as palavras carinhosas dela davam-lhe alento e, naquela altura, precisava tanto de ser optimista.

Pipa telefonou-lhe, pediu-lhe que passasse no restaurante para conversarem.

— Queres falar de quê? — perguntou-lhe.

— Quero falar de nós.
— Pensava que tinhas decidido que já não havia *nós*.
— E tu, decidiste isso?
— Eu não decidi nada, Pipa, tu decidiste pelos dois.
— Eu também não decidi nada. Estava irritada, só isso. Vem ter comigo, vens?

Respirou fundo, ganhando tempo enquanto ponderava se queria ir. A sua vontade era recusar, porque ainda se sentia ofendido por ela ter saído de casa, deixando só um bilhete curto e frio. Porém, não foi capaz de dizer-lhe que não. Pensou que seria a sua oportunidade de retaliar. Teria a conversa que Pipa lhe pedia, mas para censurá-la e, depois, rejeitá-la friamente, nos mesmos termos em que ela o tratara.

— Vou — respondeu, quase com enfado. Mas depois lembrou-se do encontro marcado com Sofia e dos compromissos de trabalho e empurrou o encontro para a semana seguinte.

— Passo no restaurante na terça-feira — disse-lhe.

Era curioso que a percepção que Margarida tinha de si fosse tão diferente — na realidade o oposto — da ideia que as pessoas faziam dela. Onde os outros viam uma mulher bela e vencedora, com uma carreira fulgurante e o mundo a seus pés, Margarida só encontrava a penosa derrota de tanto esforço para tão pouco benefício.

Os outros admiravam o seu lado brilhante, enquanto ela só via o seu lado negro. Sim, era bem sucedida profissionalmente, mas à custa de anos de trabalho incansável, de demasiada dedicação em detrimento da vida pessoal, de um casamento falhado. O divórcio empurrara-a mais horas para o trabalho, onde se refugiara com o intuito de esquecer a tristeza, ditando o afastamento dos amigos, na maioria casados e com vidas diferentes, e limitando as oportunidades de se divertir, conhecer pessoas, escapar ao abraço asfíxiante da solidão.

As mulheres divorciadas que conhecia, algumas tristes e amarguradas, voltavam-se para os filhos, mergulhando na rotina da educação, preocupando-se em suprir as necessidades das crianças. Margarida não tivera essa possibilidade, mas eis que, quando menos esperava, foi contemplada com a notícia da gravidez imprevista.

Ainda lhe parecia mentira. A triste ironia era ansiar por aquilo há tanto tempo e, agora que acontecera, não ter resultado de um genuíno acto de amor planeado. André não o queria, ela fora surpreendida, e quase lhe parecia um logro ter um filho pelas razões erradas, se é que havia razões erradas para se ter um filho. Depois ocorria-lhe que não precisava de André para criar a criança e que seria maravilhoso consagrar a vida ao seu bebé. O seu bebé! Esta expressão fazia-a sorrir.

Ainda não notava quaisquer mudanças no seu corpo, quando se via ao espelho era como se nada estivesse a acontecer dentro dela, fisicamente, porque o espírito já se preparava. E como podia ela rejeitar o milagre que sabia estar a realizar-se depois de pensar nele como o *seu* bebé?

Encontrou-se com André ao final da tarde num bar discreto onde já tinham ido anteriormente. Ele pediu uma cerveja, ela recusou bebidas alcoólicas, quis só um café.

Encararam-se em silêncio. Margarida esperava que ele tivesse uma palavra de preocupação, que lhe perguntasse se estava bem, se já fora ao médico, enfim, que demonstrasse algo parecido com um sentimento de afeição. Mas, aparentemente, a única preocupação de André era livrar-se daquele pesadelo. Ter um filho dela não o emocionava.

O romance entre os dois cessara no dia em que o informara de que engravidara. Desde então, ele tornara-se distante e ela, furiosa com a sua atitude, reagira com igual frieza. Quando se cruzavam nos corredores da empresa cumprimentavam-se com palavras breves, quase de cerimónia. Ele

não lhe perguntava nada, não abordava o assunto, como se não houvesse assunto, na verdade. Ela guardava silêncio, deixava-o em suspenso, sabendo que assim prolongava a sua angústia, porque ele podia não perguntar, mas ainda esperava uma resposta.

Finalmente, Margarida decidiu que era altura de acabar com o impasse e esclarecer a situação. Marcou-lhe um encontro com modos bruscos, mais parecendo que o convocava para uma reunião de trabalho.

— Mais logo, às sete, quero falar contigo — disse-lhe, secamente.

E ali estavam eles, sentados num espaço reservado, abrigados de olhos e ouvidos estranhos. Ela não o demonstrou, mas sentia-se fervilhar num caldeirão de emoções: isolada, desiludida, despeitada.

— Não me perguntas se estou bem?

— Estás bem?

Ela ofereceu-lhe um breve sorriso reprovador.

— Estou bem, obrigada pela tua preocupação. Não, ainda não fui ao médico e também não tenho enjoos.

— Então, Margarida, pára lá com isso.

Ela respirou fundo, apetecia-lhe desancá-lo, mas controlou-se.

— Querias saber a minha decisão, já a tomei — disse.

— E qual é?

— Quero ter a criança.

Viu-o empalidecer e recuar no lugar, como que procurando abrigo nas costas altas do sofá.

— Tens a certeza?

— Absoluta — confirmou, determinada.

— Sabes que não posso contar à Sofia, nem vou poder acompanhar-te nos momentos mais difíceis. Estás preparada para passar por tudo sozinha?

— E tu, estás preparado para viver com uma mentira?

— Não é uma mentira.

— É um segredo. Até quando pensas que vais conseguir mantê-lo?

— O que é isto? — retorquiu. — Queres acabar com a minha vida?

Ela chegou-se para a frente, debruçou-se sobre a mesa, encarou-o mais de perto.

— Não, André, não quero nada disso, nunca quis estragar a tua vida, mas não consigo rejeitar este bebé.

— E pensaste no problema de criar uma criança sem pai?

— Nem sequer pretendes dar-lhe o teu nome?

— Não, se fores com isso para a frente, ficas por tua conta, é da tua inteira responsabilidade. Eu não quero ter nada a ver com isso.

— Muito bem, assim será.

— E não vais poder dizer-lhe nunca que sou eu o pai.

— Fica descansado, podes voltar à tua vidinha e fingir que não aconteceu nada. Não te vou denunciar.

Naquelas primeiras semanas, enquanto o seu corpo se preparava para dar à luz uma criança, passou por estados de espírito diferentes e contraditórios. Ora pensava em André com revolta, ora tinha pena dele, porque estava sentimental e tanto se comovia facilmente como se enraivecía. Ele nunca se ofereceu para a acompanhar a uma consulta ou sequer para a ajudar nas despesas. Era compreensível, pensava Margarida, se o fizesse estaria a envolver-se e não poderia continuar a dizer que não colaborava com ela. Contribuir, por pouco que fosse, dar-lhe-ia uma desculpa para que depois pudesse pressioná-lo. André defendia-se, protegia o seu casamento. Porém, Margarida entendia que era uma cobardia fugir às responsabilidades e achava-o um fraco.

Foi deixando de pensar em André com bonomia e tolerância e era já um sacrifício lidar com ele na empresa. Nas reuniões em que André também participava, Margarida dava consigo a pensar que ele era uma fraude e desconsiderava as suas opiniões, permitindo que transparecesse uma tensão entre os dois quando debatiam assuntos de trabalho em frente a outras pessoas. Os choques eram tão notórios que o presidente da empresa quis falar com Margarida a sós para lhe perguntar se havia algum problema com André de que devesse ter conhecimento. Ela, assim encurralada, respondeu-lhe com uma meia-verdade:

— Não há problema nenhum, é que estou grávida e irritado-me com pouco, mas vai passar. Aliás, não volta a acontecer.

— Está grávida?! — exclamou o presidente, sorridente. — Oh, que maravilha! Parabéns, Margarida, não sabia.

— Sim, ainda não disse a ninguém — afirmou, atrapalhada.

— E quem é o feliz pai da criança?

— Isso prefiro não dizer — respondeu, a sentir-se ruborizar.

— Ah, muito bem, está no seu direito, claro.

O presidente disse-lhe que estivesse à vontade para tirar alguns dias para descansar, se necessitasse, que eles lá se arranjariam sem ela, mas Margarida rejeitou a oferta.

Depois de ela sair, o presidente, percebendo a delicadeza da situação e preocupado com as repercussões na direcção, chamou André e fez-lhe a mesma pergunta, se havia algum problema entre ele e Margarida.

— Não, absolutamente nenhum — respondeu.

— Sabe que ela está grávida?

— Grávida? Não fazia ideia — disse, mas foi apanhado de surpresa pela pergunta e titubeou na resposta, o que confirmou as suspeitas do presidente.

— Pois, mas está, e sabe como as mulheres ficam sensíveis nestas fases.

— Sei.

— Temos de ser tolerantes.

— Sim.

— Tenha isso em atenção.

— Vou ter, não se preocupe.

— E a Sofia, como está?

— Está boa.

— Ótimo, ótimo. É uma excelente rapariga, a sua mulher, mande-lhe os meus cumprimentos.

— Mandarei — disse, muito embaraçado.

— E não se esqueça, temos de ser tolerantes.

— Não se preocupe, da minha parte não haverá problema nenhum.

André saiu do gabinete e o presidente suspirou, a pensar que problema já havia e não era pequeno, mas enfim, que lhe importava isso? Desde que se portassem bem e não deixassem as questões pessoais interferirem com o trabalho, era lá com eles. Em todo o caso, ficaria atento.

Sofia arranhou-se particularmente bem para quem ia trabalhar. Tanto que, ao entrar no escritório, Tomé estacou no corredor depois de ter passado pelo gabinete dela e resmungar o habitual bom dia sem se deter, e voltou atrás para confirmar que tivera uma visão.

— O que se passa, Sofia? — perguntou-lhe, em tom de sincera admiração.

Ela sorriu, compreendendo a que se referia, mas fez-se de desentendida.

— Como assim? Não se passa nada.

— Não me diga que é o seu aniversário! Não, não é, pois não?

— Não, doutor, não é.

— Está muito bonita hoje — elogiou-a, verdadeiramente espantado.

— Obrigada, doutor.

— Muito bonita, mesmo — acrescentou, quase pensativo, e lá foi à sua vida, corredor fora, a pensar que não dava à secretária a atenção que ela merecia. E, logo ali, Sofia ganhou um dia que já prometia ser glorioso antes deste episódio inédito.

Como por encantamento, o insuportável patrão transmutou-se, nessa manhã chamou-a ao gabinete quatro vezes e foi tão simpático que não o reconheceu. Uma revelação! Que o patrão era um mulherengo já ela sabia, que podia jogar com isso a seu favor nunca lhe ocorrera. *Sou tão ingénua*, censurou-se, desconcertada consigo mesma, e no entanto não desconhecia que os homens aparvalhavam com pouco. Bastava um vestido bonito, um decote mais ousado, o olho bem pintado, o batom adequado. Mas não se lembrara, não pensara nesse engenhoso recurso.

Pensar que aturava o mau-feitio do homem há tanto tempo e era tão fácil torná-lo simpático... Pois bem, doravante, teria isso em conta, haveria de surpreendê-lo todas as manhãs, até que o tivesse na palma da mão.

Ainda em casa, admirando-se ao espelho antes de sair, recebeu ter-se entusiasmado e exagerado. Acordara bem mais cedo do que o costume para poder tomar um banho demorado, passar um creme hidratante pelo corpo, maquilhar-se sem pressas, pintar as unhas de mãos e pés, ter tempo de sobra para escolher o vestido certo e as sandálias adequadas. Depois, vendo a sua imagem no espelho, teve dúvidas, mas sentiu-se orgulhosa do resultado e pensou que uma mulher nunca estava demasiado bonita em nenhuma circunstância. Por isso, decidiu não mudar nada.

Sofia esmerou-se porque ia encontrar-se com Bernardo ao fim da tarde, a seguir ao trabalho. Teve o cuidado de esperar que André saísse de casa antes de se vestir, para não levantar suspeitas e não ferir susceptibilidades. Embora continuasse a dizer a si própria que não havia nada de errado no seu comportamento, tomava as suas cautelas, começava a acumular segredos e sentia que vivia na clandestinidade. Mas também não podia negar que, não

obstante um pequeno peso na consciência, tudo aquilo era excitante.

Foi ao encontro de Bernardo no mesmo bar no terraço sobre a cidade e, tendo chegado antes dele, pediu um copo de vinho e aproximou-se do parapeito admirar a esplêndida vista. Enquanto esperava sentiu-se emocionada pelo ambiente que a rodeava. Parecia-lhe tudo tão romântico!

Já nervosa, consultou o relógio, receosa de que Bernardo não aparecesse. Fora o caminho todo a convencer-se de que iria tomar só uma bebida e conversar um bocadinho. Não tencionava trair o marido, definitivamente, mas agora um pressentimento fê-la voltar-se para trás e, ao vê-lo entrar e dirigir-se a ela, o seu coração disparou e a postura de indiferença que planeava com afínco perdeu-se totalmente num sorriso rendido.

O bocadinho que se permitira ficar a conversar com ele prolongou-se por duas horas, pois sentiu-se bem e não deu pelo tempo passar. Mas fez questão de não repetir a cena infeliz de se sobressaltar com a hora tardia e sair a correr como uma adolescente, deixando-o especado a vê-la fugir, como da primeira vez. Pelo contrário, saiu com ele e aceitou que lhe desse boleia até ao Metro.

Bernardo comparecera ao encontro sem intenções sérias, mais motivado pela curiosidade de ver onde aquilo o levava do que por sentir uma atracção irresistível. Não sentia, mas gostara de trocar mensagens com ela e, embora Sofia não soubesse, ajudara-o a atravessar uma das semanas mais duras e estonteantes de que tinha memória. Devia-lhe isso.

Porém, era em Pipa que pensava seriamente. De certa forma, o envolvimento com Sofia representava uma deliciosa resposta ao desprezo de Pipa, como se também ele pudesse ignorá-la e seguir a sua vida com indiferença. Quando Pipa lhe telefonou a pedir-lhe para ir falar com ela, pensou que iria só pela oportunidade de desfazer definitivamente a ilusão de que poderia voltar para ela e retomarem a vida onde a tinham deixado. Mas depois teve tempo para ponderar e o coração duro foi amolecendo, como sempre acontece se o amor prevalece. E ele pensava que a amava. Contudo, ver Sofia voltar-se e sorrir-lhe no preciso momento em que entrou no terraço do bar causou-lhe a agradável sensação de haver um magnetismo entre os dois, e enterneceu-se.

Foram sentar-se a uma mesa enquanto o sol se punha e, novamente, apreciaram a companhia um do outro nessa hora especial em que o céu se matizava de cores fascinantes. Sofia falou muito da sua vida e ele achou-a bastante mais descontraída do que no primeiro encontro. E, talvez porque se arranjava para ele e porque ficou encantado com ela assim que a viu, também a achou mais bonita. Disseram piadas tontas e riram-se com gosto. Era fácil perceber que se entendiam perfeitamente e que se sentiam felizes juntos. Embora ainda se conhecessem mal, conversaram com a familiaridade das pessoas íntimas.

Bernardo atravessava uma época particularmente difícil por todas as

razões, mas, naquelas duas horas com Sofia, aconteceu-lhe essa coisa espantosa de se esquecer de todos os problemas que o atormentavam. Estava fascinado com ela e isso distraiu-o.

Foi completamente apanhado de surpresa, pois não contava gostar tanto de voltar a encontrar-se com Sofia. Enquanto ela falava, deu consigo a pensar que estava a viver um desses momentos marcantes que nunca mais esqueceria e, provavelmente, haveria de recordar muitas vezes, tocado pela nostalgia.

Depois, no carro, despediu-se com pena de a deixar, mas ela sentiu o mesmo e prolongou a despedida já de porta aberta. Não combinaram nada, não ficava a certeza de que voltaria a vê-la, porém, quando ela ia finalmente a sair, não se conteve, segurou-lhe a mão, chamou-a pelo seu nome. Sofia voltou-se e ele viu-lhe uma expressão ao mesmo tempo apreensiva e rendida, como que a dizer que precisava de largá-la e deixá-la ir, pois não seria capaz de resistir-lhe. Teve um segundo para ponderar a gravidade desse momento decisivo, mas também não lhe resistiu e puxou-a para si num abraço terno e beijou-a.

O primeiro pensamento de Bernardo ao acordar de manhã foi que tinha feito asneira, e acompanhou esse pensamento com uma careta de arrependimento. A noite era sempre propícia aos erros sem culpa, a deixar-se ir sem as frias ponderações do dia, porque se sentia descontraído e envolvido pelo ambiente favorável, porque bebera um copo a mais, porque era tudo romântico e a vida inteira se concentrava nessas escassas horas de emoções inconsequentes, porque... ele sabia lá porquê! Mas na manhã seguinte, com a cabeça desanuviada, já não lhe parecia nada tão bonito e os sentimentos românticos foram substituídos pelo peso da responsabilidade, ou pela ameaça do compromisso.

Enquanto tomava duche, pensou, desconsolado, que, mesmo estando mergulhado no caos, era possível complicar ainda mais a vida. Recordou o beijo de despedida que fizera Sofia demorar-se nos seus braços e censurou-se, aquilo tinha sido muito mais do que um simples beijo.

Sofia passou a noite em claro. O marido dormia ao seu lado e ela perguntava-se como fora capaz de se envolver com Bernardo. Pensou, contristada, que André não merecia a traição dela. Sentia-se tão culpada que só lhe apetecia acordá-lo, contar-lhe tudo, pedir-lhe desculpa. O que, evidentemente, não fez, porque teve a clarividência de concluir que aliviar o sentimento de culpa com uma atitude emocional em nada contribuiria para salvar o casamento. Ele não ficaria agradecido por lhe confessar uma traição. Devia ser racional e ponderar o que fazer sem precipitações.

Claro que não estaria tão aflita e arrependida se soubesse que o marido também não dormia tranquilo. André sentia-se à beira do precipício porque começava a interiorizar que a sua situação era insustentável. Como poderia viver descansado sabendo que Margarida carregava um filho dele que nasceria em breve? Quanto tempo poderia conviver com ela na empresa, ignorando o assunto? Como poderia manter um segredo daquela dimensão?

Estava em pânico, desorientado, desesperado por não perder Sofia, mas ciente de que não era correcto abandonar Margarida com um filho seu. Se o fizesse, a criança não teria o nome dele e cresceria como órfã de pai. E a André, que nunca fora de fugir às responsabilidades, pesava-lhe muito estar a esquivar-se à maior obrigação com que alguma vez se confrontara, a de assumir um filho. No entanto, já lhe passara pela cabeça que Margarida o tivesse enganado com a armadilha da gravidez para lhe destruir o casamento e o convencer a ficar com ela; ou até que o bebé não fosse seu, já que ela lhe garantira que tomava a pílula e nunca falhava.

Tinha momentos de puro alheamento, pois desejava tanto livrar-se daquele aperto que se convenciu de que estava tudo bem, porque Margarida saberia tomar conta da criança sozinha e não lhe faltaria nada, nem amor, nem

comodidade. Ela seria uma excelente mãe, sem dúvida. Então, para quê dramatizar a situação? E esta era a melhor versão dos seus pensamentos, ou pelo menos a mais tranquilizadora.

Na manhã seguinte, Sofia não fez praticamente nada no escritório. Calhou bem Tomé estar para fora em trabalho e deixá-la em paz com as suas reflexões. Sentia a cabeça a andar à roda com a sensação de que o mundo se desmoronava perante a sua impotência. Pensava em Bernardo e a recordação da noite anterior aquecia-lhe a alma, fazia-a corar de felicidade e prazer, mas logo se lembrava de André e a culpa arrefecia-lhe a alegria da fantasia do romance ilegítimo.

Duvidava que pudesse ser feliz passando por cima do sofrimento de André, embora também soubesse que não seria feliz com ele se se apaixonasse por Bernardo. Para já era só um entusiasmo, dizia a si própria, mas, se não se afastasse depressa, mudaria tudo. Era preciso recuar, mas não tinha vontade de fazê-lo. Ah, em que confusão se fora meter.

Levantou-se e foi à copa beber água. Já no corredor, voltou atrás para ir buscar o telemóvel esquecido na secretária, porque queria tê-lo à mão para a possibilidade de Bernardo lhe telefonar. Serviu-se de água, bebeu devagar, parou de beber de repente, assaltada pelo pensamento de que estava a ser tonta. Tinha de ser realista, pensou, não o conhecia verdadeiramente e nada lhe garantia que ele a quisesse para além de uma noite bem passada.

Não lhe passava despercebido o silêncio dele. A manhã aproximava-se do fim e nem um telefonema, nem uma mensagem. Bernardo remetia-se a um silêncio que dizia muito. Pronto, era isso, pensou, ele afastava-se, tornando bem claras as suas intenções.

De certa forma, foi um alívio, gostava dele, mas, convenhamos, tinha sido só um arrebatamento, não devia levar muito a sério a noite anterior. Com efeito, até seria bom se ele não voltasse a contactá-la, deixasse o tempo correr e cada um retomasse a sua vida. Assim, ela poderia esquecer o assunto e voltar simplesmente à sua rotina. Mas, se este era um pensamento bem-vindo que lhe transmitia segurança, por que se sentiu magoada e furiosa logo a seguir?

Voltou a sentar-se à secretária, ensimesmada. Teria sido enganada pelo charme de Bernardo? Ter-se-ia deixado encantar pelo poder de atracção dele e caído numa armadilha? Que estúpida, deixar-se enrolar assim!

Pegou no telemóvel e escreveu-lhe uma mensagem de raiva. Disse-lhe que a noite passada fora um erro, um disparate, não se poderia repetir. Ele que a desculpasse, mas amava o marido. Pediu-lhe para não voltar a contactá-la. Enviou a mensagem. *Toma lá*, pensou. E logo a seguir arrependeu-se.

Entrou em casa e foi directo ao móvel da sala onde guardava as garrafas. Serviu-se de um uísque e bebeu de um trago todo o conteúdo do copo. Depois deitou uma segunda dose e foi sentar-se no sofá a beber mais devagar. Bernardo observou o copo e pensou que estava a tornar-se um hábito beber quando chegava a casa e, não raras vezes, já o fizera antes de chegar.

Acendeu o candeeiro na mesa de apoio ao lado do sofá e deitou um olhar de relance pela vasta sala vazia. Era um espaço belíssimo, com uma decoração digna das páginas de revista, luxuosa, confortável, muito agradável mesmo, e também bastante impessoal. Não havia ali nada dele, nem um único pormenor que pudesse dizer que fosse de sua iniciativa. Devia-o à sua amiga decoradora, a quem destinara um generoso orçamento com a missão de encher a sala e o resto do apartamento de mobília, quadros, tapetes, enfim, que o tornasse maravilhosamente habitável. Ocorreu-lhe que se vivesse num hotel de luxo não seria muito diferente.

Era uma casa muito melhor do que a da infância, onde partilhava o quarto com o irmão, enquanto a irmã, por ser a única rapariga, tinha direito a um quarto só para ela. Apesar de viver sozinho, agora, era dono de um apartamento três vezes maior do que o dos pais. Mas a grande diferença é que a casa dos pais, com todos os seus apontamentos típicos de uma família remediada da classe média, repleta de pormenores de gosto duvidoso, ou, melhor dizendo, de total ausência de gosto, com as suas paredes sobrelotadas com molduras vulgares e velhas fotografias descoloridas, as suas mesas cobertas de toalhas de renda feitas à mão e com mais molduras com mais fotografias gastas em cima, os sofás desgastados e as cómodas escuras e pesadas, o papel de parede castanho fora de moda há vinte anos, a tinta lascada das janelas e das portadas, os velhos armários da cozinha degradados e pouco funcionais, essa casa modesta e deselegante era, contudo, vivida, reflectia décadas da vida de duas pessoas: os pais dele.

Já moravam ali quando o irmão mais velho de Bernardo nascera e lá continuaram depois de os três filhos se terem tornado adultos e terem saído de casa. A mãe, obcecada pelas limpezas, era no entanto incapaz de notar a deterioração do seu lar. O pai, reformado de uma vida dedicada à burocracia num departamento do Ministério das Finanças, não ligava a essas coisas, não tinha sensibilidade, tanto lhe dava se o sofá estava ruçado, encovado, bom para ir para o lixo. De qualquer modo, só se sentava no seu cadeirão de couro preferido, onde via as notícias na televisão, e era quanto lhe bastava.

E não era por falta de dinheiro que o pai não comprava uma peça de roupa nova há cinco anos, ou não mudava de carro há dez, pois, desde que Bernardo se lembrava, ele não gastava um euro para além das despesas do mês escrupulosamente ponderadas e apontadas a lápis em caderninhos que ia acumulando, tal como guardava há anos todas as facturas com a absurda preocupação de estar preparado para uma inspecção de surpresa das finanças.

Sendo um homem do Ministério, dizia, não podia arriscar-se ao vexame de ser apanhado desprevenido.

Os filhos insistiam para que gastassem a remodelar a casa parte das suas bastas poupanças, investidas e reinvestidas em aplicações sem risco ao longo de uma vida parcimoniosa. Diziam-lhes que fizessem obras, comprassem sofás novos, mudassem a cozinha, ao que a mãe respondia para quê, se estavam bem assim. Se sugeriam ao pai que trocasse de carro, ele encolhia os ombros e dizia que aquele que tinha funcionava muito bem. Se os incentivavam a fazer uma viagem a Paris ou um cruzeiro pelas ilhas gregas, respondiam que os tempos não estavam para viagens e o dinheiro podia fazer-lhes falta para alguma urgência. Não obstante, a conta bancária deles daria para uma urgência e muito mais.

Eram pessoas de poucas necessidades e tinham horror a quebrar a sua insignificante rotina. A mãe dedicava-se às tarefas domésticas e o pai vivia para os seus papéis, as suas contas, que conferia e voltava a conferir, fruto de uma rigorosa mentalidade de burocrata, da qual não queria, nem conseguiria, libertar-se.

O espírito tacanho do pai, a sua aversão ao risco e a ausência de ambição, que se reflectira na adolescência dos filhos, fora determinante na formação de Bernardo. O irmão parecia-lhe uma cópia do pai em mais novo, igualmente funcionário público, casado com uma oficial de justiça, avesso ao desperdício e ao luxo; a irmã casara com um comerciante, dono de uma loja de electrodomésticos, e ocupava-se das tarefas domésticas e dos filhos, tal como a mãe. Ao contrário deles, Bernardo metera na cabeça desde muito jovem que haveria de ser radicalmente diferente dos pais, bem sucedido e extremamente rico, não tanto pelo dinheiro mas pela necessidade de esmagar a insignificância dos pais.

Não os compreendia, desde que os deixara para ir à sua vida só voltava a casa nas épocas festivas. De resto, despachava o contacto familiar por telefone, quase como uma obrigação. Sentia a simplicidade dos pais como uma humilhação. A falta de ambição dos irmãos incomodava-o, não percebia como podiam ser felizes com pouco.

Depois de inaugurar a casa, convidara os pais, os irmãos, os cunhados e os sobrinhos para jantar. Pretendia que fosse um gesto simpático, reuni-los todos na sua nova morada, não permitir que se sentissem excluídos da vida dele.

A reacção foi algo fria. Os irmãos e os cunhados achavam que Bernardo se considerava superior só porque enriquecera e levavam a mal que tivesse vergonha da família. Apercebiam-se de que nunca os convidava ao mesmo tempo que os seus amigos porque não queria misturas. Ao contrário, os pais, benevolentes, não o criticavam, desculpavam-no quando os outros começavam a dizer mal das atitudes dele.

Fez-lhes uma visita guiada pelo apartamento. O pai ficou-se pelo corredor,

donde foi espreitando desinteressadamente para as divisões que Bernardo ia mostrando. A mãe lá foi dizendo que era tudo muito bonito, mas depois, quando se sentaram à mesa para jantar, perguntou com uma sinceridade desconcertante para que queria ele aquilo tudo, uma casa tão grande que até metia medo uma pessoa estar lá sozinha. Se ao menos não se tivesse divorciado, comentou com mágoa, como se Pipa e as crianças fossem invisíveis ou não estivessem ali. A mãe adorava Ana, a ex-mulher de Bernardo, e nunca aceitara a separação deles. Era um pecado, dizia, e nas poucas vezes em que estivera com Pipa fizera questão de tratá-la como uma intrusa. Embora soubesse perfeitamente que ela não tinha qualquer responsabilidade no divórcio do filho, brindava-a sempre com estas inconveniências que gelavam a sala e o faziam perder as estribeiras.

— Mãe — disse —, eu não vivo sozinho, vivo com a Pipa e os filhos dela. E o meu filho, seu neto, Eduardo, também está cá muitas vezes.

— Pois, mas fizeste mal, porque o casamento é um compromisso para toda a vida.

— Mãe!

— É um pecado e eu sofro muito com isso.

— Pára lá de dizer disparates — interveio o pai, mesmo a tempo de refrear a vontade de Pipa de se atirar à bruxa má, como ela se referia à mãe de Bernardo, nas suas costas.

A mãe fora assim toda a vida, recorrendo à chantagem psicológica, fazendo-se de vítima para sequestrar o amor dos filhos e poder meter-se na vida deles. O pai era o oposto, a indiferença em pessoa, de um estoicismo notável, incapaz de expressar um sentimento, de um carinho, de um louvor.

Na infância, Bernardo fora incomparavelmente mais afectado pela negligência sentimental do pai do que pela veia manipuladora da mãe. Doía-lhe muito o desprezo do pai pelos seus esforços para o impressionar com os bons resultados escolares ou outros sucessos dignos de um elogio.

Bernardo sorriu com a recordação das palavras da mãe, pensou que ela é que tivera razão quando lhe perguntara de que lhe servia uma casa tão grande se estava sozinho. Sentia-se só a lutar contra o mundo. Não podia contar com ninguém.

Apercebia-se agora de que, na sua obsessão de se tornar rico e poderoso, se metera por atalhos perigosos. Fora demasiado ambicioso e egoísta, quisera que a empresa crescesse demasiado depressa, gastara excessivamente, levava uma vida de rico que não podia pagar, isolara-se, desfizera-se da família, de todas as pessoas que pudessem atrapalhar a sua ascensão meteórica.

Pensara que tinha tudo controlado e que Pipa, com o seu restaurante da moda, o ajudaria a transmitir uma imagem de sucesso e a angariar novos e lucrativos negócios. Mas a realidade nunca era tão certa como os planos que se faziam e, de um momento para o outro, uma pessoa podia descarrilar. E quando se via obrigada a recorrer a expedientes para corrigir o que corria mal, perdia a iniciativa e começava a correr atrás dos problemas, tentando resolver um e outro e outro e outro, numa sequência infernal, até já não ser possível recuperar.

Era isto que lhe estava a acontecer. Tomava consciência de que os problemas que enfrentava agora não eram obra do azar, não havia nenhuma maldição a abater-se sobre ele, mas antes uma sequência de opções erradas que culminara no desastre iminente.

Que fazer? Deu um gole de uísque enquanto pesava as suas possibilidades. Bem, não tinha outra alternativa senão a fuga para a frente. Procurou animar-se com o pensamento de que ainda poderia salvar a empresa com o contrato que iria assinar em breve.

Nessa noite, passara no restaurante, tal como combinara com Pipa, mas tivera um mau pressentimento logo à chegada. Ao entrar, lançou um olhar de relance pela sala à procura dela. Localizou-a sentada a uma mesa em animada conversa com um tipo que reconheceu por ser um advogado famoso. Aquilo não lhe caiu bem, sentiu uma ferroadada de ciúme ao ver como ela se ria largamente do que o homem dizia. Em vez de ir ter com ela, pediu a um empregado que lhe fosse dizer que a esperava no bar. Pouco depois, Pipa foi ter com ele.

Embora tivesse sido ela a acabar a relação, Pipa culpava-o por tê-los conduzido a esse desfecho. Como estava furiosa com ele, fingia-se indiferente, como se, para ela, Bernardo não tivesse sido mais do que um breve caso sem importância. Nas suas escassas conversas, tratava-o com uma cortesia inusitada, ele achava isso de uma enorme insensibilidade, irritava-se com a frieza dela. Quanto mais não fosse, achava que devia estar agradecida por não a despedir e continuar a pagar o empréstimo do restaurante que lhe garantia a sobrevivência. Não obstante, ela manteve essa atitude e quase não

se falaram durante meses.

Nessa noite, porém, Pipa voltou a conceder-lhe a mesma simpatia de antigamente e, embora não tivesse chegado a propor nada de concreto, foi como se levantasse a barreira invisível que havia colocado entre eles, eliminando o afastamento que lhe tinha imposto. Seria um sinal de paz? Talvez, mas não aprofundaram o assunto tanto como deviam e Bernardo foi-se embora sem certeza de nada.

Estavam muito longe de se entenderem. Embora houvesse uma óbvia atracção entre eles, havia também uma falha de comunicação, porventura motivada pela percepção errada de que não precisavam de dizer tudo para que o outro compreendesse a mensagem. Mas as mensagens de Pipa não eram suficientemente claras para Bernardo.

Assim, Pipa falhava ao acreditar que ele absorvia todos os seus sentimentos e Bernardo errou totalmente ao pensar que bastava proporcionar-lhe uma vida segura e confortável para a fazer feliz. Ela já lhe provara que o luxo não a impedia de o deixar e regressar ao seu antigo e acanhado apartamento, mesmo correndo o risco de uma vida incerta. Agora, porém, parecia haver uma possibilidade de Pipa reconsiderar as decisões recentes e permitir uma reaproximação.

Bernardo perguntava-se o que a motivara a mudar de atitude. E como devia interpretar as suas variações de humor, ora indelicada e fria, ora simpática e terna? Conseguia ser imprevisível, tornava-se exasperante e, não obstante ele desejar acabar com os equívocos para que encontrassem o equilíbrio de uma relação normal e feliz, parecia não haver maneira de Pipa ficar satisfeita. Estes constantes percalços na relação iam fazendo moessa e, apesar da boa vontade dele, era cada vez mais difícil esquecer os incidentes e seguir em frente. Que diabo, pensava, não era perfeito, longe disso, mas ela não lhe facilitava a vida, o que o levava a duvidar que o amasse genuinamente.

Nessa noite, ao surpreendê-la em grande cumplicidade com o advogado, ficou com a impressão de que ela fizera de propósito para o chatear. Depois, Pipa foi atenciosa e até sedutora, mas já estava desconfiado e inquinado por um sentimento de repugnância pela falsidade que julgava apreender nos gestos dela, no tom de voz carinhoso, enfim, em toda a sua postura. Essa dualidade de comportamento, tão típica nela, desmoralizou-o.

Pipa não quis magoá-lo nem afastá-lo, antes pelo contrário, se lhe fazia ciúmes era para o provocar, para se tornar mais desejada. Ele não fez qualquer referência a Tomé, mas ela percebeu logo que o seu jogo de sedução surtira o efeito contrário e teve a perspicácia de recuar. Desistiu de lhe falar dos seus planos para os dois, certa de que, nessa noite, ele já não estaria receptivo.

Por que mudara Pipa? Não fora certamente por se sentir sozinha, pois a sua resiliência à solidão era bem mais forte do que a de Bernardo. Mas ela gostava dele e, passado tanto tempo, já não estava tão zangada quanto antes, a

irritação amainara e dera lugar a uma tolerância renovada e à saudade.

Continuava a culpá-lo por não se entenderem, mas também tinha consciência de que fora a sua insegurança e a sua ansiedade a levá-los ao impasse. Queria casar com Bernardo e ter um filho, mas ele tinha outras prioridades, que ela interpretava como displicência, e isso melindrava-a, pois confundia-as com falta de amor por ela. Ainda assim, estava disposta a tentar uma reaproximação.

Deixaram o balcão e foram sentar-se a uma mesa.

— Queres jantar? — perguntou Pipa.

— Não, obrigado, já jantei.

— É bom voltar a ver-te. Já tinha saudades tuas.

— O restaurante está a correr bem?

— Uns dias melhores, outros piores, mas no geral sim — respondeu, notando que ele não lhe retribuiu as palavras simpáticas que acabara de lhe dizer.

Foi uma conversa banal, sem grande intimidade, embora ela se esforçasse por agradar-lhe. Contou-lhe alguns incidentes curiosos que se tinham passado com clientes nos últimos tempos, Bernardo ouviu-a mais do que falou, não se esforçou muito para aprofundar nenhum assunto. Ficou só o tempo suficiente para não parecer indelicado, depois despediu-se com o pretexto de que teria de acordar cedo no dia seguinte.

O entusiasmo que Bernardo sentia quando chegou ao Papa Rica desvaneceu-se logo à entrada, o que demonstrava quão frágil podia ser o amor. A impressão que teve de que ela continuava a sua vida, descontraída e independente, foi frustrante. O desapego de Pipa numa altura em que a vida dele enfrentava dificuldades e precisava do apoio dela descoroçoou-o. Um pouco por isso e um pouco por não acreditar na sinceridade dela, ao deixar o restaurante, Bernardo entrou no carro e, antes de pôr o motor a funcionar, enviou uma mensagem a Sofia. Disse-lhe que queria muito voltar a vê-la. Foi um gesto irreflectido, porventura insensato e pouco sentido, mas naquele momento atenuou a sua frustração, compensando o que pensava ser a falsidade de Pipa.

A vida nunca é como planeada e isto é uma verdade tão evidente que até se torna uma banalidade dizê-lo. Bernardo, Pipa, Sofia e André tinham, todos eles, os seus pecados secretos, mas estavam convencidos de que tinham a situação controlada e os segredos fechados em segurança em caixinhas imaginárias que podiam ser tão só os seus pensamentos.

Até determinada altura, a ilusão de que não corriam qualquer risco oferecia-lhes a confiança e o incentivo para prevaricarem sem receio de que as suas acções conduzissem a resultados catastróficos. Porém, o que não antecipavam é que o problema estava neles próprios, nas suas consciências e no envolvimento com esses segredos que os iam enredando à medida que os aprofundavam.

Sofia só viu a mensagem de Bernardo no dia seguinte, porque desligava o telefone à noite para se acautelar de qualquer inconveniência comprometedora. De manhã, no escritório, não conseguiu concentrar-se no trabalho e foi repreendida por se ter enganado a preparar um documento. Já dera por terminado o caso com Bernardo e sentia-se dividida entre o alívio de se ter libertado do peso do remorso e a tristeza de não poder voltar a vê-lo. Agora, aquela mensagem tão concisa e pungente abalou a sua fraca determinação em esquecer o assunto.

Na realidade, não esquecera nada e passava muito tempo a pensar nele e no feitiço que lhe lançara. Embora tivesse ficado magoada por não a ter contactado depois da última noite em que estiveram juntos — nem sequer lhe respondera à mensagem a adverti-lo para que não o fizesse! —, a sua alma voltou a brilhar com a nova mensagem de Bernardo. No mesmo momento, esqueceu a amargura, alegrou-se, respondeu-lhe que sim, que iria encontrar-se com ele no sítio do costume. Ela, que inicialmente garantia a si própria que não se envolveria com Bernardo, já se referia ao local do encontro como o sítio do costume!

Mas ele lançara-lhe o convite irreflectidamente, mais por estar irritado com Pipa do que por ter vontade de revê-la, e quando ela lhe respondeu a aceitar o convite sentiu-se contrariado. Mas o que podia fazer, senão manter o convite? Assim, marcaram o encontro para esse mesmo dia, ao final da tarde, como habitualmente.

Sofia saiu do trabalho um pouco mais cedo, para ir a casa trocar de roupa e retocar a maquilhagem. Entrou, dirigiu-se para o quarto, abriu o armário e pasmou perante a inutilidade do seu guarda-roupa, que lhe pareceu desenhado e fora de moda. Havia dezenas de peças disponíveis, achou-as todas sem graça e inúteis para impressionar. Antes, pensou, podia vestir qualquer coisa que ficava sempre bem, agora olhava-se ao espelho e só via defeitos. O seu corpo já não lhe agradava tanto, constatava que já não estava tudo no seu lugar, firme e perfeito.

Não comprava roupa há muito tempo, tinha deixado de ir a festas com André e também não se preocupava muito em vestir-se para ele. Desleixara-se.

Pressionada pelas horas, desorientada e indecisa com o que haveria de vestir, começou a tirar a roupa dos cabides e a atirá-la para cima da cama. Frenética, esvaziou o armário. Depois, resolveu livrar-se do que era velho, ficar só com algumas peças mais recentes, deitar fora o resto. Retirou uma mala de baixo do armário para enchê-la com o que já não queria. Abriu-a, começou a colocar vestidos, calças, camisolas. Mas que fazia?! Parecia tonta, não tinha tempo para aquilo agora, não era o momento para fazer triagens. Acabou por escolher um vestido florido, deixou o quarto todo desarrumado, foi-se embora.

Encontraram-se à entrada do parque de estacionamento. Bernardo parou o carro para deixar Sofia entrar, arrancou e foi estacionar num dos pisos superiores do silo. Não saíram logo, porque um impulso sensual conduziu-os para os braços um do outro e beijaram-se sem pensar senão na vontade do momento. Era isso, um momento, como se fosse permitido fazer um parêntesis na vida normal para ter um momento especial. Sofia afastou o pensamento negro da traição. Bernardo beijou-a no pescoço e ela teve um arrepio de prazer, sentiu a tensão começar a abandoná-la, a ficar maravilhosamente vulnerável nas mãos que a percorriam. Deixou que ele a dominasse, que fosse dono do seu corpo. Uma mão afundou-se no seu cabelo, a outra acariciou-lhe os seios, desceu pela barriga, percorreu-lhe a perna, por baixo do vestido.

Aconteceu o que Sofia antecipara nos seus pensamentos mais secretos, porém, a realidade nunca era tão perfeita como a fantasia. A realidade era afectada por pequenas variações de humor, quase imperceptíveis, sinais que se liam numa palavra dita ou outra que ficava por dizer, num silêncio, numa expressão. Quando subiram à esplanada do bar no terraço do silo depois de saírem do carro, Sofia ia como que a pairar em leves passinhos de felicidade e, conquanto se estabelecesse entre eles um silêncio que tomou como de íntima cumplicidade, logo percebeu pelo comportamento de Bernardo que não se sentia tão feliz quanto ela.

Sentaram-se a uma mesa, pediram bebidas, sorriram, e Bernardo manteve-se irrepreensivelmente cortês e atencioso, mas ela teve a clara sensação de que ele só ainda ali estava por não ser capaz de lhe fazer a desfeita de se descartar dela depois de tê-la possuído.

Bernardo falou pouco e sorriu de um modo que lhe pareceu forçado e, quando o surpreendeu a olhar disfarçadamente para o relógio, pensou que não valia a pena continuarem a fingir que passavam um bom momento e disse que era tarde e precisava de se ir embora. Como que confirmando a sensação dela, Bernardo aquiesceu sem fazer o menor esforço para a convencer a ficar mais um pouco.

Os grandes segredos podiam, por vezes, ruir em virtude de um equívoco, e certamente que André carregava um segredo maior do que ele. A gravidez de Margarida impunha-se-lhe no espírito, perseguia-o a todas as horas. Era um problema sem saída, um martírio que não lhe dava descanso, não tinha um momento de serenidade desde o dia em que Margarida lhe anunciara essa fatalidade.

Ironicamente, enquanto ela se sentia feliz por esperar um filho, André sentia-se ameaçado. Ainda se perguntava como é que um simples caso sem importância ganhara tais proporções. Enfim, sem importância, achava ele, que não contava envolver-se com Margarida ao ponto de acabar com o casamento.

Graças a esse estado de espírito desesperado, André caiu num enorme equívoco ao chegar a casa. Sofia não estava e, no quarto, foi encontrar a roupa dela tirada para fora, o armário vazio, uma mala aberta com algumas peças lá dentro. Entrou em pânico, pensou que Sofia tinha descoberto tudo e se preparava para deixá-lo!

Numa situação normal, ele teria visto o quarto desarrumado, teria abanado a cabeça e pensado que Sofia tinha tido uma fúria de arrumações e virado o quarto do avesso; teria encolhido os ombros e dado meia volta sem pensar mais no assunto. Mas aquela não era uma situação normal e André não estava a pensar com muita objectividade, por isso, foi vítima de um erro de avaliação.

Sofia chegou pouco depois e encontrou-o sentado na cama com a cabeça entre as mãos. Também ela tinha os seus motivos para se preocupar e, ao vê-lo assim, ficou alarmada.

André ergueu os olhos, encarou-a derrotado.

— Como é que soubeste? — perguntou.

— Como é que soube o quê?

Ele teve um segundo para perceber o engano, ela não descobrira nada! Tarde demais, traíra-se. Faltou-lhe presença de espírito para inventar uma história de recurso. De qualquer modo, pensou que seria um alívio acabar com aquele tormento, contar a verdade e viver com as consequências. Por momentos, chegou a acreditar que a sinceridade e um sentido pedido de desculpas podiam fazer milagres. Sim, Sofia haveria de perdoá-lo e a relação deles sairia reforçada. E contou.

Ela escutou-o com a sensação de que nada daquilo era real. Estar ali, no quarto deles, a ouvir da boca do marido uma história de traição que representava o fim do seu casamento era difícil de acreditar. E no entanto era preciso aceitar a realidade.

— Como é que foste capaz de fazer uma coisa dessas?!

— Não sei, Sofia, aconteceu, simplesmente.

— Simplesmente?

— Sim, quer dizer, eu não me apaixonei por ela. É de ti que eu gosto.

Ela sentiu as pernas pouco seguras, sentou-se ao lado dele na cama.

— Foi um acidente, então?

— Isso, um acidente.

— André... — o seu tom era de censura, mas a voz falhou-lhe. Respirou fundo. — Não sei o que dizer. Estou chocada.

Ele virou-se para ela, procurou segurar-lhe as mãos, que ela retirou instintivamente, como se sentisse repulsa em tocar-lhe.

— Sofia... não imaginas como estou arrependido, como isto tem sido difícil para mim.

— Difícil para ti? — disse, parecendo que não percebia o que ele queria dizer.

— Sim, tenho vivido num tormento, queria contar-te, mas não sabia como, não queria magoar-te. Será que podes perdoar-me?

— Perdoar-te?

— Não agora, mas com o tempo. Eu posso resolver tudo. Prometo-te.

— André, ela está grávida. Como é que vais resolver isso?

— Isso não posso. Ela já decidiu que quer ter a criança. Mas eu não vou deixar que isso interfira na nossa vida.

Sofia encarou-o, incrédula.

— Tu não estás bom da cabeça! Como é que podes pensar que uma... uma enormidade dessas pode não interferir na nossa vida? Já interferiu!

— Agora, parece-te tudo terrível, é verdade, mas com o tempo haveremos de nos adaptar.

— Ah, adaptar! Essa é boa.

— Sofia, por favor, não tomes decisões de cabeça quente.

— Sabes o que diz esta cabeça quente?

— Hum?

— Esta cabeça quente diz-te que hoje vais dormir para a sala e que amanhã podes fazer a mala e ir-te embora desta casa.

Sofia não conseguiu dormir, passou a noite às voltas na cama. Estava chocada, sentia-se hipócrita mas estava sinceramente chocada. E furiosa, sentia-se mesmo enfurecida.

O que a incomodava sobremaneira era ter sido duplamente ingénua: com André e com Bernardo; e ter acabado por ser rejeitada por ambos. Pensou, irritada, nos escrúpulos que tivera em enganar o marido — apesar de o ter feito — sem imaginar que ele andava a fazer muito pior.

André garantira-lhe que, apesar da traição, não a queria perder, mas o seu envolvimento com Margarida já era uma clara rejeição. E tê-la engravidado — ainda que por acidente —, quando a obrigara a adiar tantas vezes o seu enorme desejo de ter um filho, magoava-a muito, humilhava-a.

Quanto mais pensava na infidelidade de André, menos a incomodava a culpa por lhe ter sido também infiel. Incomodava-a sim que o seu casamento acabasse de forma tão vulgar, tão imoral. Logo ela, que sempre se considerara a salvo dessas falhas de carácter que julgava ver noutros casais próximos, e se chocava quando sabia de divórcios que punham a nu vidas sórdidas e guerras mesquinhas alimentadas por ressentimentos doentios. Deitada com os olhos marejados, encolheu os ombros e resignou-se com esta fatalidade: *Afinal, também sou humana, sou igual aos outros.*

Fosse Sofia cínica e maquiavélica e teria visto na traição de André uma oportunidade. Era a desculpa perfeita para se livrar dele sem acatar com a responsabilidade do lar desfeito. Porque, honestamente, ela envolvera-se com Bernardo por já não ser feliz com André. Mas a sensação de que um capítulo importante da sua vida terminava em derrota pesava-lhe mais do que qualquer vantagem. Não lhe importava se era ele o culpado, porque no fim ficavam os dois a perder.

Ponderou contar a André os seus pecados com Bernardo. Estava zangada mas não o odiava e talvez assim o ajudasse a não se sentir tão mal. Dir-lhe-ia *deixa lá, estamos empatados*. Mas, pensando melhor, só iria piorar a situação. Nenhum homem, nem o mais infiel, reagia bem a uma traição, e ele pensaria que lhe contava a sua por vingança.

Nem sequer ficara com Bernardo e, se fosse o caso, não teria trocado André por outro, mas uma desilusão por outra. Sentiu-se usada por Bernardo. Afinal, ele não gostava dela, só queria sexo. Como pudera ser tão parva?

Na manhã seguinte, deixou-se ficar na cama à espera de que André saísse para o trabalho. Não queria falar com ele, nem sequer vê-lo. Antes de sair, foi espreitá-la ao quarto e ela fingiu que dormia. Depois, arranjou-se à pressa e deixou-lhe um bilhete a dizer que chegaria tarde e esperava não o encontrar quando voltasse à noite.

No Metro, a caminho do trabalho, sentiu-se cansada. A falta de sono e os acontecimentos da noite anterior deixaram-na irritadíssima e a pensar que tinha

pela frente um dia muito longo.

Enquanto Sofia entrava no Metro, Bernardo saiu de casa, desceu no elevador, saiu do prédio. Tinha o motorista à espera com a porta de trás do carro aberta. Entrou, seguiram para o escritório.

Ao contrário de Sofia, Bernardo não tivera dificuldade em adormecer e agora estava fresco e preparado para mais um dia desafiante. Quando o carro arrancou, fez os primeiros telefonemas da manhã e aproveitou para ler um documento que trazia na pasta. A certa altura, porém, distraiu-se com a recordação da noite anterior.

Lembrou-se dela e da despedida algo fria à saída do bar. Tinha sido pouco simpático, desiludira-a. Precisava fazer qualquer coisa para remediar isso, pensou, ela não merecia. Enviar-lhe-ia uma mensagem, flores, talvez um telefonema com palavras agradáveis que lhe sossegassem o espírito.

A semana correu cheia de problemas urgentes a reclamarem a sua atenção e foi adiando essa obrigação que impusera a si próprio. Pipa telefonou-lhe duas vezes, queria vê-lo novamente, combinar um jantar fora do restaurante para terem um momento a sós, sem interrupções. Acabou por concordar, mas a empresa a naufragar prendia-o todas as horas no escritório. Voltou a dormir noites curtas no sofá do gabinete, influenciado pela ilusão de que um comandante entrincheirado no seu forte podia defender-se melhor da adversidade. E era tal a obsessão com o trabalho e com a necessidade de salvar a empresa que se esqueceu de Pipa, de Sofia e até do próprio filho, com quem já não falava há muitos dias.

O telemóvel tocou de madrugada, Bernardo acordou sobressaltado. Um telefonema a meio da noite só podia significar más notícias. Tinha acabado por se deitar no sofá do gabinete e adormecer mais uma vez sem ir a casa. Deitou a mão ao aparelho e, antes de atender, viu que era um número desconhecido. Ainda pensou que fosse engano, mas assim que atendeu ouviu alguém perguntar-lhe se era com ele que falava.

— Sou eu, sim — resmungou com voz de sono.

— Peço desculpa por incomodá-lo, fala da polícia. Estou a ligar-lhe porque o seu filho esteve envolvido num acidente de automóvel.

Sentou-se de imediato.

— O meu filho?!

— Sim, foi ele que nos deu o seu número de telefone.

— O Eduardo?

— Exactamente.

— Ele está bem?

— Está, felizmente ninguém ficou ferido.

— Mas ele não ia com a mãe?

— Não, estava sozinho.

— Senhor agente, deve haver um engano, o meu filho tem quinze anos.

— Precisamente, por ser menor é que somos obrigado a chamar os pais.

— Mas, não estou a perceber, o Eduardo estava a guiar um carro?

— Estava.

— Mas ele não sabe guiar!

— Pois, de facto, segundo a brigada de trânsito que tomou conta da ocorrência, o seu filho estava a guiar com alguma dificuldade, mas era uma viatura com mudanças automáticas e, sabe como é, é só acelerar e travar. Foi-lhe efectuado o teste do álcool e acusou 1,14 gramas por litro de sangue.

Ficou ainda mais espantado.

— O meu filho não bebe, senhor agente.

— Pela nossa experiência, os filhos fazem muitas coisas que os pais ignoram — replicou o agente, num tom enfadado.

— Posso falar com ele?

— Poder, podia, mas ele está a dormir no nosso carro e receio que seja difícil acordá-lo. O seu filho está bastante alcoolizado e muito pouco coerente.

— Diga-me onde estão, que vou já para aí.

Encostou o carro a alguns metros do acidente na Avenida 24 de Julho.

Fechou a porta e aproximou-se a pé. O seu cérebro registou as luzes de um carro-patrolha que azulavam a noite, vidros no chão ao redor de um carro destruído, fumo branco a escapar-se por debaixo do capô, o poste de um candeeiro que parecia nascer do interior do motor, tombado na diagonal, sobre o tejadilho. Ficou impressionado com os estragos.

Dirigiu-se aos agentes que procuravam restabelecer alguma ordem naquele cenário de caos, identificou-se. Viu Eduardo sentado no banco de trás do carro-patrolha, já acordado. Os seus olhos parados, a expressão ausente, demonstravam o estado de confusão em que se encontrava. Perguntou-lhe se estava bem, ele olhou-o espantado, fez que sim com a cabeça.

Bernardo abanou a cabeça de um modo reprovador, avaliando a situação. Inacreditável, pensou, o seu filho despertara para a vida e decidira tornar-se adulto da pior maneira, fazendo as asneiras que os crescidos faziam quando eram infantilmente irresponsáveis e bebiam demais antes de irem conduzir e destruir um carro contra um poste de iluminação pública. O mais irónico é que Eduardo não iria perder a carta de condução, porque nem sequer tinha carta de condução!

Por momentos, teve aquele pensamento deprimente que o assaltava recorrentemente nos últimos tempos, de que quando a vida começava a correr mal as más notícias sucediam-se, como um comboio descontrolado que levava tudo à frente. O sentido de oportunidade do filho para arranjar problemas não podia ter sido pior. A vontade dele era agarrá-lo pelos colarinhos, arrancá-lo do carro da polícia e sacudi-lo enquanto lhe perguntava o que lhe passara pela cabeça para fazer tamanho disparate. Mas era evidente que Eduardo não conseguiria ter uma conversa coerente naquela altura. As explicações teriam de ficar para mais tarde, para o dia seguinte talvez.

Respirou fundo e procurou acalmar-se para não piorar as coisas. Um sentimento de culpa picou-lhe a consciência, penalizou-se por se sentir contrariado porque o filho lhe complicava a vida, como se o miúdo fosse um empecilho em vez de uma preocupação.

Precisava de se concentrar exclusivamente em Eduardo e no que fazer para o livrar daquela embrulhada.

Deixou-o em casa da mãe quase ao nascer do dia. Felizmente, conseguira demovê-la de ir ter com eles ao local do acidente. Não valia a pena, dissera-lhe ao telefone, tinham só de tratar de umas formalidades antes de saírem dali. Não fora assim tão simples, mas pelo menos evitara um massacre de comentários desaprovadores. Ela haveria de dar o seu melhor para o responsabilizar pelas asneiras do filho. Contudo, não se livrou dos seus telefonemas sucessivos, a perguntar o que se passava, por que não iam para casa, por que demoravam tanto tempo.

Ana abriu a porta e cruzou os braços, carrancuda.

— Estás bem? — perguntou.

— Estou — murmurou o miúdo.

— Vai-te deitar. — disse, deixando a pairar uma ameaça: — Amanhã falamos.

Eduardo passou por ela cabisbaixo. Bernardo suspirou, *agora nós*, pensou. Ela fulminou-o com um olhar furioso.

— Vês ao ponto a que chegámos? — atirou-lhe de chofre, sem lhe dar tempo de falar. — Espero que esta noite sirva para pensares muito seriamente no que andas a fazer em relação ao teu filho.

— O que é que eu fiz?

— Nada! É esse o problema, não fazes nada!

— Também não é assim, Ana.

— É exactamente assim. Há quanto tempo não o vias?

— Ana, tu não imaginas o que tem sido a minha vida.

— Ah, claro, estás demasiado ocupado para dares atenção ao teu filho.

— Mas eu dou, é só uma fase complicada. Logo que estabilizar, vais ver que terei todo o tempo para ele.

— Quando a tua vida estabilizar, é?

— Sim, tenho tido problemas graves na empresa, mas em breve terei tudo resolvido, prometo.

— E o meu carro, como ficou?

Bernardo fez uma cara pesarosa.

— Destruído.

— Bonito. Tens noção de que, se desses atenção ao Eduardo, isto não teria acontecido?

— Como assim?

— Bernardo, o miúdo passa a vida a perguntar por ti, a queixar-se de que nunca está contigo, de que não lhe telefonas. É óbvio que fez isto para chamar à atenção.

E era óbvio que Ana tinha razão. Prometeu-lhe que iria mudar, disse-lhe que teria uma conversa com Eduardo e que, a partir de então, estaria com ele pelo menos uma vez por semana. Voltou para casa deprimido, a sentir-se um pai desleixado, uma besta! Tinha mesmo de mudar a sua relação com o filho.

Sofia saiu de casa apressada, porque se atrasara por ter ficado na cama a fingir que dormia enquanto André não se ia embora. Foi em passo rápido até ao Metro, desceu as escadas, passou as cancelas automáticas, desceu outras escadas, mais a saltar do que a andar, correu para apanhar o comboio parado no cais de embarque, atirou-se lá para dentro já as portas se fechavam.

O comboio deu um safanão, pôs-se em movimento, ela deitou a mão a um varão metálico vertical para não perder o equilíbrio. Respirou fundo, procurando recuperar o fôlego, olhou em redor para se orientar, avançou cautelosamente pela carruagem, sentou-se ao lado de uma rapariga gótica vestida de preto, de olhos e unhas pintados da mesma cor, cara de zangada, e à frente de um homem muito gordo, enfiado num fato castanho demasiado pequeno e numa camisa branca, cujos botões ameaçavam saltar a qualquer momento. Deitou uma olhadela ao homem, as palavras *obesidade mórbida* vieram-lhe à cabeça. Ele examinou-a com excesso de atenção, detendo-se em especial nas pernas dela. Sofia baixou os olhos intimidada e as suas mãos esticaram instintivamente o vestido abaixo da curva dos joelhos.

Era uma fraca, contemporizadora, incapaz de fazer mal a uma mosca, pensou, irritada consigo própria. Outra mulher menos transigente teria perguntado ao homem para onde estava a olhar, só para o envergonhar e lhe tirar daquela cara sebosa de porco a expressão libidinosa que lhe deitava. Espreitou a rapariga gótica, aquela, provavelmente, teria insultado o homem.

Andava há uma vida a lutar para ser mais dura e inflexível e não deixar que as pessoas abusassem do seu bom feitio, mas era uma guerra perdida. Encolheu os ombros, tristemente, virou a cara para a janela. O comboio entrava na estação seguinte.

Uma memória derramada, de uma festa no dia mais importante da sua vida, surgiu-lhe em imagens esparsas, difusas, na verdade mais uma ideia geral do que propriamente uma recordação bem concreta. A representação cerebral de um facto distante, por mais feliz que fosse, assemelhava-se mais a instantâneos dispersos, como um conjunto de fotografias, do que a um filme com princípio, meio e fim. Porém, houve nesse dia um daqueles momentos que sabemos — ela soube — que ficam para toda a vida. Estranho ser assim, pois era o dia do seu casamento e aquilo foi só um pensamento negro, isolado, sem qualquer significado especial. E no entanto...

Estava sentada à mesa dos noivos muito depois do almoço tardio ter dado lugar à música e de ter inaugurado a pista de dança com uma valsa solene nos braços do pai. Era um estrado de madeira assentado sobre a relva dos jardins de uma quinta em Sintra que se alugava para festas e casamentos. Havia uma tenda e uma mesa comprida com o bolo dos noivos que, àquela hora, já estava um bocado escavacado, e muitas outras mesas redondas para os convidados.

Anoitecera, tocava a música da moda, os convidados dançavam com a

desinibição de quem já bebeu muito vinho e sabia-se lá mais o quê. Os homens, encalorados, tinham-se desembaraçado dos casacos e alargado as gravatas; as mulheres rodopiavam nos seus sapatos de salto alto, com os seus vestidos frescos e elegantes.

Sofia também dançara bastante e agora descansava rodeada de amigas, todas muito jovens ainda — embora nunca se tivesse a consciência perfeita do quão novo se era, senão muitos anos depois. Por um instante, alheou-se da tagarelice das raparigas, concentrou-se no seu marido — *marido* era uma palavra nova que passaria a usar e que a fazia feliz —, observou-o cheia de orgulho. Ele conversava com os amigos, gesticulando com um soberbo charuto preso entre os dedos. Pareceu-lhe tão seguro de si, tão... autónomo. Era uns bons anos mais velho do que ela e, nessa época, Sofia, ainda muito nova, sentia que ele já tinha bastante mais experiência de vida e sabia muitas mais coisas do que ela. Essa diferença de idades reflectia-se numa certa ascendência de André em relação a ela, o que não a incomodava verdadeiramente, até pelo contrário, transmitia-lhe segurança, sentia-se protegida, e isso era bom.

De qualquer modo, naquele momento, Sofia reparou que ele dominava a conversa na roda de amigos e que os outros o ouviam atentamente, sorriam e acenavam ao ritmo das suas palavras, dos seus gestos soberanos. Reconheceu a típica confiança dele, aquele carisma, a sua vocação para liderar e, de súbito, sentiu-se pequenina ao pé dele e receou que André acabasse por perceber que ela era uma fraude e não estava ao seu nível. Foi assaltada pelo pressentimento de que um dia haveria de se fartar dela e, bem, esse dia seria o fim do casamento.

Foi só um pensamento, uma insegurança momentânea que a abalou como uma ferroada e que afastou logo da cabeça, dizendo a si mesma que estava a ser tonta. Aquilo passou e não pensou mais no assunto, porém, haveria de se recordar desse instante de tempos a tempos nos anos vindouros, tal como agora, durante a viagem de Metro. A diferença é que André não lhe parecera nada confiante e sim desorientado e assustado. Enfim, pensou, de uma maneira ou de outra, o pressentimento acabara por se concretizar porque o casamento deles não seria *mesmo* para sempre.

O homem gordo não cabia no seu lugar e os joelhos dele tocariam nos dela se não se encolhesse toda para o evitar. Ele não tirava os olhos dela e a vontade de lhe gritar um insulto era enorme, mas o cérebro encarregava-se de bloquear o seu desejo de fazer uma cena. Sofia não era pessoa de fazer escândalos, de gritar com os outros, de se impor. Custava-lhe tanto ser assim, demasiado pacífica. Naquela altura odiava todos os homens e elegeu aquele abusador desprezível como o representante da espécie.

Seria muito simples gritar com ele, mas o homem não fizera nada senão ficar especado a olhar. Na verdade, mantinha-se de tal modo imóvel que Sofia se perguntou se seria capaz de se erguer do lugar quando tivesse de sair da

carruagem.

Vigiu-o pelo reflexo do vidro, sem o fitar. Sentiu-se irritadíssima com a falta de pudor dele, mas não teve qualquer reacção, receosa de parecer uma histérica desvairada.

Era tão fácil passar-se de culpado a vítima. Se André, a família, os amigos — alguém! —, soubessem da existência de Bernardo na vida dela, os pecados do marido seriam instantaneamente absolvidos, ou pelo menos desvalorizados. Ninguém quereria saber se o caso de Sofia com Bernardo fora breve, quase meteórico e insignificante. Afinal, André também argumentara que o seu caso com a colega não passara de um acidente sem importância, embora ele tivesse tido o azar — bem, Sofia ainda estava para ver se fora mesmo um azar — de tê-la engravidado.

O que gostava de saber, a sua dúvida mais persistente, era quando é que ele deixara de amá-la. Porque era disso que se tratava, não era? Não adiantava ele dizer que tinha sido um mero acidente de percurso, porque Sofia não acreditava. Também tivera o seu acidente de percurso com Bernardo, mas os acidentes não aconteciam se uma pessoa amava realmente, e Sofia só permitira um rombo na muralha porque o amor já fraquejava há muito tempo.

Tinha a certeza absoluta de que nunca teria havido algum Bernardo capaz de desassossegá-la se André não tivesse deixado de lhe dar atenção, se não se comportasse como se ela não existisse, se não ignorasse as suas necessidades.

O comboio chegou à estação onde Sofia sairia. Deslizou no banco, levantou-se, saiu sem olhar para o imbecil sentado. Esqueceu-se rapidamente dele, ensimesmada, estugando o passo para chegar a horas ao emprego.

André saiu de casa de manhã sem acordar Sofia. Ansiava por falar com ela, esperançoso de descobrir se o novo dia a faria ver a situação deles de uma perspectiva menos... dramática. Foi isso que pensou, que se Sofia ainda o amasse acabaria por perdó-lo.

Percebeu que, de momento, ela não queria conversar e, portanto, o mais sensato era não forçá-la. Se quisesse falar não fingiria que dormia, como, obviamente, estava a fazer. Para além de ter a certeza de que não conseguira pregar olho durante a noite inteira, não se lembrava de uma única vez em que ela se tivesse atrasado de manhã por se deixar dormir.

Sofia era, por definição, cumpridora e rotineira. Sofia não falhava uma obrigação. Sofia era correcta e educada — era preciso muito para se lhe ouvirem palavras rudes. Sofia era, genuinamente, uma pessoa boa. Preocupava-se com o marido, cuidava para que ele tivesse uma vida confortável. E fazia-o com prazer, porque o amava e gostava de lhe agradar. Sofia era a mulher que qualquer homem gostaria de ter, *e eu tinha-a e agora lixei tudo*, pensou.

Custava-lhe acreditar que estivesse naquela situação e voltava sempre à ideia de que talvez tivesse caído numa armadilha, mas depois afastava-a do pensamento, em parte por sentir que fora um idiota se realmente tivesse sido enganado, em parte por não querer ter sentimentos de repulsa em relação a Margarida.

A mente era um emaranhado de pensamentos condicionados pela experimentação do sucesso e da derrota, por recordações boas e más, por alegrias e ressentimentos. Nada que fosse considerado realmente importante se podia reduzir à sua expressão mais simples. Os ódios e os medos exacerbavam-se, tal como o amor e o deslumbramento. A simplicidade não servia a pertinácia de um sentimento perturbador, que era vivido hoje com uma intensidade desmesurada, embora, provavelmente, daqui a um ano o fosse com a insignificância das coisas pequenas. Uma ofensa podia ser desprezada, perdoada ou nunca ultrapassada. Da mesma forma, o arrependimento podia impedir a serenidade da alma.

O espírito humano era de uma complexidade rara e André não fugia à regra. Ele ponderava todas as hipóteses: Sofia acabaria por lhe dar uma nova oportunidade; pediria o divórcio e nunca o aceitaria de volta; Ele acabaria por se entender com Margarida e, quando desse por isso, tudo mudara e já teria uma nova família. E por aí fora, as possibilidades eram imensas.

Tinha as suas preferências hierarquizadas, evidentemente, mas, acima de tudo, não queria ficar sozinho, receava tanto a solidão que já estava a tornar-se calculista para a evitar. Mas ser calculista implicava fazer cedências de carácter, ser fraco ao ponto de, por exemplo, não querer confrontar Margarida com a suspeita de que ela não engravidara por acidente. Mas a cobardia também o incomodava tanto que poderia destruir qualquer tentativa de

conciliação com Margarida.

Por conseguinte, nada do que André perspectivava prometia um final feliz.

O mal estava feito, havia que ser prático, limitar os danos e, sobretudo, fazer o que estava certo. Agora, já não tinha nenhuma razão para não assumir a paternidade da criança. Ao menos isso, pensou, aliviado. Era um peso que lhe saía de cima. Nesse mesmo dia, foi directo ao gabinete de Margarida assim que chegou ao escritório.

— Conteí tudo à Sofia — disse-lhe. — O que se passou entre nós, que estás grávida, tudo.

— Contaste?!

— Conteí.

— Ela descobriu, foi?

— Não, eu é que lhe disse. — Não era mentira, pensou, apenas uma pequena imprecisão.

— Porque é que fizeste isso?

— Porque não podia continuar assim e a criança não podia deixar de ter pai. — Esta já era mentira, embora André soubesse que, de qualquer maneira, não seria capaz de esconder um segredo daquela dimensão durante muito tempo. Prova disso era ter confessado com tanta facilidade. Já agora, fazia boa figura perante Margarida. Ela não precisava de saber que ele revelara a verdade a Sofia involuntariamente.

— Nem acredito — disse ela. — Porque é que mudaste de ideias?

— Já te disse, não podia deixar-te sozinha com o bebé.

— Sim, mas, até agora, foi precisamente isso que disseste que iria acontecer.

— Mas pensei muito no assunto e não me sentia confortável com essa situação.

Ela fez que sim com a cabeça, lentamente, em silêncio.

— E ela?

— E ela o quê?

— Como é que ela reagiu?!

— O que é que achas?

— Pois...

— Reagiu mal, obviamente.

Margarida notou um ressentimento na voz dele.

— André, eu nunca quis...

— Nunca quiseste estragar-me a vida, eu sei.

— É verdade. Não era essa a minha intenção.

— Não interessa, agora também já não se pode voltar atrás.

— Vais-te separar?

André viu um brilho novo nos olhos dela, uma esperança.

— Não, quer dizer, não sei, logo se vê.

— Achas que consegues resolver as coisas com a Sofia?

Agora estás tu a fazer de boazinha, pensou ele, como se não quisesses que eu me separasse.

Abanou a cabeça.

— Ainda não sei nada.

O que Margarida daria para que André desistisse de Sofia! E o que André daria para nunca ter tido nada com Margarida. Nas últimas semanas, o ambiente entre os dois não tinha sido famoso, por assim dizer, mas ela era mestra em levar a água ao seu moinho.

Não desistira dele, longe disso, porque precisava de um pai para o seu bebé e desejava um homem na sua vida. Não suspirava de paixão por ninguém, não se sensibilizava por aí além com as emoções extremas do amor. A sua prioridade era ter um homem decente em casa, uma boa relação estável, enfim, uma família, com todas essas coisas normais que as famílias normais faziam.

Era uma pessoa prática com um projecto para concretizar e, se isso passava por se esquecer de tomar a pílula um ou outro dia, paciência. E, se implicava arruinar o casamento de André, também não iria sentir remorsos ou martirizar-se com o assunto. Não se considerava responsável pelas decisões dele. Não o obrigara a trair a mulher nem notava que se sentisse culpado quando se enfiava na cama com ela. Fizera as suas escolhas e agora teria de viver com as consequências, já era suficientemente crescido para saber no que se metia.

Margarida empenhara-se em fazê-lo sentir-se mal com as suas opções. Pressionara-o subtilmente, mostrando-se triste e desiludida, sendo agressiva no escritório, tendo praticamente cortado relações com ele, deixando de lhe falar e fulminando-o com olhares de desprezo. Mas, agora que André decidira *fazer o que estava certo*, ela podia alterar a sua atitude e ter alguma indulgência.

Contudo, não ia facilitar-lhe a vida. Não, André teria de se esforçar por ela, teria de reconquistá-la. Na verdade, fora ela que o conquistara na primeira vez, mas agora teria de ser diferente, teria de ser ele a seduzi-la. Não admitiria menos do que isso.

Por que haveria ele de querer ficar com ela? Bem, não havia nada que assustasse mais um homem casado do que a perspectiva de ficar sozinho. Quem tomaria conta dele? Quem trataria de lhe manter a vida organizada, quem impediria que esta se tornasse um caos? A casa arrumada, a roupa lavada, o jantar na mesa, eram tarefas demasiado complicadas para um homem só.

Margarida confiava que André começaria a pensar nisso. Ele já lhe confessara que não sabia fazer nada em casa, que era Sofia quem tratava de tudo, quem fazia as compras do supermercado e garantia que as contas eram

pagas dentro dos prazos. André era o tipo de homem dependente e incapaz de tratar de si próprio, uma nulidade em tarefas domésticas. Podia adaptar-se, claro, e até sair-se surpreendentemente bem, mas a adaptação levava tempo e Margarida acreditava que, entretanto, ele começaria a desesperar e a pensar que não precisava de viver assim quando a tinha disponível para o resgatar da calamidade.

Quanto pior ele estivesse, mais sentiria a solidão e mais pensaria que não havia necessidade de passar por essa provação. André nem um ovo estrelado sabia fazer e jantar fora sozinho todos os dias era deprimente. Então por que haveria de aguentar o pó a acumular-se, a roupa a empilhar-se e o frigorífico vazio? Por enquanto, ainda alimentaria a esperança de que Sofia o aceitasse de volta, mas Margarida tinha a certeza de que isso não aconteceria.

O *pecado* dele não era algo de compreensível e desculpável como ceder a uma tentação circunstancial, não se tratava de um caso insignificante que se pudesse esquecer e seguir em frente. André fizera a outra mulher o filho que não quisera ter com a sua legítima mulher. E isso Sofia não lhe desculparia.

Margarida confiava que, mais tarde ou mais cedo, ele haveria de aceitar que não iria recuperar Sofia e, nessa altura, virar-se-ia para ela. Era inevitável, só teria de tratá-lo bem e fazê-lo sentir que era bem-vindo em sua casa. Nem precisaria de pressioná-lo, o tempo encarregar-se-ia de conduzi-lo aos seus braços.

Foi isto que pensou quando André lhe foi contar, cabisbaixo, que confessara tudo a Sofia. Depois de ele sair do gabinete, ela sorriu. *Já és meu!* Ah, os homens eram como animaizinhos de estimação, muito queridos e manipuláveis.

Sofia saiu do cinema onde foi ver o mesmo filme pela quinta vez consecutiva. Odiava o filme — embora adorasse uma das músicas da banda sonora —, porque contava uma adorável história romântica de traição e redenção, sobre um casal aparentemente perfeito que se separava quando ele alcançava o sucesso e a trocava por outra para, no final, regressar arrependido e ser perdoado pela mulher tolerante e apaixonada. O final lamechas, de puxar a lágrima fácil, que os espectadores esperavam para irem de coração cheio para casa.

Ia ao cinema porque não queria ir para casa. Foi ver o mesmo filme todos os dias da semana porque tinha o final que desejava para si. E chorava porque, no seu caso, esse desfecho estava já descartado por ela, o que a fazia tremendamente infeliz.

No filme — note-se o apontamento machista da história — era o homem que enganava e a mulher que perdoava, mas o caso de Sofia não era bem assim. Ela seria capaz de ultrapassar a infidelidade de André, quanto mais não fosse por também se sentir culpada por ter estado com Bernardo. Porém, ele engravidara outra mulher e Sofia não conseguia lidar com isso.

Dizia a si própria que ele não o fizera de propósito, que fora um acidente, mas de nada lhe valia tentar ser racional. Sentia-se triste e perdida, e até poderia desculpá-lo, mas de nada serviria, pois já não sentia amor por ele. Era como se a sua alma se tivesse esvaziado de emoção. Pensava no seu marido como se fosse outro homem, um desconhecido que não lhe dizia nada. O André que ela amara não passava de uma recordação.

Se alguém que é tudo para nós nos desilude ao ponto de sentirmos que o nosso mundo desabou e nada será como dantes, o que podemos fazer? Era isto que se perguntava enquanto deambulava pelo centro comercial depois do cinema. E a única resposta razoável que lhe ocorria para esta perplexidade era que devia seguir em frente sozinha.

O telemóvel tocou na carteira. Levou uma eternidade a encontrá-lo e quando o tirou já ele se calara. Verificou as chamadas não atendidas, era Bernardo. Por instantes, teve a sensação de uma vertigem, o coração acelerou, as mãos tremeram, levou a mão ao rosto para limpar um suor súbito. Ficou irritada por ter esta reacção. Ele também a desiludira, mas agora estava a ligar-lhe e o entusiasmo renasceu nela.

Contudo, era algo que queria contrariar, o momento era inoportuno, precisava de se concentrar no seu problema e envolver-se com Bernardo mitigava a culpa do marido e mexia com a sua consciência. Era complicado, pois não queria fraquejar nem dar a si própria motivos para desculpar André. Mas, como a razão e a emoção raramente se conjugam, não resistiu ao impulso de retribuir a chamada.

— Olá. Ligaste-me? — disse, quando Bernardo atendeu.

— Olá! — exclamou ele, com uma alegria que a apanhou de surpresa e a deixou de pé atrás. — Queria saber de ti.

— Querias?

— Queria.

— Já passou algum tempo.

— Eu sei, a minha vida tem estado muito complicada, nem imaginas.

— Ah, pois... — disse, num tom a meio caminho entre o suspiro agastado e a ironia.

— É verdade, Sofia.

— Tudo bem, não tens de me dar explicações.

— Eu sei, mas não queria que ficasses a pensar que não me interesse por ti.

— E interessas-te?

— Interesse-me.

— Ah, está bem.

— Estás zangada comigo?

— Não, por que haveria de estar?

— Não sei, mas é o que parece.

— Mas não estou. Olha, Bernardo, tu tens a tua vida ocupada, eu tenho a minha, vamos ficar assim, está bem?

Ele demorou-se num silêncio surpreendido, depois respondeu-lhe com orgulho:

— Está bem, se é isso que queres.

Ela imaginou-o a encolher os ombros com indiferença.

— É isso que quero — confirmou, altiva.

E fecharam assim a conversa, com termos definitivos, mais ditados pelo ressentimento do que por uma animosidade real.

E Sofia, que lhe ligara com vontade de ouvir a voz dele e porque, no fundo, teria gostado que se entendessem, não obstante o comportamento distante de Bernardo depois de terem feito amor no carro, ficou espantada consigo própria e com a sua agressividade ao telefone.

Nem se reconheceu nessa atitude tão hostil que acabara de ter. Deixara-se levar pela cólera ao escutar-lhe palavras que desconfiava não serem sinceras. Ficou irritada por ele não a levar a sério e a tratar com uma leviandade diletante. Como é que se atrevia a telefonar-lhe tanto tempo depois e nem se dar ao trabalho de ter uma boa justificação?!

Dizer-lhe que andava demasiado ocupado para lhe falar mais cedo e, logo a seguir, acrescentar que se interessava por ela soou-lhe precisamente o contrário do que ele dizia. Porque, evidentemente, se se interessasse de facto, teria arranjado cinco minutos para lhe telefonar antes, por mais complicada que fosse a sua vida. Ela sabia que *nunca* havia problemas suficientes que impedissem uma pessoa de se aproximar de outra quando estava apaixonada.

Tretas!

Pensou que Bernardo lhe telefonou por telefonar e deu a primeira explicação que lhe veio à cabeça por não estar nada preocupado com a reacção dela.

Ele desligou o telemóvel, pousou-o em cima da secretária, olhou pela janela do gabinete, teve a sensação de que acabara de cometer um grande erro. Não antecipara uma reacção tão dura, porventura pecara por excesso de confiança, acreditando que Sofia estivesse tão dependente de umas migalhas de atenção que aceitasse qualquer coisa que lhe dissesse. Enganara-se.

Paradoxalmente, ao ser rechaçado, sentiu um novo respeito e admiração por ela. Até agora, não a levava muito a sério, mas aquele telefonema teve o efeito de uma epifania, na medida em que viu que Sofia era uma mulher maravilhosa e ele uma besta por não ter compreendido isso mais cedo e não lhe ter dado o devido valor. Acabara de atirar pela janela a oportunidade de conquistar uma mulher que o poderia fazer feliz. E essas oportunidades eram muito raras.

André estava sentado a uma mesa comprida onde se sentavam mais cinco colegas da direcção e, à cabeceira, o presidente. A reunião, ao final da tarde, já decorria há largos minutos, mas ele não escutara uma palavra do que se dissera.

Enquanto todos emitiam opiniões e ideias sobre um problema qualquer lançado à discussão pelo presidente, André observava aquilo tudo com um olhar ausente.

Nessa manhã, despedira-se de Margarida com um beijo terno e fora trabalhar. Mudara-se para casa dela havia três semanas, depois de muitas resistências e de vários meses em quartos de hotel, seguidos de um apartamento mobilado minúsculo, arrendado por um preço absurdamente alto. Por fim, rendera-se.

Não podia dizer que ela o tivesse pressionado. De facto, revelara-se compreensiva e encantadora durante esse tempo todo. Deixara-o à vontade para fazer as suas escolhas, sem exigências, sem fazer má cara, dando-lhe espaço para não se sentir obrigado a coisa nenhuma.

Se se demorara a decidir-se fora porque estava obcecado por Sofia e continuou sempre a cismar com a possibilidade de que ela claudicasse na sua determinação e acabasse por aceitá-lo de volta.

Meio ano passado sobre a separação, Sofia telefonou-lhe e propôs-lhe um encontro para conversarem. Combinaram tomar um café na pastelaria defronte do prédio onde ela continuava a morar. Passava por lá de carro amiúde, abrandava, espreitava para ver se via movimento na janela ou se calhava encontrá-la na rua. Nunca aconteceu. Mas agora ela queria falar e ele aceitou de imediato.

Chegou mais cedo, entrou, escolheu uma mesa junto à janela, pediu um café, ficou a olhar para a rua, impaciente. Viu-a sair do prédio. Chovia, Sofia abriu um chapéu-de-chuva e atravessou a rua. Observou-a enquanto se aproximava. Trazia uma gabardina por cima de uma blusa branca e de uma saia cinzenta. Pareceu-lhe mais bonita do que se lembrava. Inspirou fundo, nervoso. *Se soubesses as saudades que tenho.*

Levantou-se e fez-lhe sinal quando ela entrou e olhou em redor. Ajudou-a com o chapéu-de-chuva e com a gabardina. Sofia sentou-se, ficaram um momento a olhar-se, sorriram.

— Um café? — perguntou ele.

— Pode ser.

Chamou o empregado e pediu dois cafés.

— Também bebo outro — disse.

— Então...

— Então...

Disseram ao mesmo tempo. Riram-se.

— Como estás? — perguntou ele depois.

Ela revirou os olhos numa expressão divertida e encolheu os ombros.

— Estou bem — disse. — E tu?

— Também.

Sofia notou a ansiedade na tensão do rosto dele. André mexia-se na cadeira e esfregava as mãos, traindo o esforço para disfarçar o constrangimento que ainda o incomodava.

— Tinha saudades — declarou ele.

Ela sorriu, um sorriso amável, de cortesia, mas não lhe retribuiu o sentimento. Talvez não quisesse encorajá-lo, pensou André.

— Ainda estás magoada comigo? — perguntou-lhe.

— André...

— Tens motivos para isso, eu sei. Não imaginas como estou arrependido.

Sofia contemplou-o em silêncio, olhou para o lado, um olhar de relance para a sala, voltou a ele.

— Quando é que nasce o bebé?

— Daqui a três semanas.

— Está tudo a correr bem?

— Está.

— É rapaz ou rapariga?

— Rapaz.

— Rapaz, muito bem, parabéns!

— Obrigado.

— E já tem nome?

— Não, ainda estamos em negociações.

Sorriu, mas para ela era uma conversa difícil, parecia-lhe irreal estar ali a perguntar aquelas coisas ao seu marido, e cada resposta dele era como um murro no estômago. Só perguntava por delicadeza e porque a curiosidade era mais forte do que ela.

Foram interrompidos pelo empregado, que lhes trouxe os cafés. Sofia bebeu o seu sem açúcar.

— Eu não estou com ela, sabes?

— Não vives com ela?

— Não, não estou com ela, de todo.

Sofia abanou a cabeça, fazendo que sim, compreensiva.

— Por que não? — perguntou.

— Porque não é isso que quero.

— André, vais ter um filho dela, tens de cuidar dos dois — disse, conciliadora.

— E tomo, quer dizer, tenho-a acompanhado, mas não estamos juntos.

Falava num tom piedoso, quase a suplicar as boas-graças dela. Tão diferente da pessoa confiante e assertiva que ela conhecia. Pareceu-lhe estranhamente envelhecido, mais rugas, mais cãs, um homem cansado, abatido, que deitara tudo a perder e passava tempos difíceis. Via-se que não

estava feliz.

— Tenho pensado muito em ti, sabes? — disse ele.

— Eu também penso em ti, em nós dois. Tínhamos uma boa vida, não era?

— Era. E ainda podemos voltar a ter, se tu quiseses.

Ela abanou a cabeça.

— Depois de tudo o que aconteceu? — disse.

— Nunca me vais perdoar, pois não?

— Estás enganado, não estou zangada contigo. Eu percebi que foi um deslize — disse. — Que correu muito mal — acrescentou.

Ele soltou um suspiro.

— Foi isso mesmo.

— De qualquer forma, o que está feito está feito, agora temos de pensar no futuro.

— Foi por isso que quiseste falar comigo?

— Foi. Já não falamos há meses e ainda temos muitos assuntos pendentes por resolver.

Com efeito, na sua ânsia de recuperar a vida antiga junto de Sofia, não fizera nada que alterasse a estrutura que suportava essa vida, evitou sempre tomar decisões de carácter definitivo. Deixou ficar tudo como estava, não exigiu a partilha de bens, não retirou mobílias lá de casa, nem propôs que vendessem o apartamento ou que Sofia comprasse a metade dele.

— Temos de tomar decisões — disse ela.

— Que decisões?

— Sobre as nossas coisas. O que fazemos com o apartamento, por exemplo.

— Ah, isso, não há pressa.

— Sim, mas eu quero resolver esses assuntos.

— Pensei que quisesses falar de nós.

— Também.

— Então vamos falar de nós. Já pensaste na possibilidade de nos juntarmos outra vez?

— Já.

— E?...

— E eu quero o divórcio, André.

Agora era o presidente quem falava e todos se concentravam nas suas palavras como se escutassem um sábio que seguissem religiosamente. Não seria um sábio, mas era o patrão, o que lhe conferia o direito de ter quase sempre razão. André debruçou-se para a frente, apoiando os cotovelos na mesa, tal como os outros, e fingiu estar muito atento ao que dizia. Na realidade, não estava.

Desde a conversa com Sofia muita coisa mudara, mas André não conseguira encontrar a paz de espírito. Continuava a pensar nela obsessivamente. Só quem já passara por isso sabia como era doentio e desgastante, mas ele até então nunca passara. Dominava-o uma tristeza que lhe atrapalhava a vida, impedia-o de se concentrar no trabalho, de continuar a existir normalmente. Estava doente, sofria de amor!

Não obstante, a esperança de reatar com Sofia fenecera e quis recuperar o controlo. Era preciso reagir, esquecer, encontrar um rumo. Por isso, reaproximara-se de Margarida.

As antigas dúvidas sobre a lealdade de Margarida, sobre se ela lhe montara a armadilha da gravidez para lhe destruir o casamento e o conquistar, perderam importância. Que lhe interessava isso agora, se não tinha mais ninguém? Sofia abandonara-o, Margarida estendia-lhe a mão, abria-lhe os braços. Seria ele parvo ao ponto de criar um clima de suspeição e tornar impossível um futuro com Margarida? Não. Ela era de uma dedicação e de uma ternura apaixonada que o ia seduzindo e enredando com o seu amor.

Foi ficando a dormir em casa de Margarida uma ou duas vezes por semana. Ela comprou-lhe uma escova de dentes, um pente e uma máquina de barbear; lavava-lhe a roupa, arranjou-lhe uma gaveta para as camisas e espaço no armário do quarto para os seus fatos. Foi-se mudando para casa dela naturalmente e, a certa altura, já não fazia sentido continuar a arrendar o apartamento onde quase não ia. Mudou-se para o de Margarida, de uma vez por todas.

Entrou uma mensagem no telemóvel. O aparelho, no silêncio para não perturbar a reunião, iluminou-se. Leu a mensagem. Era de Margarida.

É agora. Vem!

André ergueu os olhos e algo na sua expressão assustada atraiu a atenção geral.

— Você está pálido, homem! Algum problema grave? — perguntou o presidente.

— Se me dá licença, tenho de sair — disse.

— Assim, a meio da reunião?

— Sim, é o meu filho, vai nascer.

— Oh, diabo! Vai ter um filho? Nem sabia que estava à espera.

— É a Margarida — explicou, atrapalhado.

— O bebé da Margarida é seu?!

André fez uma cara de culpado, assentiu com a cabeça.

— É só novidades — disse o presidente.

— Pois...

— Então vá, apresse-se para não chegar tarde demais. Há atrasos que as mulheres não perdoam.

A sala agitou-se entre risos e incentivos. André levantou-se e correu para a porta.

— Olha o telemóvel! — gritaram-lhe.

Voltou-se para atrás mesmo a tempo de apanhar o aparelho no ar, abriu a porta da sala de reuniões e correu para os elevadores.

Chegou a horas de assistir ao parto, por cesariana, mas só ao início, pois teve de ser retirado da sala quando começou a ficar lívido e prestes a desmaiar. O bebé nasceu saudável e sem precisar de cuidados de maior e as enfermeiras levaram-no para o quarto onde André já se encontrava com Margarida.

Ficou um pouco, mas ela precisava de dormir e retirou-se para a deixar descansar.

Não foi logo para casa. Meteu-se no carro e parou no primeiro bar que encontrou, no Campo Pequeno. Era um lugar barulhento e cheio de gente a falar aos gritos para se fazer ouvir por cima da música alta. Lembrou-se de que era sexta-feira, o seu filho nascera a uma sexta-feira e ele preparava-se para se embriagar sozinho, não sabia bem se para festejar, se para esquecer.

Sentou-se ao balcão, pediu uma bebida, bebeu-a em dois tragos, pediu mais uma, esvaziou-a num instantinho, pediu a terceira. Tinha a cabeça a andar à roda e não era só do álcool.

Ainda se perguntava como é que a vida podia mudar tão depressa. Pensou que ter um filho era uma experiência realmente emocionante, mas tê-lo com a mulher errada tornava essa experiência em algo muito estranho.

Uma hora antes, debruçado sobre a cama com o bebé deitado entre si e Margarida, tivera de fazer um grande esforço para representar o papel de companheiro apaixonado e não estragar o momento perfeito. Margarida observou deleitada o bebé, fazendo-lhe festas no cabelo escuro e ralo. Ergueu ligeiramente o pulso minúsculo do bebé adormecido, que tinha uma pulseira com etiqueta onde uma enfermeira escrevera o nome dela porque não soubera dizer-lhe o nome definitivo do bebé.

— Acho que não podemos adiar mais a escolha do nome — disse, divertida com a situação.

André riu-se, porque o assunto havia motivado longas conversas animadas e incluía a elaboração de listas de nomes sem nunca terem chegado a nenhuma conclusão. Mas, finalmente, escolheram duas hipóteses e combinaram que decidiriam quando o vissem, logo que nascesse.

- O que achas? — perguntou André.
- Não sei, tem cara de Tiago ou de Gonçalo?
- Hum, Gonçalo.
- Achas?
- Acho.
- Tens a certeza?
- Tenho.
- Então será Gonçalo.

Depois, Margarida, sonolenta devido ao efeito das drogas para as dores, fechou os olhos e adormeceu com um sorriso nos lábios. André ficou durante algum tempo a observá-los, perplexo. *Agora, esta é a minha nova realidade.*

Deitou o bebé no berço, tapou-o, deu um beijo na testa a Margarida, saiu.

Uma mulher jovem, que devia ter uns bons dez anos a menos que André, aproximou-se do balcão enquanto o empregado lhe servia a quarta bebida. Voltou-se para ela, era morena, de cabelo comprido, com feições agradáveis sem ser propriamente bonita.

— Também quer um? — perguntou-lhe, apontando para a garrafa de uísque na mão do empregado.

— Não, prefiro um *gin* tónico — respondeu ela.

— Mais um *gin* tónico, se faz favor — pediu e, quando o homem trouxe a bebida, André não a deixou pagar. Ergueu o seu copo e convidou-a para um brinde.

— É oferecida — disse. — Tive um filho hoje.

— A sério? Parabéns!

Esvaziou o copo, despediu-se, desceu do banco alto, precisou de um instante para se assegurar de que não perdia o equilíbrio e dirigiu-se para a saída, mantendo-se exageradamente direito enquanto caminhava com aquela consciência ébria de conseguir andar sem cambalear.

Já na rua, não foi capaz de se lembrar de onde estacionara o carro, nem se importou, havia ali uma praça de táxis, apanhou o primeiro da fila e foi para casa.

Acordou de manhã sobressaltado com o toque do telemóvel.

— Ainda estavas a dormir? — perguntou Margarida.

— Ainda. Que horas são?

— Quase meio-dia.

— Já?!

Sentou-se na cama de um salto e só então reparou que ainda estava vestido com a roupa da véspera.

A vida de André poderia ter ficado assim, novamente organizada, com uma mulher, um filho, uma nova família e um futuro, mas para que tudo isto funcionasse seria preciso que ele estivesse feliz e não se deixasse atormentar pela memória do passado que tivera e que deitara a perder.

Um espírito desequilibrado por pensamentos negativos conduzia ao desastre e, por mais que André quisesse ultrapassar o passado, este perseguiava-o.

Só se podia culpar a si próprio, era impossível acusar Sofia. O divórcio estava em marcha e não tinha argumentos para quebrar a determinação dela. De resto, por melhores argumentos que lhe ocorressem, Sofia evitava falar com ele, não lhe dando espaço para a convencer a desistir de fazer o que ela queria.

Sofia sabia que poderia não ser imune à pressão psicológica que André tentara iniciar quando lhe comunicara que pretendia divorciar-se dele. Se mantivesse uma via aberta para o diálogo, em breve ele estaria a bombardeá-la com pedidos de desculpa e declarações de arrependimento, por isso, não lhe atendia os telefonemas nem lhe respondia às mensagens.

O silêncio obstinado era a sua declaração piedosa e só essa atitude já era uma retaliação infame que o condenava ao inferno da saudade. Sofia recorria a uma condescendência dissimulada para o fazer pagar pela aleivosia que cometera, mas a vingança disfarçada de inocência, como se não o quisesse magoar intencionalmente, destroçava-o, era mais cruel e, por conseguinte, mais difícil de suportar do que se ela tivesse reagido com raiva, gritos, insultos, qualquer coisa menos o silêncio frustrante que o deixava impotente.

Embora Sofia tivesse dito a André que não lhe desejava mal e que o perdoava por tê-la enganado, isso não era de todo verdade. A verdade é que se sentiu chocada e revoltada até à náusea, não só por ele lhe ter sido infiel, mas por ter dado a Margarida o bebé que lhe devia ter dado a ela, por direito. Queria lá saber se fora um acidente! Só acontecera porque ele correria riscos, e com ela exigira sempre que fossem muito cuidadosos. Portanto, sentira-se profundamente ofendida e insuportavelmente triste.

Como não era uma alma violenta ou de se zangar com espalhafato — pelo contrário, engolia as desconsiderações, guardando durante muito tempo o ressentimento —, numa primeira reacção decidiu nunca mais falar com André. Era simples, não voltaria a dirigir-lhe a palavra. Porém, depois teve necessidade de se encontrar com ele para resolverem os assuntos pendentes. Permitiu-se essa concessão, mas apenas para ter a satisfação de lhe dizer na cara que queria o divórcio.

Perceber que André queria desesperadamente o seu perdão e uma segunda oportunidade só revigorou a determinação dela. Estava ofendida para a vida e, conquanto se fingisse compreensiva e benevolente, não o perdoaria jamais.

André passava os dias a desempenhar o penoso papel de homem feliz na companhia de Margarida. Esta sim, realizada e radiante da vida, assoberbava-o de atenções e carinhos que o oprimiam e o faziam desejar afastar-se para bem longe dela, desaparecer!

Mas André não podia desaparecer. Sentia-se encurralado porque a via no trabalho, ao almoço — Margarida insistia em almoçarem juntos — e depois em casa. Não tinha um momento seu e precisava de espaço. Para alívio dele, depois nasceu o bebé, ela tirou a licença de parto e passou a vê-la só de manhã e à noite. Considerou esse período bastante mais aceitável porque, além de não passar tanto tempo com Margarida, ela tratava da criança com uma dedicação quase obsessiva e, como estava distraída, deixava-o em paz. Sim, era isto que ele pensava.

Também Sofia se sentia a sufocar, mas porque trabalhava praticamente sozinha e voltava para casa e não tinha ninguém com quem falar. Nos primeiros tempos, depois da separação, procurou muito a mãe para desabafar. Não queria conversar com mais ninguém, pensava que a sua situação era demasiado humilhante para ser tema de lanchinhos com as amigas casadas e disponíveis para tagarelar e dar conselhos gratuitos. Talvez fosse um pouco injusta por ver as coisas assim, mas era como as via e a timidez impedia-a de recorrer às amigas. Nos últimos anos, dedicara-se demasiado ao casamento e acabara por se afastar da maior parte delas. *Olha o que isso me valeu!*

O problema de falar com a mãe é que ela era uma pragmática à moda antiga e aconselhou-a a fechar os olhos, perdoar para salvar o casamento e seguir em frente. Sofia ficou estarrecida, como é que a mãe concebia que ela se sujeitasse a uma situação impossível?!

— Vais ficar sozinha — avisou-a.

— Já estou sozinha, mãe — replicou ela, num tom cáustico.

— Pois estás, é isso que te estou a dizer, mas ainda podes conversar com o André e resolver as coisas com ele.

Conversavam na salinha de estar de casa da mãe, ela sentada a um canto do sofá maior, Sofia de pé, incapaz de ficar parada. Havia uma sala maior, que a mãe só abria quando recebia visitas. Normalmente, ficavam naquela, onde tinham a televisão e o sofá e os pequenos cadeirões puídos e confortáveis, e que era mais fácil de aquecer no Inverno.

— Mãe, ele vai ter um filho de outra mulher!

A exasperação gritante da filha não pareceu perturbar minimamente a mãe, que recorreu aos óculos de ver ao perto para verificar o ecrã do telemóvel que se iluminara no seu colo. Nada de especial, só a actualização da actividade no *Facebook*.

— Quanto a isso — disse, olhando distraidamente para o telemóvel — não podes fazer nada.

— Nem quanto a isso, nem quanto a nada. Pode ter a certeza de que o

André nunca mais me vai pôr a vista em cima.

A mãe tirou os óculos, deixou cair no colo a mão que os segurava, ergueu os olhos para ela.

— Filha, pensa bem — disse —, olha que não há muitos homens bons disponíveis por aí.

Sofia soltou uma gargalhada curta e seca.

— Como se André fosse um homem bom — disse, agastada.

— Os homens fazem estas asneiras — declarou a mãe, como que reconhecendo uma fatalidade inelutável nas fraquezas do espírito masculino.

Sofia voltou-se repentinamente e perscrutou a mãe, e ela devolveu-lhe uma expressão que queria dizer *eles são assim, que queres?* Por um segundo, pensou que a mãe se preparava para desenterrar alguma história tenebrosa sobre o pai, da qual preferia não tomar conhecimento, mas a mãe não acrescentou nada e Sofia abanou a cabeça para afastar da mente essa ideia chocante.

— Ah, os homens fazem estas asneiras, coitadinhos — reagiu. — E nós temos de engolir e calar, é isso?

— Não é isso que estou a dizer.

— Parece.

A mãe encolheu os ombros.

— Não me encolha os ombros. Eu é que tenho razão, não é ele!

— Não digo que não, não digo que não...

— Então?!

— Acalma-te, Sofia. O meu conselho é que ponderes tudo muito bem antes de tomares uma decisão.

— Não tenho feito eu outra coisa, senão ponderar.

— Então estás decidida, vais-te divorciar?

— Estou mais que decidida.

— Tu lá sabes.

— Mas seria bom saber que me apoiasse — resmungou.

— Terás sempre o meu apoio, minha filha — afirmou, embora Sofia ficasse com a impressão de que o dizia sem convicção.

— Ainda bem.

— Mas uma coisa é apoiar-te, seja qual for a tua opção, outra é dizer-te o que eu penso que é melhor para ti.

— Já percebi, para si, o que é melhor para mim é fechar os olhos à realidade.

— Perdoar, não esquecer, mas perdoar.

— Ah, eu perdoo tudo, mas o nosso casamento fica por aqui — declarou e, como estava prestes a explodir de indignação, deu a conversa por terminada, despediu-se, foi-se embora.

Quanto ao pai, sugeriu-lhe uma vez que, provavelmente, a culpa era dela, por trabalhar e desleixar o casamento. Note-se que o problema, segundo ele, não era a filha trabalhar muito, mas simplesmente trabalhar. Esta observação

apanhou-a de surpresa no final de um jantar em casa dos pais. Estavam ainda à mesa, na sala de jantar, a mãe já se levantara para ir arrumar a cozinha, apesar dos protestos deles.

Sofia desabafou sobre a sua situação difícil e o pai saiu-se com aquela. Ficou tão surpreendida que pensou ter interpretado mal o que ele dissera.

— Como assim, o problema é eu trabalhar?

— Olha a tua mãe, farta-se de trabalhar em casa e nunca lhe faltou nada.

Pois, com certeza, a mãe nunca tivera a oportunidade de estudar numa universidade e de fazer carreira. Mas não fora por falta de dinheiro.

Agitou-se na cadeira.

— Pai, estamos no século vinte e um, todas as mulheres trabalham.

— Talvez por isso a sociedade está como está.

Ela teve um sorriso de incredulidade.

— Mais evoluída? — sugeriu, cáustica.

— A evolução não se mede só pela tecnologia, quando eu tinha a tua idade não havia telemóveis nem computadores, mas os casamentos eram para a vida. Hoje em dia, toda a gente se divorcia por um pretexto qualquer.

— Pai, eu não me estou a divorciar por um pretexto fútil!

Ele não comentou directamente a afirmação da filha e continuou o seu discurso para explicar que o passado é que era bom.

— O problema é que os casais só pensam em trabalho e em ganhar dinheiro e, quando dão por isso, já se afastaram um do outro e se envolveram com outros, e depois lá vem o divórcio, que se tornou o remédio mais fácil para todos os males.

— Tem toda a razão — replicou —, os homens deviam ficar em casa a arrumar e a tratar dos filhos e as mulheres iam trabalhar. Seria tudo muito melhor.

Tiveram uma discussão feia e nunca mais falaram do assunto, nem valia a pena, porque o pai tinha oitenta e dois anos e opiniões firmes e independentes das evidências.

Passou a moderar as visitas aos pais. Não tinha irmãos e não era a primeira vez que notava a falta que lhe faziam.

Em pequena, a condição de filha única granjeara-lhe a exclusividade da atenção dos pais e isso fazia-a sentir-se no paraíso. Era uma menina mimosa, que gozava de uma tolerância dos adultos um pouco mais do que seria razoável. Porém, ela era uma alma introvertida e tranquila por natureza e um ou dois irmãos tê-la-iam ajudado a sacudir a timidez e a enfrentar mais facilmente as adolescentes esprevidadas que foi encontrar no liceu.

Com o tempo, foi conseguindo ganhar o seu espaço, a que não foram alheios uns olhos claros e um cabelo liso cortado pelos ombros que moldavam um rosto de boneca que atraía os rapazes rendidos e desejosos por lhe agradar. Sofia não demorou a descobrir maneiras de se aproveitar do efeito que provocava nos colegas.

Ser a favorita da turma irritava as raparigas que rivalizavam pela

popularidade e tentavam colocá-la de parte e gozá-la, mas ela compensava a inveja feminina aproximando-se mais dos rapazes e, com o passar dos anos, essa estratégia revelou-se proveitosa. As raparigas foram-se tornando mais simpáticas porque, afinal de contas, ela era um chamariz de rapazes e estes, quanto mais maduros e desembaraçados, mais se interessavam por ela.

Gostava de ser elogiada e desejada mas, hoje em dia, tinha a sensação de que já não sabia lidar com a atenção dos homens. A notícia da sua separação espalhara-se e os convites mais ou menos descarados de velhos conhecidos — alguns deles casados — começaram a surgir na caixa de mensagens do seu telemóvel ou da página do *Facebook*. Queriam sair com ela, apoiá-la, diziam uns, outros havia que, tendo dificuldade em compreender a sensibilidade feminina, lhe comunicavam sem rodeios que desejavam levá-la para a cama, despi-la, fazer-lhe isto e aquilo. Sofia, estupefacta, apagava-os da lista de amigos. Não havia um que lhe parecesse genuinamente interessado nela, senão pelo sexo e por umas horas bem passadas.

Bernardo era um caso diferente, porque parecia irromper pela sua vida nas formas mais inesperadas. Ele voltou a aparecer-lhe e, desta vez, foi a situação mais embaraçosa que se pudesse imaginar. O que aconteceu teve uma explicação inocente e perfeitamente justificada, o que não evitou que Sofia continuasse melindrada.

Duas semanas depois da primeira reunião no escritório do seu advogado, Bernardo continuava à espera da segunda reunião que lhe poderia salvar a empresa. O negócio não avançava e ele começava a desesperar. A empresa estava paralisada e precisava de pôr a máquina novamente a funcionar. Sem trabalho, os funcionários matavam o tempo no *Facebook* e a melhorar os seus recordes nos jogos de computador. Bernardo animava-os com a certeza de um novo contrato em breve, embora nada estivesse garantido.

Telefonava todos os dias ao advogado e pressionava-o para ele obter informações. Porque demoravam tanto a convocar nova reunião? Porque não se decidiam? Teriam desistido do negócio? O advogado ia saber, fazia uns telefonemas, investigava, mandavam-no esperar. E ligava de volta a Bernardo para o sossegar.

— Mandaram-nos esperar.

— Mas porque demoram tanto?

— Não sei, não me explicam isso, mas o negócio continua de pé.

— Muito bem, esperemos então.

No dia seguinte a mesma rotina, outra história.

— Ainda nada?

— Falei com eles, mudaram de advogado.

— Mudaram?

— Sim e agora este quer ler os dossiês, pôr-se a par dos assuntos, vai demorar mais um bocadinho.

— Não acredito nisto...

Alguns dias mais tarde, o advogado telefonou a Bernardo e comunicou-lhe que haveria uma reunião preliminar.

— O advogado deles, o novo, convidou-nos para irmos ao escritório dele.

— Para quê?

— Não sei ao certo, mas estive a ler o contrato e a ponderar aquelas arestas que eles queriam limar, certo?

— Sim, e então?

— E então ele quer acertar tudo connosco antes de dar luz verde ao seu cliente.

— Não há problema, desde que resolva o assunto de vez. É para quando?

— Amanhã, às dez da manhã, está bem para si?

— Nem que fosse às seis da manhã!

Nessa noite, Bernardo saiu tarde do escritório, embora não tivesse nada para fazer senão esperar impacientemente pelo dia seguinte. Dispensou o motorista, ficou com o carro e, movido por um impulso, decidiu ir ver Pipa ao restaurante. Já não falavam há uns dias e o último encontro tinha sido um fiasco.

Entre as dificuldades extremas na empresa, a espera interminável e outras

surpresas como a escapadela do filho com o carro da mãe, que acabara destruído, Bernardo não tivera descanso nas últimas semanas.

A sua vida desmoronava. Ainda assim, havia momentos em que pensava em Pipa, e também em Sofia. À primeira reservava um sentimento de perda quase irracional, dividido entre a saudade e a mágoa; pela segunda tinha uma ternura nova, dado que não a conhecia bem, mas acreditava que era mais verdadeira do que Pipa, esquiva e calculista. O que era verdadeiramente desmoralizador é que não tinha uma relação com nenhuma delas, senão as recordações que o entristeciam e o consciencializavam de como era frágil o amor.

O seu moral não estava, portanto, no melhor quando foi visitar Pipa sem avisá-la e, mais tarde, arrependeu-se e pensou que mais valia não ter ido.

Conseguiu estacionar mesmo à frente do restaurante e animou-se com o pensamento de que lhe apetecia mesmo rever Pipa. Não obstante todas as queixas que tinha dela — e já eram várias as pequenas e grandes desconsiderações que lhe suportara —, continuava a pensar que só por amor é que ultrapassara atitudes dela que nunca teria admitido a outra mulher. Por vezes, perguntava-se se Pipa compreendia isto ou se, pelo contrário, pensava que ele era um palerma nas suas mãos. Isso preocupava-o especialmente porque, se assim fosse, significava que ela não o respeitava nem o amava. Talvez pensasse que, no fim, conseguia sempre manipulá-lo, ou talvez andasse contrariada precisamente por não estar a ter sucesso nesse aspecto.

Numa relação, nenhuma das partes podia atingir a verdade absoluta, restando-lhes portanto a fé que depositavam uma na outra. A confiança era o crédito mais precioso que os amantes tinham para se manterem unidos e se falhava a relação acabava.

Revelar a Pipa semelhante cepticismo seria, portanto, uma demonstração de quebra de confiança. Bernardo nunca o fizera, pois, no fundo, acreditava que era um pensamento estúpido e não queria ser injusto com ela. E na verdade tê-lo-ia sido, porque, ao invés de o considerar um palerma, ela pensava que era demasiado independente e temia que acabasse por se fartar dela. Esta insegurança levava-a a provocar a ruptura.

Desde o início, Bernardo desejou que o dinheiro não tivesse influência na sua relação com Pipa, não concebia que ela gostasse dele por ser rico, por lhe dar presentes, por lhe financiar o restaurante e isso tudo. Porém, foi ele quem introduziu esse factor na relação ao gastar com ela mais dinheiro do que podia. Se não se tivesse querido exibir para a impressionar, não teria acabado por se sentir tão incomodado. Mas não fora nada comedido e, como também não fora sincero, ela nem sequer tinha consciência de que isso o perturbava e, sobretudo, de que estava falido.

O saldo do restaurante era positivo e conseguia facturar o suficiente para pagar as despesas e o empréstimo bancário ao fim do mês. Não estava a ganhar dinheiro porque depois de pagarem os ordenados e o resto não sobrava nada, mas pelo menos não perdia com o investimento.

Entrou no restaurante, seguiu pelo corredor ao longo do balcão da entrada, cumprimentou o empregado e parou no topo deste, que dava para a sala de jantar. Era uma boa noite, a casa estava cheia. Assim de repente, viu o presidente da câmara numa roda de engravatados e duas ou três estrelas da televisão espalhadas por diferentes mesas. Os empregados serpenteavam pelas mesas. Procurou Pipa, não a viu a ajudar os empregados. Talvez estivesse lá dentro, na cozinha. Encostou-se ao bar. O homem aproximou-se e perguntou-lhe se queria tomar alguma coisa, respondeu-lhe que não com um aceno de

cabeça. Perscrutou melhor a sala e afinal ela estava mesmo ali. Localizou-a sentada a uma mesa. Aquilo foi um choque, constrangedor. Ficou pálido, incapaz de dar um passo em frente, como se estivesse colado ao chão, coçou a cabeça. Hesitou uns intermináveis cinco segundos, embaraçado, procurando decidir o que fazer. Olhou em redor, o empregado do balcão voltara para trás e ocupava-se a secar copos com um pano, os outros andavam atarefados para cá e para lá, nem tinham dado pela sua presença. Deu meia volta e saiu apressado. Pipa, sentada de costas para a entrada, não chegou a vê-lo.

Quando é que um homem percebe que pode apaixonar-se por uma mulher? Bernardo reparou nisso ao reencontrar Sofia e ficar encantado por revê-la, ainda que tivesse acontecido inesperadamente e numa circunstância muito estranha. Mas ele começava a habituar-se a encontrá-la quando menos esperava.

Na véspera, tinha saído à pressa do Papa Rica, chocado e furioso com Pipa, decidido a desistir de se reaproximar dela. Para ele era o fim, não queria mais nada com ela.

Se não se tivesse precipitado a tirar conclusões, provavelmente teria percebido que aquilo não significava nada de especial, mas foi a segunda vez que deu com ela sentada à mesa do mesmo homem. Era certo que, na primeira vez ela tivera a infelicidade de aproveitar a situação para lhe fazer ciúmes e essa ideia irreflectida irritara-o profundamente. Pipa não fizera aquilo com a intenção de magoá-lo e arrependera-se de imediato. Porém, não lhe pediu desculpa, nem sequer se referiu ao assunto, optando por fingir que não se apercebera da irritação dele. Na altura, pensou que era melhor disfarçar e não dar importância ao incidente para não se embulhar em explicações atrapalhadas, que só iriam deixá-lo desconfiado e, assim, transformar um caso inócuo num verdadeiro problema. De resto, achou que não tinha obrigação de lhe dar satisfações e que ele esqueceria o assunto rapidamente.

Com efeito, Bernardo não valorizou tanto o episódio por a ter surpreendido com o homem, mas por ela ter usado o desconhecido para lhe fazer ciúmes. Porque, evidentemente, percebeu que era essa a intenção dela e em nenhum momento achou que Pipa estivesse mesmo interessada no outro. Dizer que a surpreendeu seria até um exagero, como se a tivesse apanhado em flagrante a fazer algo de errado, o que não fora, manifestamente, o caso.

Ficou chateado mas, tal como ela pensou, aquilo passou e não ficou a remoer o assunto. Afinal, ela recebia dezenas de pessoas no restaurante, algumas amigas, outras só conhecidas, outras ainda clientes habituais, era normalíssimo que conversasse com todas. O que fez soar o alarme na cabeça dele foi a repetição da cena. Já era demasiada dedicação a um cliente só.

Se não tivesse ficado incomodado com o comportamento dela na ocasião anterior não teria ligado nenhuma desta vez, mas assim a irritação voltou à superfície com um impacto exacerbado. Teve uma reacção mais emocional do que racional. O seu pensamento imediato foi que, agora, aquele tipo passava a vida no restaurante e Pipa sentava-se sempre à mesa dele. Era uma conclusão infundada que, a ser verdadeira, teria implicações óbvias, mas ele inferiu que aquilo acontecia todos os dias. Podia ter acontecido apenas duas vezes e, por azarada coincidência, ter calhado ele ter ido ao restaurante nessas duas noites. Ele não sabia, mas imaginou logo o pior.

Bem, a primeira parte confirmava-se: desde que se interessara por Pipa e, consequentemente, se empenhava em seduzi-la, Tomé jantava frequentemente

no restaurante. A segunda parte é que não, Pipa via que o advogado era um sedutor experiente e com muito charme e não pensava seriamente em deixar-se apanhar pela conversa dele, ou render-se aos seus expedientes de conquistador.

Como Tomé ia jantar, no mínimo, três vezes por semana, já se estabelecera uma subtil cumplicidade entre os dois. Pipa permitia-se namoriscá-lo, mas não o encorajava demasiado e rejeitava graciosamente todos os seus avanços. Achava-lhe piada, só isso. Ele fazia-lhe sugestões mais ou menos directas.

— Um destes dias — dizia — quero levá-la a um sítio diferente. Não se cansa de estar aqui?

— É o meu trabalho e eu gosto — respondia-lhe com um sorriso.

— Claro, e é muito boa naquilo que faz, tem aqui um excelente restaurante.

— Obrigada.

— Mas fazia-lhe bem conhecer outros restaurantes, para variar, não acha?

— E quem lhe disse que não conheço?

— Conhece?

— Claro! Conheço-os a todos.

— Pronto, está bem, mas aqui está sempre ocupada e eu quero-a para mim uma noite inteira.

— Tomé! — escandalizava-se a brincar.

— Estou só a falar de um jantar — justificava-se ele com a sua risada atrevida.

E andavam assim, às voltas destas conversas cheias de subentendidos, ele com as suas insinuações provocadoras, ela sentido-se elogiada mas sem ultrapassar o risco que daria confiança a Tomé para ir mais longe.

Tomé de Noronha, advogado de muita fama, conquistador inveterado, tinha um historial de mulheres tão grande que ele próprio não teria memória suficiente para recordar os nomes e os rostos de todas as que haviam passado pelo seu covil de solteirão insaciável. Conhecia todos os truques e sabia de cor as palavras certas que elas gostavam de ouvir de um homem experiente que transmitia a segurança que procuravam. Havia um rasto imenso de desiludidas atrás dele, bem entendido, um autêntico massacre amoroso, mas também um inesgotável manancial ainda por explorar.

A sua vantagem não se limitava ao conhecimento profundo da alma feminina, mas a essa experiência aliada ao talento para persuadir do que quer que fosse os espíritos mais incrédulos. Fazia-o profissionalmente, podia redigir com igual convicção um parecer a favor ou contra no mesmo caso, consoante a parte do litígio que contratasse os seus serviços. Além disso, não tinha escrúpulos em aproveitar-se da sua fama de advogado que aparecia na televisão.

Possuía uma autoconfiança de ferro e estava habituado a conquistar tudo o que se propunha. Já travara batalhas medonhas e já ganhara os casos mais desesperados, simplesmente porque nunca desistia. Era dono de uma persistência obsessiva e, se metera na cabeça que haveria de seduzir Pipa, empenhar-se-ia com paciência e afincio até o conseguir. *Eu chego lá*, dizia a si mesmo, *eu chego lá*. E lá ia, dia após dia, inabalável, indiferente às recusas dela, alegremente convencido de que era só uma questão de tempo. Quanto mais Pipa se negava, mais ele se entusiasmava.

Um restaurante — sobretudo se frequentado por gente famosa e da alta sociedade — era o lugar certo para se ouvir toda a espécie de mexericos. Graças aos amigos que Bernardo atraía para o Papa Rica e lhe apresentara, Pipa conhecera muita gente ultimamente e bastava-lhe manter os ouvidos atentos, fazer uma pergunta aqui, deixar cair um comentário ali, para ficar a saber a vida de qualquer um. Como costumava dizer, era melhor do que o *Facebook*. Os seus clientes conheciam-se, ou conheciam sempre alguém em comum, entravam no restaurante e iam avançando por entre as mesas a cumprimentar este e aquele e mais aquele. Era uma festa, pelo menos enquanto o Papa Rica estivesse na moda — mais uma contribuição de Bernardo para o seu sucesso.

Pipa percebeu rapidamente que a fama de Tomé em questões de amor o precedia.

Ele era um apaixonado por mulheres, jovens ou de idade madura, não lhes resistia. Tinha uma reputação de grande conquistador que era comentada com sorrisos malandros pelos homens, com suspiros de censura moderada pelas mulheres, todos sem exceção tinham ouvido algo sobre ele. Era um assunto corrente.

Também se diziam de Tomé coisas menos abonatórias, por andar o tempo todo a saltitar de mulher em mulher, por ser visto amiúde com raparigas muito jovens, por isto e por aquilo. Informações que Pipa reteve e que a fizeram pensar que seria bom resguardar-se da natureza magnetizante dele. Mas, por outro lado, também lhe assaltou ao espírito a ideia audaciosa de que seria um desafio interessante agarrar aquele homem pelo coração e torná-lo num homem de uma só mulher.

Bernardo encontrou-se na manhã seguinte com o seu advogado à porta da casa deste e foram juntos para a reunião no escritório do outro advogado, com quem deveriam analisar novamente ao pormenor o contrato que lhe tirava o sono.

Estava de mau humor, abalado pela traição de Pipa. Traição, na cabeça dele, que já não tinha dúvidas sobre o que vira no Papa Rica na noite anterior: Pipa *era* uma traidora. Uma traidora, ingrata e falsa. A sua vontade era fechar o restaurante, acabar com tudo, ou então retirá-lo a Pipa, despedi-la, se bem que não tivesse coragem de fazer isso, o que o chateava ainda mais.

Bernardo gostava de pensar que era do tipo cerebral, frio, desapaixonado e implacável. Ele é que controlava e nunca o contrário. E estava com a sensação de que desta vez se passava exactamente o contrário. Sentia-se vexado por Pipa ter deixado de o amar com a facilidade de um capricho esquecido e por, apesar disso, permitir-lhe que se aproveitasse dele. Estava a ser parvo, censurou-se, mas, mais uma vez, misturava o amor com o dinheiro, o que o fazia pensar que Pipa o tinha usado.

Dali a pouco chegaram ao destino, na Alameda, e, ao saírem do carro, encontraram-se com o advogado, que também estava a chegar ao escritório. O advogado de Bernardo tratou de apresentá-los e, quando o fez, houve um momento embaraçoso, porque o homem lhe estendeu a mão para o cumprimentar, mas ele ficou tão surpreendido que demorou uma eternidade a reagir, deixando-o pendurado.

Quais seriam as probabilidades de tamanha coincidência, perguntou-se, estupefacto. Na verdade, não era assim tão improvável, porque a empresa que negociava com Bernardo era poderosa e queria os melhores do seu lado, e o Papa Rica atraía o mesmo tipo de gente e o país era pequeno e as pessoas influentes eram sempre as mesmas. Mas Bernardo não estava a fazer este raciocínio, aliás, não estava a raciocinar coisa nenhuma, pois teve um instante de paragem cerebral.

Naquele dia, Bernardo precisava de estar em plena forma, concentrado, com todos os sentidos focados no objectivo de convencer o advogado da bondade da sua proposta. O fracasso num momento crucial de uma vida acontecia quando uma pessoa cedia aos nervos e perdia o controlo precisamente quando mais precisava de ter um desempenho excepcional. Qualquer perturbação que desviasse o espírito do objectivo primordial significava o desaire.

A fronteira que separava a motivação inabalável da desmoralização era ténue e Bernardo esteve perigosamente perto de atravessar essa linha quando deixou o advogado de mão estendida e ficou a olhar para ele como se tivesse visto o diabo.

O advogado dele, também espantado, ficou gelado com a sua reacção.

— Bernardo, o doutor Tomé de Noronha... — insistiu, fazendo um gesto elegante mas firme na direcção do colega.

Como que acordando do transe, Bernardo recuperou instantaneamente, ofereceu-lhe um sorriso caloroso, estendeu-lhe rapidamente a mão.

— Sim, sim, muito prazer — disse, contemplando-o com um magnífico aperto de mão para o compensar do lapso.

Tudo isto aconteceu em breves segundos, ainda que por vezes uns meros segundos pudessem parecer horas.

Subiram num elevador antigo de portas duplas gradeadas, apertado e lento. Entretanto, Bernardo recompôs-se da surpresa inicial e, pensando que devia afastar do espírito a imagem daquele tipo sentado com Pipa à mesa do Papa Rica, tomou conta da conversa e foi até ao terceiro andar a derramar charme como só ele sabia fazer.

Em vez de colapsar, Bernardo redobrou a motivação. Agora é que estava mesmo decidido a dar o seu melhor para ludibriar o advogado. O seu contrato não valia nada, era um monte de promessas falsas, mas ia divertir-se a convencê-lo de que tinha ali um documento inatacável para oferecer aos seus clientes. *Vamos a isto!*, entusiasmou-se.

O advogado levou a chave à porta do escritório mas esta abriu-se antes que tivesse hipótese de enfiar a chave na fechadura. Dentro, alguém se antecipou. Foi então que Bernardo teve um segundo choque.

Não é possível!, pensou.

Bernardo só se apercebeu de que fora à reunião com o advogado sem fazer a menor ideia de quem ele era no momento em que o seu advogado lhe apresentou ao colega. Nem precisava de apresentá-lo, a não ser pela formalidade, pois sabia perfeitamente o nome dele. Não tinha uma boa explicação para esta falha, senão que, provavelmente, pensando que era só mais um advogado, dos muitos com quem lidava habitualmente, nem lhe ocorrera perguntar o seu nome antes da reunião.

O mais estranho é que o seu próprio advogado também não se lembrara de informá-lo. Depois de saírem da reunião, explicou-lhe um pouco atrapalhado que pensara que lhe tinha dito, mas na realidade não dissera.

De qualquer modo, a reunião correria bastante bem e, portanto, os embaraços foram recapitulados pelos dois com umas boas gargalhadas. Porventura, se tivesse corrido mal, teriam sido motivo de crispação e de críticas mútuas, mas o sucesso, por natureza, dissipava as nuvens negras e trazia ao de cima a benevolência e a tolerância.

Bernardo regressou ao escritório já sozinho e muito mais bem disposto do que estava de manhã, cumprimentou largamente toda a gente, entrou no gabinete, tirou o casaco e a gravata, deixou-se cair na cadeira, à secretária, abanou a cabeça aturdido com os acontecimentos dessa manhã. Pensou em Sofia e nas voltas que a vida dava.

Sofia saíra mais cedo de casa, o que lhe permitiu tomar o pequeno-almoço em sossego na pastelaria perto do escritório. Pediu um *croissant*, um café, demorou-se cerca de vinte minutos. Nas últimas semanas, começara a tomar um comprimido para dormir, deitava-se mais cedo e acordava mais cedo. André deixara-lhe a vida do avesso e precisava de tranquilidade para ponderar sem precipitações o que iria fazer a seguir. Ao contrário de André, não se assustava com a perspectiva da solidão, talvez porque as mulheres fossem mais resilientes e conseguissem adaptar-se melhor a novas situações, não sabia, mas ficar sozinha não era nada que a preocupasse.

Nesta altura, muito antes do nascimento do bebé de Margarida, Sofia já previa que André haveria de se acomodar com ela, mesmo sem a amar, só para se pôr a salvo do fantasma da solidão. Imaginava que ele iria fazer isso, mas não tencionava mexer um dedo para demovê-lo, queria lá saber! E estava certa, André só não o fez imediatamente porque quis esperar algum tempo, na esperança de que Sofia reconsiderasse e o aceitasse de volta, mas, uns meses mais tarde, ela pedir-lhe-ia o divórcio e, então, ele, desanimado, haveria de correr para Margarida, que o receberia com o beneplácito de quem acolhe um filho pródigo.

Nessa manhã na pastelaria, pensou em Bernardo e sentiu-se contrariada por essa lembrança continuar a assaltá-la todos os dias a uma hora qualquer,

impondo-se-lhe, como se resistisse incólume num cantinho do seu cérebro contra a vontade dela. Queria esquecê-lo porque desconfiava dele.

A última vez que falara com Bernardo fora ao telefone e repelira-o, mas, embora duvidasse da sua sinceridade, reconhecia que se sentia atraída por ele. A sua vontade era voltar a vê-lo e o seu instinto dizia-lhe que não o fizesse. Esse confronto íntimo entre o desejo e o proibido tornava-se desgastante porque se lhe impunha no espírito e a desassossegava.

Havia momentos em que era tocada pelo arrebatamento da tentação e nessas alturas pensava que não lhe interessava se era um risco envolver-se com ele, queria-o e pronto! Por que não? Mas depois acalmava-se e procurava ser realista: nem sequer sabia se ele estava mesmo interessado nela!

De todos os pensamentos negros que Bernardo tinha em relação a Pipa, o que mais o perturbava era o sentimento de perda. A sua angustiada voz interior clamava que ela era uma traidora por tê-lo deixado, ou havia algo de mais pérfido do que negar o amor que antes dizia ter por ele?

De modo que, se Sofia se envolvesse agora com Bernardo, seria, muito provavelmente, apanhada no turbilhão sentimental que o abalava, ainda que à superfície fosse a imagem plácida de uma descontração imperturbável.

O amor esquecido era inexorável e Bernardo acreditava que Pipa se preocupava demasiado consigo própria para, no seu egocentrismo, ter muita complacência com ele. Portanto, estava determinado a simular uma total indiferença, como se o afastamento dela não o afectasse.

Pipa queria o controlo, pretendia que Bernardo ponderasse bem os argumentos dela e fosse razoável, cedendo à sua vontade para que pudessem retomar a vida a dois em harmonia. Caso contrário, pensava, não valia a pena.

Esperava que ele tomasse a iniciativa de a procurar para que se entendessem e, assim, acabassem com o afastamento que ela provocara. Entendia que já fizera a sua parte ao pedir-lhe para conversarem, só que esse primeiro encontro não corra bem e o segundo, na véspera, nem chegara a acontecer. Pipa nem soubera que ele estivera no restaurante.

Em ambos os casos, a presença do advogado de quem, ironicamente, Bernardo tanto dependia agora impedira-os de se entenderem. Uma fatalidade!

Sofia terminou o pequeno-almoço, saiu da pastelaria, atravessou a rua e percorreu meio quarteirão até ao escritório. Como sempre, foi a primeira a chegar, o que lhe deu tempo para organizar o serviço antes de o telefone começar a tocar. Tinha uma pesquisa para terminar e precisava de recolher informações sobre um potencial cliente. Tudo isso antes de Tomé se sentar no gabinete a bombardeá-la com pedidos urgentes. Esteve uma hora sozinha a adiantar trabalho.

Foi apanhada no corredor da entrada quando ouviu movimento do outro lado da porta. Antecipou-se e abriu a porta.

— Bom dia, Sofia — saudou-a Tomé. Vinha com pessoas atrás, que ela só viu quem eram depois de ele entrar e se afastar para lhes dar passagem. — Estes senhores vêm para uma reunião comigo. Vou precisar de uma hora sem interrupções.

— Com certeza — assentiu ela.

— Sofia, aqui?! — exclamou Bernardo, com um sorriso de surpresa.

Ela ficou de boca aberta, sem resposta pronta, a sentir-se corar.

— Oh! Olá... — conseguiu dizer.

Tomé olhou para um, para outro, perguntou:

— Conhecem-se?

— Conhecemo-nos — confirmou Bernardo, contente com o encontro inesperado. — Não fazia ideia de que trabalhavas aqui — disse depois, voltando-se para ela.

— Pois, trabalho...

— A Sofia é a minha secretária há anos — explicou o advogado. — E, por sinal, muito competente.

Ela fez um sorriso embaraçado, cada vez mais corada.

— Não duvido — comentou Bernardo.

— É verdade — disse ainda o advogado, encaminhando os convidados na direcção do gabinete ao fundo do corredor. — Vamos entrando, vamos entrando.

Sofia voltou de cabeça baixa para a sua secretária, sentou-se precipitadamente, derrubou sem querer o copo das canetas, deixou cair duas para a frente da mesa ao tentar apanhá-las, bateu com o copo no tampo ao colocá-lo direito, irritada, desastrada, muito enervada. *Como é que ele veio aqui parar?!*

Foi uma hora muito comprida para Sofia. Enquanto, no gabinete do advogado, Bernardo se concentrava para esquecê-la por momentos e focar-se na reunião, Sofia começou a fazer as conjecturas mais tortuosas para explicar a presença dele no *seu* escritório. *Não pode ser coincidência.*

A reunião acabou mais de trinta minutos depois do que o previsto e saíram os três do gabinete, percorrendo o corredor e passando pela entrada sem porta

do gabinete de Sofia. Bernardo deteve-se para se despedir e dizer-lhe que tinha gostado muito de a ver. Foi tudo muito rápido e desta vez não corou porque estava preparada.

Tomé foi levá-los ao elevador e quando fechou a porta e voltou a passar pelo corredor chamou Sofia ao seu gabinete e continuou em frente. Ela levantou-se sem surpresa e seguiu-o.

Também já estava à espera de ser chamada. De qualquer forma, pensou, fazia parte das suas atribuições normais descobrir tudo o que pudesse sobre as pessoas com quem Tomé tinha de lidar, para depois o informar. Respirou fundo e preparou-se para um interrogatório sobre Bernardo.

Se Bernardo adorou encontrar Sofia, ela não ficou nada satisfeita ao vê-lo entrar pelo escritório adentro sem aviso. Como se fosse obrigação de Bernardo avisá-la de uma reunião com o advogado para quem ela trabalhava. Mas a questão não era essa, a questão é que, se ele ficou genuinamente surpreendido — e ao mesmo tempo satisfeito — por encontrá-la, Sofia teve uma reacção completamente diferente. Ficou embaraçada, e esse constrangimento condicionou o seu raciocínio, levando-a a colocar-se à defesa e a imaginar coisas estranhas.

O seu pensamento imediato foi que ele descobrira onde ela trabalhava e arranjava um estratagema para lhe aparecer de surpresa, marcando uma reunião com o advogado. Isso perturbou-a muito. Tomé explicou-lhe depois que a empresa de Bernardo estava a negociar um contrato com uma empresa que era cliente do escritório, a qual, aliás, Sofia conhecia perfeitamente.

Em boa verdade, não havia nenhuma razão para ficar tão atrapalhada, mas, como ficou, e como se sentiu a fazer figura de tonta, melindrou-se. Odiou-se por ter corado e gaguejado como uma idiota à frente deles, e odiou Bernardo por tê-la colocado naquela situação. Mesmo se involuntária, a entrada inesperada dele foi uma invasão abusiva do seu espaço.

Como normalmente acontecia nestes casos, o embaraço de Sofia foi quase uma catástrofe para ela e indiferente para os outros. Uns minutos depois, os advogados estavam no gabinete a discutir o assunto que os levara ali e não pensaram mais no caso. Bernardo só recordou a reacção dela mais tarde, com alguma ternura, na tranquilidade do seu escritório. Mas Sofia sentiu-se mortalmente incomodada com o incidente, de tal modo que, mesmo tendo consciência de que era uma irritação injusta, continuou furiosa com ele.

Ele ficou encantado com Sofia, mais do que em todas as outras ocasiões recentes em que estivera com ela. O problema é que ainda tinha bem presente a última vez que falaram ao telefone e a forma como ela o rejeitara peremptoriamente.

Naquele dia, sentia-se optimista, com pensamento positivo, a reunião correria dentro das suas melhores expectativas e, ainda por cima, Sofia estava lá! *Só pode ser o destino.*

Uma pessoa podia passar por este mundo sem nunca encontrar ninguém que amasse verdadeiramente, e ele cruzara-se por acaso com Sofia duas vezes no mesmo dia. Contra todas as probabilidades, tinham voltado a cruzar-se agora no escritório do advogado que andava a tentar seduzir a sua ex-namorada. Esta vida podia ser muito estranha, realmente.

Aquilo dava que pensar, ficou a cismar naquela série de acasos e a entusiasmar-se com a ideia pouco racional de que estavam destinados um ao outro. Era uma inevitabilidade! E quanto mais pensava nisso, mais se convencia de que deveria haver algo muito poderoso e inexplicável no

universo a fazer com que as suas almas convergissem uma para a outra. Talvez estivesse doido, talvez não, sabia lá, ainda havia tanto por descobrir neste mundo...

Nunca fora um católico empenhado nem se interessava especialmente pela religião, não gastava tempo a interrogar-se sobre o sagrado. Gostava de se ver como um homem pragmático, empenhado em fazer fortuna e pouco dado a filosofias, mas acreditava que o amor podia ser transcendente e mudar a vida de uma pessoa. Nesse dia, a consciência de Sofia no seu destino começou a mudar a vida dele.

Telefonou a Sofia durante a tarde e ela não atendeu, enviou-lhe uma mensagem e ela não respondeu. Continuou a insistir durante o resto da semana, sempre com a esperança de receber uma resposta.

Que intrigante explicação haveria para o aparente absurdo de Sofia sentir a todas as horas do dia o desejo de estar com Bernardo e, no entanto, persistir em contrariar a vontade? Ela própria tinha dificuldade em compreender por que resistia aos esforços dele para falar consigo, mas as suas objecções, desconfianças, ressentimentos, o que se quisesse chamar a essa incoerência, iam enfraquecendo à medida que os dias passavam e ele não desistia de contactá-la. A sua persistência ia-lhe quebrando a determinação aos poucos. Até que acabou por ser ela a telefonar-lhe, aproveitando um pretexto.

— Estava a ficar preocupado — disse ele.

— Porquê?

— Porque nunca me atendes.

— E o que é que isso te diz?

— Que estás sempre demasiado ocupada.

— Ah, claro... — Sofia não conteve um sorriso. — Como é que sabias onde eu trabalhava?

— Como assim? Não sabia!

Sofia apanhou-o desprevenido, não imaginara que ela pensasse aquilo. E já não pensava, perguntou por perguntar, foi um impulso, só para ver o que ele dizia.

— Não sabias?

— Claro que não! Como é que haveria de saber, se nunca me disseste?

— Hum... está bem.

— Sofia, acredita em mim, não fazia a mínima ideia.

— Está bem, está bem, acredito.

Ficaram em silêncio por alguns segundos.

— Sofia, eu gostava de...

— Olha — interrompeu-o —, liguei-te só porque o Dr. Noronha me pediu para te transmitir que está tudo bem com o teu contrato.

— A sério?!

— Sim, vamos enviá-lo ao teu advogado para o assinares.

— Excelente notícia!

— É?

— Nem imaginas.

— Fico feliz por ti.

— E eu ficaria mais feliz se não fosses tão seca comigo.

— Eu não sou seca contigo — disse, num tom quase zangado.

— Sofia...

— Sim?

— Podes dar-me outra oportunidade?

Ela não lhe respondeu.

— Sofia, ainda aí estás?

— Estou...

— Podes dar-me uma resposta?

— Já não estás demasiado ocupado para mim?

Ele suspirou.

— Não, não estou.

— Foi o que me disseste na última vez.

— O que eu disse foi que andava com a vida muito complicada, não foi minha intenção dizer que não tinha tempo para ti.

— Mas foi o que pareceu.

— Olha, eu quero compensar-te.

— Como?

— Levo-te a almoçar no próximo sábado.

— Hum, vou pensar nisso.

Bernardo ficou animado, pensou que a explicação dela para lhe ligar não passava de uma desculpa, pois o normal seria o seu advogado receber a informação e comunicar-lhe em seguida. Ficou, portanto, convencido de que já conseguira vencer a resistência dela e que teria uma segunda oportunidade de a conquistar. Porém, enganou-se, porque ela continuou a não lhe atender o telefone, nem a responder às mensagens e, no sábado seguinte, não foram almoçar.

Voltou ao escritório do advogado na semana seguinte para assinar o contrato, mas, para sua surpresa, ela não estava lá. Foi uma desilusão.

— A Sofia não está? — perguntou.

— Não, ela teve de ir tratar de uns assuntos lá do seu divórcio — respondeu Tomé.

— Ah, pois, uma chatice — disse Bernardo, como se o divórcio de Sofia não fosse nenhuma novidade para ele. Mas era.

Muitos diriam que o sucesso de Tomé de Noronha se devia à sua grande inteligência; outros afirmariam que ele era apenas mais um tipo esperto sem grandes escrúpulos. Os poucos que o conheciam bem poderiam explicar que o advogado era uma mistura dessas duas versões: muito inteligente e com poucos escrúpulos.

Tomé tinha a perfeita noção de que a vida em sociedade era prenhe de equívocos que alteravam amiúde a opinião que as pessoas tinham umas sobre as outras. Os equívocos deviam-se a falhas de comunicação, quando involuntários, a mistificações, quando maliciosos. O advogado, na sua natureza perversa, era perito em manipular e moldar a realidade em seu proveito.

Tinha uns olhos escuros vorazes e uma voz tonitruante que lhe conferia uma credibilidade suplementar à capacidade de debitar incessantes afirmações definitivas sobre todos os assuntos. Falava com autoridade e toda a gente acreditava nele, mesmo quando dava com absoluta certeza uma opinião sobre algo que desconhecia completamente.

A convicção era o mais importante e Tomé sabia que as pessoas em geral se submetiam com facilidade, e até agradecidas, a quem lhes impusesse uma orientação. E a sua vocação era orientar os outros.

De volta ao Papa Rica, onde agora ia quase todas as noites, ou sozinho ou acompanhado, se marcava jantares de trabalho com alguém — mas nunca com companhia feminina —, convidou Pipa a sentar-se à sua mesa, como fazia sempre que percebia que ela já não estava demasiado atarefada, ao final da noite.

Começaram a falar dos filhos e Pipa quis mostrar-lhe algumas fotografias dos gémeos que tinha no telemóvel. Numa delas apareciam os filhos na companhia de Bernardo. Era no Verão, tinham ido à praia. Pipa quedou-se a observar a fotografia e Tomé, vendo-a melancólica, exclamou:

— Olha! Não sabia que conhecia o Bernardo Ferreira Bastos.

— Conheço, pois, é o dono do restaurante.

— Deste?!

— Sim! Não sabia?

— Não fazia ideia! Pensei que você é que era a dona.

— Fui, mas ele tomou conta do negócio quando o remodelámos e lhe mudámos o nome. Na prática, é outro restaurante.

— Incrível, como é que eu não sabia isso?

Na verdade, sabia, tal como quase toda a gente que ia ao Papa Rica, mas não imaginara que Pipa e Bernardo fossem tão próximos como a fotografia sugeria. Não costumava vê-lo por ali e ela nunca o mencionara. Censurou-se por não ter previsto isso. Andava tão encantado com Pipa que partira do princípio de que ela estava descomprometida. Foi um choque, mas disfarçou-o

bem.

— Vocês os dois estão...

Ela sorriu, acenando com a mão.

— Não — disse. — Estamos separados já há algum tempo.

Tomé pôde respirar outra vez.

— Mas como é que conhece o Bernardo? — perguntou Pipa.

— Conheço-o porque um cliente meu tem negócios com ele.

— Ah, sim?

— Sim. E, curiosamente, a minha secretária é muito amiga dele.

— A sua secretária? Quem é a sua secretária?

— A Sofia.

Pipa abanou a cabeça com admiração.

— Que estranho...

Tomé fez cara de culpado.

— Já falei demais, não quero ser inconveniente.

— Disparate! Não tem importância nenhuma.

Mas Pipa ficou abalada e não conseguia disfarçar tão bem como Tomé. Não conhecia nenhuma Sofia, grande amiga de Bernardo e, se conhecesse, saberia perfeitamente que era a secretária do advogado. Ele, vendo que acertara em cheio no alvo, alargou-se um pouco mais no assunto, sugerindo inocentemente que Bernardo e Sofia tinham muita intimidade, mas enfim, não sabia, não podia afirmar donde vinha essa amizade, ou lá o que fosse. Pipa escutou-o até ele mudar de assunto e depois desculpou-se com o trabalho, levantou-se, retirou-se.

Tomé demorou-se a acabar o seu uísque, a pagar a conta, a ponderar se teria ido longe demais com a intromissão na vida dela. Pipa ficara perturbada e aquilo poderia voltar-se contra ele, mas que fazer, vira ali uma oportunidade e não se contivera. Era mais forte do que ele, não resistia a uma intriga. Esperou por Pipa para se despedir, mas ela refugiou-se na cozinha e não voltou à sala.

Era impossível descrever aquele momento, o que estava a sentir, a tristeza, a desilusão, a revolta, ou seja, exactamente o que Bernardo sentiu alguns dias antes ao vê-la sentada à mesa com Tomé. Ela desconhecia que provocara esse efeito nele e ele também não imaginava que Pipa sofresse por sua causa. E já era demasiado tarde para corrigirem os sucessivos equívocos, ou talvez não fosse, só dependia deles, podiam sempre voltar atrás e entender-se, se o ressentimento e o orgulho não os impedissem de reconsiderar a situação, de terem um diálogo construtivo, de procurarem mais uma oportunidade.

Quanto menos conversavam, mais se enredavam em enganos. Pipa afastara-se de Bernardo sem uma intenção irrevogável, porém, ao fazê-lo, quebrara um elo fundamental, arrastara-os para o desconhecido, desencadeara uma sucessão de acontecimentos que nenhum dos dois controlava. Ele sentira-

se traído e já não contava com Pipa, não queria saber dela, no fundo da sua alma destroçada tivera este pensamento definitivo: *Durante muito tempo, vou lembrar-me de ti todos os dias, e a cada dia ficarei mais desiludido, até te esquecer...*

O Verão acabou, o Outono chegou ameno. Bernardo foi buscar Eduardo a casa da mãe logo pela manhã para passarem o sábado juntos. Fazia um sol esplendoroso, tinham o dia todo pela frente, só pai e filho, sem compromissos nem pressões a atrapalharem-lhes a vida. Sentia-se agradavelmente relaxado e conduziu devagar pela cidade sem trânsito, atravessou o Aqueduto das Águas Livres, tomou a auto-estrada para Cascais, que hoje se encontrava desimpedida, meteu pela estrada que seguia para o Guincho.

Escutaram música na rádio, Eduardo conhecia todas as canções e não se inibiu de as cantar. Estava a adorar aqueles momentos com o filho. As reprimendas por ter destruído o carro da mãe, os castigos e as crispações tinham ficado para trás. Falara demoradamente com o filho sobre o incidente — na realidade, chamara-lhe uma asneira monumental — e sobre a tremenda irresponsabilidade que aquilo tudo fora. Eduardo pediu desculpa, mas não se livrou de passar os meses de férias a trabalhar na empresa do pai para pagar os estragos, que o nomeou estafeta e encarregou de fazer pequenos recados. Nesse Verão, Eduardo não foi de férias com a mãe e, quando Ana partiu para o Algarve, mudou-se para a casa do pai.

Com o exíguo ordenado que ele lhe estipulou, Eduardo não juntaria dinheiro suficiente para pagar um carro novo nem se trabalhasse a vida inteira, mas não era esse o objectivo, bem entendido. De qualquer modo, o miúdo estava tão feliz por passar os dias junto do pai que o castigo acabou por proporcionar-lhe as melhores férias de sempre. Ana regressara entretanto do Algarve e Eduardo voltara a viver com a mãe. Contudo, continuaria a cumprir horário na empresa até ao início do ano escolar.

Observou o filho a cantarolar alegremente ao seu lado. Pareceu-lhe mais crescido e, sobretudo, mais maduro. Tinha aprendido a lição e tornara-se mais responsável nos últimos dois meses. O trabalho fizera-lhe bem, concluiu.

Demoraram cinco minutos desde a saída da auto-estrada até à Malveira da Serra, por uma estrada algo sinuosa e com pouco movimento. Bernardo adorava aquela terra e decidiu parar na povoação.

— Por que parámos? — perguntou Eduardo.

— Vamos ali ao café — disse.

Quando saiu do carro, reparou numa casa que tinha uma placa na janela. Era um edifício de dois andares, caiado de branco com barras amarelas. O segundo andar estava à venda e ele deu consigo a pensar que seria bom ter ali um cantinho onde passar os fins-de-semana. Tomou nota do número de telefone, talvez ligasse mais tarde a perguntar o preço.

Entraram no café, o típico café central da terra onde novos e velhos se encontravam para conversar, jogar cartas e dominó, ou passar algum tempo à volta da mesa de *snooker*. Ainda não eram onze da manhã mas já havia um movimento razoável. A televisão instalada no alto da parede debitava a

tragédia da queda de um avião de passageiros, a que ninguém prestava atenção, apesar de ter o som demasiado elevado.

Quatro homens na casa dos sessenta e de aspecto rústico batiam ruidosamente na mesa com as peças de dominó a cada jogada e elevavam a voz para se fazerem ouvir. Na mesa ao lado, uma família com duas crianças que disputavam um telemóvel tomava um pequeno-almoço tardio. Noutra ainda, um homem lia o jornal desportivo e palitava os dentes indolentemente enquanto a mulher se derretia com o bebé que tinha no colo.

Bernardo escolheu uma mesa mais afastada do bulício, perto da janela com vista para a rua principal, indicou-a a Eduardo com um gesto mudo de cabeça, sentaram-se, pediram um café e um galão.

Tudo aquilo lhe pareceu rude e sem arte, mas ao mesmo tempo encantador. Era uma daquelas terras de gente sincera que deitava um olhar penetrante e curioso, mas sem hostilidade, quando aparecia alguém de fora. Conheciam-se todos, mas também estavam habituados à presença de estranhos. A praia ficava a escassos quilómetros e era normal verem pessoas de passagem que paravam ali. Havia portugueses e estrangeiros, mas no Inverno o movimento reduzir-se-ia e ficariam só os habitantes locais.

— Gostas desta terra? — perguntou Bernardo.

Eduardo encolheu os ombros.

— Gosto — respondeu, sem entusiasmo.

Ficaram vinte minutos, saíram, entraram no carro e dirigiram-se para a praia do Guincho.

Deixaram o carro no parque de estacionamento e desceram a pé a rampa por entre as escarpas que desembocava no areal e no oceano. Caminharam à beira-mar, açoitados pela areia levantada pelo vento forte e frio que os obrigou a fechar os casacos. As ondas agigantavam-se em direcção a terra, quebravam-se ainda longe e vinham morrer à praia desfeitas numa espuma branca. Era um espectáculo admirável que a natureza oferecia. Praticantes de *kitesurf* deslizavam sobre a água com uma facilidade impossível e voavam sobre as ondas como se nada pudessem detê-los.

Bernardo pensou que gostaria de levar Sofia àquela praia e de passear com ela até ao rochedo ao fundo, onde se encimava um hotel decadente que parecia ter parado no tempo. Sofia não lhe dissera mais nada e ele, contrariado mas resignado, respeitara o seu silêncio e não insistira.

Tinham cortado o contacto, porém, Bernardo lembrava-se sempre dela e penalizava-se por ter estragado tudo e desperdiçado a oportunidade de terem tido algo mais do que uns escassos e insuficientes encontros furtivos. Enfim, suspirou, guardava uma boa recordação de Sofia, mas já passara tanto tempo que perdera a esperança de revê-la.

Era estranho, mas, tinha de admiti-lo, ela só se tornara importante para ele quando se revoltara contra o seu despeito e lhe dissera que não queria voltar a vê-lo. Bernardo chegara a pensar que conseguira retratar-se do seu erro, mas

enganara-se.

No Papa Rica havia uma mesa redonda maior ao canto da sala, que nessa noite estava ocupada por um grupo de amigos: três casais e André. Eram velhos conhecidos e todos eles tinham estado na festa do seu casamento com Sofia, numa outra vida. André explicou aos amigos que Margarida não pudera ir porque ficara em casa a tomar conta do bebé. Uma explicação perfeitamente satisfatória para os homens, que nem sequer tinham tido ainda a oportunidade de conhecê-la e que logo esqueceram o assunto, e lamentada pelas mulheres, por não poderem satisfazer a curiosidade de verem finalmente a nova namorada dele.

Tiveram de se contentar em crivá-lo com perguntas urgentes sobre Margarida e o bebé nos momentos iniciais em que se instalavam à mesa e os maridos ainda estavam distraídos a estudar o menu, a analisar a carta dos vinhos e a debater com modos entendidos a escolha do tinto mais indicado para a refeição.

Cumprida esta função prévia, puseram de lado as cartas e elevaram alegremente as vozes, impondo uma mudança de tema, falando com falsa modéstia das prósperas situações profissionais de cada um, lamentando amargamente o estado da economia nacional e analisando com fervor as soluções políticas para aquele desgraçado país.

De modo que os pormenores da vida sentimental de André e do seu novo filho não chegaram a ser devidamente dissecados, como as amigas teriam apreciado, e o assunto foi rapidamente abandonado, o que o deixou aliviado. Havia nele um enorme desconforto em assumir uma felicidade que não sentia, mas que se via obrigado a fingir para não admitir o fracasso e para se esquivar a mais perguntas.

Se fizesse uma introspecção honesta sobre as recentes decisões que tomara e o que pretendia realmente fazer com a sua vida, concluiria que, embora adorasse o filho, de bom grado deixaria a mãe dele, e que isso só não acontecera ainda por não querer afastar-se da criança e recluir a solidão. E, se fosse ainda mais sincero consigo mesmo, teria de reconhecer que era mais pela segunda razão do que pela primeira. Contudo, André não estava interessado em fazer introspecções e enfrentar as coisas como elas eram, preferia não pensar muito e deixar andar.

A ideia geral, e de modo algum pouco concreta, que pairava na sua cabeça era que, se deixasse andar e não tomasse grandes decisões, o curso natural da vida encarregar-se-ia de tomar por ele as decisões necessárias. Por outras palavras, furtava-se a provocar a ruptura com Margarida com a vaga esperança de acabar por se acomodar a ela, embora, no seu íntimo, não tivesse grandes expectativas num final feliz.

Nessa noite, nem sequer desafiara Margarida a ir com ele ao jantar. Foi uma insensibilidade da sua parte, pois ela teria recusado para não ter de deixar

o bebé aos cuidados de alguém — era demasiado apegada à criança —, mas teria gostado que André tivesse mostrado interesse em que o acompanhasse. Nem pensara nisso, limitara-se a telefonar-lhe para a informar que iria jantar com amigos e que chegaria tarde a casa.

Em rigor, André não tinha vontade de apresentar Margarida aos amigos, como normalmente acontecia a qualquer homem apaixonado e orgulhoso da sua mulher. Lembrava-se bem do prazer que lhe dava, anos atrás, exhibir-se perante os amigos na companhia de Sofia. Hoje em dia, isso não acontecia porque tinha uma reserva mental quanto ao futuro.

A sensação de que, exceptuando o filho, tudo entre eles era provisório, impedia-o de contribuir para criar laços que seriam naturais numa relação onde existisse um desígnio de perenidade. Não valia a pena apresentar Margarida aos amigos porque não sabia se ficaria muito tempo com ela, não se justificava procurarem uma casa maior, como ela já sugerira, porque estavam numa fase incipiente que poderia não dar em nada, não compensava investir no que quer que se relacionasse com planos a longo prazo enquanto as coisas entre eles não estivessem bem definidas.

André pensava assim, mas não o admitia. Andava a enganar-se a si próprio, a esquivar-se com justificações que tanto serviam para ele como para Margarida. Tudo tinha uma explicação lógica, mas no fundo a verdadeira explicação era a falta de vontade de assumir que ele, Margarida e Gonçalo formavam uma família com objectivos comuns sólidos.

Esta fragilidade de propósitos suscitava em André indiferença pelas consequências dos seus actos. Hoje era sexta-feira e ele fora jantar com os amigos, mas nas outras noites todas dessa semana também jantara com colegas de trabalho ou outros amigos que não via há muito. E não se ralava nada se Margarida ficava incomodada ou se, continuando a fazer essa vida, ela acabasse por se fartar dele. Ou talvez fosse mesmo isso que pretendia, provocar uma crise e levá-la a fazer o que ele não tinha coragem de fazer.

Margarida sentia-se triste porque ultimamente André nunca ia para casa cedo e andava a abusar da bebida. Entrava no quarto, já ela estava deitada com o bebé a dormir no berço ao lado da cama, despia-se às escuras com modos trôpegos e sem cuidado para não fazer barulho, enfiava-se debaixo dos lençóis, virava-se para o lado e, daí a pouco, já ressonava. Não lhe dava um beijo, não procurava o calor do seu corpo, era como se ela não estivesse ali.

Margarida ouvia-o chegar e esperava sempre que a procurasse e, como isso não acontecia, ficava em silêncio de costas para ele, com vontade de chorar, a pensar em qual teria sido o seu erro.

Provavelmente, por ter sido um filho tardio e muito desejado, era de uma dedicação exagerada ao bebé. Passava todas as horas do dia com ele, levava-o a passear ao jardim de manhã, trazia-o para casa e dava-lhe o biberão, deitava-o e esperava que acordasse para voltar a dar-lhe de comer. Ao fim da tarde

dava-lhe banho e depois outro biberão, era escrupulosa com os horários e vivia em função das necessidades da criança. Tinha consciência de que descurara muito a atenção que, antes, era exclusivamente para André e, por isso, considerou a possibilidade de ele ter ciúmes do filho e estar ressentido com a nova situação.

Ela acordava cedo por causa do bebé e deitava-se cedo por ter sono e para aproveitar para dormir o máximo de horas seguidas até ser obrigada a levantar-se para lhe dar o biberão, ou dar-lhe colo se ele chorava com cólicas. Não passava quase nenhum tempo com André, só tomavam o pequeno-almoço juntos e no resto do dia falavam por telefone. Não faziam amor há muito tempo. Pareciam dois estranhos a partilharem uma casa.

Era uma época complicada, mas preferia pensar que seria passageira e que acabariam por se adaptar. André não andava a portar-se bem, mas ela procurava compreendê-lo. Não o sobrecarregava com o bebé, na realidade ele não lhe mudava uma fralda, não lhe dava banho, não se levantava a meio da noite para lhe dar de comer. Margarida enchia-se de paciência e era indulgente com as falhas dele. Dava-lhe espaço. Que saísse com os amigos, jantasse fora, tivesse a sua liberdade, que não ouviria dela uma queixa ou uma acusação. Por enquanto.

No final do jantar no Papa Rica, Pipa foi à mesa deles para os cumprimentar e saber se tinham ficado satisfeitos com o serviço. André não a conhecia, era a primeira vez que ia ao restaurante, mas entre os outros havia dois casais que eram clientes habituais. Foi um gesto simpático, uma conversa rápida, gostou dela.

Quando saíram e se despediram, entrou no carro e pensou que não lhe apetecia ir para casa. Já tinha bebido muito e sentia-se animado e despreocupado. O que fazer? Decidiu manter-se afastado da zona das docas, onde poderia haver operações policiais, mas havia um bar com música ao vivo ali perto, em Santos. Fez um sorriso velhaco, pôs o carro a trabalhar, arrancou.

No bar, havia muitas pessoas à volta do balcão e muitas outras a dançar ao fundo da sala, frente a uma banda que tocava em cima de um palco apertado, ao canto. André descobriu gente conhecida e ficou perto do bar a conversar e a tomar uma bebida.

Trinta minutos mais tarde, Pipa entrou no bar e André viu-a surgir na companhia de Tomé de Noronha. Não o conhecia pessoalmente, só da televisão, no entanto, ele dirigiu-se ao amigo que conversava com André e saudou-o festivamente com um abraço. Eram ambos advogados e, pelos vistos, bons amigos. Foi apresentado a Tomé que, por sua vez, apresentou Pipa aos dois.

— Vim agora mesmo do seu restaurante — disse André, a sorrir.

— Pois foi — disse Pipa, com os olhos um pouco cerrados e o dedo indicador levantado. — Estava na mesa redonda, certo?

— Certo.

— E gostou?

— Gostei muito. Nunca lá tinha ido e foi uma boa surpresa.

— Então espero que vá mais vezes.

— Vou, de certeza.

Continuaram a falar, durante os breves momentos em que os outros dois punham a conversa em dia. Depois André disse algo que fez Pipa soltar uma gargalhada e Tomé, sempre atento, voltou-se para ela, sugeriu que fossem buscar uma bebida e levou-a.

— Que pena — comentou André, fazendo uma expressão de impotência ao vê-la afastar-se.

— Pois é — concordou o amigo. — O sacana anda sempre bem acompanhado.

Tomé conduziu Pipa para o canto do bar, pediu as bebidas e, entretanto, foi saudado por várias pessoas que ia encontrando. Pipa ficou com a sensação de que ele conhecia quase toda a gente e isso animou-a, fê-la lembrar-se de quando saía com Bernardo, que também era bastante popular e encontrava

sempre alguém conhecido onde quer que fosse. Ela gostava dessa popularidade, agradava-lhe ter intimidade com homens poderosos e de quem toda a gente queria ser amiga.

Era a primeira vez que saía com Tomé. Finalmente, ele convencera-a, se bem que não fora tanto uma questão de convencê-la mas sim de ela decidir que queria sair com alguém. Pensou que, se Bernardo tinha a sua namoradinha, não havia razão para se abster de fazer o que bem entendesse com quem quisesse.

Foram dançar. Tomé não dançava muito bem, mas todos na pista o saudavam com palmadas nas costas e era o centro das atenções com a sua namorada bonita e mais nova. *Sua namorada*, acharam eles, pensou Pipa, divertida com a situação. Quando as mulheres, embaladas pelo álcool, foram fazer-lhe perguntas indiscretas, encarregou-se de colocar as coisas no lugar e de esclarecer que era só amiga de Tomé, o que, de alguma forma, pareceu deixá-las aliviadas.

Foi talvez para se vingar secretamente das amigas pretensiosas de Tomé, e já agora de Bernardo, e por se sentir desinibida devido aos gins que bebera, que Pipa permitiu que Tomé a beijasse no fim da noite, no carro. Mas quando as mãos dele já se lançavam a explorar-lhe o corpo, refreou-o, simpática mas firmemente. Depois despediu-se e saiu.

Entrou em casa a sorrir e a pensar que não se deixaria afectar por Bernardo lhe ter falhado. Os gémeos estavam com a mãe dela nessa noite e, como tinha a casa só para si, fantasiou com a possibilidade de telefonar a Tomé e convidá-lo para voltar atrás e vir dormir com ela. Tinha a certeza de que ele viria a correr como um cachorrinho excitado, mas entretanto despiu-se, vestiu a camisa de noite, demorou o seu tempo a escovar os dentes e a lavar o rosto, foi para a cama e adormeceu com um sorriso nos lábios.

Pipa decidiu que já não amava Bernardo, e não foi uma resolução muito difícil, dado que, na sua perspectiva, ele deixou de lhe servir a partir do momento em que não lhe proporcionou a vida que ela desejava. Talvez não fosse assim tão fácil esquecê-lo. No entanto, era assim que Pipa queria pensar para ultrapassar a desilusão e esquivar-se a sofrer por amor.

Portanto, agora pensava em Tomé e analisava as suas possibilidades com ele. Não sabia se o advogado se esforçava para a cativar meramente por capricho e se, depois de conseguir levar avante o seu intento, se desinteressaria e se descartaria dela para não ter de assumir um compromisso sério que, necessariamente, lhe condicionaria a vida.

Era importante considerar que Tomé já passara dos cinquenta e na idade dele uma pessoa não aceitava facilmente mudar os hábitos adquiridos e enraizados. Tomé divorciara-se havia anos e não voltara a casar, era um solitário rodeado de pessoas. E, no entanto, às vezes um homem apaixonava-se e modificava-se surpreendentemente.

Havia que ponderar esses aspectos com cuidado e, sobretudo, com frieza. Não queria um novo fracasso, depois de ter investido emocionalmente tanto em Bernardo. Não queria deixar-se condicionar pela paixão e o amor porque esses factores impedi-la-iam de ser objectiva e de manter o controlo.

A paixão, esse sentimento vivo e vibrante por uma pessoa, era coisa que Pipa não sentia por Tomé, mas gostava dele e reconhecia-lhe muitos pontos de interesse em comum, por assim dizer. Poderia ser feliz com Tomé, decididamente. Porém, era imperioso defender-se e obrigá-lo a penar até lhe dar a entender que a cativara definitivamente. E, quando Pipa pensava nesta palavra, queria dizer *mesmo* definitivamente, no sentido literal do termo e também nos dois sentidos. Ela seria feliz com ele e saberia fazê-lo feliz.

Contudo, um bom acordo demorava tempo a concluir e Pipa tinha consciência de que teria de ser paciente, tal como Tomé, que, ela já percebera, era perseverante e tinha toda a paciência do mundo quando marcava um objectivo.

Pipa era o objectivo de Tomé e a sua vantagem estava em entender que ele não desistia nunca. Só teria de alimentar o interesse dele para o manter animado e empenhado até alcançarem os dois o que pretendiam.

Pensou nisto tudo cuidadosamente, passo a passo, e sentiu-se optimista, pois convenceu-se de que chegariam a bom porto. E, entretanto, nos dias seguintes ignorou as mensagens que Tomé lhe enviava, embora ele continuasse a jantar no Papa Rica todas as noites e o recebesse com desvelo e fosse encantadora e atenciosa. Só não aceitou mais convites para sair. O seu a seu tempo.

Enquanto Pipa revelava um pragmatismo desconcertante para superar o fracasso de amor com Bernardo, André fazia exactamente o oposto. Ele não

conseguia ultrapassar a dor que lhe provocava o afastamento de Sofia. Pipa era extremamente cerebral e não se permitia afundar-se em sentimentos, André era um sentimental incorrigível e incapaz de deixar de empreender na sua infelicidade. Pipa apagava da mente um eleito e preparava-se para eleger o próximo e André, que até já resolvera a sua vida com Margarida, encontrava-se mentalmente atolado no pântano do passado.

Seria provável que, tanto Pipa como André, nunca chegassem a saber o que era a verdadeira felicidade, mas, cada um a seu modo, se acomodassem nalguma situação confortável. Haveriam de ter uma eterna sensação de insatisfação com as suas escolhas, mas consolar-se-iam com auto-justificações para que pudessem ter paz de espírito. Entrementes, Pipa recusava o amor como se fosse um sentimento inconveniente e André rejeitava a ordem e a estabilidade porque resistia a resignar-se a uma vida que não desejava.

Por essa altura, André embarcou num desvario de jantares, copos e vida nocturna que se prolongava pelas madrugadas e começava a reflectir-se no seu desempenho profissional.

Numa dessas noites, conheceu uma mulher num bar do Bairro Alto onde foi encontrar-se com amigos. Uma banda de três elementos tocava *jazz* num recanto espaçoso à direita da entrada do bar, que se dividia em duas partes, aquela onde tocava a banda e outra mais afastada. Embora se passasse tudo no mesmo espaço, a segunda sala ficava num plano mais elevado, separada da primeira por alguns degraus e uma balaustrada de madeira. Sentavam-se a uma mesa na sala mais afastada, longe da banda, a que nenhum deles prestava atenção. Quanto a André, concentrou-se numa rapariga francesa que era amiga da namorada de um dos amigos. Estavam seis à mesa, três homens e três mulheres. Ora falavam em português, ora em inglês, para que Michelle, a francesa, os pudesse entender. André, que se sentara ao lado dela, era o único que sabia falar francês e não desperdiçou a oportunidade de se salientar com umas frases na língua-mãe dela.

Havia um ambiente festivo, muitos copos em cima da mesa, muitas rodadas, muitas gargalhadas. André e Michelle embrenharam-se numa conversa à parte dos companheiros, que, de qualquer modo, não os entendiam. Michelle tinha trinta e cinco anos e actualmente vivia em Lisboa. Contou-lhe que antes vivera em Paris, onde fora apanhada no turbilhão dos acontecimentos da sexta-feira 13, quando terroristas suicidas atacaram vários pontos da cidade com bombas e metralhadoras.

— Estavas no Bataclan?! — exclamou André.

— Não, estava com amigos numa *pizzaria* em frente a dois dos restaurantes que foram atacados, o Le Petite Cambodge e o Le Carillon, e tivemos de fugir. Foi um horror, aqueles homens com metralhadoras a dispararem sobre as pessoas, inacreditável.

— Sim, incrível!

— O Maria Luisa, a *pizzaria* onde eu estava, fica numa esquina no outro

lado da rua e nós conseguimos escapar por outra rua e afastar-nos dali.

Michelle disse que trabalhava no departamento de *Marketing* da Fnac.

— Uma colega minha morreu no Bataclan.

— Sim, eu sei, ela era luso-descendente.

— Isso, fiquei muito afectada com aquilo tudo, não conseguia dormir, sonhava que era perseguida pelos terroristas, tinha pesadelos com as pessoas a serem trucidadas pelas balas, tudo a explodir à volta. O barulho das armas automáticas numa rua, à noite, é ensurdecedor, paralisante, e eu nunca tinha ouvido, não estava preparada. Aquele som, os estampidos, continuou a ecoar na minha cabeça durante semanas. — Michelle fez uma pausa, como se estivesse a recordar o inferno por que passara. — Andava com medo na rua, imaginava atentados em todos os lados. Enfim, não me sentia segura.

— Imagino — comentou André, impressionado com o que ela lhe contava.

— Sabes, eu trabalho numa empresa com lojas muito grandes...

— Sim.

— E ultimamente não conseguia entrar nas nossas lojas. Tinha medo de que houvesse um atentado e de não conseguir fugir. Estava sempre a imaginar essas coisas.

— *Stress* pós-traumático.

— Sim. Bem, depois surgiu a oportunidade de ser transferida para Lisboa e nem hesitei.

— E agora estás aqui.

— E agora estou aqui.

— Por causa de um atentado em Paris.

— Exacto, nunca pensei que pudesse vir viver para Portugal, nem sequer pensava sair do meu país.

— Mas estás a gostar?

— Estou a adorar, mas é temporário. No fim do mês volto para Paris.

— Já estás recuperada, então?

— Espero bem que sim. Mas não é isso, o lugar que aceitei era só por três meses. Por mim, continuava em Lisboa, é uma cidade maravilhosa e segura, mas não posso.

— Mas — disse André, procurando ser consolador — vai ser bom reencontrares a tua família e os teus amigos.

— Sim, isso sim, claro.

— E já passou algum tempo, a vida vai voltar à normalidade.

— Bem, pelo menos já consigo falar do assunto, antes nem era capaz de falar destas coisas.

Michelle usava o cabelo louro cortado pelos ombros, tinha olhos azuis e nariz afilado, um pouco comprido demais e algo desproporcionado para a sua cara. Não era feia, mas também não chegava a ser bonita. Era magra e, embora usasse uma camisola larga que lhe escondia as formas, dava para perceber que a natureza não a favorecera com seios generosos. Mas André

não lhe encontrou defeitos, achou-a atraente e ficou comovido com a sua história.

Continuaram a beber e a falar, mudaram de assunto, ela disse-lhe que não tinha namorado.

— Há demasiado tempo, na verdade — lamentou-se, fazendo uma careta engraçada, um sorriso triste. — Às vezes sinto-me sozinha, em Lisboa. Passo muitas horas a trabalhar e tenho poucos amigos fora do emprego. Também não saio muito, até há pouco tempo nem conseguia estar descontraída num lugar como este. Estaria sempre a olhar para a porta, à espera de que entrasse um homem armado que começasse a disparar sobre nós.

— Isto é Lisboa, não precisas de te preocupar com essas coisas.

— Sei lá, antes também pensava que não aconteciam em Paris, e muito menos a mim, e foi por pouco.

— Mas em Lisboa, enfim, não é impossível, mas é altamente improvável. Deixaste alguém em Paris?

— Não, tive um namorado, mas já tínhamos acabado quando decidi vir para Lisboa. E tu?

— Divorciado.

— *Bof!*

— Pois, *bof* — disse ele, imitando a interjeição francesa dela e revirando os olhos. — Uma chatice.

— Filhos?

— Um, de outra.

Ela não se conteve, soltou uma gargalhada.

— *Oh là là! Quelle catastrophe!*

Ele também se riu.

— É verdade — disse, abanando a cabeça, como que desalentado consigo próprio.

Michelle tapou a boca com a palma da mão.

— Peço desculpa — disse, atrapalhada com a sua reacção.

André fez um gesto, varrendo o ar com a mão, indicando que não se sentia incomodado.

— *Pas de problème* — disse.

André não contou a história toda a Michelle, sobretudo não lhe disse que havia uma mulher e um filho à sua espera em casa naquele preciso momento. Disse-lhe, vagamente, que era uma situação complicada, e mudou de assunto. Ficaram no bar até à uma da manhã. Já no exterior, André ofereceu-se para lhe dar boleia para casa. Michelle aceitou. Despediram-se dos amigos e ficaram sozinhos.

Foram descendo a rua devagar, à conversa. Fazia uma noite agradável e mal se circulava pelas ruas do Bairro Alto, cheias de gente concentrada à porta dos bares a fumar e a beber. Passaram por um bar relativamente vazio, olharam um para o outro.

— Tomamos mais um copo? — sugeriu André.

Michelle encolheu os ombros, como que a dizer *que se lixe*, apesar das horas.

— *Et pourquoi pas?* — disse, alegremente.

No dia seguinte, trabalhavam, mas já tinham bebido bastante e a responsabilidade tendia a diluir-se com o álcool. Houve um entendimento muito fácil entre eles assim que se conheceram e sentiram-se impelidos a prolongarem um pouco mais a noite e a companhia.

Sentaram-se em bancos altos ao balcão, pediram duas imperiais. Puseram-se à conversa, virados um para o outro, de lado, porque não havia espaço para enfiar as pernas debaixo do balcão, de modo que os seus joelhos se tocavam e falavam ao ouvido como se estivessem a partilhar segredos porque, mais uma vez, era um lugar barulhento, com a música demasiado alta para se conseguirem ouvir a falar normalmente.

Quando André se inclinava para a frente para lhe dizer alguma coisa, sentia o seu perfume e o calor que vinha dela, e só lhe apetecia beijar-lhe o pescoço. Depois Michelle aproximava-se para lhe falar ao ouvido e ele levava a mão atrás da cabeça dela e segurava-a ternamente enquanto lhe respondia. Falavam da vida em Lisboa, dos lugares que ela já conhecera e de outros que ele achava que deveria conhecer, enfim, uma conversa descontraída e sem muita importância. No entanto, André estava a realçar a maravilha que era viver numa cidade com praias paradisíacas a poucos quilómetros de carro, a única com tais condições em toda a Europa, dizia, e, ao mesmo tempo, pensava que queria fazer amor com ela nessa noite.

Já não tinha sexo há tanto tempo que o seu desejo era beijar Michelle ali mesmo e depois levá-la rapidamente para casa dela. Imaginou-se a despir-lhe as calças de ganga e tudo o resto e a percorrer-lhe o corpo nu com as mãos e com a boca, fantasiou no que faria depois com ela. A impaciência dominava-o, mas controlou-se para não tomar nenhuma atitude estúpida que o fizesse parecer demasiado desesperado e a levasse a recuar. Era necessário ter paciência e deixar as coisas correrem o seu rumo natural para não deitar tudo a perder.

Enquanto seguiam de carro para casa de Michelle, André ia divertido e descontraído. Nessa altura, na cabeça dele só havia eles os dois, não o preocupava que Margarida pudesse estar acordada e preocupada, à sua espera em casa. Na verdade, cada vez se interessava menos com o que Margarida pudesse pensar ou sentir em relação às suas ausências.

Justamente, nesse preciso momento, Margarida dava voltas na cama sem conseguir dormir. Não queria admitir que André andasse a traí-la, mas também não iria enganar-se a si própria com desculpas para justificar o comportamento dele. Ela nunca fora assim, antes prezava a sua independência e jurava que jamais deixaria que um homem a magoasse. Porém, agora, sofria.

Pensou que lhe bastaria ter um homem na sua vida, uma família, e que tudo o resto viria por arrasto. Convenceu-se de que André ficaria com ela e se sentiria agradecido por ela o resgatar da solidão e cuidar para que tivesse amor e todas as comodidades. Sonhou que iriam mudar-se para uma casa maior e que fariam uma grande viagem todos os anos. Acreditou que lhes bastaria uma boa vida para serem felizes. Até calhava bem não serem dominados por paixões exacerbadas porque assim não haveria ciúmes nem apegos excessivos, seria tudo muito equilibrado e teriam tranquilidade de espírito.

Margarida nunca se apaixonara vivamente por nenhum homem e sempre achara que a paixão era um sentimento sobrevalorizado por pessoas tolas e fracas que não se sabiam controlar. Pois bem, agora percebia que não era bem assim. Via que estava a perder André e sentia-se triste.

Ele não lhe ligava, não a abraçava, não a procurava para fazerem amor, passava o máximo de tempo possível fora de casa e ela desconfiava que era para não a ver. André não lhe dizia qual era o problema e ela tinha medo de lhe perguntar, pois receava que uma conversa dessas acabasse com ele a fazer as malas e a ir-se embora. Porém, mais tarde ou mais cedo, Margarida seria obrigada a tomar uma atitude, teria de confrontá-lo e, provavelmente, de fazer-lhe um ultimato. Se André se recusasse a fazer um esforço sincero para se entenderem, não restaria muito mais que Margarida pudesse fazer. Nesse caso, estariam condenados.

Margarida estava apaixonada e sentia-se impotente, sozinha em casa.

Entretanto, André estacionou à frente do prédio de Michelle e estava na expectativa do que iria acontecer a seguir. Michelle demorou-se a abrir a porta e a despedir-se, o que, pensou ele, era um bom sinal. Desligou o motor e alimentou a conversa enquanto procurava descobrir qual seria o momento certo para tentar beijá-la. Michelle parecia interessada nele, mas André não sabia se ela o iria convidar para subir ao seu apartamento. Talvez quisesse mas pensasse que não devia ir tão longe na noite em que o conhecera, ou talvez não se importasse com essas coisas e lhe dissesse para entrar.

Sofia teria feito amor com outro homem que não o ex-marido sem se sentir minimamente culpada. Dar-lhe-ia gozo trai-lo, embora não se pudesse dizer que estivesse, de facto, a enganá-lo. Já estavam oficialmente divorciados e não lhe devia fidelidade. Mas havia uma diferença entre os papéis assinados e as sensações. Podia estar oficialmente divorciada mas a sua nova situação ainda lhe parecia estranha.

Dependera emocionalmente de André durante tantos anos que, mesmo pensando que era uma parvoíce, ainda tinha a sensação de traição quando se imaginava com alguém. E sabia que também sucedia o mesmo com André e que o magoaria muito descobrir que ela tinha outro homem.

Não fazia amor há muito tempo, mas pensava muito nisso, e gostava de imaginar que faria André saber que andava com outro, talvez colocando a informação na sua página do *Facebook*. Ele merecia, pensava Sofia, mas era só uma fantasia, uma forma de se desforrar mentalmente da traição dele. Não o faria, evidentemente, seria incapaz de atingi-lo por uma futilidade. O tempo ajudava-a a aceitar a sua nova realidade e apaziguava a mágoa. De resto, não haveria nada a dizer, apenas silêncio e distância. Não queria mais do que isso.

Sofia sabia que o silêncio podia magoar mais do que uma discussão ou uma troca de acusações, mas quanto a isso nada podia fazer. Não era mesquinha, mas também não pretendia fazer sacrifícios para o ajudar a superar o divórcio. Já não o amava e quem não ama não se preocupa com os sentimentos de quem deixa para trás. O silêncio servira-lhe quando ele lhe confessara a traição e continuaria a servir-lhe para o apagar da sua vida.

Se não tivesse usado a mesma estratégia do silêncio com Bernardo, Sofia estaria mais descansada. Nesse caso, fora um passo mal calculado, pois ela pensara que se esqueceria de Bernardo tal como se esqueceria de André. Os motivos que a convidavam a ignorar ambos eram diferentes, André traía-a e Bernardo não a merecera. A traição podia ser perdoada, só não podia ser esquecida e, sobretudo, não permitia que Sofia recuperasse a vida perdida. Já o caso de Bernardo era distinto, na medida em que não estava em causa nenhuma ofensa incontornável.

Sofia sentia que gostava mais de Bernardo do que ele gostava dela. Afastara-o, mas ele poderia ter persistido para tentar reconquistá-la, e teria sido bem sucedido. Só que Bernardo escolhera a opção mais fácil: aceitar a vontade dela e desistir. Agora, pensando nisso, compreendia que quisera testá-lo, ainda que na altura tivesse pensado apenas que ficaria melhor sozinha. De qualquer modo, ele falhara no teste. O que não significava que o tivesse esquecido, pelo contrário, pensava nele com muita frequência e com muita frustração. Ai, as mulheres e os seus estúpidos testes, pensava, desanimada.

Atente-se nas contradições da mente: assim como Margarida pensava em André e este pensava em Sofia, Sofia pensava em Bernardo. Todos eles

tinham decidido que seriam fortes e não se deixariam afectar pela rejeição e todos eram apanhados na armadilha de um sentimento mais forte do que eles. Mas reagiam de formas diferentes: Margarida ficava deprimida e impotente; André enveredava por caminhos auto-destrutivos; Sofia entregava-se à rotina do trabalho e pairava pelo mundo, irresoluta e sonhadora.

Onde é que isso os levava?

Margarida haveria de recompor-se e, nessa altura, seria provável que viesse ao de cima o seu lado cerebral, cínico e impiedoso.

André tenderia a afundar-se ainda mais no desespero emocional e a viver descontroladamente, numa tentativa pouco racional de esquecer os motivos da sua infelicidade.

Sofia era a mais resignada e, por conseguinte, inclinar-se-ia para uma passividade anódina e, se nada de especial acontecesse na sua vida, ela pouco faria para alterá-la.

Bernardo ainda pensava em Pipa com saudade, mas sentia-se ofendido para a vida e não admitia uma reconciliação. E, mesmo que admitisse, seria impossível, porque Pipa já fazia planos para montar a sua emboscada de amor a Tomé e convencera-se de que lhe era indiferente o que Bernardo sentisse por ela.

Sofia foi levada por uma amiga a uma festa em casa de um amigo desta, que era um perfeito desconhecido e só por isso é que Sofia aceitou ir. Durante meses, depois da separação, foi convidada dezenas de vezes para ir a jantares de amigos, e só aceitou o primeiro.

Os amigos dela, quase todos herdados de André, eram, em geral, conservadores e prósperos, viviam em T cincos ou Ts ainda maiores, confortáveis e decorados com bom gosto. Na verdade, como o dela, mas mais espaçosos, porque tinham três e quatro filhos e precisavam de mais quartos.

Estes amigos de André não cortaram relações com nenhum dos dois. Se convidavam Sofia para jantar, era porque queriam dar-lhe um sinal de apoio, para que percebesse que não a renegavam por ela ter pedido o divórcio. Se tivesse sido ela a fazer asneira, a conversa seria outra, bem entendido, mas *foi o estroina do André e já se sabe como ele é, tem de se lhe dar algum desconto*. Quanto a Sofia, era preciso acolhê-la e consolá-la com um bom jantar numa roda de gente divertida e galhofeira.

Ninguém a incomodou com o seu assunto e o jantar decorreu descontraído e sem constrangimentos. Estava também um casal que ela sabia quem era mas ao qual nunca fora apresentada, de modo que não enveredaram por conversas que tocassem na sua intimidade. De resto, nem sequer foi o centro das atenções, apenas mais uma entre todos.

A intenção foi boa mas estranhou que nem tivesse havido uma referência à sua nova situação. Quer dizer, teria sido natural que alguém a tivesse puxado para um canto discreto e lhe tivesse perguntado qualquer coisa, como ia a vida dela, como é que se estava a aguentar.

Houve apenas uma vaga referência da anfitriã, na cozinha, que não foi muito consequente.

— Tens saído, ou nem por isso? — perguntou-lhe, estendendo-lhe um copo de vinho branco.

— Nem por isso — respondeu Sofia.

— Bem me parecia. Tens de sair, conhecer pessoas.

— Oh, quero lá conhecer pessoas.

— Sim, está bem, mas não te isoles, que isso não te faz bem.

— Não, não me isolo.

— Olha, vamos às compras um dia destes. Vi umas carteiras no El Corte Inglés que são uma tara, e nada caras. Passei por lá ontem e fiquei tentada, mas depois tinha de ir buscar os miúdos e não tive tempo. — suspirou. — Nunca há tempo para nada — e a conversa foi por aí fora, já sobre compras e crianças.

Sofia percebeu que devia ter havido um pacto entre os amigos para não falarem disso, obviamente para a pouparem a tristezas. O jantar era para a animar. Saiu de lá com a sensação de que, se ela tivesse uma doença mortal, a teriam tratado da mesma forma, com carinho e sem alusões deprimentes. Como se houvesse um certo incómodo, ou o divórcio fosse algo contagioso e fosse preferível ignorá-lo para não acordar o diabo.

Não os levou a mal, mas, depois desse jantar, recusou todos os convites que lhe fizeram. Provavelmente, foi um erro, devia ter seguido o conselho da amiga e não se isolar. Os convites começaram a rarear, até deixar de os ter. Sentia-se sozinha.

De modo que aceitou o desafio da amiga para ir à festa. A amiga chamava-se Andreia e Sofia sabia pouco dela. Enfim, sabia bastante porque ela era a alegria em pessoa, falava pelos cotovelos e contava-lhe a vida toda enquanto caminhavam lado a lado na passadeira do ginásio, mas era daí que a conhecia e nunca a vira noutro lugar. Andreia tinha trinta e três anos, um corpo fabuloso, pele trigueira, cabelo tempestuoso, caracóis negros, olhos rasgados como os orientais e um queixo recuado com uma cova profunda que parecia parti-lo ao meio. Não era bonita, definitivamente. E era desastrada a vestir-se, do género de usar *leggings* pretos com borbotos e camisolonas castanhas de lã grossa.

Andreia trabalhava numa revista cultural qualquer de que Sofia nunca ouvira falar, que, segundo ela, era uma publicação de culto editada por uma fundação. Não percebera bem qual era o cargo de Andreia na revista, além de se dar com gente intelectual extraordinariamente interessante, mas, não lhe parecendo que ela demonstrasse grandes sinais de intelectualidade, deduziu que não deveria ter funções editoriais.

Nas suas conversas com Sofia, Andreia preocupava-se mais com assuntos mundanos, como os seus problemas com os homens. Queixava-se dos homens, ansiava por apanhar um e ter por ele uma paixão que durasse mais de

seis meses, o seu recorde actual, mas não os tinha em grande conta. Dizia por entre gargalhadas que era uma depravada e que saltava de homem em homem porque não lhes resistia, apesar de serem todos uns anormais. Sofia ria-se muito com os disparates de Andreia e pensou que seria divertido sair com ela.

Aquela festa era muito diferente das festas a que Sofia estava habituada. Não havia mobílias clássicas e sofás de luxo, nem janelas de vidro duplo ornadas por ricas cortinas penduradas em varões dourados. Estavam num grande espaço aberto, com colunas de betão e paredes de tijolo à vista. A iluminação era débil: pontos de luz e candeeiros em bola espalhados pelo chão. Ao fundo, duas portas de madeira envidraçadas com a tinta branca a lascar davam acesso a uma varanda.

Os convidados juntavam-se à conversa em grupos separados, em pé, de copo na mão, ou nos pufes coloridos e nos sofás de veludo puído. Sofia ficou com a impressão de que todos fumavam. Os homens usavam calças de ganga ou de veludo, pulôver sobre camisa ou camisola de gola alta. As mulheres vestiam-se mais ou menos como Andreia, com um certo desmazelo orgulhoso. Sofia tinha optado por calças de ganga e uma blusa que a distinguia das outras, mas não de uma forma flagrante, o que a tranquilizou.

Andreia abandonou-a rapidamente, correndo de braços abertos para um tipo de camisa de flanela aos quadrados por fora das calças e barba de lenhador, alto e de porte atlético. Sofia ficou por ali a deambular meio perdida, sem sequer saber quem eram os anfitriões da festa. Serviu-se de um copo de vinho tinto numa mesa de jantar de madeira sólida, cheia de comida sortida, em pratos de papelão, que calculou ter sido trazida pelos convidados. A seguir foi sentar-se discretamente no canto de um sofá comprido a bebericar o vinho e a observar o ambiente, e ao fim de quinze minutos já estava arrependida de ter ido à festa.

Estava imersa na sua concha, a pensar que não havia nada mais constrangedor do que uma pessoa ver-se abandonada numa festa onde toda a gente se divertia menos ela. Ocorreu-lhe os seus tempos de adolescente, na escola, quando era a mais popular da turma, suspirou, *o que eu andei para aqui chegar*. Depois começou a rir-se sozinha com a ironia do seu pensamento, José Mário Branco era perfeitamente apropriado àquele ambiente.

Uma voz interrompeu-lhe a divagação.

— Não está propriamente no seu meio, pois não?

Ele sentou-se na beira do sofá sem pedir licença, meio de lado, virado para ela, inclinado descontraidamente para a frente, com os cotovelos apoiados nos joelhos e um balão cheio de uísque com gelo entre as duas mãos.

— Hã? — disse Sofia, de boca aberta, surpreendida com a interrupção.

Ele fez um sorriso franco e repetiu a ideia por outras palavras.

— Não me parece lá muito integrada.

— Nota-se muito?

Ele crispou os lábios gravemente, abanou a cabeça.

— Hum-hum.

Sofia riu-se.

— Bolas, estava a tentar passar despercebida.

Ele, ainda sério:

— Não consegui. Tive de vir salvá-la.

Olhou-o de lado, como que a medir forças.

— Quem lhe disse que preciso de ser salva?

— Ninguém, fui eu que reparei.

Estendeu-lhe a mão, mais por graça do que por formalidade.

— Zé Maria — apresentou-se.

— Sofia Maria — apresentou-se, por sua vez, sem vacilar.

Trocaram um aperto de mão sério.

— Muito prazer, Sofia Maria.

— O prazer é meu, Zé Maria.

Depois desataram a rir-se. Começaram bem, decidiu Sofia, apesar do ar de convencido dele. Agora estava a puxar do maço de cigarros que tinha no bolso da camisa e ela observou-o, apercebendo-se de que estava lamentavelmente embaçada.

— Quer? — perguntou Zé Maria.

Ela abanou a cabeça, como que pretendendo afastar uma letargia.

— Não, obrigada, não fumo.

Ele ignorou o repúdio aparente de Sofia pelo fumo e tirou um cigarro para si. Na verdade, ela estava a repudiar a sua própria e embaraçosa expressão de admiração. Zé Maria acendeu o cigarro com um *Zippo* prateado, cheio de estilo, na opinião dela.

— Vê-se logo — disse ele, por entre uma nuvem de fumo.

— O quê?

— Quando uma pessoa está fora do seu ambiente natural.

— Oh, vim com a minha amiga — levantou o queixo a apontar para Andreia, no outro lado da sala, pendurada no pescoço do seu lenhador. — Mas ela está muito ocupada.

— Vou contar-lhe um segredo.

— Conte — pediu, divertida.

Ele inclinou-se mais para a frente e disse:

— Eu também só conheço alguns.

Que sorte a minha, ele é, quase de certeza, o homem mais bonito da festa.

— Então estamos iguais — afirmou.

— Pois estamos — concordou Zé Maria, como se já fossem cúmplices por partilharem uma coisa só deles. — O que está a beber?

Ele ofereceu-se para lhe ir buscar mais vinho, mas ela não tinha mais ninguém e não o quis perder de vista. Acompanhou-o.

— Isto parece uma convenção de intelectuais — afirmou Zé Maria com ironia, olhando em redor.

— São jornalistas e assim, não é?

— Sim, jornalistas de esquerda.

— E você?

— Também sou jornalista, mas não sou de esquerda.

— Já tinha percebido — disse Sofia. — A segunda parte — acrescentou a rir-se.

— Ah, também se nota que estou deslocado?

Ela fez uma expressão de obriedade.

— Também.

Enquanto conversavam, Sofia procurou manter-se atenta e seguir o raciocínio de Zé Maria, ao mesmo tempo que observava todos os traços do seu rosto: os olhos cinzentos, a sobrancelha franzida, o queixo quadrado, a boca numa linha fina, o cabelo forte, usado curto. Ele estava a dizer qualquer coisa sobre as contradições da esquerda, entusiasmou-se com o tema e não se calou mais. Gostava de se ouvir e tinha opiniões firmes sobre muitos assuntos, ou não fosse jornalista. Sofia escutava-o e ia concordando com quase tudo, apesar de nem sempre saber exactamente do que é que ele estava a falar, porque tinha tendência para fazer referências vagas a minudências da política que ela não dominava, para além do que via e ouvia nas notícias. Zé Maria partia do princípio que Sofia sabia ao que ele aludia com as suas frases herméticas. Disse:

— O golpe não foi uma coisa planeada, mas foi uma inspiração de génio que apanhou todos desprevenidos, temos de o reconhecer.

Ela fez que sim convictamente com a cabeça.

— Sem dúvida — disse, sem fazer a mínima ideia do que tinha sido *o golpe* ou de quem fora *o génio*, mas fingiu que sabia para não parecer ignorante.

Depois pensou *podes parar de falar e beijar-me, que não vou fazer nada para te impedir*. Divertiu-se a fantasiar que ele a abraçava num impulso, sentiu-lhe os lábios nos seus, a língua dele a penetrar-lhe a boca, a brincar com a sua. Tinha a cabeça a andar à roda, talvez já tivesse bebido demasiado. Pousou o copo na mesa para não beber mais. Caso contrário, não sabia como é que aquilo ia acabar.

Zé Maria passou a noite a exhibir-se para a impressionar e Sofia, apercebendo-se disso, sentiu-se invadida por uma onda de ternura e deixou-o continuar. Os jornalistas adoravam discutir política e ela odiava. Normalmente, aquela conversa aborrecê-la-ia. Porém, sentiu-se agradecida por ter alguém com quem falar e, sendo ele bonito como poucos, tomou o facto de a ter escolhido para sua companhia como um elogio.

Entretanto, distraiu-se a reparar como ele era másculo e inteligente. A certa altura, de tão embrenhada nos seus pensamentos, nem reparou que suspirou de prazer.

— Bem — disse Zé Maria —, basta de política. Estou a aborrecê-la.

— Não está nada! — reclamou.

— Sofia Maria — continuou a tratá-la assim durante o resto da noite —, ainda não me disse o que faz.

— Trabalho com um advogado.

— Ah, é advogada.

— Não, sou a secretária do advogado.

— Um tipo com sorte — comentou. — Quem é?

Ela riu-se, disse-lhe o nome, ele reconheceu-o, naturalmente.

— Então é esse o segredo dele — disse.

— Como assim?

— A secretária!

Ela riu-se ainda mais. Estava a adorar os esforços dele para a elogiar e achou que se comportava como uma parvinha deslumbrada, mas não se importou. *Quero lá saber.*

Eram oito enfiados no *Volvo* de Zé Maria e a algazarra era mais que muita. Sofia, a privilegiada que ia no lugar da frente, voltava-se para trás e só via uma amálgama de gente apertada, elas ao colo deles, dobradas para a frente, com a cabeça a tocar no tejadilho. Andreia gritava toda contente, sentada nas pernas do lenhador, e este ria-se com um ar atoleimado. Vinham da festa e faziam a ronda dos bares, já tão bebidos que era como se fossem amigos de sempre.

Zé Maria estacionou junto ao primeiro bar que encontraram ainda aberto. Abriram-se as portas e saíram lá de dentro como bonecos de mola que saltavam da caixa quando se levantava a tampa.

Andreia adiantou-se no passeio, de braço dado com Sofia.

— Eu vou levar o meu lenhador para casa para me dar uma grande foda, que estou muito precisada — segredou-lhe, divertida. — E tu?

— Eu vou sozinha para a minha casinha, meter-me na caminha e dormir.

Andreia atirou a cabeça para trás, expressando uma desilusão muito teatral.

— Ahhh, não acredito! A sério?!

— A sério.

— Mas ele é lindo!

— Pois é — concordou Sofia a rir-se —, mas acabei de o conhecer.

— Que desperdício.

— És uma depravada.

Andreia soltou uma gargalhada.

— Pois sou.

Zé Maria arranjou maneira de largar todos antes de levar Sofia a casa. Ela apreciou o esforço e recompensou-o dizendo-lhe o número do seu telemóvel. Se ele ficou desiludido, não o mostrou, e teve um comportamento irrepreensível.

— Eu ligo-te — prometeu.

— Faz isso — incentivou-o. — Fico à espera.

Foi deitar-se com um sorriso. Há muito tempo que não se divertia como nessa noite. Pensou em Zé Maria e no que poderia acontecer se ele cumprisse a promessa de lhe telefonar para voltarem a sair. Os meses passavam e sentia-se sozinha. Bernardo nunca mais tentara contactá-la, obviamente desistira dela. Era provável que ele tivesse pensado que seria ela a ligar se quisesse vê-lo. Pensou algumas vezes em telefonar-lhe, mas nunca se decidiu e agora já não conseguiria fazê-lo. Tinha a sensação de que já não fazia sentido, perdera a oportunidade. Provavelmente, Bernardo já teria arranjado outra e faria figura de parva se lhe ligasse de repente. Seria embaraçoso, nem sequer saberia o que lhe dizer.

Não se cansava de se censurar por não ter feito as coisas de outra maneira. Ah, se pudesse voltar atrás...

Estavam deitados nus na cama de Michelle. André resvalou para o lado, suado e satisfeito, deixando uma perna dobrada por cima do corpo dela, uma mão pousada no seu seio, sentindo ainda o leve arfar do seu peito transpirado. Ouviu-a suspirar de prazer. Sorriu. Tinha os olhos abertos e contemplava com indolência a escuridão do quarto de Michelle.

Ficou um momento acariciando o seio dela, sem a ver, sem perceber um relevo no ambiente à volta, que era só o negro absoluto. A divisão, sem janela, com a porta fechada e as luzes apagadas, manteve-se impenetrável. Não que estivesse particularmente interessado em descobrir os segredos da decoração do quarto.

Ela arrendava-o à dona do apartamento, que, segundo lhe dissera, estaria algures a dormir lá em casa. Quando chegaram, avisou-o de que não podiam fazer barulho. Enfiou a chave na fechadura, abriu a porta do apartamento, deu-lhe a mão e conduziu-o por um corredor curto sem acender a luz, como se fosse uma intrusa na sua própria casa.

Entraram no quarto, Michelle fechou a porta devagar e agarrou-se a André no escuro, procurando logo os lábios dele com os seus, desapertando-lhe febrilmente o cinto e o fecho das calças, enfiando a mão dentro para satisfazer uma necessidade imediata. Agachou-se à frente dele, enquanto André ainda tentava orientar-se nas trevas do quatinho, que só adivinhou que era pequeno pelo ambiente vagamente opressivo das paredes estreitas, e porque o som da fivela metálica do seu cinto a bater no chão de madeira não ressoou como seria de esperar num espaço largo.

Depois, ela voltou a trepar por ele e puxou-o para a cama, que estava mesmo ali, embora não se visse. André tropeçou na beira da cama e caiu no colchão. Conseguiu descalçar um sapato e o outro sem desapertar os atacadores e então, mais livre, acabou de se despir ao mesmo tempo que Michelle.

Encontraram-se, às cegas, no centro da cama — essa sim, mais espaçosa do que ele esperara — e bastaram-lhes as mãos e as bocas para se descobrirem mutuamente. Debateram-se com uma ferocidade benévola, impetuosamente, com a generosidade do desejo por saciar. Percorreu o corpo dela com a boca, mergulhou entre as suas pernas e demorou-se mais do que ela conseguiu aguentar. Impaciente, Michelle puxou-o para cima dela e mordeu o lábio para abafar um gemido de satisfação naquele instante supremo em que ele a preencheu.

Fazia calor no quarto abafado. André levou a mão ao rosto de Michelle, sentiu as pontas do cabelo coladas à face e afastou-as com uma carícia. Ela voltou-se para ele e procurou também a sua cara com a mão. Deixaram-se estar deitados de lado, de frente um para o outro, tateando-se em silêncio.

Michelle esticou-se para trás. André ouviu-a abrir a gaveta da mesa-de-cabeceira, remexer o interior, tirar qualquer coisa. O seu rosto surgiu

brevemente à luz da chama de um isqueiro e tornou a apagar-se, ficando só a extremidade incandescente do cigarro a pontuar de laranja a escuridão. Partilharam-no, fumando à vez.

Depois, ela acendeu o pequeno candeeiro ao seu lado e André pôde finalmente ver como era o quarto: a porta dupla de espelhos de um armário no lado dela permitiu-lhe ver a parede atrás dele, com uma fotografia de uma vista de Paris, e era tudo.

André apanhou a roupa espalhada pelo chão, vestiu-se. Michelle acompanhou-o à porta de casa, demoraram-se na despedida com beijos arrebatados e risos abafados, sem dizerem nada para não se denunciarem.

Já no carro, consultou o telemóvel para confirmar que tinha registado correctamente o número dela, bem disposto com a sensação de triunfo que lhe transmitiu aquele encontro furtivo. Mas logo se lembrou de Margarida e o sorriso morreu-lhe nos lábios.

A aventura era contra a sua natureza e Sofia buscava o oposto mesmo quando se procurava convencer de que estava pronta para desafiar o desconhecido. Decidia que iria divertir-se e ter uma vida sofisticada, sem compromissos, e recuava logo a seguir, não deixando sequer assentar essa ideia extraordinária.

Era suficientemente bonita para ter os homens que quisesse. Que diabo, pensava, até Andreia, que não devia nada à beleza, conseguia ter um diferente todas as semanas, bastando-lhe pôr uma saia curta, uns saltos altos, exhibir as pernas perfeitas e enfiar-lhes as mamas debaixo dos olhos para se esquecerem da sua cara desastrosa e fazerem qualquer coisa para lhe saltarem em cima.

Tanto quanto sabia, os homens eram presas fáceis, e Sofia estava farta de estar sozinha. Era livre, isenta de responsabilidades, ainda jovem, podia sair e fazer o que quisesse! Mas depois era assaltada por uma moleza, um esmorecimento, sentia o chamamento do sofá, da telenovela, e adiava. Ou era porque estava cansada, ou porque tinha de acordar cedo no dia seguinte, ou porque estava a chocar uma gripe, todas as desculpas lhe serviam.

Francamente, não via qual era o propósito de uma pessoa se submeter à tortura da vida nocturna, passar horas a fingir que se divertia em discotecas onde era impossível ter-se uma conversa inteligente e estimulante. Se ao menos gostasse de dançar...

Contudo, abriu uma excepção assim que Zé Maria lhe telefonou numa sexta-feira e a convidou para sair.

— Vamos jantar e divertirmo-nos como se não houvesse amanhã? — sugeriu, naquela toada jovial que o tornava irresistível.

— Vamos! — concordou Sofia, entusiasmada.

— Nada de política, prometo.

— Nada de política.

O restaurante era um labirinto de salas, todas diferentes. Ficava no Chiado e entrava-se por um pátio interior onde havia uma esplanada rodeada de prédios. Sofia nunca lá tinha ido e ficou agradavelmente surpreendida. Zé Maria conduziu-a pelas várias salas como se fosse o anfitrião a mostrar-lhe a casa de uma época remota. Sofia teve a sensação de ter recuado no tempo e entrou num castelo medieval com paredes cruas de pedra, colunas maciças e tectos abobadados. Seguiu-o por outras salas onde descobriu espelhos variados e fotografias a preto e branco de bailarinas e actrizes cosmopolitas da Belle Époque pendurados em paredes forradas a madeira. Por todo o lado, havia candelabros dourados, ventoinhas de tecto, sofás de luxo em pele e cadeirões estofados, cadeiras antigas e desconstruídas à volta de mesas de madeira de muitas formas e tamanhos, redondas, quadradas, rectangulares, um candeeiro de pé, um velho telefone de disco, preto.

Terminada a visita guiada, Zé Maria abriu os braços em sinal de

expectativa.

— Então — perguntou —, qual vai ser?

Ela sentiu-se uma menina pequenina deslumbrada numa casa de brincar.

— Quero aquela — apontou para a sala que tinha como mesas estruturas de máquinas de costura antigas, algumas ainda com as velhinhas *Singer* a fazer de centro de mesa. E surpreendia o pormenor original do armário de portas brancas envidraçadas, embutido na parede e rodeado de estantes cheias de livros. Sofia gostava de livros.

Pediram vinho tinto e pratos variados, polvo com pimentos, bacalhau com grão, cogumelos com espinafres, melão com presunto, um banquete!

Sofia misturou aqueles sabores todos, comeu com prazer. Não havia dúvida de que Zé Maria sabia fazer uma mulher feliz, pensou.

— Por que demoraste tanto tempo a convidar-me? — perguntou, a sentir-se atrevida.

Ele riu-se de satisfação.

— Ainda nem passou uma semana! — exclamou, divertido.

— Se soubesse que me ias trazer a um restaurante tão giro, até podia ter sido no dia seguinte.

— E a comida, não é boa?

— É ótima — respondeu ela.

— E eu que pensei que vinhas pela companhia.

— A companhia é o melhor de tudo.

Ele levou a mão ao coração, como um cavalheiro apaixonado. Ela pensou que estava inspirada.

Beijaram-se ao fim da noite, no carro, à porta do prédio de Sofia, mas ela não permitiu que Zé Maria fosse mais longe do que esse beijo sereno e terno, deslizando depois dos seus braços suplicantes que não a queriam deixar ir.

Foi deitar-se a debater-se com uma irresolução. A determinada altura, ao jantar, mergulhara nos olhos cinzentos de Zé Maria e, nesse momento contemplativo, tivera a certeza de que iriam fazer amor nessa noite e pensou que, uma vez que ele decidira que seria sua, não lhe poderia — nem queria — fugir.

Estava excitada e feliz quando subiram o Chiado a pé. Ele deu-lhe a mão e ela deixou-se levar. Foram pela calçada em ritmo de passeio, demorando-se a ver as montras, os livros na Bertrand, os algodões na Paris em Lisboa, sem pressa de chegarem ao carro. Depois passaram a Brasileira e o eterno Fernando Pessoa sentado à sua mesa de ferro e Sofia lembrou-se de que fora ali que conhecera Bernardo e ficou meditativa, nostálgica, presa ao pensamento insensato de que ele poderia vir a descer a rua como da outra vez e surpreendê-la com Zé Maria. Nem se apercebeu de que soltou a mão dele instintivamente, como se pudesse ser apanhada a fazer alguma coisa de mal. Se ele a visse, seria o fim, foi o que pensou. Uma tolice, mas foi o que pensou.

Se Zé Maria estranhou esse gesto quase brusco, não o demonstrou. Sofia enfiou as mãos nos bolsos do casaco.

— Estás com frio? — perguntou.

— Não, não, está uma noite ótima — respondeu, receosa de que ele se lembrasse de abraçá-la.

Bernardo não surgiu do nada, desceram ao parque de estacionamento, o momento passou. Depois, já à porta do prédio dela, quis que Zé Maria a beijasse, mas não foi capaz de convidá-lo para subir. Dormir com ele significava desistir de Bernardo, como se não o tivesse perdido já.

Revirou-se na cama, incomodada pela forma como acabara a noite, por sua culpa, por se deixar influenciar por uma fantasia. Gostava de Zé Maria, mas não podia esquecer Bernardo. Pensou que devia enviar uma mensagem a Zé Maria, acendeu a luz da mesa-de-cabeceira, pegou no telemóvel, ponderou o que escrever, lembrou-se outra vez de Bernardo, pensou que estava doida, atirou o aparelho para o lado vazio da cama, apagou a luz.

Tinha estado tão pouco tempo com Bernardo que lhe parecia impossível ter-se apaixonado. Negava-o a si própria veementemente, não se apaixonara coisa nenhuma, só não sabia explicar por que razão pensava nele todos os dias, a todas as horas. Era um disparate, procurava afastá-lo da mente, distrair-se com outras coisas. Agora tinha Zé Maria, enfim, poderia vir a ter, se não estragasse tudo e a relação se concretizasse. Antes de adormecer, decidiu que lhe telefonaria no dia seguinte, iriam sair novamente e dormir juntos.

Estacionou o carro discretamente na rua de Sofia e ficou a olhar para o prédio onde morara com ela outrora. Observou as luzes apagadas nas janelas e ficou intrigado. Teria saído? André sabia que era raro Sofia sair à noite. Costumava parar o carro, via a luz da sala acesa, imaginava o que ela estaria a fazer, recordando os seus hábitos quando eram casados. Ficava ali muito tempo a velar por ela, até a luz se apagar e Sofia se ir deitar. Nessa altura, murmurava-lhe boa noite na solidão do carro, punha o motor a trabalhar e ia-se embora.

Odiava este hábito recente, sentia-se miserável e tinha consciência de que lhe fazia mal, mas era mais forte do que ele. Desde que Michelle partira para Paris, começara a jantar no Papa Rica todas as noites, bebia uma garrafa de vinho à refeição, tomava um uísque com o café, e depois, sem pensar bem no que fazia, desviava-se do caminho de casa para passar pela rua de Sofia.

A obsessão que sentia agora por Sofia era mais forte do que a paixão que tivera por ela outrora, mesmo nos primeiros tempos, quando não se largavam, antes e logo a seguir ao casamento. Bem que tentava esquecê-la, mas a sua recordação não o deixava em paz, voltava sempre para o atormentar.

Conseguira distrair-se durante quase um mês, com Michelle, apesar da desconfiança de Margarida, que percebera que havia qualquer coisa de errado e, embora não o tivesse dito explicitamente, se tornara carrancuda e só lhe falava por monossílabos. André suspeitava de que ela estava prestes a rebentar e, quando isso acontecesse, não seria nada bonito de se ver.

No fim, acabara por ser honesto com Michelle e explicara-lhe a sua situação. Podia ter-se esquivado, empatado o assunto até ela se ir embora para França, era só uma questão de semanas, mas pensou que estava farto de mentir a todas as mulheres e contou-lhe.

Michelle nunca o deixava passar a noite inteira na sua cama, obrigava-o a ir-se embora sem fazer barulho, porque a mulher que lhe arrendava o quarto avisara-a de que não toleraria homens lá em casa. Era uma solteirona envelhecida e azeda, mas tratava-a bem e ela não queria arranjar problemas. André entrou e saiu furtivamente naquele apartamento tantas vezes que já seria capaz de o fazer de olhos fechados. A mulher nunca soube que havia um homem que visitava a sua casa e se deitava com a sua hóspede todas as noites.

Essa condicionante ter-lhe-ia sido conveniente se ele quisesse manter o segredo, pois podia retirar-se relativamente cedo e Michelle mostrava-se confortável com a situação, gostava dos seus encontros clandestinos e não lhe sugeria que fossem para casa dele.

Provavelmente, se Michelle não estivesse de partida no fim desse mês, não teria sido tão compreensiva, mas ela sabia que eles não tinham futuro, era só um caso com os dias contados, de modo que preferiu ignorar os problemas dele e aproveitar até se ir embora. Pensou que assim não se prenderia

demasiado a ele e a separação seria mais fácil.

Quanto a André, gostava de Michelle mas percebia que ela já estava com a cabeça em Paris, por isso concordava que era melhor para os dois manterem as coisas simples. Sexo e divertimento. Seria um desastre se se apaixonasse por Michelle.

Ela foi-se embora finalmente. Levou-a ao aeroporto, abraçaram-se, prometeram manter o contacto, mas ambos sabiam que isso não iria acontecer.

— Liga-me assim que aterrares — pediu-lhe. — Quero saber se chegaste bem.

— *Bien sûr, mon amour* — disse, unindo-se a ele com a paixão do derradeiro beijo.

E foi o fim.

Vinha do aeroporto e lembrou-se de ir jantar ao Papa Rica. Foi bem recebido por Pipa, que o reconheceu.

— Que surpresa! — exclamou, como se estivesse radiante por o ver. — Vem sozinho ou espera alguém?

— Venho sozinho — disse André. *É a história da minha vida*, pensou.

— Vou arranjar-lhe uma mesinha, então.

Pipa era tão bonita que ele poderia seduzi-la. Não foi nada que não lhe tivesse passado pela cabeça, mas depois apareceu o famoso advogado e afastou a ideia rapidamente.

Tomé não se mostrou tão feliz por rever André como Pipa. Na verdade, nem o cumprimentou. Se se lembrava dele, não o demonstrou. Ignorou-o e escolheu uma mesa suficientemente afastada para nem sequer haver contacto visual entre os dois. André não percebeu se o fez de propósito. Ele que se lixasse, pensou, constatando com alguma inveja que, a partir dessa altura, Pipa dedicou atenção exclusiva a Tomé e ele teve de se resignar com o empregado que o serviu.

A partida de Michelle deveria ter contribuído para André retomar uma vida normal, perceber que devia dedicar-se a Margarida e ao filho, mas só o deixou mais desamparado. De certo modo, Michelle ajudara-o bastante, pois não lhe exigia nada e permitia-lhe desligar da sua obsessão por Sofia. Agora, novamente entregue à vida que não queria, voltou a pensar nela e a sentir-se perdido.

Nessa noite, depois de sair do restaurante, resolveu passar em frente a casa de Sofia. Foi uma decisão impulsiva, a primeira de inúmeras vezes em que parou na rua a observar as janelas da sala dela e a imaginar a vida se não tivesse feito asneira. Nessa noite, culpou Margarida pela sua infelicidade. Ela era a responsável por ele ter arruinado o seu casamento. Odiou-a.

Bernardo conseguiu mais um grande e lucrativo contrato e a empresa começou a descolar outra vez. Para o conseguir foi preciso manipular, mentir e subornar, mas ele não estava em posição de se incomodar com essas coisas. Ficar paralisado com problemas de consciência não era opção, só um luxo a que não se podia dar. Valera bem a pena, esmagara as propostas dos outros concorrentes, bem melhores que a sua, por sinal, e ganhara.

Só se sentia responsável pela sua empresa, pelas pessoas a quem pagava ordenados, pela sua família. Regia-se pela lei da sobrevivência. A economia estava de rastos, os políticos e os banqueiros que a tinham delapidado faziam fila para entrar nos tribunais, apoiados pelos melhores e mais influentes advogados. De uma maneira ou de outra, a maioria deles safar-se-ia, o dinheiro continuaria a correr, voltaria tudo ao normal, as mesmas fraudes, os mesmos actores. Por que haveria ele de se importar?

Sentou-se na esplanada de um hotel à beira do Tejo. Pediu um café e preparou-se para ler os jornais que comprara de manhã, antes de passar pelo escritório. Sentiu-se bem, era sábado e havia meses que não tinha uma pausa no trabalho.

A vida corria-lhe bem depois do sufoco que havia passado. Até Ana parecia menos agressiva. A ex-mulher preparava-se para casar outra vez, com um director endinheirado que trabalhava com ela no banco, e, aparentemente, perdera o interesse na guerra sem tréguas que lhe movera após a separação. Bernardo agradecia.

Ainda pensava em Pipa, mas só para se irritar. Era uma traidora, não queria vê-la nunca mais. Já não ia ao Papa Rica e todos os assuntos relacionados com o restaurante eram tratados por intermédio do seu advogado.

O negócio corria bem e, apesar de ser o dono do Papa Rica, era ela quem garantia que continuasse a ganhar dinheiro. Tinha vontade de afastá-la, para cortar o último laço, mas faltava-lhe a coragem e dizia a si próprio que só não o fazia porque Pipa era muito competente e não se devia misturar o amor com negócios. Era apenas uma desculpa, evidentemente, o amor misturava-se muitas vezes com os negócios e quando o primeiro acabava ficava uma dor de alma e a frustração que convidava à retaliação.

Sentia-se incomodado por permitir que Pipa se mantivesse à frente do restaurante, dava-lhe a sensação de que ela continuava a viver à custa dele. Se ela tivesse tido a dignidade de se despedir, ter-lhe-ia feito um grande favor. Pipa conhecia-o bem, sabia que ele não lhe tiraria a gestão do restaurante para atingi-la e aproveitava-se disso.

Tirou os jornais do saco de plástico e pôs os óculos para ver ao perto, já não era capaz de ler sem eles. Leu os títulos sem se concentrar, levantou os olhos, observou um veleiro que deslizava lentamente à sua frente, na direcção

do mar. Estava um dia de águas calmas, o sol faiscava no rio e a temperatura mantinha-se misericordiosamente amena.

Pela primeira vez, desde que se sentara, interessou-se pelas outras pessoas na esplanada. Reparou num casal à sua direita, numa mesa com dois casais à sua esquerda, um casal de estrangeiros, mais velho, na mesa em frente. Notou como todos pareciam felizes numa serena cumplicidade com a vida.

Apercebeu-se de que tinha andado tão embrenhado no trabalho que nem se preocupara com mulheres. Há meses que não saía do escritório, senão para reuniões e almoços de trabalho, ou para ir dormir a casa. Subitamente, teve necessidade de companhia feminina. Lembrou-se de Sofia, que teria sido feito dela?

Ainda ficava encantado com a recordação do primeiro encontro deles, tão romântico e original, uma coisa de filme, dois desconhecidos que se cruzavam na rua e começavam a falar. Nunca lhe tinha acontecido nada de parecido. Que pena ter sido numa época tão difícil para ele, a empresa a afundar-se, Pipa a deixá-lo.

Não se esforçara nada por ela, tinha a noção de que a tratara injustamente, com sobrançeria, o seu desleixo fora imperdoável. Sofia merecia melhor e ele não podia criticá-la se ficara magoada. Era obrigado a dar-lhe razão, não soubera estar à altura e não se podia queixar se ela se sentira desiludida.

Se fosse hoje, pensou, teria feito tudo diferente. Gostaria de ter uma segunda oportunidade, mas já não ia a tempo, não havia segundas oportunidades quando um homem se comportava como uma besta. E que animal ele tinha sido com ela! Ficava desconcertado consigo próprio só de se lembrar disso.

Sofia estava sentada com as pernas cruzadas em cima de um bloco de cimento que fazia de banco público, na margem do rio. Apoiou a palma das mãos atrás das costas, no banco, inclinou-se, voltando a cara para o sol, protegida pelos óculos escuros, fechou os olhos. Ficou assim um momento, entregando-se ao prazer de apanhar o calor no pico da manhã, escutando o vago rumorejar das pessoas que passavam, recolhida nos seus pensamentos.

Tinha acordado cedo, tentado dormir mais um pouco por ser sábado e querer aproveitar, mas já não conseguira voltar a adormecer. De modo que se levantara, arranjava-se rapidamente, tomara o pequeno-almoço sem pressa e resolvera sair de casa para dar um passeio matinal à beira do Tejo. Ainda pensara em desenterrar o fato de treino do fundo do armário para ir correr, mas sentira-se preguiçosa e decidira ficar-se pelo passeio.

Caminhou ao longo do rio durante vinte minutos. Um atacante desapertado obrigou-a a parar, pôs o pé em cima do banco e atou-o. Apeteceu-lhe sentar-se um pouco. Estava ali a apanhar banhos de sol, a lembrar-se da noite anterior e a imaginar que Zé Maria devia ter ficado desapontado com a forma como acabara: um beijo, uma promessa de muito mais e adeus?! O que é que lhe passara pela cabeça para o mandar embora? Passara-lhe pela cabeça

algo que não poderia ter: Bernardo. Perguntou-se por que é que as pessoas ficavam presas a sonhos do passado que não levavam a lado nenhum.

Decidiu telefonar a Zé Maria para lhe agradecer o jantar, esperando que ele agarrasse a deixa e a convidasse outra vez para sair. Consultou o relógio, ainda era cedo, mais logo, não queria parecer demasiado interessada. E a seguir pensou, o que faria se Bernardo lhe telefonasse um desses dias e ela já estivesse comprometida com Zé Maria? Não tinha a certeza, só sabia que ficaria muito triste.

Abriu os olhos, um veleiro ia a passar, observou-o com admiração. Não gostava particularmente de barcos, mas aquele era impressionante. Levava a bordo um monte de gente feliz, pudera! Depois, distraiu-se da vela branca, que já lá ia, e voltou a cabeça para a direita, para a esplanada do hotel delimitada por um vasto canteiro, com as suas confortáveis cadeiras estofadas, a cobertura de madeira, o *deck* elegante. E lá estava ele.

Não podia ser! Sofia endireitou-se para ver melhor, era mesmo Bernardo. Desviou rapidamente os olhos para o rio. *E agora?* Não tomara banho, lavara só a cara, enfiara umas calças de ganga velhas, uma *sweatshirt* por cima de uma camisola. Passou instintivamente a mão pelo cabelo apanhado num rabo-de-cavalo. Alarmou-se. Não estava apresentável.

Vigiu-o pelo canto do olho, não fosse ele levantar-se e desaparecer. Pensou mil coisas ao mesmo tempo, cheia de nervos. Bernardo lia o jornal, com aquele seu ar de príncipe, muito distinto mesmo com a roupa mais vulgar, e ela sentiu-se sem graça. Que fazer? Não podia simplesmente ignorá-lo. Quantas vezes mais teria a sorte de encontrá-lo por acaso? E sozinho! Era incrível ter voltado a acontecer.

Respirou fundo, controlou-se, levantou-se, endireitou as costas, assumindo uma postura confiante, e caminhou em direcção à esplanada.

Bernardo ergueu os olhos do jornal, como se tivesse pressentido que Sofia se aproximava. Tirou os óculos, deixou cair a mão em cima do jornal, fez um sorriso perplexo.

Num momento pensava em Sofia, no momento seguinte ela materializava-se à sua frente.

— Olá. Estás bom? — disse ela, pondo a cabeça de lado, enfiando as mãos nos bolsos de trás das calças, um pouco coquete.

Bernardo abanou a cabeça, incrédulo.

— Temos de deixar de encontrar-nos assim — disse, feliz por vê-la.

Quando era novo e andava na escola sem preocupações de sobrevivência, André nunca deu problemas a ninguém, se exceptuarmos os colegas de turma, que o consideravam ao mesmo tempo brilhante e irritante. Aluno brilhante e colega irritante, entenda-se.

Para os pais, André era o filho modelo, o melhor aluno da escola, inteligente, o exemplo que os outros três filhos deviam seguir. Para os irmãos, que não passavam de estudantes médios, a aparente preferência pelo primogénito era motivo de crises de ciúmes que se manifestavam através da rebeldia. Os mais novos, todos rapazes, formavam uma espécie de aliança não declarada contra André.

Sendo crianças, sem uma consciência clara da rivalidade que tinham com André, mas, ainda que em menor grau, também entre eles, não eram capazes de exteriorizar o ressentimento por se julgarem menos amados pelos pais, senão criando conflitos permanentes.

O pai de André, um notável gestor de empresas que trabalhou vinte anos na indústria farmacêutica até chegar ao topo, ganhava rios de dinheiro e, provavelmente, a única lição de vida que André aprendeu com ele foi que neste mundo só interessava ser-se o primeiro. Durante a infância e adolescência, André habituou-se a ver o pai sair de casa antes do resto da família e regressar muito depois de todos.

Instalou-se nele uma certa mágoa, um sentimento de injustiça que foi crescendo ao longo dos anos devido ao inexplicável distanciamento do pai e que não se apaziguava com o reconhecimento de que, graças ao trabalho incansável do progenitor — os pais costumavam usar a palavra *sacrifício* —, nada lhes faltava. Moravam num pequeno palacete na Lapa com dois andares, uma garagem que permitia estacionar cinco carros, e um espaço exterior tão sumptuoso que, por graça, se referiam a ele como o jardim de Versalhes.

Uma empresa de jardinagem enviava periodicamente uma equipa de homens com grandes tesouras que esculpia pacientemente um labirinto verde. *Godzilla*, um nobre e pachorrento São Bernardo, explorava Versalhes no Verão, hibernava em frente à lareira da sala no Inverno.

O átrio marmoreado, com o vão de escada atapetado a vermelho, à direita, e as portas de correr que davam acesso à sala principal, ao fundo, era maior do que as casas de alguns dos amigos de André. Dizer que tinham a vida facilitada seria eufemismo. Porém, algo faltava naquela família perfeita.

Regra número um: não se podia fazer barulho quando o pai chegava, porque vinha cansado. A advertência era feita pela mãe. Ele passava pela sala para cumprimentar os filhos com uma benevolência severa e seguia para a casa de jantar. Era servido pela empregada e comia em silêncio, escutando resignadamente o interminável monólogo da mulher, que lhe contava o seu dia em tom de desabafo. Depois, levantava-se, dava-lhe um beijo na testa e ia fechar-se no escritório.

Aos doze anos, André estranhava a exagerada dedicação do pai à empresa, mas ainda não conseguia perceber que o trabalho era o seu pretexto para se manter longe da mulher, que mal suportava, embora lhe faltasse a coragem para pedir o divórcio. Entretanto, ela é que era o verdadeiro suporte da família, resiliente num casamento fracassado, dedicada à casa e aos filhos, sempre pronta a desculpar as falhas do marido e a simular uma felicidade que não sentia, em nome da estabilidade e da união familiar.

Nas aulas, André afrontava os professores com uma arrogância e uma desfaçatez que os colegas não se podiam permitir. Afinal, ele tinha praticamente cem por cento em todas as disciplinas, podia ser o engraçadinho de serviço. Outros havia que se portavam mal, evidentemente, mas chumbavam e ficavam para trás. Ele era o líder natural, que subjugava, que decidia quem entrava e quem ficava de fora do jogo de futebol no recreio, o puto carismático e detestado por muitos, mas a quem ninguém queria desagradar. Era melhor estar nas suas graças do que ser posto de parte.

André via a cumplicidade que os amigos tinham com o pai deles e sonhava que o seu fosse igual. Ainda muito jovem, decidiu que seria melhor do que o pai em todos os aspectos. Seria mais bem-sucedido profissionalmente, mas sem negligenciar a família, e, um dia mais tarde, haveria de lhe atirar tudo isso à cara. Contudo, falhou rotundamente. E, mesmo que tivesse tido êxito, não teria tido oportunidade de confrontar o pai, pois este sucumbiu a um ataque de coração antes de completar os cinquenta. André, então com quinze anos, assistiu ao funeral completamente derrotado, dividido entre a esperança perdida de melhorar a relação com o pai e a frustração por já não ter a possibilidade de o censurar pelas suas falhas.

Depois do enterro, a mãe levou os quatro filhos para casa e preparou-se para ser viúva até morrer. Nunca mais voltaria a casar-se. Dedicou-se com férrea determinação à abnegada missão de manter a qualidade de vida dos filhos, como se nada tivesse acontecido. Todavia, veio a descobrir que o marido deixara as contas presas por arames. Gastava-se mais do que se ganhava e não havia tanto dinheiro no banco como ela imaginava.

O luxo foi declinando, à medida que ela foi sendo obrigada a vender. O palacete, o jardim de Versalhes, a coleção de automóveis, desapareceu tudo.

O pai de André morreu instantaneamente, a trabalhar, com a cabeça caída na secretária. Pelo menos, foi esta a versão da tragédia que lhe foi contada, tal como à restante família e aos amigos. E jamais ouviu outra da boca da mãe. Só em adulto André seria abalado pela história alternativa, que um dos irmãos lhe revelou num momento de raiva. Discutiam por causa da situação económica da mãe.

— Se a mãe está em dificuldades agora, bem pode agradecer ao nosso paizinho — disse o irmão.

— Enquanto o pai foi vivo, fomos ricos e a mãe viveu como um rainha — replicou André. Não sabia por que defendia o pai perante os outros, se o que

queria era desprezá-lo.

— O pai estava-se nas tintas para a mãe.

— Não digas isso, ele deu-lhe tudo.

— Menos amor.

— Porque trabalhava demais.

— André, não sejas ingénuo.

Ele irritou-se com o tom condescendente do irmão.

— Ingénuo porquê? Por estar agradecido e não ser uma besta como tu?!

— Eu sou uma besta e tu és um idiota. Será possível que ainda não saibas o que aconteceu?

— O que aconteceu quando?

— Como o pai morreu!

— O que queres dizer com isso?

O irmão retirou os óculos para esfregar a cara com a mão, exasperado.

— Eu é que uso óculos, mas tu é que não vês um palmo à frente do nariz.

— De que porra é que estás a falar?

— Já te disse, estou a falar do que aconteceu no dia em que o pai morreu.

— Ele teve um ataque de coração — lembrou-o André.

— Sim, mas porquê?

— Sei lá porquê!

— Então eu explico-te.

Foi um choque, uma desilusão. André admirava o pai tanto quanto o criticava. Era o homem de sucesso, brilhante e poderoso, que ele venerava. Em criança, fizera tudo ao seu alcance para lhe chamar a atenção e obter a aprovação dele, o amor dele. Foi igualmente brilhante e, à sua maneira, poderoso, o puto que liderava a matilha. Em troca, só obtinha comentários austeros. Era bom, excelente, mas não fazia mais do que a sua obrigação, dizia o pai, gravemente, voltando-lhe as costas.

Mas afinal o pai não era tão virtuoso como aparentava. Não queria saber da mulher, descurava o acompanhamento dos filhos, não demonstrava um pinga de amor pela família. Pensava que a sua obrigação para com a mulher e os filhos cessava ao providenciar-lhes uma vida desafogada, mas não os precaveu do desastre financeiro. Deixara que pensassem que eram ricos e escondeu-lhes as dívidas monstruosas que lhes legou.

Tanto quanto André se recordava, a secretária do pai era uma mulher cinzenta, sem chama, que lhe fazia lembrar uma directora de escola antiquada, rígida e incapaz de um sorriso. Talvez pela atitude áspera dela e pela eterna saia e pelo casaco que inspiravam uma monotonia arcaica, André sempre a vira como uma mulher envelhecida e amarga, porventura muito mais nova do que aparentava. Lembrava-se dela no cemitério, inconsolável, mas como que posta de parte, sem o apoio de ninguém, como se as pessoas a ignorassem. Na altura, André pensara que não queriam saber dela por ser só a antipática da secretária. A mãe não olhou para ela uma única vez e ela acabou por se retirar sem a cumprimentar.

Era difícil imaginar que, no luxo severo do gabinete do pai, o sofá em couro castanho pudesse servir para outra coisa além de receber homens graves de fato escuro que iam tratar de negócios. Era quase inconcebível que entre os objectos pessoais devolvidos à mãe pudesse haver uma embalagem de Viagra e ainda mais despropositado que o pai os tomasse, ou mesmo que tivesse exagerado na dose acidentalmente.

Nessa noite, o pai ficara a trabalhar até mais tarde. A secretária também ficara, nunca saía antes dele. Foi ela que deu o alarme. Os socorristas do INEM viram-na num desmazelo, despenteada, em mangas de camisa, com os botões apertados nas casas trocadas, descalça. No seu desespero, ela nem se preocupara com isso. Disse-lhes que ele perdera os sentidos na secretária, que o arrastara para o sofá e de balde lhe fizera massagens cardíacas.

O pai pesava mais de noventa quilos e quando o encontraram estava prostrado no sofá, já sem pulso, só em meias e cuecas. Nada disso foi referido, os pormenores perderam-se no anonimato do relatório oficial, e, quanto à mãe, nunca mudou uma vírgula à sua versão.

Em suma, o pai não levava exactamente a vida de princípios rigorosos que apregoava e, se fosse pessoa de dar a mão à palmatória, André teria de

concordar com o irmão, era um perfeito idiota.

Os anos passaram, André manteve-se solteiro, trabalhava tanto quanto se divertia, ganhava bem, não se privava de nada, viajava bastante. Era bom estar sozinho, até conhecer Sofia.

Entretanto, só via a família nas épocas festivas. Os irmãos eram uns fracassados, todos dependentes dos poucos rendimentos da mãe. Um deles casara, tinha dois filhos, acomodara-se numa agência bancária, mas o dinheiro nunca lhe chegava; o outro morava com o namorado no Bairro Alto, onde também era empregado numa loja de roupa alternativa; o mais novo abandonara os estudos mas dizia-se *designer* e gastava em droga todo o dinheiro que conseguia arranjar. André afastou-se deles, não os tinha em grande conta.

Casou com Sofia e continuou a perseguir o sonho de ser o primeiro, de ser melhor do que o pai. Chegou à administração, mas, tal como o pai, descurou tudo o resto. E agora bebia demasiado e acabava as noites no carro, estacionado à porta de Sofia, à espera de que as luzes dela se apagassem. Não se falavam, mas mantinha intacta a esperança de que ela voltasse para ele, e saber que estava em casa e adormecia sozinha era um alívio.

André recordava os tempos em que iam juntos a festas. Nessa época, sentia-se realizado e orgulhoso de a ter a seu lado, agora ficava deprimido ao pensar que essa vida se esfumara por culpa sua, por não ter dado a Sofia a atenção que ela merecia, por se ter envolvido com Margarida. A luxúria e a estupidez tinham-no conduzido a uma rua vazia, debaixo de uma janela que se apagava sem saber da sua presença.

Viver com Margarida era impossível. Ela esforçava-se muito, não se queixava, aguentava em silêncio as ausências, as bebedeiras, o desinteresse ostensivo. Se calhava apanhá-lo em casa, falava até se cansar, e depois ele dava consigo a depositar-lhe um beijo na testa e a desaparecer para um lado qualquer onde pudesse escapar-lhe. Tal e qual como outrora via o pai fazer, noite após noite. A mãe com um sorriso triste, um suspiro. Margarida a desempenhar o mesmo papel. André tão igual ao pai, esquecido do filho, desanimado. E ele que jurara que seria precisamente o oposto.

Perguntava-se se seria possível descer ainda mais. Não imaginava pior do que aquilo, mas sim, era possível.

Sofia tomou um banho rápido e vestiu a roupa que tinha escolhido na véspera para não perder tempo de manhã. Queria chegar cedo para tomar o pequeno-almoço sossegada na pastelaria perto do escritório, como habitualmente.

Saiu de casa bem cedo, virou à esquerda, acelerou o passo a caminho do trabalho. Teria de percorrer cinco quarteirões para chegar à estação de Metro mais próxima, no Largo do Rato. A meio da rua, viu um carro estacionado com uma pessoa no interior. Pareceu-lhe reconhecer o carro e baixou a cabeça para ver quem estava no interior, tornou a endireitar-se, deu mais dois passos, estacou. Era André! Ou não?

Voltou atrás e espreitou novamente para ter a certeza de que o homem adormecido atrás do volante era mesmo ele. Claro que era, confirmou. *O que faz ele aqui?* Depois alarmou-se, teve um pressentimento terrível. *Deus queira que esteja só a dormir.* Tentou contornar o carro pela frente, mas não havia espaço. Ele tinha a cabeça descaída para o lado, encostada ao vidro, os olhos fechados, o rosto lívido.

Quis abrir a porta do passageiro, estava trancada. Bateu no vidro, não obteve nenhuma reacção. Sofia sentiu o coração galopar no peito. Teve de dar a volta por trás e passar por entre os dois carros para chegar à porta do condutor. Bateu no vidro, mas André não reagiu. Agora estava realmente assustada. *O que é que eu faço?* Olhou para um lado e para o outro da rua, procurando alguém que a pudesse ajudar, pensou em partir o vidro, telefonar para o 112, tinha de fazer alguma coisa, ele não se mexia, não dava acordo de si.

Nos momentos de pânico as pessoas têm, muitas vezes, pensamentos estranhos. Nesse instante, Sofia lembrou-se de Bernardo. *Se tivesse ficado em casa dele, isto não me estava a acontecer.* Foi uma daquelas reacções egoístas, mais instintivas do que ponderadas. Não que fizesse diferença, pois não enfrentou a situação de maneira diferente por causa desse pensamento estúpido, mas ficaria entranhado na sua mente e sempre que, por algum motivo inexplicável, se lembrasse dessa manhã assustadora, a maldita frase lá voltaria para lhe espicaçar a consciência com um indesejado sentimento de culpa.

Desde aquela tarde em que o acaso a levou novamente ao encontro de Bernardo, na esplanada do hotel junto ao rio, nunca mais se largaram. Ficaram muito tempo a conversar, sem darem pelo tempo passar. Ele empenhou-se em aproveitar a oportunidade para lhe mostrar o quanto se arrependera por ter sido um idiota arrogante com ela. Pensou que um pouco de humildade não caía mal e Sofia notou que ele estava diferente.

Bernardo pagou a conta, levantaram-se, percorreram o pontão. Anoitecia, o céu alaranjado esmorecia e o rio sombrio tornava-se um manto negro a

avancar para a margem. A escuridão envolveu-os em breves minutos. As poucas pessoas com que se cruzaram falavam em surdina, quase reverentes à noite.

— Tenho pensado muito em ti, sabes? — disse Bernardo.

— Ah, sim?

— Sim.

E eu em ti, pensou Sofia.

— Porquê? — perguntou-lhe.

— Porque gosto de ti mais do que dei a entender e não te tratei como tu merecias.

— Ah, e eu que pensei que não era uma questão de merecer. Provavelmente, só reagiste assim porque não disfarçaste a falta de vontade.

Touché!

— Não, não, nada disso — apressou-se ele a corrigir o tiro. — Olha, não te vou dizer outra vez que estava com uma vida complicada porque, realmente, não é desculpa.

Sofia parou de braços cruzados, simulando um princípio de irritação. Ele voltou-se e riu-se.

— Calma — disse —, só quero que percebas que foi uma altura muito difícil para mim e... — abanou a cabeça, exasperado consigo mesmo — só fiz porcarias. Não me estou a safar muito bem, pois não?

— Nem por isso.

— Também me parece. Olha, se me deres outra oportunidade, quero compensar-te.

— Como?

— Para começar, que tal irmos jantar hoje?

— Só se me deixares ir a casa primeiro, para tomar banho e mudar de roupa.

— Claro, deixo tudo.

Assim já nos estamos a entender, pensou Sofia, radiante.

A magia do acaso tornou-os mais íntimos. Numa época em que as pessoas se encontravam no *Facebook*, era admirável que eles se cruzassem assim fortuitamente na rua, como se o destino teimasse em contrariar as suas decisões.

— Estamos presos um ao outro por forças ocultas — brincou Bernardo quando falaram disso ao jantar. Sofia concordou, encantada com a ideia.

A seguir, levou-a diretamente para casa dele e ela deixou-se conduzir sem um protesto.

Aproveitaram todos os bocadinhos livres da semana para estarem juntos. Ele telefonava-lhe de manhã e corria para vê-la à hora de almoço, voltaram ao bar no topo do silo de estacionamento que adoptaram como um lugar deles, jantaram todos os dias em casa de Bernardo. E Sofia ia ficando, dormia lá, porque ele não a deixava ir embora e ela não queria voltar para casa.

No telemóvel de Sofia acumulavam-se as mensagens de Zé Maria sem que respondesse a nenhuma. Ele persistia e ela ignorava-as, na esperança de que ele acabasse por desistir.

Não era justo ignorá-lo depois de o ter encorajado, imaginou que Zé Maria haveria de ficar com péssima impressão sua. Pensou em telefonar-lhe para lhe explicar a situação, porém, não sabia bem o que lhe dizer, desistiu da ideia, sentiu-se uma cobarde.

As relações, o início delas, o fracasso antes mesmo de começarem, o seu fim, dependiam de tantos factores imprecisos, do livre arbítrio dos sentimentos, nunca estavam garantidas. Sofia gostou de Zé Maria, acreditou sinceramente que valia a pena dar-lhe uma oportunidade, bonito, inteligente, divertido, irradiava sucesso e segurança, enfim, talvez numa outra vida em que não houvesse Bernardo.

Ao fim de quase uma semana inteira a viver praticamente no apartamento de Bernardo, Sofia decidiu ir dormir a casa. Ele insistiu em que ficasse, mas ela já não tinha roupa lavada e precisava mesmo de ir a casa. Despiram-se na sala com a urgência do amor recente, que lhes dava a sensação da eternidade, tiveram-se ali, no sofá. Mas depois Bernardo levou Sofia a casa, com a promessa de que voltaria na noite seguinte.

Foi por isso que Sofia deu com André no carro, de manhã, sem saber se estava vivo ou morto.

Bateu com mais força no vidro do carro, desta vez com o anel metálico que trazia no dedo. Lá dentro, André endireitou-se, piscou os olhos, ofuscado com a luz da manhã, voltou-se para a esquerda e ficou um momento espantado a olhar para Sofia, como se não a reconhecesse. *Graças a Deus*, pensou ela, e pôde respirar outra vez.

Ele carregou no botão para abrir o vidro, mas este não se abriu. Não estava a pensar bem, ainda ensonado, precisou de uns segundos para se lembrar de accionar a chave da ignição para activar o vidro eléctrico. Depois carregou novamente no botão e aquele baixou.

Ele sentiu o ar fresco no rosto. Ela sentiu um bafo de ar viciado e o cheiro a álcool.

— Olá — disse ele, pondo um sorriso comprometido.

— O que estás aqui a fazer? — A pergunta saiu-lhe num tom inquisitório e agressivo, quase histérico.

André olhou em redor, como se não soubesse muito bem onde estava.

— Acho que adormeci — disse, com a voz entaramelada.

— Isso já eu percebi, mas por que vieste para aqui dormir?

Ele abriu a porta, saiu. Tinha a roupa num desalinho, o casaco amarrotado, a camisa desmazelada, o colarinho desapertado, a gravata alargada.

— André, sentes-te bem?

— Isto é muito estúpido — disse ele, aturdido. — Ontem à noite estive num jantar no Papa Rica, conheces?

— Conheço — disse ela, preocupada. *Porque é que ele foi ao restaurante do Bernardo?* Não lhe pareceu coincidência, mas podia ser. André não disse que sabia isso e Sofia achou melhor não dizer nada. — O que tem o jantar a ver com dormires na minha rua?

André fez uma careta, coçou vigorosamente o cabelo desgrenhado.

— Enganei-me — disse.

— Enganaste-te?

— Sim, Sofia, enganei-me. Acho que vim para a casa errada. — Fez um sorriso embaraçado.

— Como é que isso é possível? Já não vens aqui há tanto tempo.

Venho todos os dias, pensou André.

— Pois não — disse.

— Então como é que te enganaste de repente?

— Os velhos hábitos são difíceis de perder.

— Oh!

— Estava bêbedo.

— Ah, pois, nota-se. Deve ter sido uma bela bebedeira, para te esqueceres onde moras.

André bocejou.

— Assustei-te?

— Claro que me assustaste!
— Desculpa. Vais trabalhar?
— Vou.
— Queres boleia?
— Não, obrigado. Tu não tens de ir trabalhar?
— Tenho.
— Então é melhor ires a casa primeiro, tomar um banho e mudar de roupa.

Foi um bom conselho, que André não seguiu. Se fosse a casa, teria de explicar a Margarida por que passara a noite fora e sentia-se demasiado lerdo para inventar uma boa justificação. E, no entanto, precisava desesperadamente de fechar os olhos. Não descansara o suficiente e continuava a sentir-se embriagado, com a boca seca e náuseas. Dormir no carro não era a melhor maneira de uma pessoa recuperar do excesso de álcool da véspera.

Escondeu-se atrás de uns óculos de sol, pôs o motor a trabalhar, seguiu directamente para o trabalho.

Estacionou o carro na garagem, dirigiu-se para o elevador, carregou no botão e quando a porta se abriu deu de caras consigo próprio no espelho do fundo. Estava com muito pior aspecto do que imaginara. Não se importou nada, riu-se para o espelho, ajeitou o cabelo com uns gestos rápidos, tocou no botão do segundo andar.

Entrou no seu gabinete, fechou a porta à chave, avisou a secretária que não queria ser incomodado, recostou-se na cadeira com os pés em cima da secretária, fechou os olhos, adormeceu.

Foi acordado quinze minutos mais tarde por um telefonema de Margarida. Fez uma careta, atendeu.

— Onde estás?

— No meu gabinete.

— Ah, está bem. Liguei só para te dizer que não quero que voltes logo à noite. Já não és bem-vindo nesta casa.

Desligou.

André fez outra careta, deitou a cabeça para trás contra o encosto da cadeira, ficou a olhar para o tecto.

— Muito bem, André, cada vez melhor... — murmurou.

Sofia sentiu-se ameaçada desde o momento em que aquela desconhecida apareceu no escritório e perguntou por Tomé, sem que nunca tivesse ouvido falar dela. Teve a percepção de que a sua vida estava a mudar muito depressa e de uma forma não totalmente controlada.

Era feliz com Bernardo, mas cedo começou a perceber que não conseguia acompanhar o entusiasmo dele. Precisava de tempo para o conhecer melhor, queria dar um passo de cada vez para se adaptar. Todavia, ele parecia não dar muita importância aos seus receios e ela temia que ele interpretasse erradamente as suas reticências.

Bernardo era como um furacão, arrebatado, sem ver problemas em nada, confiante. Queria tê-la ao seu lado, só isso, como se *só isso* não fosse uma revolução na vida deles. Bem, para Sofia era. Ela foi ficando na casa de Bernardo e em breve ele propôs-lhe que se mudasse para lá.

— Não faz sentido andares o tempo todo para lá e para cá com malas de roupa — argumentou.

— Mas eu tenho a minha casa.

— Podes vendê-la ou arrendá-la.

— Eu não quero ficar sem a casa — protestou Sofia.

— Não tens de ficar. Podes fechá-la, simplesmente. E mudas-te para cá.

— Hum, tenho de pensar nisso.

— O que há para pensar?

— Bernardo, isso é uma grande mudança para mim.

— Anda lá.

— Porquê essa pressa toda?

— Não é pressa, é vontade. Quero ter-te sempre ao pé de mim.

— Já tens!

— Mas quero que esta seja a tua casa, tu e eu, a vivermos aqui.

Ainda não se refizera do choque de encontrar André a dormir no carro à porta dela. Por muito bêbedo que estivesse, era altamente improvável que se tivesse enganado no caminho para casa, como lhe dissera. Obviamente, mentira-lhe. Ficou perturbada. Alguma coisa estava mal com André e ela ficou de pé atrás. Calculou que dali não viria nada de bom.

Hesitou em contar a Bernardo o que se tinha passado, pensando que era um problema dela e não devia envolvê-lo. Possivelmente, nem se repetiria e nem chegava a ser um verdadeiro problema. Depois reconsiderou, estava a ser demasiado optimista.

André dera-lhe muitos sinais de que continuava a gostar dela e a querê-la de volta. Adormecer bêbedo na rua dela era mais um sinal de que não conseguira seguir em frente com a sua vida.

Por tudo isto, e porque se estava com Bernardo era justo que lhe contasse tudo, acabou por lhe dizer.

Ele ficou alarmado.

- Queres que fale com ele?
- Estás doido? Nem pensar!
- Tens a certeza? Posso falar.
- Tenho a certeza. Isso só iria piorar a situação.
- E o que vais fazer?
- Deixa, que eu resolvo — disse ela, vagamente.
- Mas como?
- Eu cá me entendo com ele.
- Vais dizer-lhe para não te perseguir?
- Para já, não vou dizer nada.
- E se ele continuar?
- Bernardo, não dramatizes, ele não me persegue.
- É o que parece.
- Falas como se ele fosse perigoso.
- No mínimo, tem um comportamento estranho.
- Estava bêbedo, só isso, não tem nada de perigoso.
- Ele sabe de nós?
- Não.
- Se calhar, devia saber — sugeriu ele.
- A seu tempo saberá. Deixa comigo, está bem?
- Tudo bem, tu lá sabes.
- Sim, eu conheço-o bem.

Sofia remeteu-se ao silêncio. Bernardo era demasiado impulsivo e voluntarioso. Por vezes, ela ficava com a impressão de que lhe faltava aquele pedaço de bom senso que fazia a maioria das pessoas reflectirem e deterem-se antes de tomarem alguma decisão drástica. Não tinha medo de nada, o que se por um lado era um excelente incentivo para arriscar e ganhar em situações em que qualquer outro ponderaria melhor, por outro lado tornava-o inconsequente. E, claro, o risco mal ponderado podia ter maus resultados. Sofia queria evitar confusões e, portanto, proibiu-o de se envolver no assunto.

Foi por essa altura que uma mulher arrogante e desembaraçada apareceu no escritório e perguntou por Tomé com um à-vontade despropositado, como se fosse uma pessoa conhecida.

Sofia pegou no telefone, perguntou:

— Quem devo anunciar?

A mulher fez um gesto despreocupado.

— Deixe lá, quero fazer-lhe uma surpresa.

E, para espanto de Sofia, avançou pelo corredor fora, abrindo as portas até encontrar o gabinete de Tomé.

Saltou da cadeira e seguiu-a em pânico.

— Posso entrar? — ouviu-a dizer para dentro do gabinete, com a porta entreaberta.

Entrou atrás dela.

— Peço desculpa — disse —, a senhora não me deu tempo para...

— Entra! — exclamou Tomé, alegremente. — Não faz mal, Sofia, pode deixar comigo.

A mulher voltou-se para ela e dirigiu-lhe um olhar superior. *Eu não te disse, sua palerma?*

Voltou para a sua sala com o coração acelerado e furiosa com o sucedido. Aquela mulherzinha desconhecida acabara de passar por cima dela e de espezinhar a sua autoridade, como se fosse um insecto insignificante.

A mulher demorou-se cerca de meia hora no gabinete e saiu de lá estranhamente afogueada, parecia que vinha do ginásio. Sorriu largamente, dirigiu-lhe um aceno petulante.

— Adeusinho — disse. *Espero que tenhas aprendido a lição, mosquinha morta*, foi o que Pipa pensou e o que Sofia entendeu.

Ouviu a porta da rua bater, levantou-se, dirigiu-se ao gabinete de Tomé, ia a entrar, mas deteve-se subitamente, como que atingida por um raio. *Será possível que...* Percebeu tudo! Deu a volta e percorreu o corredor silenciosamente, com os olhos postos no chão.

Regressou ao seu lugar e sentou-se à secretária a imaginar o embaraço desastroso que teria sido se tivesse entrado no gabinete e dado com o homem também afogueado e descomposto. Ela própria ficou corada ao pensar na inconveniência que ia cometendo, sem querer acreditar que eles tivessem feito no gabinete o que estava a pensar que tinham feito.

Pipa não gostou de Sofia antes mesmo de a conhecer. Bastou-lhe ouvir a Tomé a insinuação de que ela tinha alguma espécie de envolvimento com Bernardo para sentir antipatia.

Desceu no elevador, chegou à rua, parou um momento a recapitular o que acabara de fazer lá em cima, tirou da carteira os óculos de sol, colocou-os na cara, teve um sorriso velhaco.

Sentiu-se triunfante. Tomé estava doido por ela, telefonava-lhe constantemente, dizia que a amava, não falhava um jantar no Papa Rica e levava-lhe sempre um presente, um perfume, uma flor, alguma coisa que a fizesse feliz.

Na noite anterior excedera as expectativas, oferecera-lhe um anel de brilhantes, pedira-a em casamento. Todavia, ficou um pouco incomodada com o imprevisto. Era o que queria, mas não planeara que acontecesse assim. Foi obrigada a improvisar, e ela detestava isso.

— Nem sei o que dizer. Não estava à espera disto.

— Diz que sim. Eu próprio não me reconheço. Tinha jurado que nunca mais me casaria, mas desde que te conheço não penso noutra coisa.

— Apanhaste-me de surpresa.

— Não gostaste da surpresa?

— Não, não é isso, é que não estava nada à espera.

— Estás a deixar-me preocupado.

— Oh, não, querido, não fiques.

— Então aceitas?

Olhou em redor atrapalhada, a sala quase vazia, os empregados pouco atarefados a observarem-nos, intrigados. Inclinou-se para a frente e segredou-lhe a sua aflição:

— Nem penses que te vou responder agora, com os empregados todos a olharem!

Obrigou-o a guardar o anel.

— Então quando me dizes?

— Amanhã.

— Não vou conseguir dormir — protestou, desanimado.

— Nem eu! Devias ter escolhido um lugar mais apropriado — repreendeu-o.

Tomé encolheu os ombros, como um miúdo inocente.

— Foi um impulso, não podia esperar mais com o anel no bolso.

— Paciência, vais ter de esperar.

Na manhã seguinte, já sabia o que fazer. Ponderou longamente antes de adormecer e, quando acordou com o toque do despertador, tomou um banho quente, passou um creme pelo corpo, secou o cabelo, penteou-se, pintou ao de leve os olhos, usou o seu perfume mais irresistível e escolheu o vestido mais

provocante.

Não chegou muito cedo ao escritório por recear que ele ainda não estivesse. Tocou à campainha, ansiosa. *Deus queira que esteja sozinho no gabinete.* A última coisa que queria era ter de esperar com Sofia a olhar para ela inquisidora. Precisava de entrar logo para não se sentir constrangida.

Teve sorte, ele estava. Avançou destemida pelo corredor, sentindo Sofia atarantada por cima do seu ombro a tartamudear.

— O que está a fazer? A senhora não pode entrar assim... desculpe, mas tem de esperar que eu...

Abriu a porta sem esperar pela resposta ao toque leve com os nós dos dedos. Dentro, Tomé ergueu a cabeça de uns papéis na secretária e o seu rosto abriu-se num imenso sorriso.

Sofia fechou a porta, Pipa voltou atrás e deu uma volta à chave. Dirigiu-se para junto dele, contornou a secretária. Tomé virou-se na cadeira giratória e fez menção de se levantar, mas ela antecipou-se e sentou-se nas suas pernas, de frente para ele.

— Quis fazer-te uma surpresa — segredou-lhe.

Os seus lábios roçaram a orelha dele, excitando-o, as mãos desapertaram-lhe o cinto, o fecho das calças, deixou que ele a procurasse e a tivesse.

Depois disse-lhe o que ele queria ouvir.

— A minha resposta é sim.

Encontraram-se novamente à hora de almoço. Tomé foi ter com Pipa a um restaurante perto do escritório. Ia muito entusiasmado e ficou deleitado ao ver que ela o esperava já com o anel no dedo. Fez-lhe uma carícia no rosto, beijou-a, sentou-se à frente dela, debruçou-se para lhe segurar a mão com a delicadeza de quem toma um tesouro frágil nas mãos.

— Fica-te bem — disse, rindo.

— Achas?

— Acho.

O presente era para Pipa, mas ele é que parecia um miúdo deliciado a vê-la usá-lo. Significava que, doravante, ela era sua. Os olhos de Tomé brilhavam mais do que o anel. Já a felicidade dela era moderada. Pensava em Bernardo.

Mas a decisão estava tomada e não tencionava voltar atrás. Decidira ser feliz com Tomé e nada nem ninguém poderia contrariá-la. No seu íntimo, porém, Sofia constituía, senão um obstáculo, pelo menos uma irritação latente.

— Aquela tua secretária está contigo há muito tempo?

— A Sofia? Já faz parte da mobília.

— Não é muito simpática, pois não?

Tomé encolheu os ombros.

— É tímida, mas é boa rapariga.

— Hum, não gostou de mim. Fez-me uma cara que parecia que me queria bater.

Ele soltou uma gargalhada curta, despreocupado.

— Pudera, entraste por ali adentro daquela maneira.

— Era para te fazer uma surpresa.

— Mas ela ficou aflita.

— Não ia deixá-la estragar a minha surpresa.

— E que surpresa!

Pipa ofereceu-lhe uma expressão sensual.

— Não gostaste?

— Adorei — disse, corado de prazer.

Sofia percorreu em ritmo de passeio a Rua Augusta em direcção à Praça do Comércio. Havia uma multidão de turistas na Baixa, gente feliz de férias a deambular pela cidade. Não lhes postou atenção. Aquele tinha sido o dia de trabalho mais estranho em toda a sua vida e ia apreensiva, a cismar com o que se passara de manhã no escritório.

Entretanto, já se inteirara da identidade de Pipa. Era verdadeiramente impressionante a quantidade de informação que se conseguia reunir sobre uma pessoa através de uma pesquisa rápida na Internet.

Por volta da uma da tarde, Tomé passara muito depressa pelo gabinete de Sofia e resmungara vagamente que ia almoçar. Ela nem tivera tempo de dizer nada. De certa forma, ficou agradecida por ele a ter evitado. Sentia-se tão embaraçada que a sua vontade foi enfiar-se debaixo da secretária quando ouviu a porta do gabinete dele a abrir-se e os seus passos no corredor.

Cravou os olhos no ecrã do computador e fingiu-se ocupada. O advogado voltou atás e parou um instante à porta do gabinete.

— Vou almoçar — disse, enquanto vestia o sobretudo. — Está tudo bem?

Ela viu-se obrigada a desviar os olhos do computador, fez um sorriso muito pouco natural, respondeu:

— Está tudo óptimo.

Ele titubeou.

— Muito bem, muito bem... — Levou as mãos ao peito, às ancas, a certificar-se que tinha tudo o que precisava. — Então até logo.

Teve a impressão de que ele se fingiu distraído a apalpar os bolsos para disfarçar uma atrapalhão. E a pergunta que ele lhe fez, se estava tudo bem, soou-lhe a advertência, como se, de facto, lhe tivesse perguntado *estamos bem?*

E a resposta dela teria significado então *sim, estamos bem, não se passou nada e a vida continua.*

Passou à frente de uma série de montras sem reparar nelas, demasiado preocupada para se interessar por lojas. A melhor virtude de uma boa assistente era saber guardar segredos. Os três mandamentos da secretária de confiança: não ver, não saber, não comentar. Tinha isto bem interiorizado, evidentemente. Todavia, recebeu que, tendo o advogado compreendido que ela

percebera o que acontecera no gabinete, se sentisse comprometido e, doravante, houvesse um constrangimento entre eles difícil de ultrapassar.

Não era novidade nenhuma que ele era um homem vaidoso e sem grandes problemas morais em variar de mulher. Já lhe vira muitas e conhecia a sua tendência para correr atrás de rabos de saias. Porém, Tomé resguardara sempre o local de trabalho e nessa manhã ultrapassara claramente uma fronteira. Ela receava onde isso a podia levar. Fora colocada numa situação difícil sem que tivesse qualquer responsabilidade pelo sucedido. Sentia-se uma testemunha inocente, comprometida e em perigo.

Como se não bastasse, fizera outras descobertas chocantes e ficara estarrecida com as implicações da entrada abrupta daquela mulher ativa na vida de Tomé, e na sua.

André não se apercebeu de onde veio o furacão que o varreu aos muros e pontapés pela pista de dança fora. Na verdade, foi atacado por todos os lados e não teve qualquer chance de se defender.

Tinha jantado com dois amigos no Papa Rica e bebido demasiado, mas isso era a história da sua vida ultimamente. O restaurante fora sugestão sua. Andava encantado com Pipa, não perdia uma oportunidade de a ir ver e, se tivesse sorte, de falar um pouco com ela.

Nessa noite, como em todas as outras, estava lá o advogado, que já tinha direito a uma mesa reservada. Pipa tratava-o como uma pessoa especial e, assim que tinha vagar, sentava-se um pouco com ele, para depois voltar ao trabalho. André vigiava estas movimentações. Entre a conversa com os amigos, um comentário, uma gargalhada, ia seguindo com olhos dissimulados os passos dela. Notou que usava um anel de brilhantes que nunca lhe vira. Não que fosse particularmente atento a esses pormenores, mas o anel dava nas vistas. E o significado daquela novidade desanimou-o.

Era disparatado ficar desmoralizado com o anel de noivado de Pipa, mas já viera a segunda garrafa de vinho para a mesa e, nessas circunstâncias, tornava-se mais fácil ter-se pensamentos absurdos. Não tinha mulher — Sofia ignorava-o, Margarida expulsara-o de casa, Michelle partira para Paris — e o instinto impelia-o a procurar uma. Imaginara-se a seduzir Pipa. Por que não? Considerava-se melhor que Tomé, mais novo e mais atraente, embora o advogado tivesse o argumento da fama, que se tornava difícil de superar.

Sugeriu que pedissem a terceira garrafa de vinho, mas os amigos disseram que trabalhavam no dia seguinte. Em alternativa, pediu um uísque a acompanhar o café.

Depois do jantar, tentou convencê-los a irem a um bar. Ainda era cedo e à quinta-feira Lisboa tinha uma noite bastante razoável para se tomar um copo e encontrar mulheres. Não se deixaram demover, as mulheres esperavam-nos e haveria bronca se chegassem muito tarde.

Ficou sozinho. Actualmente, morava num pequeno apartamento na Avenida Infante Santo, excessivamente caro e impessoal, aonde não lhe dava prazer regressar ao final do dia.

Por entre a nebulosidade alcoólica que pairava na sua cabeça, irrompeu a ideia de fazer uma ronda pelas discotecas da rua cor-de-rosa, no Cais do Sodré. Na altura pareceu-lhe uma decisão brilhante. Certamente, conseguiria descobrir por lá alguma mulher solitária disposta a ir com ele para casa.

Encostado ao balcão a bebericar um uísque, de olhos postos numa rapariga de pele trigueira e cabelo comprido quase preto, André pensou em Sofia, sentiu-se vingativo. *Posso bem viver sem ela, que se lixe, vou engatar esta gaja.* Riu-se para a rapariga, que conversava com três amigas. Ela viu-o e desviou a atenção sem o encorajar. Manteve-se fixado nela, vislumbrando-a

na confusão das luzes coloridas a piscarem ao ritmo de um *reggae* jamaicano. Movido por um impulso, avançou para meter conversa. Falou ao ouvido da rapariga.

— Quero conhecer-te — declarou.

Ela afastou a cabeça, surpreendida.

— Mas eu não — replicou.

Não desistiu, a bebedeira afectava-lhe o discernimento.

— Como é que te chamas?

— Olha, deixa-me em paz, está bem?

— Não posso, estou apaixonado por ti.

Ela revirou os olhos, impaciente. Não obstante, continuou a importuná-la, a tentar falar-lhe ao ouvido. Ela colocou-lhe a palma da mão no peito para o manter à distância. André inclinou-se e disse-lhe:

— És muito gira.

— Diz isso ao meu namorado.

— Tens namorado? Onde está ele?

O namorado aproximou-se pelas costas, com mais três amigos. O primeiro soco atingiu-o atrás da orelha e lançou-o desamparado para a frente. Abriu-se uma clareira na pista de dança quando os quatro homens caíram sobre ele com uma fúria selvática, atirando-o ao chão.

Foi agarrado pelas manábulas de um gigante que o conduziu até à porta da discoteca quase sem lhe permitir assentar os pés no chão. O porteiro atirou-o porta fora e ele saiu disparado para o meio da rua. Conseguiu equilibrar-se, poupando-se à humilhação de cair no asfalto.

Ficou um momento, em choque, a tentar perceber o que acabara de lhe acontecer. Tinha sido cercado pelo namorado e os amigos da rapariga e levado murros e pontapés indiscriminadamente. A cena durou apenas alguns segundos, mas pareceu-lhe uma eternidade, até o segurança intervir, afastar os agressores e levá-lo para a rua.

O homem livrou-o da fúria do grupo que o atacava. Ainda assim, André ficou bastante maltratado. Sangrava do nariz e tinha a camisa branca rasgada e manchada de vermelho vivo. Sentiu-se desfalecer, deu alguns passos a cambalear, teve necessidade de se sentar no bordo do passeio.

Alguns transeuntes aproximaram-se e ofereceram-lhe ajuda, uma rapariga agachou-se, colocou-lhe a mão no ombro, perguntou-lhe se queria que chamasse uma ambulância. Respondeu-lhe que não era preciso. Mas estava lívido e continuava a sangrar do nariz. Inclinou a cabeça para trás, atordoado, e só não caiu de costas porque ela o segurou. Sentiu-se sustentado por outras mãos de pessoas que o rodearam. A rapariga tirou da carteira um pacote de lenços de papel e deu-lhe um para que estancasse o sangue do nariz.

Ainda estava quente e anestesiado pelo álcool, caso contrário teria sido pouco provável que tivesse conseguido chegar ao carro e conduzir até casa, depois de um quarto de hora a recuperar forças sentado no passeio.

Foi despertado pelas dores por volta das seis da manhã, na sua cama, vestido, calçado, num estado deplorável. Levantou-se com muito esforço, dirigiu-se à casa de banho, olhou-se ao espelho e ficou assustado. Tinha a cara inchada, equimoses, o nariz com mau aspecto, obviamente partido, sangue seco na camisa.

Tomou duas aspirinas, despiu a roupa devagar, com dificuldade, descobriu várias nódoas negras no tronco e nas pernas. Sentia o corpo todo dorido. Enfiou-se debaixo do duche quente e deixou-se escorregar encostado à parede até se sentar. Ficou assim durante vinte minutos, estupidificado, a sentir-se abandonado e desesperado. Teve vontade de chorar, mas controlou-se. Era preciso reagir e, sobretudo, não se deixar tomar pelo desespero.

A seguir ao banho, voltou para a cama e tentou dormir, debalde, as dores não o largavam. Tomou mais um comprimido, na esperança de entorpecer o corpo e adormecer. Ficou a sofrer até às oito da manhã, altura em que capitulou perante a dor e decidiu ir ao hospital.

Sofia andou a deambular pela Baixa à medida que a noite caía e as luzes se acendiam nas montras das lojas, nos restaurantes, nos candeeiros públicos. Um frio invernal, seco, atravessava-lhe o casaco, enregelando-a. Entrou numa pastelaria para se resguardar das baixas temperaturas lá de fora. Dentro, escolheu uma mesa e pediu um chá. Precisava de tomar uma bebida quente para se aquecer.

Enquanto bebia o chá, consultou o telemóvel. Bernardo já lhe ligara cinco vezes e ela não atendera nenhuma porque não se sentia preparada para falar com ele. Tinha muitas perguntas para lhe fazer, explicações que ele teria de lhe dar, e precisava de organizar as ideias. Por outro lado, ter essa conversa era a última coisa que desejava de momento.

Tinha ficado de ir ter com Bernardo a casa dele às oito da noite, passavam quinze minutos das oito e decidiu pagar a conta e ir para sua casa. Nessa noite não dormiria com Bernardo.

Já em casa, tomou um banho quente, vestiu o pijama e enfiou-se na cama. Antes de adormecer, enviou-lhe uma mensagem e desligou o telemóvel sem esperar pela resposta.

Na mensagem dizia onde estava e acrescentava que ele não devia telefonar-lhe, pois já se deitara e não lhe apetecia falar. Conversariam no dia seguinte. Bernardo leu aquilo estupefacto. O que teria acontecido assim de tão grave para ela não querer falar consigo?

Contrariando a recomendação, enviou-lhe uma mensagem a perguntar o que se passava. Ficou sem resposta.

Ligou-lhe logo de manhã. Desta vez atendeu.

— Estou a ir para o Metro, falamos mais tarde — disse.

— Mais tarde, quando? Há algum problema, Sofia? Por que não foste ter a minha casa ontem à noite?

— Agora não dá para falar, já te disse. Estou na rua.

— E não podes falar na rua?

— Isto não.

— Mas isto, o quê?

— A conversa que quero ter contigo não é para se ter ao telefone.

— Aconteceu alguma coisa?

— Depois falamos.

— Está bem, já percebi, falamos depois. Onde e a que horas?

— Ainda não sei. Depois envio-te uma mensagem.

Tinha dormido quase dez horas e, ainda assim, sentia-se cansada. Tomou o pequeno-almoço na pastelaria perto do escritório. Pediu uma torrada e um café, bebeu-o e comeu só metade da torrada. Estava sem fome, apreensiva com o que acontecera na véspera, tentando antecipar o comportamento de

Tomé quando chegasse ao escritório.

Na tarde do dia anterior, ele regressara ao trabalho com uma expressão enigmática. Dir-se-ia bem-disposto, embora a tivesse praticamente ignorado. Sofia imaginou que algo de bom lhe acontecera e desconfiou que, fosse lá o que fosse, devia ter que ver com aquela mulher.

Afinal, preocupara-se demasiado. Tomé era tão machista que não se incomodava minimamente com a situação. Talvez até achasse engraçado que Sofia tivesse percebido o que fizera com Pipa no gabinete. Ou então queria lá saber disso, hoje era um novo dia e Tomé agiu como se fosse uma manhã como todas as outras.

Sofia suspirou de alívio, um problema a menos, pensou, e dedicou-se às suas tarefas habituais. Mas isto não queria dizer que tivesse sossegado, porque pressentia que Pipa iria complicar-lhe muito a vida e ainda continuava perplexa com Bernardo. Sentia-se traída e receava que, afinal, ele não fosse o homem que julgara ser. O entusiasmo das últimas semanas esvaía-se rapidamente e restava uma desilusão que possivelmente não conseguiria ultrapassar.

Havia dezenas de fotografias de Pipa e Bernardo juntos nas páginas dela no *Facebook* e no *Instagram*, e Sofia vira-as todas quando pesquisava sobre a mulher mistério que irrompera de surpresa pelo escritório. De repente, Pipa surgia nas vidas de Bernardo e de Tomé e hostilizava-a abertamente, e ela, incrédula, perguntava-se como fora possível desconhecer a existência daquela Pipa, aparentemente tão presente e influente no dia-a-dia dos dois homens que lhe eram mais próximos. Nunca lhes ouvira uma referência a Pipa, nunca a vira com qualquer um dos dois, não sabia nada dela até agora.

Que o advogado escondesse de Sofia alguns segredos da sua vida privada não tinha nada de extraordinário, quanto muito era inusual, porque ele não costumava ser particularmente discreto com Sofia e ela acabava por saber tudo dos seus assuntos. Mas, claro, Pipa podia ser um caso recente de Tomé, o que explicava ela nunca a ter visto. Já a mesma mulher ser tão íntima de Bernardo, como as fotografias revelavam, só lhe fazia acreditar que se envolvera muito depressa e ainda desconhecia uma boa parte do passado dele.

Magoava-a pensar que lhe contara toda a sua vida e, em troca, Bernardo mantivera reserva sobre partes significativas da dele. O que haveria mais por descobrir?

Foi directa ao assunto.

— Quem é a Pipa?

Bernardo abriu muito os olhos, pensou depressa, tomou a decisão correcta.

— É a minha ex-namorada, se te estás a referir à mesma Pipa.

Estavam sentados a uma mesa na pastelaria onde Sofia costumava ir de manhã antes do trabalho. Regressara à hora de almoço para se encontrar com

ele.

— É a essa mesmo que me estou a referir.

Ele levantou as mãos, fez uma expressão de perplexidade.

— O que é que ela tem?

Ao fundo, um empregado deixou cair uma bandeja metálica ao chão. O estrondo desviou a atenção de Sofia. As conversas interromperam-se, fez-se um silêncio momentâneo no café. Ela voltou a olhar para Bernardo. *O que é que ela tem?*

— Esteve no meu escritório.

— Esteve? A fazer o quê?

— Aparentemente, a dar uma queca com o meu patrão.

Bernardo quase se engasgou com o café. Na mesa ao lado, uma senhora grave na sua ancianidade, de cabelo cinzento armado debaixo de uma rede fina, arregalou o olho, como que saindo da hibernação do seu casaco de peles. *Falei alto*, notou Sofia. Não era seu hábito usar palavras rudes.

— O quê?! — exclamou Bernardo.

Sofia falou mais baixo para contrariar o ouvido atento da senhora mirrada e pálida que levava agora à boca a chávena de chá com uma mão tremida.

— Foi exactamente o que acabaste de ouvir — disse.

— Oh, estás a brincar.

Ela pôs-se mais séria.

— Parece-te que estou a brincar?

Ele abanou a cabeça.

— Não, mas que história é essa?

— Em primeiro lugar — disse —, não podes dizer a ninguém o que te estou a contar. Muito menos a essa Pipa.

O tom de desprezo que ela colocou ao dizer o nome de Pipa não passou despercebido a Bernardo, nem era para passar. Permitiu-se um leve sorriso, sublinhando que apanhara a intenção dela.

— Está descansada, que não digo a ninguém.

— Estou a falar a sério, Bernardo!

— Calma, Sofia, já percebi, não falo disso a ninguém.

— É o meu emprego que está em causa. Nem devia estar a contar-te isto.

— O teu emprego?

— Sim, imagina que o meu patrão sabe que te contei uma coisa destas.

— Não vai saber, já te disse. Não tens de te preocupar com isso. O teu emprego não está em risco.

— Isso já não sei. Pela maneira como ela entrou no escritório e como me tratou, não tenho tanta certeza disso.

— Ela tratou-te mal?

— Bastante.

— Conta-me lá o que se passou, desde o início.

Ela contou-lhe. Bernardo ouviu a história toda com incredulidade. Aquela não era a Pipa que ele conhecia.

— Tens a certeza de que é a mesma Pipa? — perguntou-lhe quando ela se calou.

— Absoluta, a não ser que tenhas tido duas namoradas com o mesmo nome.

— Não tive. Como é que sabias isso?

— Vi fotografias vossas no *Facebook* e no *Instagram*.

— Ah, certo.

— Por que é que nunca me falaste dela?

Bernardo encolheu os ombros.

— Sei lá, não calhou.

— Não calhou, Bernardo? Eu contei-te a minha vida toda!

— Eu disse-te que tinha tido uma namorada!

— Disseste, vagamente.

— Não sabia que era assim tão importante para ti.

— É importante quando ela vai ao meu escritório e me mostra que já sabe quem eu sou.

— Mas como é que eu ia adivinhar uma coisa dessas?

— E me faz uma cena de ciúmes.

— Eh, calma, uma cena de ciúmes?

— O que é que achas que foi aquilo? Por que motivo é que ela haveria de me mostrar que não gosta de mim?

Bernardo sentiu-se baralhado. A dedução de Sofia tinha lógica, claro, mas era o raciocínio feminino a funcionar, ele nem pensara nisso. Se Pipa se enfiara no gabinete de Tomé a fornicar com o homem, por que raio haveria de ter ciúmes dela? Ele não era história antiga para Pipa?

— Escuta, ela era minha namorada e trabalhava no meu restaurante. Agora é só minha empregada.

— Ela trabalha no teu restaurante?!

— Trabalha, é a gerente.

— E também não achaste importante dizer-me isso?

Bernardo teve a sensação de estar a afundar-se.

— Não se tratou de achar importante, eu já não tenho nada com ela a não ser uma relação de trabalho, e mesmo essa é através do meu advogado. Nunca mais fui ao restaurante.

— Então foi por isso que nunca me levaste lá.

— Não, eu não te levei lá porque também não vou lá.

— O restaurante é teu e não vais lá para não dares de caras com ela?

Ele abanou a cabeça a pesar as palavras dela. E a ganhar tempo.

— Mais ou menos isso — admitiu.

— Mas, se só tens uma relação profissional, qual é o problema em falar com ela?

— Não quero falar com ela, só isso.

— Porque as coisas não ficaram bem resolvidas entre vocês...

— Resolvidas ficaram, de certeza.

— Ainda gostas dela?

— Não! De maneira nenhuma! Eu gosto de ti.

— Mas não estás à vontade para falar com ela, mesmo sendo tua empregada. Bernardo, tu estás a ouvir o que estás a dizer?! É surreal!

Ele sentiu-se estúpido, a perspicácia fina de Sofia arrasava-o.

— Não tive coragem para a despedir — confessou.

— Então, ela sequestrou o *teu* restaurante e tu não fazes nada porque não tens coragem para a despedir. Mas já não sentes nada por ela.

Bernardo respirou fundo.

— Estás a distorcer o que eu digo. Ela não sequestrou o meu restaurante e não se trata de gostar dela. É competente, faz um bom trabalho, tem dois filhos, não a vou despedir porque acabámos a relação. Seria uma decisão mesquinha, não achas?

Sofia varreu o ar com um gesto terminante.

— Não acho mais nada, não quero distorcer a conversa.

Bernardo teve vontade de soltar um grito de impotência, mas controlou-se. Tudo o que dizia levava uma réplica negativa.

— Sofia, ouve, o que é fundamental perceberes é que eu te amo. Desculpa se não te contei sobre a Pipa, mas acredita que ela não é importante para mim, não me afecta. Isso é passado e o que ficou para trás não conta. Eu nem sequer te conhecia.

— Tens razão, desde que o teu passado não se intrometa no meu presente — murmurou, tristemente.

De volta ao escritório, Bernardo não disse uma palavra ao motorista. Sentou-se atrás no carro, enfiado num canto, furioso com Pipa. *Acredita que ela não é importante para mim, não me afecta*, dissera. Mas o que o incomodava mais, Pipa ter feito uma cena a Sofia ou imaginá-la enfiada no gabinete com Tomé?

As coisas não ficaram bem resolvidas entre vocês...

Recordou as palavras intuitivas de Sofia e pensou que ela acertara em cheio. As coisas quase nunca ficavam bem resolvidas e no caso deles isso era evidente.

Tinha dificuldade em interpretar a atitude de Pipa. Obviamente, chegara-lhe aos ouvidos a sua relação com Sofia e dir-se-ia que quisera enviar-lhe uma mensagem. Estaria ressentida? Vingativa? Nada daquilo fazia sentido. Fora ela quem se afastara dele e impedira qualquer possibilidade de reatamento. Bem, fosse qual fosse a mensagem, ele já não estava interessado, estava sim irritado e a sua vontade era ir direito ao restaurante e despedi-la.

Depois do que acabara de saber, já se sentia livre para confrontá-la e dispensá-la sem remorsos, e tê-lo-ia feito se Sofia não tivesse sido tão enfática ao proibi-lo de falar com Pipa sobre o que acontecera no escritório. Continuava de mãos amarradas, pelo menos por agora. Enfim, em breve trataria disso, se ela não se antecipasse, despedindo-se.

Pipa ultrapassou a fase de euforia e agora estava sozinha e ensimesmada no restaurante, à espera de que os empregados chegassem para abrir para o jantar. Era suposto sentir-se feliz, afinal iria ter o que desejava: um marido, uma família, estabilidade financeira. Porém, tinha a sensação de que falhara, de que fizera a escolha errada pelo motivo certo, como se os fins justificassem os meios. Mas seria que justificavam? Seria que conseguiria mesmo ser feliz com Tomé? Nem sequer o conhecia assim tão bem quanto isso.

Depois sobreveio o peso na consciência. Bernardo não merecia o que ela fizera. Na noite anterior acarinhara o plano e nessa manhã entrara pelo escritório entusiasmadíssima com a ideia de surpreender Tomé. Era uma jogada audaz, sensual, inesquecível. A cena que fizera a Sofia fora uma espécie de bónus improvisado, nada de planeado. Ela intrometera-se e, na altura, não pensara duas vezes, sentira-se simplesmente impelida a contornar o obstáculo. Mesmo sem a conhecer, Pipa não a suportava, ela repugnava-a só pelo que representava.

Provavelmente, se fosse uma mulher que não estivesse ligada a Bernardo, teria sido mais tolerante. Pensando melhor, poderia ter esperado que ela a conduzisse ao gabinete de Tomé, não teria feito grande diferença, pois não?

E aquela cena condescendente à saída para a humilhar fora uma inspiração, uma satisfação pessoal sem medir a ofensa. E dera-lhe gozo. Mas foi demais, pensou, enquanto fumava um cigarro na rua, à porta do

restaurante, para evitar a tagarelice da cozinheira que entretanto chegara. Tinha de admitir que foi demais, não por Sofia mas por Bernardo. O que ficaria ele a pensar dela se soubesse?

Se soubesse? Claro que iria saber! Sofia não demoraria muito tempo a descobrir quem era ela e iria queixar-se a Bernardo. Ficaria desapontado, odiá-la-ia, nunca mais lhe falaria, talvez até a despedisse.

Que vida aquela, pensou, tratava mal o homem mais decente que já tivera e trocava-o por um quase desconhecido. Perguntou-se por que fazia aquilo, só para recordar a si própria que ele é que falhara ao não aceitar nada do que ela lhe pedira e que Sofia era uma metedicha, irritante e, obviamente, perigosa. Não descansaria enquanto não convencesse Tomé a afastá-la.

Pipa era assim, uma alma mimosa, pouco dada a sentimentos de culpa. A culpa era sempre dos outros e ela a vítima que só se defendia. Se fazia mal a alguém, havia sempre uma boa justificação na sua cabeça para a sossegar.

Todavia, não estava completamente feliz. Fora algo que Tomé lhe dissera ao almoço.

— Vais ter tudo, vou dar-te uma vida de rainha, como tu mereces.

E Pipa ficara a meditar nesta frase. Ainda que dita com boa intenção, aquilo caíra-lhe mal. Ele não tivera uma inflamação romântica, um desvelo de amor. Iam casar e a ideia dele da vida a dois ideal parecia ter mais a ver com as condições que lhe podia proporcionar do que com a esperança numa paixão eterna.

Pipa ficou um bocadinho desanimada, mas, justamente, ela também não acreditava muito nessas tretas do amor eterno e a vida que ele queria oferecer-lhe seria algo de concreto a que poderia agarrar-se. Do resto trataria ela, pensou, saberia tornar-se indispensável e construir a felicidade com base na cumplicidade.

De maneira que logo se animou, encolheu os ombros, atirou o resto do cigarro para o chão e voltou para dentro a pensar que era uma estupidez massacrar-se com escrúpulos ou problemas de consciência. Teria a vida que almejava, que mais queria?

Mesmo quando tomava a decisão errada, Pipa era muito boa a auto-convencer-se de que fizera a escolha certa. Se mais tarde corresse tudo terrivelmente mal, a culpa não seria sua, porque ela dava sempre o máximo para não falhar.

— É agora que decides que já não queres ficar comigo e me voltas as costas?

A pergunta foi atirada com uma certa agressividade e Sofia ficou um pouco chocada.

— O que queres dizer com isso?

— Não é isso que estás a fazer? — perguntou Bernardo.

— Não, parvo, nem estava a pensar nisso.

— Então por que não ficas cá em casa?

— Hoje quero ir para a minha, mas isso não significa que te vou deixar.

— Percebo, continuas zangada por causa daquilo da Pipa.

Disse isto como se fosse uma coisinha de nada e ela estivesse a fazer uma tempestade num copo de água. Ele próprio ficara incomodado com o assunto, mas entendia que era preferível desvalorizar o assunto. Dar-lhe importância seria conferir-lhe uma dimensão que talvez agradasse a Pipa. Ademais, queria evitar ser apanhado no fogo cruzado de uma guerra de mulheres por sua causa.

Sofia não se sentia zangada, mas preocupada. As primeiras semanas com ele tinham sido um sonho, a felicidade pura. Subitamente, caía-lhe aquilo em cima e ela compreendia que a felicidade tinha um preço e que o presente acarretava as implicações do passado.

Foi então que disse:

— Se pensas que sou uma palerminha a fazer uma cena de ciúmes, estás muito enganado. Estou-me nas tintas para a tua ex-namorada, mas não estou para apanhar com merda na cara por causa do teu passado.

— Isso é injusto!

— Quero lá saber se é injusto. É verdadeiro!

E, com isto, bateu com a porta e foi-se embora.

Apesar de não ser sua intenção deixá-lo, ao levantar a questão, ele fez com que o problema que se colocara entre os dois se exacerbasse. Provavelmente por terem um envolvimento pouco amadurecido, complicaram uma situação que deveria tê-los unido para encontrarem juntos a solução mais favorável. Em vez disso, ela saiu de casa ressentida, a pensar que ele a considerara uma idiota mimada com ciúmes, quando, na realidade, estava era preocupada com a possibilidade de Pipa envenenar a sua relação profissional com Tomé e infernizar-lhe a vida no escritório.

Aquilo deu-lhe que pensar e Sofia retraiu-se instintivamente. Começou a cismar com as suas opções recentes e a perguntar-se se não teria sido pouco cautelosa, se não teria avançado demasiado depressa ao dormir todas as noites em casa dele, se não teria feito asneira ao baixar as defesas e entregar-se incondicionalmente antes de o conhecer melhor.

Com tantos *ses* a mexerem com ela, a sua reacção foi recuar e, justamente

quando precisava de ser apoiada e tranquilizada, Bernardo caiu no erro de voltar a desvalorizar a aflição dela.

Na noite anterior, saíra porta fora irritada, mas ficara à espera de que ele tivesse feito qualquer coisa para a impedir de se ir embora ou, pelo menos, de que a tivesse ido levar a casa. Porém, ele nada fizera e ela tivera de apanhar um táxi.

No dia seguinte, ficou na expectativa de receber um telefonema de Bernardo. Queria que ele se justificasse, que lhe pedisse desculpa, que se esforçasse para remediar a situação. Voluntária ou involuntariamente, tinha herdado um problema dele. Que culpa tinha ela de que Pipa fosse possessiva e não quisesse que outras mulheres se aproximassem de Bernardo, apesar de ela própria não se coibir de se envolver com outros homens e até ser muito pouco discreta?

Enfim, queria uma satisfação, um carinho, uma atenção. Em contrapartida, passou pela cabeça de Bernardo que, bem vistas as coisas, ela devia ser mais solidária e menos concentrada em si mesma. Claro que, a partir do momento em que se comprometia com ele, os seus problemas passavam a afectá-la e vice-versa. Mas não era natural que assim fosse?

Por isso, entendeu que Sofia estava a fazer uma birra e não lhe telefonou. Deixaria passar algum tempo para que ela se acalmasse e ligar-lhe-ia depois de a tempestade ter amainado. Ou talvez aguardasse que fosse ela a telefonar-lhe.

Esse tempo de reflexão que Bernardo achou ser benéfico para os dois teve afinal um efeito adverso porque, pensando que ele não a levava a sério, Sofia começou a experimentar um afastamento emocional, agudizado pelo sentimento de que ele a votara ao abandono.

André foi chamado ao gabinete do presidente uma semana depois de ter aparecido no trabalho com o nariz partido e após alguns dias de baixa. O presidente foi buscá-lo à porta, passou-lhe um braço sobre os ombros, falou-lhe num tom paternal.

— Como estão essas mazelas?

— Quase bom.

— Foi uma coisa feia — comentou o patrão.

— Foi, mas, felizmente, acabei por não ter nenhum ferimento grave.

— Só o nariz.

André levou instintivamente a mão ao nariz.

— Pois...

O inchaço já desaparecera, mas antes dava a impressão de que fora esmagado no ringue por um peso pesado.

Sentaram-se numa zona social da vasta sala, onde havia um conjunto de sofás de couro. Havia um carrinho bem fornecido com bebidas de primeira, mas o presidente não lhe perguntou se tomava alguma coisa. A notícia de que André andava a beber demais e a fazer asneiras já se espalhara.

— Calculo que a sua vida tem andado um pouco conturbada.

— Sim, quer dizer, eu e a Margarida estamos separados e isso complicou um pouco as coisas.

— Pois, ouvi dizer...

O presidente fitou-o em silêncio, pondo uma expressão grave.

— Mas está tudo bem, só preciso de me organizar — apressou-se André a acrescentar, apoquentado com a forma como ele o observava.

— André, meu rapaz, o que é que você anda a fazer com a sua vida?

— Bem, já arrendei um apartamento...

— Já arrendou um apartamento...

— Na Infante Santo.

O presidente continuou a fitá-lo com uma expressão pesada. *Não me dê respostas parvas, que não sou idiota*, queria dizer aquele olhar profundo.

— E, além de arrendar um apartamento na Infante Santo, o que pretende fazer com a sua vida?

— Pretendo voltar ao normal, concentrar-me no trabalho e no meu filho.

O presidente soltou um longo suspiro.

— Folgo em saber isso — disse.

— Eu sei que não tenho dado o máximo, e agora tive esta chatice, mas foi um azar, garanto-lhe que...

— Um azar, André?! — interrompeu-o. — Você não teve um azar, você bebe demais, não dorme, vem dormir para o gabinete, falta a reuniões, não tem o trabalho em dia, passa as noites sabe-se lá aonde, envolve-se em cenas de pancadaria. Você anda descontrolado, homem!

André corou, surpreendido por este ataque súbito.

— Também não é assim, eu...

— É exactamente assim, meu caro.

— Pois, bem, eu garanto-lhe que vou mudar.

O presidente fez uma nova pausa, como que a pensar no futuro dele.

— André, André, André — abanou a cabeça, novamente compreensivo.

— Você não tem tido uma vida fácil. O divórcio de Sofia afectou-o muito, não foi?

— É verdade.

— E depois o bebé, a separação de Margarida, a pressão no trabalho, são problemas a mais em tão pouco tempo, eu percebo.

— Sim, reconheço que tem sido difícil lidar com isso tudo ao mesmo tempo.

— Imagino — disse o presidente. — É por isso que eu lhe recomendo que faça uma pausa para ponderar na sua vida com calma. É como você disse, precisa de se reorganizar.

— Eu agradeço-lhe imenso, mas não vai ser necessário ir de férias agora. Já estou muito mais calmo e está tudo a entrar nos eixos.

— Não estava a falar em férias.

— Ah, certo, também não seria preciso.

O presidente cruzou as pernas, bem sentado no seu cadeirão de orelhas, apontou com a cabeça para um quadro pendurado na parede por cima do carrinho das bebidas. A pintura retratava uma camponesa a trabalhar numa seara.

— Já lhe falei deste quadro? Impressionismo do século XIX, autor desconhecido. Custou-me um balúrdio há dez anos. Nunca tinha comprado nada tão caro, lembro-me de que até tive insónias na altura. Mas foi um bom investimento.

— É espectacular — disse André, pensando que era o comentário mais apropriado.

O presidente não fez caso.

— Três anos antes de o comprar, eu trabalhava para o meu sogro. Tinha um bom ordenado, casa oferecida, não me faltava nada. Era uma boa vida, mas pouco ambiciosa. Depois divorciei-me e percebi que não poderia continuar na empresa do meu sogro. Tinha-se fechado um ciclo da minha vida, era altura de mudar. E, olhe, foi a melhor coisa que me aconteceu. Abri a minha própria empresa, trabalhei como nunca tinha trabalhado, ao fim de três anos consegui fazer o meu primeiro grande negócio e, para comemorar, comprei este quadro. Nunca me arrependi.

André abanou a cabeça, aprovador, era uma história e tanto.

— Valeu a pena — concordou. — É uma grande empresa.

— Vale sempre a pena não ficarmos presos ao passado, cortarmos os laços, olharmos para o futuro com energia redobrada. Nada como um bom empurrão para seguirmos em frente.

— Sem dúvida, sem dúvida.

— André, você terminou um ciclo na sua vida, é o momento de pensar em mudar.

Foi assim que André foi despedido, um ano depois de ter chegado à administração e de ter começado a descarrilar.

Margarida tivera uma longa conversa prévia com o presidente no final da baixa de parto para lhe comunicar que pretendia deixar a empresa.

Apresentou-lhe as suas razões: André revelara-se um irresponsável, passava as noites fora, embebedava-se, não ligava ao filho. Era uma situação insustentável e ela não queria, não devia, trazer os seus problemas privados para a empresa. Mas era impossível, como poderia trabalhar com o homem que expulsara de casa e com quem estava em conflito? Não podia. Pois bem, disse ao presidente que se sacrificaria para proteger os interesses da empresa.

Mas como poderia ele permitir-se perder a sua colaboradora mais preciosa para, em compensação, proteger o lugar de um tipo destravado que já não lhe oferecia confiança? Fora de questão!

Foi uma jogada calculada, bem entendido. Margarida tinha consciência de ser a preferida do presidente e que facilmente o faria ver de que lado estava a razão. André atrevera-se a humilhá-la com o seu desprezo. Ia para casa a tresandar ao cheiro das suas pegazinhas. Expulsara-o, todavia, isso não lhe bastava. Estava determinada a castigá-lo por tê-la magoado e tratado tão mal.

Ela fizera planos e incluía-o neles. Fora generosa, voluntariosa, dedicada. E André retribuía-lhe com desdém. Agora, seria implacável, destruí-lo-ia e, quando acabasse, André teria perdido tudo, lar, filho e emprego.

O presidente ficou alarmado.

— Vamos com calma — disse. — A sua demissão está recusada. Vá para casa e aguarde que volte a chamá-la. Eu trato de tudo, não se preocupe.

Margarida protestou.

— Eu sei o que está a pensar fazer, e fico muito agradecida, mas eu não quero que o André seja prejudicado por minha causa. Não me sentiria bem com isso.

— A Margarida não prejudica ninguém porque quem decide o que é melhor para esta empresa ainda sou eu — replicou. — E eu é que serei o responsável por aquilo que decidir neste caso, como em todos os outros. Por isso, faça o que lhe digo, vá para casa e espere por notícias minhas.

Uns dias mais tarde, chamou-a.

— O André já não está connosco — comunicou-lhe. — Tivemos uma longa conversa e ele concordou em rescindir por mútuo acordo. Garanto-lhe que ele fez um bom negócio e não se vai arrepender.

— Não era isto que eu queria — murmurou Margarida, contristada.

— O assunto está encerrado — disse o presidente. — E o seu gabinete está à sua espera. A Margarida vai regressar ao trabalho assim que estiver preparada para isso.

Ela mostrou-se chocada e agradecida. Chorou. Era uma alma cansada e sem forças para se opor à vontade do presidente, a quem tanto devia e por quem tudo faria. Se ele exigia o seu regresso, ela não se negaria.

O casamento de Pipa e Tomé foi uma festa discreta numa quinta em Sintra. Enfim, discreta para os padrões dele, um deslumbramento para ela. Estiveram cento e cinquenta convidados, metade dos que foram ao primeiro casamento de Tomé, porque ele quis uma festa simpática e intimista, só para os verdadeiros amigos, conforme disse, embora Pipa desconfiasse de que todos aqueles deputados, membros do governo e juízes não fossem propriamente amigos íntimos dele.

A tenda majestosa, as dezenas de criados, a interminável mesa de comida rica, o bar aberto depois do jantar, a pista de dança, fizeram a felicidade de Pipa. Dançou toda a noite com o *seu* marido. Ocuparam o centro da pista de dança, tão orgulhosos um do outro que se eternizaram pela madrugada ao som de sucessos antigos escolhidos pelo DJ contratado.

Mas o orgulho de Tomé não era igual ao orgulho de Pipa. O orgulho de Tomé advinha de ter conquistado uma mulher que considerava belíssima — de facto, considerava-a mais bonita do que as mulheres de todos os presentes — e isso fazia-o sentir-se superior. Talvez houvesse ali alguns tipos bem mais ricos do que ele e, eventualmente, mais bem-sucedidos, mas nenhum que dormisse todas as noites com uma mulher como a dele.

Note-se que Tomé estava apaixonado, mas o significado da beleza de Pipa, a inveja que ele imaginava provocar aos seus convidados, tornava-o ainda mais feliz.

Quanto a Pipa, sentia-se orgulhosa por ter conquistado o homem que todos veneravam e, se ele era uma estrela na sociedade, ela sentia-se uma rainha. Para Pipa, aquele enlace significava uma promoção social e, ao mesmo tempo, a concretização do seu objectivo de casar.

Perfeita no seu vestido de alta-costura, dançava à frente de um Tomé já bastante descomposto, em mangas de camisa e de gravata alargada, a transpirar abundantemente nas fronteiras, na testa, com manchas de suor debaixo dos braços e um enorme sorriso de felicidade no rosto muito vermelho. Ela sentiu-se feliz por vê-lo tão radiante a girar grotescamente, sem o menor jeito para dançar, mas rodopiando sem qualquer receio do ridículo, porque ele podia fazer o que lhe dava na gana e estava-se nas tintas para as figuras que fazia.

Se ele desaparecesse de repente, Pipa ficaria perdida como se tivesse ido a uma festa onde não conhecia ninguém. Tinha consciência de que as pessoas a observavam com a condescendência devida a uma estranha que não fazia parte do seu círculo. Contudo, empinava o nariz e pensava que, a partir de então, seriam eles que teriam de aceitá-la para continuarem a fazer parte do círculo. *Têm de levar comigo, azarinho.*

Os seus familiares e amigos ocupavam apenas duas mesas e, olhando para eles, não lhe escapava que a maioria não estava à altura dos distintos convidados do lado de Tomé. *Deixam um bocadinho a desejar, coitadinhos,*

pensou, com uma benevolência condescendente quando foi de mão dada com Tomé fazer a ronda das mesas.

Disse a si própria que era só uma constatação sem maldade e até com alguma ternura por todos eles. Nunca, em circunstância alguma, admitiria ter vergonha dos seus, mas, evidentemente, este pensamento, por si só, já traduzia uma insegurança.

Em compensação, Tomé não se incomodava minimamente com essas questões, calejado como estava de manipular habilmente as subtilezas sociais. A família e os amigos de Pipa não estariam ao seu nível, mas ela valia bem essa peculiaridade e, nesse dia, todo ele era prazerosa complacência. Foi com ela à mesa deles e desfez-se em alegres simpatias com todos para agradar a Pipa.

Estiveram uma semana em Nova Iorque. Percorreram Manhattan de lés a lés. Foi a primeira vez de Pipa na Big Apple e Tomé conduziu-a como um cicerone vaidoso pelas ruas de Chinatown, Little Italy e Lower East Side. Almoçaram *hot dogs* no Central Park e jantaram com os milionários no café Boulud. Espantaram-se com os néons resplandecentes da Broadway, onde assistiram aos melhores musicais. Visitaram o MoMA, o Ground Zero, o novo World Trade Center e o Empire State Building. Ficaram no estonteante New York Marriott Marquis a gozar o quarto *king size* e as comodidades bizarras daquele hotel gigante. Provaram a comida do restaurante giratório, beberam *cocktails* no bar do oitavo andar com a sua vista de luxo sobre a Times Square, pedalararam nas bicicletas do ginásio envidraçado.

Foram às compras. Tomé gastou uma pequena fortuna no Bloomingdale's e no Bergdorf Goodman, frente ao Central Park. Comprou relógios *Bvlgari* para os dois, sapatos *Louboutin* para ela, um fato *Ermenegildo Zegna* para ele. Pipa não resistiu a um vestido *Prada* e ficou com a cabeça a andar à roda com o que viu de *Christian Lacroix*, *Carolina Herrera*, *Fendi*, *Chanel*, *Diane von Fürstenberg*, *Marc Jacobs*, *Jean-Paul Gaultier* e tantos, tantos outros que ela nem conhecia.

Enquanto em Nova Iorque, Tomé recebia relatórios diários de Sofia. Ela telefonava-lhe e demoravam-se quinze ou vinte minutos a falar. Pipa ficava irritada. Se estavam sentados à mesa a terminar um almoço num restaurante e ele se punha a falar ao telefone, provocava-o com a perna debaixo da mesa, dava-lhe a mão e fazia caretas engraçadas para o distrair. Como ele continuava a falar, impassível, largava-lhe a mão e começava a tamborilar com os dedos na mesa. Pegava no seu telemóvel e navegava pela Internet, verificava a página do *Facebook*, desligava o telemóvel, olhava para o lado a roer uma unha, voltava a virar-se para Tomé com uma expressão de protesto. Ele fazia-lhe um sinal a pedir-lhe paciência, mas ela ficava cada vez mais impaciente.

Queria toda a atenção para si e odiava que Tomé interrompesse um

momento deles para trabalhar e, sobretudo, para conversar com Sofia. Odiava aquela mulher que estava sempre a intrometer-se na sua vida.

Não lhe interessava nada se era ele que lhe dera instruções para lhe telefonar. Punha má cara e reclamava. E ele desculpava-se.

— Que queres, querida, tenho de saber o que se passa.

— Não podes desligar durante uma semana?

— Não. Se um cliente telefona a pedir alguma coisa importante, não posso ignorá-lo; se chegar uma intimação de um tribunal, tenho de saber.

— Trabalhas demais. É a nossa lua-de-mel e eu quero-te só para mim, não quero dividir-te com ninguém, muito menos a conversar com *essa* mulher.

Tomé soltava um suspiro, a pensar que tinha ali um problema. Depois apaziguava-a com palavras doces.

— Pronto, agora sou todo teu, meu amor. Nada de telefonemas.

Sofia não tinha sido convidada para o casamento. Tomé incluía-a na lista, naturalmente, mas Pipa vetara-a sem apelo nem agravo.

— Essa mulher não gosta de mim — disse. Referia-se sempre a Sofia como *essa mulher*.

— Disparate! Mal te conhece, por que haveria de não gostar de ti?

— Pois, não sei. Mas não gosta.

— Pipa, ela é minha secretária há séculos, tenho de a convidar.

— Não me interessa. Não a quero no meu casamento — declarou, irredutível.

Não conseguiu demovê-la.

Sofia ficou sentida por não ter sido convidada, mas não teve dúvidas de que fora Pipa quem a pusera de parte. Isso preocupava-a, porque agora era a mulher dele e poderia virá-lo contra ela. E, de facto, Pipa aproveitava todas as oportunidades para intrigar contra ela. Se ia ao escritório, queixava-se a Tomé do tratamento que recebia.

— Esta mulher faz-me sempre uma cara...

Se calhava Tomé falar de Sofia, torcia o nariz.

— Essa mulher é uma sonsa.

Embora tivesse casado com Tomé e já não houvesse retorno, Pipa pensava em Bernardo. Era algo que ela tinha muita dificuldade em controlar. Com o casamento, acreditara que lhe daria uma bofetada de luva branca e se libertaria da sua memória de uma vez por todas. Porém, continuou a cismar com ele.

Depois Bernardo desapareceu por completo, deixou de ir ao restaurante e ela percebeu que era por sua causa. Ele não a queria ver e isso incomodava-a, assim como a perturbava o seu silêncio.

Passavam-se semanas sem falarem, nem por razões profissionais. Ele fazia por ignorá-la, como se tudo nela lhe fosse indiferente, por ser desprezível a forma como o deixara. E ela respondia na mesma moeda, nada de contactos, só por intermédio de terceiros.

Mas não lidava bem com o desprezo dele, porque esse desprezo era a clara

demonstração de que a tinha em pouca conta, perdera a estima por ela, desconsiderava-a. Isso magoava-a, espicaçava um sentimento de culpa que recusava veementemente, teimando em convencer-se, como era seu hábito, de que a culpa do falhanço deles era toda de Bernardo.

Ligava a ausência obstinada dele ao surgimento de Sofia. Ele deixara de se interessar por ela a partir dessa altura, o que a incomodava. Por certo, sentir-se-ia bastante mais serena se ele não tivesse desistido dela, apesar de ter casado.

Como andava sempre à procura de culpados que justificassem os seus erros e as suas infelicidades, virou-se contra Sofia. Convenceu-se de que só se sentiria pacificada quando se visse livre dela. Sofia teria de desaparecer da sua vida para que conseguisse recuperar o doce remanso da alma justificada, pois enquanto ela estivesse presente não teria tranquilidade, como se Sofia fosse um espinho cravado no seu espírito. Custava-lhe pensar que aquela mulher recolhia todas as noites à intimidade de Bernardo. Sofia não tinha o direito de ser feliz com ele!

Sofia já não era assim tão feliz com Bernardo. Sem o saber, Pipa conseguira instilar a desconfiança na bela paixão que florescia entre eles, despreocupados do mundo inteiro. Subitamente, um pedaço desse mundo viera desabar em cima dela. Era o passado de Bernardo que a chamuscava com ofensas e ameaças surdas. E que fazia ele para a proteger desse passado de que era inocente? Nada! Quase se ria da sua preocupação, admitindo até que havia ali um exagero de ciúmes.

Ela voltara para ele por que o amava, apesar de tudo. Todavia, como que perdera a inocência dos primeiros tempos e já se surpreendia a desconfiar de cada passo dele, de cada palavra dele.

Queixou-se de não ter sido convidada para o casamento.

— Não que quisesse ir, não me apetecia nem um bocadinho, mas fiquei mesmo triste por ele não me ter convidado, só para lhe fazer a vontade.

E que respondeu Bernardo?

— Não fiques triste, eu também não fui convidado — gracejou, numa tentativa falhada de retirar importância ao assunto.

— Sim, como se fizesse sentido tu seres convidado.

— Não fazia, mas repara, como poderia ele convidar-te se tu estás comigo?

— Convidava e pronto. O que tenho eu a ver com o que se passou entre ti e a Pipa?

— Nada e tudo, quer dizer, se eles te convidassem não podiam dizer-te para ires sem mim. E aí a coisa começava a ficar estranha, não achas? Imagina que eu ia mesmo.

— Mas não ias!

— Mas eles não sabiam se não ia! Ou pelo menos não tinham a certeza. Eu podia ir só para chatear.

— Oh, podes ter muita razão, mas nada disso apaga a questão de fundo.

— Que é?

— Que é aquela cabra não me grammar e querer estragar-me a vida.

— Lá estás tu...

Ela encolheu os ombros, agastada.

— Pois, já sei que eu é que invento coisas.

Ela ficava com a impressão de que, de certo modo, ele nunca resistia a tomar o partido de Pipa. Retirava gravidade às acções dela e desvalorizava a preocupação de Sofia.

Nessa noite, estavam em casa dela e mais uma vez se separaram com a sensação de que a felicidade já não corria por eles com a frescura do amor intocado por desentendimentos persistentes. Ele voltou para casa, enxotado sem cerimónia.

— Vai — disse. — Hoje não sou boa companhia.

— Mas eu quero estar ao teu lado mesmo quando não és boa companhia.

— Está bem, és querido, mas preciso de ficar sozinha.

E não teve outro remédio senão aceitar a vontade dela. Foi-se embora irritado e a dizer a si próprio que estava farto daquele pequeno drama por causa de Pipa. Estava a perder a pachorra e, quando no dia seguinte Sofia lhe disse ao telefone que era melhor não se verem durante algum tempo, deu-lhe uma resposta torta.

— Se é isso que queres...

— É o que eu quero, sim. Acho melhor fazermos uma pausa. Eu tenho de resolver este assunto sozinha e não quero continuar neste clima entre nós por causa disto.

— Qual clima, Sofia? Tu é que lhe dás essa importância toda, como se fosse o fim do mundo.

— Exacto, para ti não há problema nenhum, mas para mim há. Portanto, eu vou resolver o assunto sozinha.

— Como queiras — retorquiu-lhe, secamente e sem vontade de dizer nada para a fazer mudar de ideias.

Se ela tinha dúvidas em deixar de o ver, esta resposta convenceu-a de que era a opção certa. Ficaria melhor sozinha e resolveria o *seu* problema sem a ajuda dele. Embora nessa altura não tivesse a menor ideia de como faria isso.

De regresso a Lisboa, Pipa e Tomé retomaram as suas rotinas, mas com algumas adaptações à nova vida de casados. Ele continuou a jantar no Papa Rica normalmente e dava-lhe boleia para casa.

O apartamento de Tomé, na Avenida da Liberdade, era um quinto andar muito espaçoso, embora envelhecido. As manchas de humidade começavam a ganhar terreno a partir dos cantos dos tectos altos, as janelas e as portas de madeira das varandas estreitas, já empenadas, fechavam mal, deixavam entrar o frio e abanavam com as rajadas de vento nos invernos tormentosos. As alcatifas gastas estavam boas para o lixo e os sofás ruços precisavam de um tecido moderno.

Ele deu-lhe carta branca para que renovasse o apartamento a seu gosto e Pipa tomou conta da tarefa com entusiasmo. Chamou decoradores e pintores, mandou substituir as janelas e as portadas, arrancou as alcatifas para envernizar o soalho, comprou móveis e encomendou uma cozinha nova.

Até à chegada dela, a casa permanecia ensombrada pela tristeza dos severos cortinados grossos de veludo castanho que castravam a luz. Substituiu-as por leves musselinas primaveris e pintou as paredes de um branco luminoso.

Quando acabou, tinham uma casa inteiramente nova, bonita e confortável. Pipa estava feliz e Tomé, estupefacto com a mudança, nem acreditava que tivesse vivido tantos anos sepultado entre as velhas paredes de um apartamento medonho e, pior do que isso, nunca ter notado. Mas, agora que percebia a diferença, ficou radiante.

— A falta que me fazias — disse-lhe, com reverente admiração.

Era esse o plano, pensou Pipa, que ele não pudesse viver sem ela. Já planeava renovar-lhe também o guarda-roupa, levá-lo às compras para lhe escolher roupa deste século. O homem era uma cabeça brilhante, mas um desastre a tomar conta de si mesmo.

Tomé não teve dificuldade em adaptar-se e estava a adorar o seu salto para a modernidade. Gostou tanto que se sentiu rejuvenescido. Surpreendentemente para um homem que vivia sozinho há tanto tempo, adoptou com prazer os gémeos de Pipa e empenhou-se em reconquistar a sua filha, já adulta, de quem se afastara por simples desleixo.

Agora faziam vida em família e, com a boa influência de Pipa, convenceram a filha de Tomé e o marido desta a irem jantar lá a casa todos os domingos. Pipa fizera uma revolução, ele estava enfim domesticado!

Ela insinuava-se na vida dele com a subtilidade de um furacão, mas a ele parecia-lhe tudo tão claro e agradável que lhe permitia todas as liberdades.

Em breve, deu mais um passo.

— O teu escritório é uma desgraça — declarou.

— Uma desgraça?! — espantou-se.

— Sim. Há quanto tempo é que aquelas paredes não são pintadas?

— Uns dez anos — arriscou.

Ela lançou-lhe um olhar compassivo.

— Talvez quinze — apressou-se a corrigir.

— Nem sei como é que ainda tens clientes, se os recibes naquelas condições.

— Os clientes vão ao escritório pela minha competência e não pela mobília — replicou, irritado com o comentário.

— Acredito, só pode ser por isso.

Efectivamente, o escritório não era digno dos tempos que corriam. As paredes velhas, as pilhas de papéis amarelados, os móveis de madeira escura, todo aquele peso clerical abafado em janelas fechadas, o cheiro a mofo e o pó acumulado, podiam porventura transmitir aos clientes conhecedores das capacidades jurídicas de Tomé uma sensação de sabedoria antiga, mas minavam a credibilidade dele na concorrência directa com os grandes escritórios de advogados, que respiravam dinamismo, segurança, eficácia. Era preciso fazer alguma coisa!

Pipa juntou mais uma equipa de decoradores e obreiros e invadiu o escritório com o seu pequeno exército para o mudar de alto a baixo.

Expulsou Sofia do seu cantinho e instalou-a provisoriamente na copa, enquanto transformava a salinha decrépita da entrada numa recepção deslumbrante, com mobílias aparatosas, um balcão funcional e paredes forradas com madeiras de luxo.

Despejou a assoalhada seguinte, onde só havia dossiês antigos e tralha desaproveitada, e fez dela uma sala de reuniões monumental com uma mesa

onde se poderiam juntar vinte advogados bem sentados em cadeiras de pele escura a litigar enormes e extraordinárias querelas jurídicas.

Finalmente, guardou os grandes cómodos para o gabinete de Tomé, transformando-o num compromisso entre o luxo clássico e o melhor estilo moderno, num alarde de bom gosto. Quarenta metros quadrados de prateleiras de pau-santo, sofás de couro, uma secretária de vidro, uma cadeira de pele e candeeiros assinados por Philippe Starck, tapetes exóticos e quadros a óleo escolhidos a dedo em galerias de primeira água.

Tomé ficou novamente rendido ao jeito dela para a decoração. Já Sofia ganhou uma farda de recepcionista que Pipa decidiu impor-lhe contra a sua vontade.

Era preciso reconhecer que escolhera uma farda de bom corte, o tecido azul-marinho e a camisa branca de algodão tinham qualidade e Sofia ficaria elegante e confortável com eles, mas, claro, a escolha não fora feita para lhe agradar e sim para que tudo ficasse perfeito no ambiente que Pipa imaginara.

Na sua astúcia fina, empenhou-se na escolha da farda para que Sofia não tivesse argumentos para a rejeitar. Porém, foi o modo prepotente como lhe comunicou que teria de passar a usá-la que deu azo a uma discussão feia.

— Tem aqui uma farda — disse Pipa, colocando-a à frente de Sofia, em cima do balcão da entrada. — É para usar a partir de amanhã.

— Sabe que mais? — replicou-lhe. — Estou farta da forma como fala comigo, não sou sua criada e não vou usar farda nenhuma.

— Olhe, Sofia, se não gosta da forma como eu falo o problema é seu, mas a farda é para usar e acabou a conversa.

— Veremos.

— Pois veremos.

A discussão subiu de tom, Pipa foi ao gabinete de Tomé queixar-se de que Sofia fora malcriada com ela, Sofia foi atrás, chorosa, queixar-se do mesmo, Tomé deu consigo a pedir calma às duas, a tentar moderar um conflito impossível porque ambas se entrincheiraram em razões que não davam espaço ao bom senso. Odiavam-se e não queriam ser razoáveis.

Nesses dias, enquanto decorriam as obras, Pipa tratou-a como um empecilho, dando ordens terminantes, transmitindo orientações soberanas, sempre ativa e petulante, desconsiderando-a. O seu intuito era rebaixá-la ou, se ela não se sujeitasse à humilhação, provocar o choque, fazê-la perder a cabeça e, então, queixar-se a Tomé e voltá-lo contra ela.

O plano não correu mal porque nenhuma das duas opções era favorável a Sofia. Em casa, Pipa declarou que não iria mais ao escritório enquanto *aquela mulher* lá estivesse e, se Tomé preferia mantê-la lá, ele que acabasse as obras e não contasse mais com ela.

Ainda que reconhecesse alguma intransigência na posição de Pipa, Tomé não podia tomar o partido da secretária contra a sua mulher, pois não queria estragar o ambiente entre eles e arranjar problemas em casa. De modo que

mandou Sofia de férias para restabelecer a paz no escritório enquanto acabavam as obras.

Chegara àquele momento da vida em que tudo se desmoronara e André só via destroços à sua volta. Tinha dinheiro para se aguentar durante algum tempo, a indemnização fora generosa, só que lhe faltava um rumo para apanhar os cacos e reconstruir o edifício, tal como o presidente lhe aconselhara.

Sabia que o homem tinha razão, o *filho da mãe tinha razão*, pensou, ainda que não estivesse com disposição para ser razoável e de mente aberta para aceitar que merecera ser despedido. A culpa era sua, falhara, mas nesta altura preferia pensar que o presidente era um sacana impiedoso que o deixara cair depois de tudo o que tinha feito pela empresa. Tinha direito a passar por um mau momento, ou não?

André desconfiava que Margarida influenciara o presidente para o despedir. Conhecia-a bem, era vingativa, embora não pudesse provar nada. Era só um pressentimento. Desde que o pusera fora de casa, ela tornara-se intolerante com ele, o ressentimento fazia-a amarga e agressiva, não o deixava ver o filho e já ameaçava ir a tribunal pedir a guarda da criança só para si. Nem sequer dava espaço para grandes conversas, afirmava que já tinham dito tudo o que havia para dizer.

Desorientado, continuou a deambular pela noite e a dormir de dia. Mas agora mais sozinho que nunca, porque as companhias começaram a rarear. A maioria dos amigos era casada e os colegas com quem costumava combinar algumas saídas afastaram-se dele quando foi despedido. Eram quase todos tipos que jantavam e bebiam copos com o chefe por ser conveniente ter uma boa relação com ele, só que esse pressuposto já não se verificava e os colegas desinteressaram-se dele. Para eles, até como amigo tinha deixado de ser divertido, porque bebia demais e só se queixava de ter caído em desgraça na empresa. Falava alto nos restaurantes e tornava-se desagradável e inconveniente. Por vezes, arranjava uma ou outra companhia feminina para sair, mas era notório que não estava sinceramente interessado nelas e, por isso, um segundo convite era quase sempre rejeitado.

De modo que se tornou um solitário. Jantava sozinho, normalmente no Papa Rica, e depois fazia a ronda dos bares ou das discotecas, alternando conforme o dia da semana. O que não variava era o hábito de passar à noite pela rua de Sofia. Apesar de ela ter cortado todos os contactos, ele não conseguia libertar-se do passado.

Se Margarida não lhe suscitava mais do que a indiferença, Sofia mantinha-se onnipresente na sua mente, era uma obsessão. Mesmo contra a sua vontade, estava permanentemente a imaginar formas de a convencer a voltar para ele, fantasias que na verdade nunca seriam concretizadas. Ocasionalmente, pegava no telemóvel para lhe ligar ou enviar-lhe uma mensagem, mas desistia de fazê-lo porque pensava duas vezes e faltava-lhe a coragem. O que poderia dizer-lhe?

Telefonara-lhe depois de ter sido surpreendido a dormir no carro estacionado na rua dela. Pedira-lhe desculpa pela situação e dissera-lhe que tinha saudades e era-lhe muito difícil viver sem ela. Mas Sofia não reagira bem, fora breve, seca e pedira-lhe que se afastasse e não voltasse a ligar-lhe. Desfizera-se em desculpas novamente e desligara, mas ficara magoado com a reacção dela, afinal estava a esforçar-se para reparar o mal que lhe fizera e não lhe parecia justo que Sofia o tratasse quase com a delicadeza cerimoniosa que se usava para repudiar um pretendente pouco mais do que desconhecido. Eles tinham anos de intimidade e Sofia resguardava-se numa amabilidade muito formal para se ver livre das suas investidas. Isso desconcertava-o.

Nos seus pensamentos persistentes, André tinha tendência para ir atenuando a gravidade da sua traição. Sim, fizera asneira, mas estava arrependido; sim, errara, mas o caso com Margarida tinha pouco ou nenhum significado. Enfim, pensava, quem neste mundo podia dizer que nunca dera um passo em falso durante um longo casamento? Haveria muita gente, mas ele acreditava que não. E o seu maior argumento para se desculpar era que, apesar de tudo, a amava, e isso é que contava.

Definitivamente, Sofia estava a ser demasiado severa com ele ao não lhe dar uma segunda oportunidade. Feitas as contas do deve e haver do casamento deles, certamente que havia muitos momentos felizes e ela só estava a contabilizar o seu deslize. Sim, porque, de tanto pensar no assunto, na cabeça dele, a traição passara de crime capital a deslize e já não a considerava tão grave que justificasse tanta intransigência de Sofia. Admitia que errara, claro, mas tinha direito a errar uma vez na vida, ou não?

As fantasias de André sobre Sofia eram inofensivas enquanto eram inconsequentes. Porém, houve um momento em que as coisas começaram a ficar mais sérias.

As saídas nocturnas de André foram ganhando um ritmo cada vez mais acelerado. O Lux era a discoteca mais cosmopolita de Lisboa e ele não falhava uma sexta-feira.

Assim que entrou, foi directo a um dos bares. Vinha do Papa Rica, onde estivera a jantar na companhia de uma garrafa de vinho e de um uísque. Agora precisava de mais um. Aproximou-se do balcão e, no meio da confusão de gente que procurava atrair a atenção dos empregados, encontrou um amigo que não via há anos, talvez há mais de quinze anos. No entanto, reconheceram-se logo e, como velhos amigos que eram, abraçaram-se efusivamente, porventura exagerando nos festejos, mas isso deveu-se a estarem ambos bastante bêbedos.

Nenuco vinha do tempo do liceu, um rapaz franzino com uma cara de bebé que lhe valeu a alcunha para a vida. Tinha um ar enganadoramente inocente que contradizia as confusões que parecia atrair com uma frequência invulgar. Era um tipo engenhoso e de grande imaginação, mas com queda para o hedonismo.

A última vez que André se recordava de o ter visto fora há muito tempo, num encontro casual como aquele, e nessa altura parecera-lhe tão agarrado à droga que nem conseguira ter uma conversa coerente. Aparentemente, agora estava um pouco melhor.

Nenuco trocara uma prometedora carreira nos computadores pela cocaína. Todavia, aproveitara o seu génio informático para montar um supermercado de droga na Internet. Só vendia quantidades razoáveis, nada de pequenas doses, e era tão bom a esconder o seu rasto que nunca fora apanhado.

Os especialistas em crime informático do Ministério Público e da Polícia Judiciária viviam frustrados por não conseguirem caçá-lo. Desesperavam por uma falha de *Nenuco* e tinham-no no topo das suas prioridades, porque ele era o troféu mais desejado por todos. Apanhá-lo seria uma espécie de passaporte para a fama, visto que era o tipo mais escorregadio e mais invisível no negócio da droga a retalho. Mas não sabiam nada dele, nem o nome, nem a alcunha, nem o seu aspecto, nem onde morava, nem como fazia para colocar num qualquer paraíso fiscal o dinheiro que ganhava com a droga. Andavam às escuras, à procura de um fantasma.

Nenuco tinha uma inteligência rara para os computadores e, embora dissesse a si mesmo que não era um negociante a sério e só vendia droga pelo gozo de chatear as autoridades, gostava muito do dinheiro a rodos que ganhava *só por brincadeira* e que esbanjava para se exhibir. Nessa noite, André viu-o distribuir pelos empregados gorjetas de cinquenta euros como se fossem notas de cinco. Não sabia de onde vinha o dinheiro, porque ele não falava do seu negócio a ninguém, mas, fosse lá o que fosse, não havia dúvida de que a vida lhe corria bem.

Pediram bebidas, *Nenuco* pagou e em seguida arrastou-o para uma mesa onde estavam os seus amigos, três homens e três mulheres. Havia uma quarta mulher, a namorada dele, uma loira muito bonita, enfiada num vestido prateado, justo e vistoso, que a fazia brilhar como um diamante.

Nenuco apresentou André a todos. A namorada chamava-se Alexandra e pareceu-lhe ter tanto de beleza como de antipatia. Olhou para ele com um ar enjoado e desviou a atenção, pegou num maço de tabaco em cima da mesa, acendeu um cigarro e deixou-se ficar a fumar e a bebericar o seu champanhe.

Havia na mesa uma garrafa mergulhada num balde de gelo, que *Nenuco* lhe ofereceu quando esvaziaram os copos de uísque.

— Eh pá, nem pensar — disse André. — Já bebi demais.

— Tenho aqui uma cena que te põe como novo — disse *Nenuco*.

— O que é?

— Coca. Queres?

André pensou um segundo, encolheu os ombros, respondeu,

— Por que não?

Nenuco deu-lhe uma palmada nas costas.

— É assim mesmo — disse. — Vamos até ali.

Depois voltou-se para Alexandra.

— Já voltamos — avisou-a. A namorada revirou os olhos.

Foram à casa de banho, enfiaram-se num compartimento.

Enrolaram uma nota em forma de tubo e usaram-na para aspirar duas linhas de cocaína cada um. Voltaram para a mesa. Dali a pouco, André espantou-se com o efeito. Tinha a mente desanuviada e todos os sentidos a funcionar como nunca! Escutava a música com uma clareza cristalina e estava outra vez sóbrio. E eufórico.

Os amigos foram saindo, ficaram só André, *Nenuco* e Alexandra, ele muito bêbedo a querer abraçá-la e a namorada furiosa a afastá-lo. Até que ela se levantou e declarou que se queria ir embora. André levantou-se também. *Nenuco* permaneceu afundado no sofá, quase deitado, a olhar para ela com um sorriso tolo.

— Vens ou não? — perguntou Alexandra.

— Não, vou ficar mais um bocado.

— Muito bem, eu vou-me embora.

Ele fez um gesto de desprezo com a mão.

— Vai, vai — disse.

Ela olhou para André.

— Também vais?

— Vou.

— Dás-me boleia?

Foi a primeira vez que lhe dirigiu a palavra durante toda a noite.

— Dou, claro.

Saíram. Ela foi em silêncio até ao carro.

— Estou farta daquele gajo — disse, quando André pôs o motor a trabalhar. — Está sempre bêbedo e drogado. Não diz coisa com coisa.

— Já andam há muito tempo?

— Tempo demais.

Ele sorriu, fez que sim com a cabeça, compreensivo.

— É um bocado doido, é — comentou.

— Doido é pouco. É um agarrado de merda, podia ter tudo e só pensa na porcaria da droga. Vai acabar preso e sem nada.

— Está muito descontrolado, é?

— Completamente. Acha que é invisível e que a polícia não o apanha, e depois anda com os bolsos cheios de merdas e esbanja a massa em público sem um mínimo de discrição. Só falta escrever na testa *dealer*. Está convencido de que é mais esperto que toda a gente, mas porta-se como um idiota.

— Eu reparei nisso. Ele dá muito nas vistas, de facto. É arriscado.

— Escreve o que te digo, é só uma questão de tempo até ser apanhado.

— Sabes que se ele for preso podes ter problemas também.

— Sim...

— Por que é que continuas com ele?

Alexandra encolheu os ombros.

— Pois, não sei — disse. — Não serve para nada, nem uma foda me dá há meses.

André engoliu em seco.

— Não?! Porquê?

— Porque já não consegue levantá-lo.

Apanhado de surpresa por este desabafo, André calou-se.

— Vives com ele? — perguntou-lhe pouco depois.

— Vivo.

— E onde é que vocês moram?

— Não interessa, não me apetece ir para casa.

— Tudo bem, queres ir a outro sítio?

— Não, quero ir dormir, mas não me apetece ir para casa esta noite.

Afinal, não é assim tão antipática, pensou, surpreendido com a mudança de atitude dela. Provavelmente, pensara que ele fosse mais um transviado igual ao namorado, *mas agora está noutra onda. Estamos a fazer progressos*. Riu-se para dentro. A euforia ainda não lhe passara.

Entraram no apartamento de André, foram directos para o quarto.

— Durmo contigo, mas é só isso, não te ponhas com ideias — avisou-o.

— Como queiras — disse. — Só fazes o que quiseses.

— Hum — resmungou.

Alexandra despiu o vestido e enfiou-se debaixo do edredão em cuecas e sutiã. André observou-a assim, praticamente nua, e pensou que estava no céu.

É perfeita!

Apressou-se a despir-se e entrou na cama só em *boxers*. Apagou a luz. Ficou deitado a pensar no que fazer a seguir.

— Pensas continuar com o *Nenuco*? — perguntou-lhe, para fazer conversa.

— Não sei. Não quero pensar nisso agora — retorquiu Alexandra.

— Mas terás de pensar rapidamente — disse ele. — Estás envolvida numa situação perigosa.

— Eu sei.

— Certo, tu é que sabes.

Caíram em silêncio, Alexandra deitada de lado, de costas para ele; André virado para ela, na expectativa.

— Estou aqui, não estou? — acrescentou ela, e ele entendeu a deixa como um incentivo.

— Tens frio? — perguntou-lhe.

— Estou gelada.

— Vem cá...

Puxou-a para junto dele. Ela não o repeliu, deixou-o abraçá-la. Apertou-a contra si, envolveu-lhe um seio com a mão, beijou-lhe o pescoço. Ela voltou a cabeça para trás e ofereceu-lhe os lábios. Deslizou suavemente a mão pelas suas costas, soltou-lhe o fecho do sutiã, percorreu-lhe o corpo com a boca, sem se apressar.

Acabou de despi-la, beijou-lhe o ventre e continuou a descer por ela, descobrindo-a aos poucos. Alexandra arqueou as costas, entregando-se-lhe deleitada quando ele afundou o rosto entre as suas coxas. Depois, rendida, puxou-o para cima dela com urgência e quis que a tivesse. Sentiu-o invadi-la e preencher-lhe a e apertou as pernas à volta das ancas dele com necessidade de o prender com força.

Mais tarde adormeceram abraçados, esquecidos de *Nenuco* e indiferentes ao mundo lá fora. Não sabiam nada um do outro, mal se conheciam, mas de momento só lhes interessava o consolo do abraço e a sensação de segurança que lhes transmitia o calor dos seus corpos debaixo do edredão, no conforto da cama, no escuro do quarto sem dimensão.

Afastar Sofia da companhia do marido era um objectivo assumido de Pipa, assumido na cabeça dela, bem entendido. Embora Sofia nunca lhe tivesse feito nada que justificasse tal aversão, ela odiava-a. Essa repulsa resultava mais do que Sofia representava e não tanto dos choques de personalidade que tivessem tido desde que se conheciam.

O problema com Sofia é que a simples presença dela fazia vir ao de cima o seu fracasso com Bernardo e sentia-se profundamente incomodada.

Achava-se superior a Sofia em todos os aspectos e, portanto, era uma humilhação que ele a tivesse trocado pela secretária do marido, ainda que ele não a tivesse exactamente trocado. De qualquer modo, Pipa perdera o ascendente sobre Bernardo quando ainda pensava que poderia refazer a vida com ele e ficara furiosa. Acreditara que o esqueceria casando com Tomé, mas a mente pregara-lhe uma partida e não estava a ser tão fácil deixá-lo para trás como pensara. Continuava a não conviver bem com o modo como Bernardo se afastara, sem ter lutado para a recuperar e, embora jamais o admitisse, sentia ciúmes de Sofia.

A antipatia tornou-se mútua. Sofia nada fazia para esconder o desagrado que sentia sempre que Pipa ia ao escritório e esta fazia questão de passar por lá frequentemente para satisfazer o instinto vingativo que a inquietava. Na sua altivez, gostava de pensar que nem sequer merecia que perdesse muito tempo com ela, porém, gostava de lhe dificultar a vida por achar que assim atingia Bernardo.

Normalmente, telefonava a Tomé antes de chegar ao escritório para confirmar que se encontrava sozinho e, se assim fosse, seguia directamente para o gabinete dele sem esperar que Sofia a anunciasse. Ela já nem reagia, carregava no botão que havia no balcão da entrada e, vendo que era ela, deixava que fosse ter com Tomé sem se levantar para a acompanhar.

Mas Pipa tinha sempre uma queixa a fazer a Tomé, tinha o seu pedaço de veneno para lhe enfiar pela goela abaixo sem que ele compreendesse o alcance das queixas dela. E logo Tomé, um homem inteligente e perspicaz, mas enfim, estava apaixonado, não era capaz de ver um pingão de maldade nela.

Entrava no gabinete a suspirar de irritação.

— Aquela mulher é tão desagradável — lamentava, apontado o queixo erguido para a porta. Ou era porque Sofia lhe torcia o nariz, ou porque a ignorava quando entrava, ou porque não lhe dirigia a palavra, ou porque dirigia mas com modos de megera, era por isto e por aquilo, qualquer coisa servia para dizer mal dela.

Num desses dias, inventou que Sofia lhe mentiu.

— Onde andaste hoje? — perguntou a Tomé, à noite, no Papa Rica.

— Onde é que haveria de andar, filha? No escritório!

— Ah, é que telefonei para lá e a Sofia disse-me que estavas fora e não deverias voltar.

— Disse? Estranho, a que horas foi isso?

— Pelas três. Quis passar lá à tarde para te dar um beijinho.

— Mas só saí ao fim do dia!

— Pois olha, não foi isso que ela me disse.

— Por que não me ligaste para o telemóvel?

— Eu liguei, mas não atendeste, por isso liguei para o escritório.

No dia seguinte, Tomé interrogou Sofia sobre o sucedido.

— Eu só disse à sua mulher que o doutor tinha ido almoçar — respondeu.

— Mas disse-lhe que eu não voltava?

— Não, claro que não.

Ficou baralhado, aquelas duas davam-lhe cabo da cabeça. Resolveu esquecer o assunto, achando que Pipa devia ter percebido mal.

Mas, mais tarde, ela perguntou-lhe o que tinha dito Sofia. Ele contou-lhe.

— Inacreditável! — disse, abanando a cabeça, contrariada.

— Deves ter feito confusão.

— Qual confusão, qual carapuça, eu sei o que ela me disse.

— Sim, mas podes ter percebido mal.

— Não, não, percebi muito bem. Aquela mulher é perigosa, não sei como a aguentas.

— Disparate!

— Escreve o que te digo, ela não é certa.

— Oh, Pipa, por favor.

— Por que é que a defendes sempre?

— Não defendo, é minha secretária há séculos e nunca tive problemas com ela, só isso.

— Eu é que invento problemas, é o que queres dizer?

— De maneira nenhuma! Só quis dizer que estou satisfeito com o trabalho dela.

Os comentários persistentes de Pipa foram fazendo o seu caminho, instalando-se no subconsciente de Tomé e, a certa altura, ele já se via a duvidar da competência de Sofia. Uma falha dela, que antes era vista como um engano perfeitamente aceitável, agora era encarada com cepticismo. Sentia-se pressionado pela mulher e foi-se tornando mais intolerante com os erros da secretária. Se ela tomava mal uma nota, se se enganava a escrever um documento, se trocava a data de um almoço, irritava-se e repreendia-a com agressividade.

Tomé nunca fora propriamente simpático com Sofia, mas hoje em dia estava irascível. Notava todos os passos em falso dela com particular acuidade e o ambiente no escritório foi-se degradando ao ponto de começar a convencer-se de que era pouco exigente e que tinha de dar razão a Pipa: Sofia não trabalhava tanto e tão bem como ele pensava.

Sofia passou por diversas fases. Primeiro assustou-se e entrou quase em pânico, a pensar que ia perder o emprego e que ficaria numa situação desesperada; depois de interiorizar o problema, aceitou a possibilidade de ficar desempregada mais pragmaticamente, pois poderia pedir o subsídio de desemprego e recorrer à ajuda do pai e, eventualmente, processar o advogado, se chegasse ao extremo de ser despedida sem justa causa. Entrou na fase da indiferença, determinada a não se deixar perturbar pelas provocações de Pipa. Pensou que poderia fazer o seu trabalho ignorando-a, como se ela não existisse.

Mas Pipa não desistiu de provocá-la e de fazer intrigas para virá-lo contra ela e, nessa altura, Sofia sentiu-se revoltada e começou a ferver por dentro. Foi então que perdeu o medo das consequências e explodiu. E deitou tudo a perder.

De um dia para o outro, Alexandra trocou *Nenuco* por André e mudou-se para o apartamento dele, trazendo de casa do ex-namorado todos os seus bens, que se resumiam a algumas malas de roupa. Não tinha casa própria, nem mobília, nem carro, nem nada dessas coisas que as pessoas comuns tinham.

André não sabia, mas ela habituara-se a depender da boa vontade dos namorados que arranjava, presumindo que a sua beleza era suficiente para os compensar, como se eles tivessem muita sorte em conquistá-la e não fosse ela quem devia ficar agradecida por ter alguém que lhe proporcionasse uma boa vida, apesar de ser uma indigente de luxo.

Ao contrário do que imaginou, a traição de Alexandra não incomodou minimamente *Nenuco*. O amigo nem sequer reagiu à partida dela. Dir-se-ia que até ficou agradecido. André atribuiu a passividade à cocaína. Ainda se riram um bom bocado com isso.

— Ele anda tão drogado que nem percebeu bem o que aconteceu — disse André.

— Podes crer — concordou, aliviada por ele passar ao lado do que realmente sucedeu.

Mesmo nos seus momentos mais alheados, a pairar por cima do mundo nas asas da cocaína, *Nenuco* continuava a ser muito mais inteligente do que André e, se não se zangou por lhe ter roubado a namorada, foi porque viu na sua deslealdade uma oportunidade. Estava farto dela e praticamente empurrara-a para os seus braços. Sabia por experiência própria que, depois de Alexandra se instalar, era difícil livrar-se dela. Teria sido um risco expulsá-la porque ela conhecia as suas actividades ilegais e poderia denunciá-lo à polícia, mas, sendo ela a deixá-lo de livre vontade, já não havia motivos para vinganças mesquinhas.

Por conseguinte, *Nenuco* tinha todo o interesse em que André fosse muito feliz com Alexandra e não só não o atacou como até planeou tornar-se seu fornecedor de cocaína, o que, efectivamente, acabou por acontecer. Portanto, usou-o duplamente.

Ao fim de alguns meses sem conseguir arranjar emprego, André aceitou um lugar numa agência imobiliária. Era a área de trabalho que conhecia melhor e a que estava habituado. Passou de administrador a vendedor, foi uma despromoção gigante, mas tinha a vantagem de saber tudo sobre o negócio e não tencionava ser vendedor durante muito tempo.

De facto, revelou-se um vendedor extraordinário, tornando-se rapidamente o melhor elemento da equipa de vendas. Era tão eficaz a angariar casas como a vendê-las e tinha tantas solicitações que andava numa vida frenética.

Em breve, comprou um *Porsche* em segunda mão — um modelo antigo em muito bom estado que, no caso dos *Porsche*, se podia considerar um clássico — e fez uma visita a uma loja de roupa de marca, de onde trouxe três

fatos, várias camisas e gravatas. Adquiriu um perfume caro e cativante e uma imitação perfeita de um relógio *Patek Philippe*. Construiu assim a sua personagem de sucesso para influenciar positivamente os clientes e era exímio a convencê-los a comprarem quase tudo o que lhes mostrava.

Ao contrário da maioria dos colegas, moles e desmotivados, ele entusiasmava-se imenso, vibrava com as casas que vendia como se também as quisesse comprar. Não se apresentava aos clientes como um mero cicerone que estivesse ali só para lhes mostrar apartamentos, mas sim como um profissional dedicado e determinado a resolver o problema deles. Quando alguém ia ter com ele, não desistia até descobrir uma casa que lhe agradasse. Se não acertava à primeira, continuava a telefonar diariamente ao cliente com novas propostas. Era solícito e educado, desdobrava-se em simpatias e conseguia impingir todos os apartamentos que lhe passavam pelas mãos. Fechava negócios uns atrás dos outros.

Após o arrebatamento inicial, a paixão por Alexandra esmoreceu. Voltou à vida nocturna alucinante e a namorada tornou-se quase um bibelô que tinha lá em casa. Tal como antes acontecia com Margarida, não lhe prestava atenção. Chegava tarde a casa, já ela estava a dormir, metia-se na cama e adormecia. Partilhavam a casa e a cama, e pouco mais havia a dizer sobre a sua vida, que de comum não tinha quase nada.

Estava viciado em adrenalina, cocaína e mulheres. Vivia a correr, dormia três, quatro horas por noite e usava a droga para se aguentar. Descobriu que era tão bom a conquistar mulheres como a vender casas e que havia uma feliz coincidência entre as duas tarefas, se assim se podiam designar.

As mulheres caíam-lhe praticamente no colo quando as cobria de charme enquanto percorriam as divisões vazias dos apartamentos que visitavam. Nem todas, evidentemente, mas viu-se envolvido em várias situações insólitas.

Alice, uma loira bem vestida, altiva, pouco simpática, dos seus quarenta anos, foi visitar com o marido, alto quadro de uma grande empresa de seguros, um belíssimo apartamento que custava uma fortuna, quase um milhão de euros. Alice era uma faladora incansável e irritante que debitava opiniões definitivas sobre tudo o que via numa cadência estonteante. O marido, introspectivo e ponderado, percorria em silêncio as divisões que André ia descrevendo com dificuldade, pois tornava-se impossível ser eloquente com Alice ao lado a tagarelar.

Via-se que o luxo era uma banalidade para aqueles dois. André percebeu logo que não estavam à procura da sua primeira casa de duzentos metros quadrados. Não se deslumbravam com o chão de mármore, a lareira gigante, os tectos trabalhados, a biblioteca em madeira rica ou a cozinha equipada com máquinas topo de gama. Pelo contrário, Alice conseguiu pôr defeitos na varanda espaçosa e soalheira que seria o sonho de qualquer pessoa; criticou a janela panorâmica porque os vidros enormes seriam uma dor de cabeça para

limpar, como se ela alguma vez pegasse num pano e num balde para lavar vidros, grandes ou pequenos; disse que o corrimão da escada para o primeiro andar era um horror e a pedra escura das paredes da casa de banho da suíte simplesmente tenebrosa.

Foi por ali fora a arrasar a casa sem piedade e, entretanto, o marido, indiferente aos seus comentários, quedava-se de braços cruzados no centro de uma sala do tamanho de um campo de futebol, imerso em graves ponderações.

Por fim, consultou o relógio e disse:

— Querida, já está satisfeita? Tenho de me ir embora.

— Está atrasado, não é?

Ele devolveu-lhe uma expressão de fatalidade.

— Tenho reunião do *board* às três.

— Eu sei, querido, estou a empatá-lo.

— De maneira nenhuma, não empata nada, mas tenho mesmo de ir. Vem já ou prefere ficar a ver melhor a casa?

— Vá você, não se prenda por minha causa, meu amor. Eu depois apanho um táxi.

Ele aproveitou a deixa e pirou-se sem lhe dar mais cinco minutos de tolerância ou dizer que preferia que ela fosse consigo.

Ficaram só os dois e a atitude insuportavelmente empertigada dela desapareceu como que por magia. Soltou um longo suspiro, carregado de infinita tristeza.

— O meu marido casou-se com a empresa — disse. — Nunca tem tempo para nada.

Abanou a cabeça, compreensivo.

— Hoje em dia, as pessoas vivem para o trabalho.

— Sim, ele é viciado. Qualquer dia, chega a casa e já não me lembro da sua cara. A sua mulher também se queixa do mesmo?

— Naa, não sou casado.

Alice encarou-o, muito surpreendida.

— A sério?!

— A sério, porquê?

— Por nada — encolheu os ombros. — Não deve ter dificuldade em arranjar uma mulher bonita para casar.

— Já somos dois. Você também não teve com certeza.

Ela riu-se, fez um gesto com a mão, como que a afastar a ideia.

— Não ligue, estou para aqui a dizer disparates.

— Não, a sério! É muito bonita, Alice, se me permite que lhe diga.

Ela soltou uma gargalhada, maravilhada com o elogio.

— Você quer é vender-me a casa — disse, divertida.

— Lá isso quero, mas estou a dizer a verdade.

— É um bom vendedor.

— Obrigado.

— E muito querido.

Foram andando pela casa vazia. André deixou-a ir à frente para se deleitar com a visão das pernas nuas dela que faziam adejar o vestido a cada passo, enquanto ia tagarelando, muito coquete e sedutora, insinuando-se abertamente.

Dez minutos depois de o marido de Alice ter saído, André encostou-a à parede no pequeno átrio que dava acesso à escada para o andar de cima do *duplex* e beijou-a com fervor na boca e no pescoço. Alice arfou de excitação quando ele se sentou no degrau da escada e a puxou para o seu colo. Montou-o ansiosa por consumir as fantasias eróticas que lhe preenchiam a imaginação desde o momento em que o vira. As suas mãos frenéticas abriram o fecho das calças de André com urgência de se afundar nele.

Ele surpreendeu-se com os formidáveis gemidos de prazer de Alice, que ecoaram nas paredes do apartamento. Por fim, mergulhada no pântano morno do desejo satisfeito, encostou o rosto ao peito dele e sussurrou uma frase rouca:

— Gostei muito da casa, fico com ela.

Ficou com a impressão de que a comprava por gratidão. Só voltou a encontrar-se com Alice na presença do marido por ocasião da assinatura do contrato da casa. Depois disso, não tornou a vê-la.

Havia em cima do balcão da entrada do escritório uma bandeja prateada com um jarro de água, igualmente prateado, e copos. Por norma, Sofia certificava-se de que estava cheio, embora só se preocupasse com isso quando esperava clientes. Nessas alturas, oferecia-lhes um café acabado de fazer e água fresca.

Pipa entrou intempestivamente no escritório e continuou a direito para o gabinete de Tomé sem dar uma palavra a Sofia. *A madame está com os azeites*, pensou, ao vê-la passar pelo corredor.

Dali a pouco, saiu do gabinete e deteve-se em frente ao balcão. Dirigiu-lhe um cumprimento seco e serviu-se de um copo de água.

— Esta água está choca, veja se enche o jarro com água fresca — disse.

— Sim, senhora — respondeu Sofia, num tom impertinente. Costumava tratá-la pelo nome próprio. Pipa dirigiu-lhe um olhar fulminante e voltou ao gabinete do marido. Regressou uns minutos depois com um telemóvel na mão.

— Já trocou a água?

— Já, sim, senhora.

Pipa ergueu os olhos do aparelho.

— Ótimo, é aborrecido ter de estar sempre a dizer-lhe para fazer o seu trabalho.

Voltou-lhe as costas e deteve-se a olhar para o telemóvel.

Entretanto, Sofia deu a volta ao balcão, agarrou no jarro e despejou-o sobre a cabeça dela. Pipa deu um pulo para a frente e soltou um grito.

— Ahhh! Está doida?!!

— A água está suficientemente gelada, senhora?

— Você é completamente maluca! — berrou, histérica.

Tomé acorreu sobressaltado com os gritos descontrolados de Pipa e descobriu-a a pingar da cabeça aos pés. Tinha a roupa encharcada e chapinhava numa poça de água, rodeada de cubos de gelo.

Bernardo largou o que estava a fazer assim que recebeu a mensagem de socorro e foi ter a casa de Sofia. Encontrou-a encolhida no canto do sofá a chorar.

— O que aconteceu, Sofia?

— Perdi a cabeça e despejei um jarro de água em cima da Pipa.

Ele soltou uma gargalhada breve.

— Tu fizeste o quê?!

— Não te rias, não tem graça.

— Despejaste-lhe um jarro de água pela cabeça abaixo?

— Todinho.

Bernardo levou a palma da mão à testa.

— Porque é que fizeste uma coisa dessas?

— Porque ela me irritou.
— Já te irritou mais vezes.
— Mas desta vez foi demais.
— Deve ter sido lindo — disse, a imaginar a cena.
— Lá isso foi. O pior é agora.
— O que disse o Tomé?
— Ficou furioso.
— Passaste-te.
— E de que maneira.
— Ele despediu-te?
— Ainda não, mandou-me para casa, mas é garantido que me vai despedir. A outra estava histérica e não vai perdoar-me, nem a ele se não me despedir.

Não se viam desde a noite em que ela não quisera que ele dormisse em sua casa e o mandara embora. Já nessa altura o motivo do mal-estar entre eles era o comportamento agressivo de Pipa, que se reflectia negativamente na relação deles. Mal sabia ela como era bem-sucedida nos seus ímpetus vingativos.

No entanto, ali estava Bernardo novamente ao lado dela para a consolar. Sofia enviara-lhe a mensagem que o levava até ela porque, passada a satisfação inicial, se sentira desamparada, sem ninguém em quem se apoiar. Respondera prontamente ao apelo dela, mas o seu abraço protector, as suas palavras reconfortantes, de pouco serviam a Sofia, que, pensava, seria despedida de qualquer maneira, e isso era tão certo como estar viva e sem perspectivas felizes.

Os tempos que aí vinham não prometiam nada de agradável e não conseguia abstrair-se do sentimento latente de que só se encontrava naquela situação difícil por causa dele.

Bernardo abraçou-a, mas ela não se sentiu reconfortada e encolheu-se rígida nos braços dele e o seu rosto, branco e frio, espelhou o desapego por esse abraço que já não lhe transmitia o calor de antigamente.

Sentia-se desiludida porque tinha uma percepção distorcida sobre o que ele pensava do seu conflito com Pipa. A sua impressão é que achava piada à guerra dela com a ex-namorada e que não dava grande importância às consequências. Parecia-lhe que ele considerava aquilo tudo disparatado, uma palermice de mulheres tolas.

Não era verdade, Bernardo estava furioso com Pipa e preocupado com Sofia, mas sentia-se desconfortável por ela se ter afastado dele e persistir numa atitude desapaixonada e distante. Nessa noite tentou beijá-la e Sofia retraiu-se.

— Não faças isso — pediu-lhe.
— Porquê, Sofia? O que se passa?
— Não estou com disposição.

Ficaram assim, melindrados e à beira da ruptura. Frustrado por não conseguir aproximar-se dela, Bernardo despediu-se com a promessa de que estaria à sua disposição para o que ela precisasse e foi para casa.

Saiu do prédio dela, entrou no carro e arrancou sem reparar que era observado por André, que estacionara o seu automóvel alguns lugares atrás.

Nessa época, André tornou-se um coleccionador de mulheres, por assim dizer. Eram situações esporádicas e inconsequentes, como no caso de Alice, que acabavam quase tão depressa quanto começavam. Por vezes, resumiam-se ao acto sexual sem paixão no soalho de uma casa despojada, onde não havia um ambiente adequado, não havia romance.

Eram, geralmente, mulheres solteiras e rendidas à solidão, como Ana Paula, uma professora de liceu de meia idade e de mal com a vida, que gastava os seus dias a medir forças com miúdos insubordinados e obstinados em estragar-lhe as aulas que ela preparava com dedicação.

Ana Paula procurava um T1 simples, sem luxos, onde se pudesse acomodar com os seus gatos, que tratava com um carinho excessivo. Ana Paula falou-lhe deles com um orgulho maternal e André, que odiava gatos, elogiou-lhes a beleza felina quando se viu a admirar as fotografias que ela lhe mostrou no telemóvel como se fossem filhos.

Era uma mulher insignificante, pequenina e rechonchuda, de cara redonda e óculos de massa que a desfeavam. Tinha uma voz aguda e falava baixinho como se pedisse licença para se expressar. Não tinha um pinga de autoridade e André sentiu pena dela ao imaginá-la a ser massacrada pelos alunos na sala de aula.

Em todas as mulheres que seduzia, umas bonitas, outras vistosas, outras ainda desengraçadas, André descobria alguma característica que o atraía e que lhe acordava a volúpia. Podia ser uma beleza exótica, ou uma mulher invulgarmente alta com umas pernas extraordinárias, ou uma esposa submissa e desejosa de trair o marido. No caso da professora pequenina e embaraçada, foi a vontade de a subjugar sexualmente que o moveu. E por que não? A mulher precisava de um abanão para aprender o que era a vida, disse de si para si, pensando que lhe faria um favor se a fizesse gozar um bocado.

Mas Ana Paula revelou-se um osso duro de roer. Não estava disponível para se deixar apanhar numa emboscada sexual e, apesar de ter ido sozinha visitar o apartamento que André tinha para lhe mostrar, não reagiu aos avanços dele. Foi simpática e gostou dos elogios que ele lhe fez, mas passou ao lado das suas insinuações. No final, disse que queria ver mais casas antes de se decidir. Ele concordou em pesquisar outros apartamentos e marcar mais visitas. Ana Paula respondeu que ficava à espera de notícias e despediu-se cordialmente.

André pensou que fizera um erro de avaliação e que a professora não era a presa fácil que imaginara. Foi à sua vida e esqueceu-se dela. Todavia, no dia seguinte recebeu um *e-mail* de Ana Paula a convidá-lo para visitar a sua casa para que ficasse com uma noção mais exacta do tipo de apartamento que procurava. A justificação do convite pareceu-lhe tão rebuscada que André não conteve uma gargalhada. Afinal, a professorazinha não era imune ao seu charme. Embora a achasse uma mulher sem graça e perfeitamente medíocre,

não resistiu à curiosidade e aceitou o convite.

O apartamento dela correspondeu às expectativas de André, um T0 muito arrumado, decorado com mobília barata do *Ikea* e tão desinteressante quanto a sua dona. Ana Paula esforçara-se para se tornar mais atraente. Desfizera-se dos óculos de massa que não a favoreciam e André achou-a bastante mais interessante. Usava calças de ganga e uma camisa branca justa com um decote generoso que fazia sobressair os pequenos seios, que hoje pareciam maiores, graças ao truque do sutiã *push-up*.

Havia uma mesa posta para dois e velas acesas. Ele foi apanhado desprevenido, não vinha a contar com o jantar, muito menos com um jantar romântico. A professora era cheia de surpresas. O cheirinho a carne assada no forno despertou-lhe a fome. De qualquer modo, ela esforçara-se a preparar o jantar, a mesa, as velas, e não quis desiludi-la, recusando.

— Ena! Isto é tudo por minha causa? — exclamou alegremente.

Ela fez um sorriso atrapalhado.

— Pensei que estivesse com fome, depois de um dia de trabalho.

— E estou, e estou, mas não precisava de se preocupar.

— Oh, não custou nada. Tinha de fazer para mim, foi só fazer um pouco mais — disse, como se jantasse à luz das velas habitualmente.

Ana Paula serviu o jantar. Trouxe uma travessa com a carne, outra com batatas assadas, outra ainda com esparregado, uma saladeira com alface e tomate, uma garrafa de vinho tinto, e André, divertido a pensar que ela devia ter tirado o dia para preparar aquilo tudo, perguntou-se se iria continuar a trazer coisas da cozinha.

Não tinha muita consideração por ela, via-a como uma mulher solitária — *encalhada*, era o termo que lhe ocorria — e muitos furos abaixo do que ele considerava ser uma mulher ao seu nível. Teve a sensação, porventura correcta, de que Ana Paula realizava a fantasia de cuidar do «seu» homem, oferecendo-lhe um lauto jantar quando ele regressava ao lar no fim do dia. Mas bem podia empanurrá-lo com comida que não tencionava ser o seu homem, nunca na vida.

À medida que iam esvaziando a garrafa de vinho, Ana Paula ia-se soltando e tornando-se mais faladora. André nem teve de se empenhar muito, porque ela assumiu o controlo, tomou conta da conversa, serviu-lhe vinho se tinha o copo vazio e continuou a encher-lhe o prato até ele não poder mais.

Falou-lhe da sua vida, da escola onde dava aulas, dos alunos insuportáveis que enfrentava diariamente. Queixou-se do estado do ensino, do governo que impunha um sistema que retirava a autoridade aos professores, dos miúdos mal educados que não queriam aprender e dos pais arrogantes que tomavam o partido deles sem se preocuparem com a possibilidade de ficarem ignorantes e mal preparados para a vida.

— Você tem filhos? — perguntou-lhe.

— Não — respondeu —, mas espero vir a ter.

— Para isso, precisa de uma mulher.

— Pois...

— Eu também quero ter filhos.

André interpretou esta afirmação como uma insinuação explícita. A mulher estava a atirar-se a ele, pensou, mas logo se distraiu com a questão da idade. Partira do princípio de que Ana Paula já passara há muito dos quarenta, porém, agora dizia que tencionava ter filhos. Seria, talvez, mais nova do que ele pensara.

Como ele não reagiu, ela ficou atrapalhada, mudou de assunto.

— Vou buscar mais vinho — disse.

— Não é preciso — disse ele. — Estou bem assim.

— Claro que é preciso — insistiu, fazendo menção de se levantar.

André esticou o braço e segurou-lhe a mão, levando-a a sentar-se.

— Não, a sério, não precisa. Não se preocupe.

— Tem a certeza? Não me custa nada.

— Tenho a certeza — disse, deixando ficar a mão na dela.

— Vinho não me falta — disse Ana Paula. — Como não costumo beber.

— E também não costuma ter convidados?

— É raro — respondeu.

Continuou a segurar-lhe a mão e a acariciá-la com os dedos, apesar da conversa seguir normalmente, como se as mãos fossem independentes do que diziam e nenhum dos dois se concentrasse no efeito do toque.

— Vamos ali para o sofá — disse André, subitamente. Não lhe perguntou se estava de acordo, levantou-se sem lhe largar a mão e ela seguiu-o sem reclamar.

Sentaram-se no sofá, ele pousou a mão no pescoço dela, por baixo do cabelo e beijou-a. Ana Paula não lhe resistiu, antes pelo contrário, permitiu que a abraçasse e abraçou-o também. A mão dele percorreu-lhe o corpo todo, livremente. Mais uma vez ela tentou tomar conta da situação, com a língua na boca dele enquanto lhe desabotoava a camisa, mas agora sem sucesso.

As roupas caíram no chão, André empurrou-a para baixo e Ana Paula, obediente, cumpriu o seu desejo. Depois, trepou por ele e, quando já estavam unidos, sussurrou-lhe repetidamente na emoção do momento, «meu amor, meu amor, vamos ficar juntos para sempre.» André, chateado com aquela lengalenga que nada lhe dizia, fê-la virar-se de costas para a calar.

Já vestido, aguentou quinze minutos, não mais. Desculpou-se com o trabalho, ainda tinha de voltar ao escritório, disse.

— Não vás já, fica mais um bocadinho — pediu-lhe, agarrando-se a ele.

— Não posso, tenho mesmo de ir — disse, a vestir o casaco.

— Mas já trabalhaste o dia todo, estás cansado.

Isto irritou-o, ela sabia lá se ele estava cansado. Mas aproveitou a deixa.

— Por isso mesmo — disse —, quero despachar o que tenho a fazer e ir para casa descansar.

Ela acariciou-lhe o rosto.

— O meu amor trabalha tanto, coitadinho.

Esta declaração irritou-o ainda mais. *O meu amor? Ridícula.*

Fez um sorriso forçado, afastou os braços que o prendiam, foi-se embora.

Ana Paula levantou a loiça da mesa e arrumou a cozinha imersa em pensamentos profundos, dividida entre a desilusão por André não ter ficado e a euforia pelo que lhe acontecera nessa noite. Não estava com um homem há tanto tempo e a solidão pesava-lhe excessivamente, doía-lhe como uma ferida aberta. Já se tinha resignado a não ter ninguém, não fosse o advento milagroso daquele homem na sua vida renovar-lhe a esperança.

Era certo que André não lhe dissera que a queria ao seu lado, não lhe fizera nenhuma declaração de amor, não se demorara depois do sexo, enfim, pensou, não era um romântico, mas e então? Isso não os impediria de serem muito felizes.

Por outras palavras, André agira levianamente com Ana Paula e nem imaginava o problema em que se metera.

No dia seguinte, Sofia foi despedida. Tomé passara a noite a ouvir as queixas de Pipa, que não mais se calou com o banho de água fria. Ficou furioso, sentiu ódio por Sofia, deu razão a Pipa, tudo aquilo era uma falta de consideração por ele e pela sua mulher.

Em casa, queria o sossego e o deleite do sofá enquanto passava a vista por documentos de trabalho, sobre os quais pendia a cabeça adormecida, antes de se ir deitar e dormir um sono pesado e isento de preocupações. Nessa noite, Sofia impedira-o de descansar em paz, estragara-lhe a harmonia familiar.

Já não podia ouvir Pipa, possessa, a vilipendiar a secretária, dizendo que tinha ganas de a destruir, que a queria longe e nunca mais a ver ou sequer ouvir falar do seu nome. Tomé far-lhe-ia a vontade de bom grado. A atitude de Sofia constituía uma excelente oportunidade para ele se ver livre dela e, assim, acabar de vez com a guerra entre as duas.

De manhã, descarregou toda a sua fúria em Sofia. Entrou directamente para o gabinete, passando por ela sem um cumprimento, sentou-se à secretária, chamou-a bruscamente.

— Aquilo que você fez ontem é imperdoável — declarou.

— Eu sei, não imagina como estou arrependida. Perdi a cabeça, se me desse a oportunidade de...

Ele interrompeu-a com um murro na mesa.

— Nem pense nisso, Sofia! — gritou. — Você é uma inútil e não merece a minha confiança. Não trabalha nem mais um segundo neste escritório. Vou fazer as suas contas. Arrume as suas coisas e ponha-se a mexer.

Sofia, alma sensível e timorata, esgotara na véspera toda a sua audácia e não se sentiu com coragem para fazer frente a Tomé. Estremeceu com o murro na mesa e rompeu num pranto.

Limpou a secretária, pegou na carteira, no casaco, deixou o escritório.

Foi chorosa para casa dos pais, pedir consolo à mãe, que a acolheu. Ali ficou deprimida o resto do dia. Dormiu no seu antigo quarto, que eles conservavam para a receber sempre que quisesse voltar. Acordou tarde no dia seguinte, tomou banho, vestiu-se e almoçou com eles.

Depois do almoço, o pai chamou-a ao escritório onde se entretinha a escrever as memórias de reformado que ninguém haveria de ler. Comunicou-lhe que tinha o maior orgulho nela por ter despejado o jarro de água na cabeça da mulher do patrão.

— Ela mereceu-o — disse.

Quanto ao resto, que não se preocupasse porque enquanto ele fosse vivo nada lhe faltaria.

Emocionada, Sofia recuperou algum alento e enviou, por impulso, uma mensagem em tom de protesto a Bernardo: *Fui despedida. Agradece a*

maldade à tua ex-namorada, que tudo fez para que isto acontecesse.

Depois de ler a mensagem, ele telefonou-lhe imediatamente. Sofia não atendeu, em vez disso escreveu-lhe outra mensagem: *Não quero falar. Talvez noutra altura, quando isto passar e estiver mais calma.*

Ficou estarrecido. Deduziu, pelas palavras dela, que não haveria *outra altura* e que a perdera de vez. Tinha tido uma segunda oportunidade e não soubera aproveitá-la. Obviamente, Sofia estava revoltada e considerava-o responsável pelo comportamento de Pipa.

Sentiu-se injustiçado e impotente para desfazer o mal-entendido, embora compreendesse que Sofia pensasse assim. Ela não queria falar com ele, não estava disponível para o ouvir. Naquele momento seria inútil tentar falar com ela e apresentar-lhe argumentos racionais, porque Sofia simplesmente não o escutaria.

Voltou a sua raiva para Pipa, decidido a fazê-la pagar o que fizera a Sofia, e a ele por tabela.

Ao fim da tarde, foi procurá-la ao Papa Rica. Ia tão pouco ao restaurante que quase se sentia um estranho em casa alheia. Hoje, porém, estava fora de si e completamente indiferente aos constrangimentos que o tinham mantido afastado durante aquele tempo todo. Sentia que Pipa lhe sequestrara o negócio com os seus jogos psicológicos, mas era altura de esclarecer as coisas entre eles.

Encontrou-a sozinha. Pipa acabara de entrar e os empregados ainda não tinham chegado. Tiveram uma discussão brutal.

— O que fizeste à Sofia foi muito baixo — acusou-a. — Ela não merecia. Se tinhas algum problema comigo, devias tê-lo resolvido comigo, sem a envolver.

— Não tenho nenhum problema contigo. Ela é que parece ter um problema comigo.

— Não te faças de vítima, Pipa. Andaste a persegui-la até conseguires que fosse despedida.

Ela abriu muito a boca, como se ele tivesse dito uma enormidade, uma injustiça.

— Ela atacou-me, despejou-me um jarro em cima!

— Ela devia era ter-te dado com o jarro na cabeça!

— Achas?!

— Acho!

— Não sei o que é que ela te disse para pensares uma coisa dessas, mas não foi certamente a verdade.

— Nem precisava de dizer nada. Conheço bem a Sofia e sei que foi preciso muito para te ter feito aquilo.

— Eu não lhe fiz nada! Ela é que embirrou comigo desde o princípio.

— É curioso, que ela diz exactamente o mesmo de ti.
— Mas mente!
— Não mente, não. Tu é que mentes, Pipa. Eu tenho sabido das histórias todas.

— Tudo inventado!
— Pois, claro, imagino. De qualquer maneira, eu vim cá para falar contigo porque já não faz sentido estares à frente do restaurante. É altura de resolvermos este assunto.

Pipa empalideceu.

— E como é que queres resolvê-lo?
— Pipa, nós já não temos nada a ver um com o outro.
— Temos uma relação profissional.
— Que acaba aqui. Vais ter de sair.
— Já te esqueceste de que este restaurante era meu?
— E tu já te esqueceste de que estava falido e eu é que paguei para o restaurante continuar a existir? Tudo isto é meu e eu não quero que continues a trabalhar no *meu* restaurante.

— Muito bem, como queiras, mas vais ter de me pagar para sair.

— Nem eu esperava outra coisa de ti.

Ela cruzou os braços, desafiadora.

— Ainda bem — disse.

— Podes ir-te embora. Depois o meu advogado fala contigo.

E ela foi, com maus modos e a resmungar.

Bernardo sentiu-se triunfante. Quando se viu sozinho, enviou uma mensagem a Sofia: *Despedi a Pipa*.

A resposta não foi imediata, demorou cinco longos minutos, durante os quais ele ficou hipnotizado a olhar para o telemóvel. Por fim, o aparelho deu sinal de vida e surgiu uma frase curta no ecrã: *Não te pedi para fazeres isso*.

Leu-a perplexo. Dir-se-ia que Sofia protestava por ele ter retaliado, ou que lhe fosse indiferente que a defendesse. *Nem precisavas de pedir*, respondeu, *foi iniciativa minha*.

Tu é que sabes, escreveu ela, *o restaurante é teu*.

Ficou desmoralizado e não disse mais nada, mas perguntou-se por que não ficara ela satisfeita.

Por algum motivo que nem ele levaria a sério se pensasse fria e racionalmente, André interiorizara que a sua separação de Sofia era só uma fase transitória. Haveria de passar e voltariam a juntar-se.

Todos os envolvimento que teve desde que ela o deixou foram efêmeros, pois era preciso manter-se disponível. Eram casos sem importância que se destinavam apenas a mantê-lo distraído da tristeza, enquanto ela não se resolvia a voltar para ele.

O regresso de Sofia talvez fosse uma esperança insensata, mas nesta vida nunca se sabia o que podia acontecer e o impensável tornava-se realidade mais vezes do que uma pessoa esperava. Por isso, manteve-se fiel ao seu sonho.

A sua vida estava em pausa, num compasso de espera até tudo se resolver e então voltar a ser feliz e poder retomar a normalidade. Isto aplicava-se às mulheres que ele não levava a sério, ao trabalho de vendedor de casas que também encarava como transitório, ao seu próprio apartamento, que partilhava com uma estranha de quem se esquecia com frequência, enfim, a todos os aspectos da sua vida.

Entretanto, os meses corriam e André ocupava os dias a vender casas como um louco e as noites a farejar mulheres como um cão de caça. Mas era tudo artificial, sem substância, como se vivesse uma fantasia.

Na primeira vez que surpreendeu Sofia a entrar no prédio dela acompanhada de Bernardo, ficou profundamente perturbado. Foi um enorme choque emocional, como se ela estivesse a traí-lo.

A possibilidade de ela refazer a vida com outro homem era o maior receio de André, pois ia contra aquilo que mais desejava na vida, e a materialização da imagem de Sofia na rua de mão dada com aquele desconhecido teve um impacto tremendo nele e na esperança que suportava todos os seus planos para o futuro. Ficou arrasado.

Continuava a guardar uma parte das suas noites para fazer a vigília à casa de Sofia. Embora soubesse que não era uma prática saudável, persistia neste hábito por ser a forma de se manter próximo dela e tranquilizar o coração. Dizia a si próprio que um dia haveria de lhe contar as noites que ali passara a pensar nela e a sonhar com o regresso a casa e, tinha a certeza, Sofia iria espantar-se e ficar encantada com essa atitude incrivelmente romântica.

Depois de ter sido apanhado a dormir no carro, deixou de fazê-lo durante algum tempo, certo de que Sofia iria vigiar a rua para ver se ele lá estava. Não queria que ela confundisse a sua dedicação com algum tipo de perseguição doentia. Depois, quando se sentiu seguro para voltar ao hábito antigo, retomou as vigílias nocturnas. Estacionava o carro a uma distância prudente e ficava a observar a janela dela até as luzes se apagarem.

Ao vê-la com Bernardo, André desmoralizou. Nessa noite, entrou no primeiro bar que encontrou e embebedou-se. Alexandra foi dar com ele de manhã a dormir no chão da sala e, quando o acordou, não foi capaz de se lembrar de como voltara para casa. Tentou conversar sobre o que o transtornava, mas ele respondeu-lhe com maus modos.

— Não tens nada com isso — disse. — Deixa-te estar no teu canto e não te metas na minha vida.

— Pensei que tínhamos uma vida comum — replicou Alexandra.

— Pensaste mal.

— Muito bem, se é assim que vai ser.

— Tens alguma reclamação a fazer?

— Não, não. Se não queres falar, problema teu.

— Ah, bom, é que, se não estás satisfeita, podes fazer a mala e ir embora.

Alexandra ficou magoada. Todavia, não era o primeiro homem que a tratava mal e, como das outras vezes, suportou a humilhação sem reagir. Não tinha para onde ir, portanto, era melhor ouvir e calar do que ser posta na rua, embora estivesse à espera de que, mais tarde ou mais cedo, isso acabasse por acontecer.

Era bonita, estava habituada a que os homens ficassem enfeitiçados com a sua beleza, até a sua magia deixar de fazer efeito, passado algum tempo. O fascínio da beleza era como uma poção com data de validade, perdia poder com a rotina dos dias. Os homens davam tudo para a ter, mas, depois de a conquistarem, descobriam que não tinha muito mais para lhes oferecer e ela tornava-se banal para eles, começavam a desinteressar-se.

Alexandra sentia-se sozinha, triste, insegura. Não sabia fazer nada, mas também não queria trabalhar. Sonhava com o dia em que encontrasse um homem que a amasse de verdade e tomasse conta dela. Entretanto, ia saltitando de caso em caso, tendo os seus romances efémeros, e esperava.

Não era feliz, apenas desempenhava o papel de mulher alegre para agradar a André e sobreviver mais um dia, enquanto ele não se fartasse dela. Tudo na sua vida era provisório e tinha a certeza de que André também a via como alguém que estava ali só de passagem.

Por mais que se esforçasse, não conseguia chegar a André, ele mantinha-se à distância, impedia-a de conhecer o seu lado mais íntimo.

Só falava de trivialidades com Alexandra, não lhe contava segredos, como as vigílias secretas à casa de Sofia ou o problema que arranjava com Ana Paula, que lhe telefonava diariamente e começava a tornar-se insuportável.

A professora ligava-lhe com o pretexto de saber se já lhe encontrara outro apartamento para visitar, mas conduzia invariavelmente a conversa para terrenos mais pessoais.

— Tenho saudades tuas. Quando me vens visitar?

— Agora não posso, ando cheio de trabalho.

— Mesmo assim, tens de dormir. Podes vir dormir comigo.

— Não posso, não.

— Por que não?

— Porque só consigo dormir na minha cama.

— Eu vou dormir contigo, na tua cama.

— Sozinho.

— Sozinho?

— Só consigo dormir sozinho na minha cama.

— Pensei que me querias. Enganei-me?

— Não, eu queria-te e tive-te.

— Ainda me tens. Escuta, André, posso dar-te tudo aquilo de que precisas.

— E de que é que eu preciso?

— Precisas de uma mulher como eu, que te proporcione uma vida mais confortável, que te receba à noite com um bom jantar, converse contigo, ouça os teus problemas, tenha a tua casa em ordem.

— Ah, está bem. Olha, Ana Paula, agora tenho de trabalhar.

— Sim, vai trabalhar.

— Vou, tenho de desligar.

— Pensa nisso.

— *Okay*, adeus.

E desligava-lhe o telefone, desconcertado. *O que é que esta gaja tem na cabeça?!*

Ultimamente, André já lhe mostrara quatro apartamentos, mas Ana Paula encontrara em todos defeitos incontornáveis. As visitas sucediam-se e ela acabava sempre agarrada a ele aos beijos, fazendo das idas aos apartamentos autênticas ciladas de amor.

Estava farto de a aturar, considerava-a um fardo, queria livrar-se dela. Percebeu que não valia a pena mostrar-lhe mais apartamentos, pois iria continuar a rejeitá-los para poderem voltar a encontrar-se. De modo que cortou o contacto, deixou de lhe propor novas visitas e de lhe atender o telefone.

Contudo, Ana Paula não desistiu. Ligava-lhe de hora a hora, enviava-lhe mensagens para o telemóvel e *e-mails* para o computador. Como ele não respondia, foi procurá-lo à loja e, como ele não estava, sentou-se num sofá à espera.

A vendedora de serviço explicou-lhe que André se encontrava fora de Lisboa e poderia demorar horas a voltar.

— Talvez seja melhor a senhora ir-se embora, que eu digo ao André que esteve cá e ele depois telefona-lhe — sugeriu-lhe.

— Não — disse. — Eu espero.

Vendo-a assim tão determinada, a vendedora ligou a André.

— Tens aqui uma cliente que se recusa a ir-se embora sem falar contigo.

— Como se chama?

— Ana Paula.

Ele soltou um suspiro, exasperado.

— Essa mulher é uma praga — disse. — Não me larga.

— E que queres que lhe diga?

— Diz-lhe que já não vou aí hoje. Manda-a embora.

Na impossibilidade de o ver ou falar com ele, Ana Paula insistiu nas mensagens, cada vez mais agressivas. Acusava-o de a ter usado e ameaçava queixar-se ao patrão dele. Ele resistia à tentação de lhe responder, para não alimentar o assédio.

Ana Paula aparecia regularmente na loja, procurando-o nas horas mais improváveis. Contudo, ele limitava ao mínimo o tempo que passava no escritório e esquivava-se habilmente aos assaltos dela.

Nessa época, André tinha em mãos a possibilidade de fechar um negócio milionário. A venda de uma das maiores herdades do Alentejo, a concretizar-se, proporcionar-lhe-ia uma comissão exorbitante. Calhou bem, estava exclusivamente concentrado neste negócio e passava dias inteiros no Alentejo, ou fazia os contactos a partir de casa para não se dispersar com outros clientes, sobretudo com Ana Paula, que considerava uma maluca perigosa e queria evitar a todo o custo.

Em casa, tinha uma secretária com telefone e computador onde montara o seu posto de trabalho. Alexandra viu ali uma oportunidade para aumentar a cumplicidade, porém, ele proibiu-a de o incomodar. Estava farto de mulheres que não lhe interessavam.

— Estou ocupado com um negócio muito importante — disse-lhe, e mandou-a embora, exigiu que passasse os dias fora e só voltasse à noite. Estava a um passo de conquistar a sua independência e não ia permitir que ninguém o distraísse do essencial.

Tinha um plano: concluir a venda da herdade e receber a comissão para poder ir ter com Sofia de cabeça levantada. Finalmente, teria algo de concreto para lhe dizer. Iria pedir-lhe desculpa pelos seus erros, por lhe ter falhado. Dir-lhe-ia que tinha muito dinheiro e um projecto de vida. Tencionava acabar com as noitadas, os copos e as mulheres. E então, acreditava, Sofia voltaria para ele.

Ana Paula sentia a fúria a despontar como um vulcão que estivesse há muito tempo adormecido. André não podia, não tinha o direito de lhe falhar. Ele não fazia ideia dos anos que ela esperara pelo momento em que um homem bem-sucedido, capaz, sério e bem-parecido entrasse na sua vida, tomasse a sua mão e a resgatasse da infelicidade. Ele era esse homem: o rosto, a voz, o cheiro que Ana Paula vira, ouvira e sentira nos seus sonhos repetidos até à exaustão.

Antes, ela só conseguia apaziguar a solidão porque imaginava o advento do grande amor que lhe estava reservado. Nunca desanimara totalmente porque acreditava que havia algures o companheiro certo de uma vida e que o destino se encarregaria de conduzi-lo até ela. Pois bem, André viera ter com ela e não podia fugir ao destino.

Depois de uma manhã a dar aulas, saiu do liceu e apanhou o autocarro que a deixou a dois quarteirões da imobiliária onde ele trabalhava. Caminhou tão rapidamente quanto lhe permitiam as pernas curtas, com genica e determinação.

Entrou na loja e abarcou o espaço com os olhos, confirmando a ausência de André. De qualquer modo, não contava encontrá-lo. Era uma agência razoavelmente grande, havia uma equipa de cinco vendedores a trabalhar, dirigiu-se a um deles, pediu-lhe para falar com o chefe. Enquanto esperava, perguntou-se se André teria um estatuto especial que lhe permitisse passar os dias fora ou se seria a natureza do seu trabalho que o obrigava a isso.

O chefe que a recebeu era, na realidade, *uma* chefe. Melhor ainda, pensou. Entraram para o único gabinete da loja, separado do restante espaço aberto por uma divisória pré-fabricada com janela. Sentaram-se a uma mesa de reuniões. A mulher que a atendeu teria cerca de trinta anos. Era elegante, usava um conjunto de saia e casaco e um rabo-de-cavalo prático. Estendeu-lhe a mão.

— Madalena Silva, faça favor de sentar, em que posso ajudá-la? — perguntou.

— Infelizmente, tenho uma reclamação a fazer — disse Ana Paula.

Era uma situação delicada, disse, falou-lhe do vendedor que estava a tratar de lhe procurar casa e que deixara de a atender.

— Recusa-se a falar comigo — disse.

— Que estranho, os nossos vendedores são muito empenhados e contactam regularmente os clientes. Faz parte do nosso procedimento habitual manter um acompanhamento permanente.

Com efeito, ela confirmava que André fora muito solícito, até certa altura.

— Como hei-de de lhe explicar isto? Digamos que foi demasiado solícito, se me entende.

A mulher tornou-se pálida.

— A senhora está a dizer que...

— Enfim, eu...

— ... ele teve um comportamento impróprio consigo?

Ana Paula abanou a cabeça, como que a sopesar a questão.

— Ele foi... sim, de certa forma.

— Isso é muito grave.

— Repare, não aconteceu nada de mal. Quer dizer, ele não foi agressivo nem nada disso, foi só o que disse, o que sugeriu, percebe?

— Estou chocada! Nunca aconteceu uma coisa destas nesta empresa. Nem sei o que dizer, peço-lhe imensa desculpa.

— Mas olhe que eu não estou a contar-lhe isto para o prejudicar. O problema é que depois desse... incidente, ele não voltou a falar comigo, julgo que por ressentimento, por eu o ter rejeitado. E eu preciso mesmo de arranjar uma casa.

— Não, não, isso é muito grave, vou já tomar medidas para que não se volte a repetir. Quanto ao resto, esteja descansada que vou atribuir-lhe outra pessoa para tratar do seu caso.

— É muito simpático da sua parte, mas não era essa a minha intenção. Nós somos mulheres e sabemos como estas coisas são, lidamos todos os dias com homens, não é verdade?

Madalena revirou os olhos, era bonita, sabia bem como essas coisas eram.

— Nós sabemos metê-los na ordem quando é preciso, certo?

Madalena fez que sim com a cabeça, claro que sabiam.

— Portanto, não é necessário atribuir-me outra pessoa, só quero que fale com ele para que me atenda quando lhe telefone e que me encontre uma casa.

— Tem a certeza? Posso transferir o seu dossiê para outro vendedor, imediatamente. Não me custa nada.

— Não vale a pena, este já sabe o que eu quero. Teria de começar o processo de novo. Basta que lhe dê uma palavrinha e vai ver que volta tudo ao normal.

— É o que vou fazer, vou dar-lhe até mais do que uma palavrinha.

— Ótimo, então estamos conversadas.

— Absolutamente. E, se houver mais algum problema com o André, por favor, não hesite em contactar-me. Estou sempre à disposição.

— Combinado.

— E peço-lhe desculpa mais uma vez.

Ana Paula saiu da loja com um sorriso triunfante. Sempre queria ver se André continuaria a ignorá-la.

A chefe de André ficou alarmada com a denúncia de Ana Paula. Um escândalo daquela natureza poderia destruir a empresa. Telefonou-lhe logo e exigiu que comparecesse a uma reunião com ela nessa tarde. Ele, notando o seu nervosismo, perguntou-lhe de que se tratava, mas ela não quis dizer pelo telefone.

— Preciso de falar consigo hoje, sem falta, aqui no escritório — disse.

André não reagiu bem à reprimenda da chefe, ela partira do princípio de que a cliente tinha razão e isso irritou-o. Claro que omitiu o comportamento impróprio que tivera com Ana Paula. Ir jantar a casa das clientes e deitar-se com elas estava longe de ser considerado aceitável, mas, se ela também não contara essa parte, não seria ele a fazê-lo.

— Essa mulher é maluca! — exclamou. — Não sou eu que ando atrás dela, é o contrário. Ela não me larga, por isso é que deixei de lhe atender o telefone. Já lhe mostrei montes de casas e ela não quis nenhuma, só quer atirar-se a mim.

Madalena não ficou muito convencida com a versão de André, pareceu-lhe que Ana Paula até podia ter exagerado um bocadinho, mas devia haver um fundo de verdade na queixa. Já conhecia a reputação de mulherengo dele e só o mantinha na equipa por ser o seu melhor vendedor. André tinha a vantagem de vender quase tanto quanto os colegas todos juntos, isso fizera dele intocável, até ao momento, mas nem os seus resultados excepcionais o salvariam do desemprego se pusesse a empresa em perigo.

A relação com a chefe tornou-se periclitante. Madalena pretendia obrigá-lo a retomar o dossiê de Ana Paula e ele declarou que isso estava fora da questão. Ela censurou-o por não a ter informado do problema e não lhe disse, mas pensou, que, se ele se recusasse a fazer a vontade da cliente, esta poderia ser menos compreensiva, armar uma enorme confusão e deixá-los em maus lençóis.

A conversa correu bastante mal. Madalena fez um ultimato a André: ou cumpria a ordem ou seria despedido.

Estava capaz de apertar o pescoço a Ana Paula pela inconveniência, fora totalmente apanhado de surpresa, nunca a imaginara capaz de jogadas ousadas e de gestos agressivos. A professora acanhada e insignificante, que ele pensara poder esmagar facilmente, estava a surpreendê-lo, porque nunca lhe previra uma audácia.

Ela escolhera o pior momento para o colocar numa situação difícil. Faltava-lhe muito pouco para fechar a venda da herdade e, se fosse despedido, lá se ia o negócio por água abaixo. Se Ana Paula soubesse disto, teria de lhe tirar o chapéu pelo lance de génio, assim foi só sorte, mas atingiu-o em cheio.

Reflectiu, não era altura para levantar ondas, mas sim para ser discreto. Teria muitas oportunidades para insultar Ana Paula, a chefe e quem mais lhe

apetecesse, depois de assinar o contrato e receber a comissão. Até lá, teria de manter Ana Paula feliz e sossegada.

Bastou-lhe um telefonema e uma grande dose de hipocrisia para amansar a fera. Ligou-lhe com a proposta de visitar um novo apartamento, foi simpático, devotado, e nem uma palavra sobre a conversa dela com a chefe, como se nem tivesse tido conhecimento da visita de Ana Paula à loja. Prometeu-lhe tratar da visita nos próximos dias, desligou, abanou a cabeça. *Inacreditável, agora estou nas mãos da mosquinha morta...*

Ela ficou radiante, a pensar que já sabia como fazer para meter juízo na cabecinha do seu amor. André era um querido, ela seria capaz de dar a vida por ele, mas, francamente, era um cabeça no ar, dispersava-se, era incapaz de estabelecer prioridades. Fora obrigada a fazê-lo ver que ela é que era a prioridade e decerto que ele acabaria por reconhecer, e até agradecer-lhe, por estar a ajudá-lo a pôr ordem na sua vida. *Ainda vamos ser muito felizes.*

No fim, correu tudo bem, André conseguiu fechar o negócio. Entretanto, foi empatando Ana Paula e a chefe com pretextos habilidosos. A visita a mais um apartamento ficaria adiada indefinidamente. Quanto à chefe, tinha novidades para ela: demitia-se!

Não ficou rico com a comissão da venda da herdade, mas recebeu muito dinheiro, o suficiente para abrir a sua imobiliária e começar a trabalhar por conta própria. Doravante, não haveria mais chefes na sua vida, era um homem livre!

Não obstante o sucesso profissional, que começava a encarregar novamente, André não estava feliz, sentia uma irritação latente e uma agressividade contra o mundo.

Continuava a beber demasiado, a usar drogas, a andar à deriva pelas noites, a dormir pouco.

O que o incomodava era perceber que Sofia se ia afastando insensivelmente. Enfim, na cabeça dele, Sofia ainda ia cortando os laços lentamente, imaginava-a dividida entre o passado com ele e um futuro incerto, quando, na realidade, ela já não pensava nele.

Sofia isolou-se em casa e preferiu ignorar a existência de homens neste mundo. André tinha-a traído e não merecia o seu respeito; Bernardo desiludira-a. Ficara sem emprego por causa dele e doía-lhe pensar que ele nada fizera para defendê-la, ou que só se preocupara tarde demais. Estava farta de homens, perdera a confiança neles. E, no entanto, Bernardo fazia-lhe falta.

Era um desencontro, porque ele queria desesperadamente reconquistá-la, mas via-se enredado numa teia de equívocos. Primeiro, ela proibira-o de falar com Pipa, depois acusara-o de desinteresse, ou talvez pensasse que ele hesitara em envolver-se na guerra delas. Não era verdade, considerava detestável o comportamento de Pipa e amava Sofia, ainda que ela estivesse convencida do contrário.

O seu quotidiano tornou-se vazio. Sem ela, restava-lhe o trabalho. Inventava pretextos para regressar a casa o mais tarde possível, ficava sentado à secretária no gabinete com um olhar vazio, sem energia, a sentir-se derrotado.

Pensava nela e caía numa prostração, frustrado por nada poder fazer para que ela mudasse de opinião e de atitude. Telefonara-lhe dezenas de vezes e enviara-lhe outras tantas mensagens, pedindo-lhe que fosse razoável e compreendesse que tivera a intenção de protegê-la, mas Sofia nem lhe respondia.

Não conseguia dormir, tomava comprimidos para adormecer, acordava cedo, andava zozinho e sonolento durante o dia.

Ao contrário de Bernardo, André parecia sofrer de hiperactividade. Uma

vez concluído o negócio da herdade, demitiu-se e começou logo a tratar da burocracia necessária para criar a imobiliária e a procurar uma loja para arrendar. Tinha pressa em andar com o processo para a frente. Mas havia outra preocupação que o perturbava: o homem que vira na companhia de Sofia e, posteriormente, a sair do prédio dela.

Mergulhou numa investigação frenética na Internet para identificar esse homem. Descobriu o nome de Bernardo, a empresa dele e o endereço. Fazendo uma busca no *Google*, encontrou várias referências, quase todas sobre a sua actividade profissional.

Trabalhava em casa, concentrado no computador com uma garrafa de uísque ao lado. Tratava dos assuntos da imobiliária até desviar a atenção para o outro assunto que o obcecava: de onde surgira aquele homem e o que fazia com Sofia? Ela era sua mulher e aquele tipo não tinha o direito de se intrometer entre os dois.

Quanto mais pensava nisto, mais alterado ficava, com pensamentos vingativos, a imaginar formas de afastá-lo de Sofia. Imaginava planos tortuosos para o comprometer, planos esses que eram inúteis, dado que nessa altura ele já estava afastado de Sofia, ainda que involuntariamente. Mas isso André não sabia.

Nenuco tinha um plano B. No dia em que se visse em perigo, largava tudo e desaparecia definitivamente. O amigo de André fizera uma fortuna a vender droga e era suficientemente inteligente para guardar o seu pé-de-meia discretamente numa *offshore* nas Ilhas Virgens britânicas.

Não se considerava um traficante igual aos outros. Tinha um objectivo muito concreto e depois de o atingir desligar-se-ia completamente do negócio. Tencionava enriquecer ao ponto de nunca mais precisar de se preocupar com questões corriqueiras, como ter um emprego ou acautelar-se com o dinheiro que gastava.

Na verdade, já alcançara esse objectivo, mas, como lhe dava gozo acumular dinheiro fácil, ia adiando a decisão de abandonar aquela vida. E seria bastante provável que só o fizesse quando apanhasse um susto.

Nos últimos tempos, tornou-se desleixado. Achava-se tão inteligente que estava convencido de que nunca seria apanhado, mas a arrogância levou-o a descurar as medidas de segurança que lhe permitiram traficar durante anos, sem que a polícia conseguisse sequer aproximar-se.

O esquema que montara consistia em comprar e vender anonimamente. Os clientes pagavam o produto através da Internet e só depois eram informados da hora e local da entrega, algures numa zona isolada onde chegavam através de coordenadas de GPS. Quando encontravam o produto, já ele se afastara e observava a recolha a uma distância prudente.

Nunca se identificava, nunca lhe viam a cara ou ouviam a voz. Se o cliente se recusasse a pagar antecipadamente, riscava-o da lista; se exigia uma entrega presencial, era cortado o contacto e não voltava a ter acesso à página secreta, de que tivera conhecimento por outro cliente qualquer. O sistema era eficaz e seguro.

Muito ocasionalmente, encontrava alguém como André, um amigo de longa data, uma pessoa que ele conhecia há tanto tempo que se permitia fornecer-lhe a morada da página pessoalmente. Mas, ainda que não admitisse ser o gestor da página, era arriscado porque deixava uma pista que, eventualmente, poderia conduzir as autoridades até ele.

Justamente, *Nenuco* disse a um tipo seu conhecido como poderia comprar cocaína sem problemas. Tal como acontecera recentemente com André, encontrou esse amigo numa discoteca. Se não estivesse bêbedo e drogado quando falou com ele, certamente não teria sido imprudente, mas estava.

O amigo recorreu ao serviço uns dias depois, fez uma encomenda considerável e a recolha decorreu sem problemas. Porém, foi parado mais tarde numa operação de controlo de trânsito rotineira da PSP e, enquanto fazia o teste do balão, mostrou-se tão nervoso que os agentes ficaram desconfiados.

Numa revista rápida ao carro, descobriram o pacote de cocaína, demasiado grande para ser considerado produto para consumo, a menos que ele tivesse comprado droga para o ano inteiro.

O homem foi apanhado na posse de uma quantidade de produto estupefaciente que constituía crime, conforme ficou registado no auto da polícia. Foi detido imediatamente e logo no primeiro interrogatório explicou todos os detalhes da página secreta que lhe permitira adquirir a droga. Não sabia a quem comprara, mas bastou ser pressionado um bocadinho para revelar quem lhe dera a dica.

Nenuco morava sozinho numa enorme moradia de dois andares, com um exagero de quartos, quase todos sem mobília, e um bonito jardim. A casa ficava numa rua tranquila do Restelo, onde havia muito pouco trânsito, o que lhe permitia detectar facilmente qualquer alteração no panorama habitual.

Naquela noite, após fazer a entrega, encontrou-se com uma amiga, passou uma madrugada bem animada a saltitar entre bares e discotecas e acabou a dormir no apartamento dela.

Já era quase meio-dia quando regressou a casa de carro e, ao virar a esquina para entrar na sua rua, reparou num carro-patrolha da PSP estacionado em frente ao portão da casa. A presença da polícia não era normal e, se se acrescentasse ao carro-patrolha uma segunda viatura descaracterizada parada no outro lado da rua com quatro ocupantes, teria mesmo de se considerar altamente invulgar.

Os polícias não estavam a ser lá muito discretos, mas também era verdade que seria quase impossível passarem despercebidos numa rua daquelas, onde quase não havia carros estacionados, nem trânsito, nem transeuntes.

Ficou com todos os sentidos em alerta e ponderou muito rapidamente as suas opções. Era demasiado tarde para recuar sem atrair a atenção da polícia, nem podia abrir simplesmente o portão automático e entrar, de modo que fez a única coisa que podia fazer: seguiu em frente sem abrandar, passou pelas viaturas da polícia, pelo portão, continuou até ao fim da rua e desapareceu.

Assim que se certificou de que não estava a ser seguido, pôs em marcha o plano que tinha preparado há muito tempo para quando aquele dia acontecesse, se alguma vez acontecesse.

Era um homem providente, que não deixava nada ao acaso e andava sempre um passo à frente daqueles que o procuravam. Improvisos não eram com ele.

Do Restelo, seguiu directamente para a autoestrada do Sul. Três horas depois entrou em Espanha pela fronteira de Badajoz e rumou a Madrid, parando somente para abastecer de combustível o carro. Tinha um *BMW* com alguns aninhos que não dava nas vistas, embora fosse confortável e fiável.

Completo a viagem em sete horas, tendo o cuidado de nunca exceder o limite de velocidade. Evitou o centro de Madrid e tomou a M-40 para Barajas. Estacionou o carro num dos parques do aeroporto, entrou no edifício e dirigiu-se a um cacifo, de onde retirou um saco de viagem que ali tinha deixado para utilizar em caso de emergência. No saco havia duas mudas de roupa, um

computador portátil, um telemóvel, uma soma razoável de dinheiro e um passaporte falso.

Em seguida dirigiu-se ao balcão da Iberia e comprou um bilhete só de ida, em primeira classe, para Buenos Aires.

Como tinha de esperar cinco horas pelo voo, escolheu um bom restaurante para a primeira refeição decente do dia. Depois deambulou pelo *duty free shop*, onde comprou alguns artigos de primeira necessidade e um pacote de cigarros. Finalmente, resguardou-se tranquilamente na sala VIP da Iberia.

Enquanto esperava pela chamada para embarcar, instalou-se num dos sofás da sala, ligou o computador e gastou o tempo que lhe restava a cortar a última ponta solta da vida que agora terminava. Fechou definitivamente o *site* clandestino que lhe permitira obter lucros obscenos a vender droga.

Chegada a hora, dirigiu-se para a porta de embarque e partiu para uma nova aventura noutro continente.

Nenuco eclipsou-se tão depressa que não deu qualquer hipótese de ser localizado antes de entrar no avião que o levou para a Argentina. Saiu de Lisboa sem avisar ninguém e atirou o telemóvel pela janela do carro ainda antes de atravessar a Ponte 25 de Abril, pelo que ficou incontactável e impossível de ser localizado por sinais emitidos pelo aparelho. Todavia, tratou-se apenas de uma jogada cautelosa, pois sabia que, quando o procurador do Ministério Público obtivesse um mandado do juiz para entrar em sua casa e ordenasse uma revista minuciosa, não iria encontrar lá nada que o ligasse a actividades ilícitas.

Quando precisava de fazer um negócio, utilizava um computador portátil que mantinha escondido num escritório arrendado ao ano com um nome falso. Era o único frequentador do escritório, não havia mais nenhuma pessoa que lá tivesse estado ou soubesse da sua existência.

A capacidade de *Nenuco* para planear todos os passos e mover-se como um fantasma era admirável, mas tinha um ponto fraco: o ego do tamanho do mundo dava-lhe uma confiança excessiva. Mesmo em fuga, levava um sorriso vaidoso, pensava que se antecipara novamente à polícia e trocara-lhe as voltas. A possibilidade de um dia ser capturado e ir parar à prisão era tão remota que nem a considerava. Porém, desta vez cometera um erro que o poderia meter em grandes sarilhos.

A casa era, supostamente, um beco sem saída para os investigadores, mas, quando os inspectores da Polícia Judiciária a revistaram, encontraram uma pista que haveria de se revelar preciosa nas suas investigações.

Nenuco esquecera-se de que guardava no computador de casa uma lista com os nomes dos clientes. Era daquelas incongruências que não se explicavam senão, mais uma vez, pelo excesso de confiança que conduzia a descuidos ocasionais.

Já a caminho de Madrid, lembrou-se da lista e sentiu-se estúpido por essa falha tão básica que manchava a sua genialidade. Se um dia fosse interrogado, ser-lhe-ia difícil explicar a lista, assim como teria dificuldade em dizer como era proprietário de uma casa que valia milhões sem ter rendimentos que o justificassem.

A lista era comprometedora, evidentemente, mas se fosse interrogado limitar-se-ia a ficar calado e a não explicar coisa alguma. De qualquer forma, ela não provava nada. Aqueles que dela constavam não o podiam denunciar porque nunca tinham ouvido falar dele — com excepção do cliente que conduziu a polícia a sua casa e de André. Mas mesmo a esses seria impossível provar que fora *Nenuco* quem lhes vendera a droga. Poderia sempre alegar que também ouvira falar do *site* e, por isso, lhes dera a dica, embora nada tivesse a ver com ele.

Enfim, sentia-se perfeitamente tranquilo e convencido de que era intocável. Fugira apenas por precaução, por não saber o motivo dos polícias

lhe terem ido bater à porta. Só podia especular. Obviamente, um dos seus dois amigos tinha falado demais. Porquê? Talvez tivesse sido surpreendido com a droga e o tivesse denunciado.

Os dois fornecimentos mais recentes foram àqueles dois, mas com André não tivera problemas, logo, supôs que algo correria mal com o cliente da noite anterior.

Calculou que André também seria incomodado pela polícia e, provavelmente, seria apanhado com o pacote que lhe fornecera. Fez uma careta, era chato para o amigo, pensou, logo ele que até o livrara de Alexandra.

Quanto à ex-namorada, que sabia de tudo e podia testemunhar contra si, *Nenuco* nem se preocupou. Não havia razão para ela o trair e, de qualquer modo, Alexandra teria tanto medo que ficaria bem caladinha.

Em breve, adormeceu na confortável poltrona do avião, reclinada para servir de cama. Dentro de algumas horas estaria em Buenos Aires, onde o esperava um excitante mundo novo cheio de possibilidades por descobrir.

Dessa vez, André não comprou o pacote de cocaína com a intenção de o consumir, pelo menos totalmente. O seu objectivo era outro.

A obsessão por Sofia não lhe dava tréguas, perturbava-o, tirava-lhe o sono, tornava-o irritável e embirrento com Alexandra. Descarregava nela a frustração, tratava-a mal, expulsava-a da sala onde passava as madrugadas em claro, agarrado ao computador a conferir repetidamente todas as referências a Bernardo que encontrava, enquanto esvaziava uma garrafa de uísque e se embrenhava em pensamentos turvos e tenebrosos. Não estava a pensar bem, tinha ideias desesperadas.

A sua vontade era matar Bernardo, embora não pensasse isso a sério, mas ficaria perfeitamente satisfeito se lhe estragasse a vida e o afastasse dela de uma vez por todas. *A Sofia é minha e ponto final! Ele tem de desaparecer.*

O problema era como obrigá-lo a desistir de Sofia, pois não podia simplesmente dizer-lhe para se pôr a andar e não voltar a falar com ela. Outra questão pertinente, mas que nem ponderava, era se, mesmo sem Bernardo por perto, Sofia voltaria para ele.

Um plano foi tomando forma na sua cabeça e, quanto mais pensava nisso, mais brilhante lhe parecia. Se reflectisse com lucidez no que se propunha fazer, seria provável que abandonasse a ideia no mesmo instante, mas como andava sempre bêbedo nem colocou a hipótese de desistir. Pelo contrário, sentia-se entusiasmado e impaciente. Era preciso agir depressa e a sensação de que podia fazer algo de concreto para recuperar Sofia mitigava o sentimento de impotência que o apouentava.

O plano era fácil de executar e de uma perversidade extraordinária, embora ele não estivesse preocupado com a gravidade dos problemas que iria causar a Bernardo.

Se ela soubesse o que ele preparava, não o reconheceria. Aquele não era o André que ela conhecia, o homem mais velho e ponderado, com quem se habituara a contar para a ajudar a tomar as decisões mais difíceis. A pessoa com quem ela se casara há muito tempo era determinada mas sensata, e cumpria as regras sem espezinhar ninguém para levar a sua avante. Por isso, a traição dele deixara-a tão chocada, porque nunca fora capaz de imaginá-lo a desviar-se do caminho traçado e a destruir o casamento por um devaneio.

Mas ele era um homem como os outros e não estava imune às tentações da luxúria. Isso ela ainda podia compreender, embora não perdoasse. Agora imaginá-lo permanentemente bêbedo, a usar drogas, a fazer vigílias à sua porta e a chegar ao ponto de perder o emprego por causa dessas loucuras, a esvaziar uma garrafa de uísque por noite, sentado ao computador a fabricar planos insanos, era algo que Sofia não conseguiria conceber.

Algures nos últimos meses, ele perdera a noção da diferença entre o bem e o mal e tornara-se num homem que seguia os seus piores instintos sem pesar

as consequências. Queria-a de volta e nada mais lhe interessava.

Talvez estivesse emocionalmente desequilibrado, ou simplesmente louco, porque fazia as coisas mais insensatas com a maior naturalidade do mundo. Saía de casa como quem ia tratar de assuntos corriqueiros e passava o dia ao volante a seguir o *Mercedes* de Bernardo pela cidade, a ver onde ele ia, o que fazia, com quem se encontrava, estudando ao pormenor as suas rotinas.

Esperava-o à porta de casa logo pela manhã, comia uma sandes no carro enquanto ele almoçava num restaurante, passava pelas brasas quando ele regressava ao escritório e retomava a perseguição ao fim da tarde, até Bernardo voltar para casa.

Se reparou que Bernardo já não se encontrava com Sofia, preferiu ignorá-lo e manter-se fiel ao plano inicial, porque agora já era uma questão de honra e porque já investira tanto esforço no seu desígnio secreto que queria concretizá-lo. Sentia-se poderoso e eufórico ao anotar com zelo todos os pormenores no pequeno bloco de notas que levava consigo e que depois ia estudar em casa.

Andou nisto durante uma semana. Na sexta-feira, decidiu que já estava pronto para avançar. Nessa noite, Bernardo cumpriu a rotina e jantou no Papa Rica. Entretanto, André descobrira com estupefacção que ele era o dono do restaurante. Achou muito estranho nunca o ter visto lá antes, mas não sabia que ele só voltara a ir ao Papa Rica ultimamente, depois de ter despedido Pipa.

Normalmente, Bernardo dispensava o motorista quando ia jantar e depois ele próprio guiava até casa. Aí chegado, guardava o carro na garagem, ou estacionava na rua se houvesse lugar. Em quatro dias, só o deixara fora uma vez. André precisava de aproveitar uma dessas ocasiões e, como nessa noite ele conseguiu um lugar na rua, decidiu que não iria esperar até que isso voltasse a acontecer. Já sabia tudo o que havia para saber sobre os seus hábitos e, para concretizar o plano, só precisava de ter o *Mercedes* à mão.

O carro estava ali mesmo à frente, vulnerável a um arrombamento. Bernardo entrara em casa há cerca de uma hora e a rua encontrava-se deserta. Era o momento ideal. André esvaziou em dois tragos o resto de uísque da garrafinha de bolso em inox que trazia no bolso e saiu do carro.

Já se encontrava tão embriagado que não reparou que, enquanto seguia Bernardo, era, por sua vez, seguido por uma viatura descaracterizada da Polícia Judiciária. Os inspectores que investigavam a lista de clientes de *Nenuco* observavam os movimentos de André com a mesma curiosidade com que ele observava os de Bernardo.

André levava no bolso o pacote de cocaína que comprara a *Nenuco*. O seu objectivo era colocá-lo no carro de Bernardo e em seguida fazer uma denúncia anónima à polícia.

Ao aproximar-se do carro, sentiu o batimento do coração acelerar, excitado como se tivesse levado uma injeção de adrenalina, com os sentidos em alerta. Infelizmente, o uísque encorajava-o a agir mas tornava-o imprudente.

Ao sair do carro, abarcou a rua de um lado ao outro com um olhar atento e ficou convencido de que estava deserta. Na realidade não estava, só que os inspectores que o vigiavam eram profissionais experientes e não se deixaram ver, e ele era apenas um bêbedo sem veia de criminoso a praticar o seu primeiro delito com muito pouco jeito.

Aproximou-se do *Mercedes* com um grande sorriso nos lábios, a pensar que sempre queria ver como é que Bernardo se iria desembaraçar da partida que lhe ia pregar. O pensamento fê-lo começar a rir-se às gargalhadas. Era tudo tão hilariante que não conseguia parar de rir, embora tentasse concentrar-se na tarefa.

Na sua sagacidade ébria, calculou que seria fácil arrombar o carro para *plantar* o pacote de cocaína debaixo de um banco. Deu a volta ao automóvel, tentando abrir as portas uma a uma, sem lhe ocorrer que o fecho central trancava todas ao mesmo tempo. Entretanto, imaginava a cara de Bernardo a justificar-se perante a polícia e dava-lhe ainda mais vontade de rir.

Tentou partir uma das janelas com o cotovelo, o vidro não cedeu. E André chorava a rir. Quis dar um pontapé na janela, falhou a pontaria, perdeu o equilíbrio, rodou descontroladamente no pé de apoio e acabou sentado no chão, encostado ao carro, dando gargalhadas capazes de acordar a rua inteira.

Pensou no fiasco que era o seu plano e nem forças teve para se levantar de tanto rir. Lembrou-se de deixar o pacote em cima de uma roda, escondido pelo guarda-lamas. Não seria o ideal mas teria de servir.

Nesse momento, os inspectores, intrigados com o comportamento dele, decidiram avançar. O carro acelerou a grande velocidade e travou com espalhafato à frente do suspeito sentado no chão a rir que nem um perdido.

Os quatro homens abriram as portas em simultâneo e saltaram do carro com uma energia impressionante. Não acharam necessário sacar das pistolas para dominar André, que num segundo se viu cercado pelos inspectores, quatro tipos atléticos e com cara de poucos amigos.

Estou bem fodido, pensou, o que não o impediu de continuar a rir. A situação era estúpida demais para ser levada a sério.

Os inspectores perceberam que André era inofensivo e ajudaram-no a levantar-se, divertidos com a situação. Encostaram-no ao carro e perguntaram-lhe o motivo de tanta gargalhada.

— Nada de especial — conseguiu dizer —, queria pregar uma partida a um amigo.

— Quem é o seu amigo?

— O dono deste carro.

Os inspectores riram-se com ele.

— Uma partida, é?

— Sim, sim, uma partida!

— E o que era a partida?

Nesse instante, caiu em si e lembrou-se de que não lhes podia explicar no que consistia a *partida*. Teve dois ou três espasmos parecidos com gargalhadas sem vontade, calou-se.

Um dos inspectores agachou-se e retirou o pacote de droga de baixo do guarda-lamas.

— O que é que temos aqui? — disse.

André engoliu em seco e sentiu que ficava sóbrio num instante. Abriu muito os olhos, fazendo-se espantado.

— Hum?

O inspector ergueu-se e mostrou-lhe o pacote.

— O que é isto? — voltou a perguntar.

— Não faço ideia — respondeu.

— Tem piada — disse o inspector, retirando um telemóvel do bolso e mostrando-lhe as imagens que filmara minutos antes —, que você aparece aqui a colocar este pacote debaixo do guarda-lamas do carro do seu amigo.

— Esse sou eu?!

O inspector fez um largo sorriso.

— É, pois — disse.

André abanou a cabeça a fazer que não, aflito.

— Não se preocupe — disse o outro. — Tenho a certeza de que tem uma explicação perfeitamente razoável para nos dar.

— Mas eu nem sei o que é isso!

— Nem nós! — exclamou o inspector, e desataram todos a rir, menos André, que se encolheu assustado quando sentiu uma mão pousada no seu ombro.

— Vai ter de nos acompanhar para esclarecermos isto.

Fizeram-no entrar no carro e levaram-no para a sede da Polícia Judiciária, acabrunhado no banco de trás entre dois inspectores.

No dia seguinte, Bernardo teve a visita de dois inspectores da Polícia Judiciária que lhe bateram à porta de casa logo pela manhã.

Perguntaram-lhe se conhecia André.

— Não posso dizer que conheço — respondeu-lhes —, mas sei quem é.

— Quem é?

— É o ex-marido da minha namorada — disse.

— Ah, percebo.

— Da minha *ex*-namorada, aliás — corrigiu.

— E o senhor alguma vez teve algum tipo de relacionamento com o ex-marido da sua ex-namorada?

— Como assim? O que quer dizer?

— Negócios com ele, por exemplo.

— Negócios?

— Por exemplo.

— Que tipo de negócios?

— Diga-me o senhor.

— Não estou a perceber aonde quer chegar.

— Então, é fácil, estou a perguntar-lhe se o senhor fez algum negócio com o ex-marido da sua ex-namorada.

— Algum negócio que tenha corrido mal? — sugeriu o segundo inspector.

— Tive lá negócios com ele!

— Nada?

— Nem que corressem bem, nem que corressem mal, nunca tive negócio nenhum com ele. Se já lhes disse que nem sequer o conheço.

— Nunca falou com ele, então?

— Nunca! Mas por que estão a fazer-me essas perguntas? Aconteceu alguma coisa?

— Já lá vamos. Diga-me uma coisa...

— Sim...

— Há algum motivo para ele estar chateado consigo?

— Que eu saiba, não... enfim, só se fosse por ter sido namorado da ex-mulher dele.

— Pois, faz sentido.

Bernardo cruzou os braços, irritado. Estava ali, ainda em roupão, a responder a perguntas dos inspectores sem perceber nada do que se passava. Faziam-lhe mais uma pergunta e ia telefonar ao seu advogado, decidiu.

— Os senhores vão explicar-me o que se passa ou não?

Depois de uma noite nos calabouços da Polícia Judiciária, André foi levado para ser presente a um juiz. Deixaram-no à espera numa sala durante quase cinco horas e, quando finalmente foi interrogado, estava uma pilha de

nervos. Não obstante a presença de um advogado de defesa para o assistir, não resistiu muito tempo e confessou tudo.

Apesar dos esclarecimentos pormenorizados de André, o juiz que tomou conta do caso não ficou satisfeito e quis tirar a limpo se a versão dele estava de acordo com a verdade ou se tinha negócios de droga com Bernardo e não contara a história toda.

Bernardo voltou a ser incomodado, foi chamado para ser interrogado. Dessa vez, fez-se acompanhar pelo seu advogado e, no final, foi mandado em paz.

Quando tomou conhecimento do que acontecera, ficou chocado. À saída, cruzou-se com Sofia. Também ela tinha sido chamada para ser interrogada. Quis falar com ela, mas foi impedido pelo inspector que a acompanhava e que os obrigou a seguirem cada um o seu caminho. Bernardo virou-se para trás no corredor e viu a expressão de pânico no rosto de Sofia, que se voltou igualmente para o ver, antes de ser encaminhada para o interior do gabinete de onde acabara de sair.

Pipa estava de bem com a vida. Finalmente, livrara-se de Sofia e já não havia nada que a incomodasse. Era como se só agora tivesse podido começar a viver plenamente a sua nova condição de mulher casada, sem a presença da outra a atazaná-la.

No fim, acabou por ficar com um pouquinho de pena dela, apesar de a ter enraivecido quando lhe despejara o jarro de água em cima. Sofia não tinha culpa se ela não a suportava por se ter envolvido com Bernardo e, sobretudo, por lhe despertar recordações felizes que já pertenciam ao passado. Não tinha culpa, mas entrar no escritório, dar de caras com ela, lembrar-se de que ocupara o seu lugar na vida de Bernardo, era doloroso. Enfim, fizera o que tinha de ser feito para resolver o problema que a perturbava e não se sentia culpada por isso. Dizia a si própria que não havia alternativa e que ela haveria de arranjar outro emprego e acabaria por ultrapassar aquele mau momento.

De resto, considerava que não fora só Sofia quem ficara a perder em virtude daquela situação impossível, ela também sofrera as suas perdas irreparáveis, também fora despedida. Apesar de tudo, pensou, fora melhor assim, Bernardo cortara a última ligação entre eles e isso fora bom, porque uma pessoa não devia ficar agarrada a esperanças vãs, estagnada pela saudade, tinha de seguir em frente corajosamente e sem ressentimentos. Os ressentimentos só consumiam a alma, aprofundavam a infelicidade.

Comparando friamente a vida com Tomé e o seu tempo com Bernardo, tinha de admitir que fora mais feliz com o segundo. Mas a vida era feita de escolhas e ela fizera as suas e não podia voltar atrás, portanto, não valia a pena ficar a esgaravatar a memória.

O que estava feito estava feito e era preciso ser pragmática, ver o lado positivo das coisas, Tomé era bom para ela e dava-lhe segurança e aos seus filhos. Que mais poderia desejar?

Pipa gostava muito de trabalhar no restaurante, o sucesso do Papa Rica era, em grande parte, resultado do seu esforço e, inicialmente, custara-lhe bastante deixar de lá ir, além de sentir um imenso vazio por não estar ocupada. Mas não era mulher de ficar parada e rapidamente arranjou uma solução. Começou a ir regularmente ao escritório de Tomé e a ajudá-lo na parte administrativa, contratou uma rapariga para o lugar de Sofia, a quem atribuiu o atendimento ao balcão, e guardou para si a organização dos assuntos mais importantes, como a agenda do marido e os contactos com os clientes. Conquistou o seu espaço, arranjou um gabinete ao lado do de Tomé e tornou-se numa super secretária com plenos poderes para dirigir o escritório.

Algumas semanas depois, já recordava o Papa Rica sem saudade. Tinha sido bom, mas o restaurante era uma prisão, ao passo que no escritório não havia horários para cumprir, entrava e saía quando queria, tinha mais tempo para si, podia ir buscar os gémeos à escola e regressar a casa como uma mãe normal. Poder acompanhar de perto o crescimento dos filhos, dar-lhes o

lanche, ajudá-los nos trabalhos de casa, fazer-lhes o jantar e deitá-los era uma bênção que não trocava pelo trabalho em restaurante nenhum.

Foi uma época agradável, tão próxima da felicidade quanto possível. A perfeição não existia, a paixão era para os tolos, o que lhe interessava era ter a vida com que sonhara!

Mas depois o inesperado aconteceu e desmoronou-se tudo outra vez.

O melhor advogado que o dinheiro podia pagar conseguia fazer maravilhas nas situações mais complicadas e, dadas as circunstâncias, André teve muita sorte. Foi condenado a três anos de prisão com pena suspensa. Poderia ter sido mais grave, se Bernardo tivesse apresentado queixa e não se tivesse contentado com um pedido de desculpas formal, desistindo do processo quando percebeu que André já teria problemas suficientes sem a sua ajuda.

A pena foi atenuada por não ter antecedentes criminais e porque o juiz aceitou que, no momento do crime, se encontrava psicologicamente perturbado. No entanto, obrigou-o a fazer uma cura de desintoxicação.

O advogado era excelente, mas André permaneceu quase seis meses em prisão preventiva a aguardar julgamento e, quando finalmente foi libertado, tinha à sua espera uma exorbitante conta de honorários. As suas economias ficaram irremediavelmente depauperadas e o projecto da nova imobiliária adiado indefinidamente. Teria de procurar emprego.

Depois de pagar ao advogado, viu-se obrigado a deixar o apartamento que mantivera arrendado enquanto estava na prisão. O dinheiro acabara. Trocou-o por outro bem mais modesto. E não precisou de fazer uma grande mudança.

Alexandra desaparecera muito antes de ele regressar e não ficou nem espantado nem triste por não a encontrar à sua espera. Ela nunca o visitara na prisão e mudara-se para casa do novo namorado, que tratara de arranjar logo que viu André a afundar-se. Por algum motivo que escapou ao seu entendimento, ela achara-se no direito de ficar com quase todo o recheio do apartamento. Deixara-lhe a cama, os sofás, os armários, os livros, um prato, dois talheres e um copo, e levava tudo o resto.

Profundamente arrependido, tentou contactar Sofia para lhe pedir desculpa. Todavia, ela mudara de número de telefone e a última pessoa que desejava ver no mundo era ele. Por fim, escreveu-lhe um longo *e-mail* a penalizar-se por todos os desvarios e admitindo que não a levaria a mal se nunca mais lhe dirigisse a palavra. Com efeito, Sofia nem lhe respondeu.

Estava desesperado e não tinha ninguém a quem recorrer. Procurar a família era hipótese que nem colocava, os amigos de outrora escasseavam, haviam-no abandonado, só lhe restavam umas escassas centenas de euros que teria de gerir escrupulosamente, assim como teria de ser disciplinado para não voltar a descarrilar.

Entrou numa nova fase ascética e, fazendo jus à virtude de ser obsessivamente determinado quando se propunha alcançar um objectivo, conseguiu empregar-se numa mediadora obscura que nunca ouvira falar dele e, em breve, começou a obter resultados.

Deixou de beber, de usar drogas, de sair à noite. Só o trabalho lhe

interessava. Recuperou o ânimo e a sua veia encantadora para vender casas. Ao contrário de antigamente, torneava com elegância mas com firmeza todas as sugestões menos próprias, recusando quaisquer possíveis envolvimento com as clientes mais atiradiças. Dizia a si mesmo que aprendera a lição.

Por mais que Sofia e Bernardo desejassem uma reaproximação, ambos sentiram que era impossível. Como poderiam ultrapassar todo o lastro de mágoas provocadas pelos acontecimentos graves que se tinham interposto ao seu amor? Como poderiam apagar os equívocos que, apesar de involuntários, tinham posto um contra o outro?

Ele nunca esqueceria a expressão de pânico que vira no rosto dela ao cruzarem-se no corredor entre interrogatórios. Precisamente, ela ficara muito assustada, não tanto pelas perguntas que iam fazer-lhe mas por ter caído em si nesse preciso momento e ter pensado que Bernardo nunca lhe perdoaria. *E com razão!*

Sofia sentiu-se miserável, tinha sido tão injusta com ele, condenara-o por todos os pecados de Pipa, fora intransigente e abandonara-o mesmo depois de ele ter despedido Pipa. E afinal o comportamento de André com Bernardo revelou-se muito mais grave do que todas as iniquidades que Pipa lhe pudesse ter feito.

Arrependeu-se da sua intolerância, Bernardo não merecera a forma como o tratara. Mais tarde, correu a casa dele, desorientada e angustiada, e, quando lhe bateu à porta, Bernardo reservou-lhe um acolhimento frio.

— Posso entrar?

Ele teve uma hesitação, como se estivesse a ponderar se ainda a queria em sua casa.

— Entra — disse, desimpedindo a passagem e voltando-lhe as costas.

Sofia seguiu-o até à sala, embaraçada.

— Estou em estado de choque — disse. — Nem sei o que dizer.

— Podes começar por me pedir desculpa.

— Desculpa, Bernardo. Nunca imaginei que o André fosse capaz de uma coisa destas.

— Eu perguntei-te se não era melhor falar com ele e, na altura, tu disseste-me que não era preciso...

— Eu sei...

— ... que tratavas do assunto.

— Sim...

— E não trataste nada.

— Eu achei que ele era inofensivo.

— Inofensivo?! Essa é boa.

— E enganei-me.

— E de que maneira. Já pensaste nos problemas que posso vir a ter por causa do teu ex-marido?

— Já, Bernardo, é horrível, o André nunca foi assim, não sei o que lhe passou pela cabeça.

— Ele andava a dormir bêbedo no carro à porta do teu prédio, Sofia, isso não te fez pensar que estava desequilibrado?

— Foi só uma vez, não pensei que fosse tão grave.

— Foi só uma vez, que a gente saiba.

— Sim, é verdade.

— E ficaste tu tão revoltada comigo por causa da Pipa.

Ela engoliu em seco. Estava à espera de que ele lhe atirasse isso à cara.

— Eu sei, desculpa, tens tanta razão. Fui injusta contigo.

Desculpou-a, compreendia que, tal como ele não era responsável pelos actos de Pipa que a prejudicavam, ela também era inocente e impotente para controlar as loucuras de André, o que não o impedia de continuar irritado e desiludido, por entender que devia ter sido mais compreensiva com ele quando estava a ser atacada por Pipa.

— Foi preciso acontecer isto para perceberes que não tenho culpa das merdas que a Pipa faz — disse.

Era nos momentos mais difíceis que o amor era posto à prova e, quanto a ele, Sofia tinha fracassado redondamente quando as circunstâncias exigiam que se unissem. Por isso a sua decepção.

Perdoou-a, mas não houve uma reconciliação apaixonada, só uma conversa esclarecedora e uma absolvição. O mal estava feito, algo se quebrara na relação deles e isso não se reparava com boa vontade. Os sentimentos que falhavam não tinham emenda.

Fez o *approach* com uma tacada miserável. Tomé era um trapalhão a jogar golfe, tinha um *handicap* desconcertante e costumava acabar os jogos na última posição. Não obstante, adorava jogar e reservava sempre as manhãs de sábado para o golfe.

Gostava de pensar que levava uma vida mais saudável desde que casara. Perdera o hábito de jantar fora, bebia menos e deliciava-se com as refeições que Pipa preparava. Ela tinha jeito, aprendera muito a trabalhar no restaurante e fazia os pratos preferidos dele. Em consequência, o volume da sua barriga aumentara consideravelmente.

De modo que os sábados eram dedicados ao desporto, ao ar puro, ao verde fresco do *fairway*, às tacadas errantes, às longas caminhadas a perseguir a bola pelo campo e, claro, à almoçarada no restaurante com a sua janela panorâmica, a vista de luxo para o relvado, a lareira a crepitar, os amigos e as grandes tiradas sobre as mulheres e a vida.

Rodeava-se de gente de sucesso como ele, homens de negócios, empresários milionários, advogados influentes, gente poderosa com quem trocava informações preciosas e que lhe dava dinheiro a ganhar. Um bónus a juntar aos dias bem passados.

Tomé, eloquente, divertido, de palavra fácil, animava essas patuscadas que se estendiam pela tarde. Era um bem que lhe fazia, uma distração do vício do trabalho, que o prendia no escritório quase todas as horas da semana. Um exagero que Pipa já conseguira moderar um pouco, apesar de tudo. Se ela não lhe telefonava para que fosse para casa, Tomé perdia-se entre os papéis e ia pela noite dentro, até às nove ou às dez. Pipa impunha-lhe disciplina, exigia que estivesse à mesa a jantar com a família a horas decentes.

Ali estava Tomé, gordo, desgrenhado e corado de felicidade, colossal a presidir à mesa, onde jaziam os restos mortais de uma feijoadada opípara. Tomava conta da conversa depois de uma magnífica manhã de desporto, bebendo o seu uísque em balão com gelo e acendendo um cubano exclusivo numa pausa entre duas frases inspiradas.

Foi uma coisa repentina, absolutamente inesperada. Os amigos, suspensos das palavras de Tomé enquanto este mergulhava na nuvem de fumo do charuto que chupava com vigor, foram apanhados de surpresa. Tomé assoprou o fósforo e ia a dizer algo que não chegou a proferir. Simplesmente, abriu muito os olhos num grande espanto e abateu-se como um todo sobre a mesa, como se algo nele se tivesse desligado. A cabeça embateu com estrondo no tampo, fazendo voar copos e sobras de pudim flan. O braço pendeu da cadeira com o charuto entalado entre os dedos, ainda a fumegar.

Estalou o pânico, chamou-se o INEM e, minutos depois, os médicos da VMER invadiram o restaurante como se estivessem mesmo ali atrás da porta à

espera de uma desgraça. Foram em socorro de Tomé, fizeram-lhe manobras de reanimação durante quarenta e cinco minutos, debalde, estava morto e sem remédio. Foi um ataque cardíaco fulminante, disseram, não havia nada a fazer.

— Procurei-te por todo o lado — declarou Ana Paula.

Ele ergueu os olhos do computador e ali estava ela outra vez, a sua professora incontornável. Contemplou-a com um sorriso desconcertado.

— Mas conseguiste encontrar-me — concluiu, desanimado.

— Consegui. Onde é que te meteste?

— Estive preso.

— Ah, está bem.

Era um daqueles sábados tranquilos em que André ficava de turno, sozinho na loja, e aproveitava para organizar a papelada dos contratos que fechara durante a semana. Ocasionalmente, aparecia um cliente à procura de casa, ou algum casal interessado nas ofertas disponíveis, mas era raro. A loja ficava na rua de São Paulo, a dois quarteirões do mercado da Ribeira, uma zona morta ao fim-de-semana.

A imobiliária também não era grande coisa, André tinha de batalhar muito mais do que se habituara na empresa anterior, tanto para descobrir clientes como para agenciar casas para vender. Mas ele sabia todos os truques do negócio, passava horas ao telefone e na Internet a roubar clientes às agências concorrentes. Era um trabalho de paciência que fazia bem.

Fitou Ana Paula, cerrou os olhos, resmungou:

— O que hei-de fazer para me livrar de ti?

Ela encolheu os ombros e sentou-se na cadeira livre à frente da secretária sem esperar por um convite.

— Deixa-me adivinhar — disse ele —, ainda andas à procura de casa.

A professora sorriu e ele suspirou, a pensar que não valia a pena pô-la na rua. *Que se lixe, vamos lá ver casas.*

Mostrou-lhe o que tinha, combinaram visitar duas delas na semana seguinte.

— Como é que vieste aqui parar? — perguntou ela, observando com ar reprovador a loja pequena e de aspecto pouco próspero.

André consultou o relógio, estava na hora de fechar.

— Tens tempo para um café? — ouviu-se a perguntar-lhe, espantado consigo próprio.

— Tenho imenso tempo — respondeu Ana Paula. — Tempo é coisa que não me falta ao fim-de-semana.

Tomaram um café no Cais do Sodré e acabaram a jantar numa cervejaria junto ao rio. André contou-lhe a sua história sem omitir nada, as loucuras que fez para reconquistar Sofia, as bebedeiras que acabavam em vigílias à porta dela, a armadilha que tentou montar a Bernardo, a temporada na prisão. Falou-lhe das mulheres que teve, da namorada que roubou ao amigo e que vivia com ele quando esteve com Ana Paula. A propósito, disse-lhe que a abominava pela perseguição que ela lhe movia.

— Não devias ter-me dado esperança — retorquiu-lhe. — Eu estava sozinha e tu apareceste do nada. Sabes o que isso significou para mim? E depois largaste-me sem mais nem menos?! Magoaste-me.

— Eu não te respeitava, fi-lo por despeito.

— Obrigada pela sinceridade — disse, ofendida.

— Desculpa, estou a dizer-te a verdade. Fui uma besta, reconheço.

Na segunda-feira, visitaram um pequeno apartamento junto ao Campo de Santana. Ficava numa travessa muito tranquila, quase sem trânsito. Era um rés-do-chão com um jardinzinho nas traseiras, orlado com canteiros floridos. André observou Ana Paula a descobrir a casa, deambulando pelas assoalhadas vazias com um brilho nos olhos. Parecia feliz, mas no final uma nuvem pairou sobre ela.

— Não sei... — disse, de semblante carregado.

André percebeu o que ela estava a pensar.

— A casa é fantástica e está a um preço muito bom. Até acho que consigo que o dono o baixe um bocadinho. É um disparate perderes a oportunidade.

— Pois, mas tem de ser toda pintada e vou ter de trocar as janelas.

— São pequenos arranjos, a casa é ótima. Fica com ela, Ana Paula. Não vamos recomençar a fazer visitas, umas atrás das outras, só para estares comigo. Há maneiras melhores de nos encontrarmos.

Ela fez um sorriso triste, vendo que ele lhe lia o pensamento.

— Olha — disse André —, não sei como vai ser o futuro, mas prometo que venho visitar-te quando estiveres instalada.

— Estás a falar a sério ou a dizer isso só para eu ficar com a casa?

— Estou a falar a sério.

Ela ponderou uns segundos, sorriu, disse que sim.

— Está bem, então fico com ela.

André abraçou-a num impulso.

— Fazes bem.

— Estou tão feliz — confessou ela.

PIPA

Foi como se tivesse levado um murro no estômago e ficasse sem ar. Um polícia telefonou-lhe para o telemóvel, apanhou-a em casa, transmitiu-lhe a notícia. Pipa precisou que o homem repetisse o que acabara de lhe dizer, incrédula. *Não pode ser, não acredito!*

Lembrou-se de Tomé a sair de casa, de manhã, a carregar o saco dos tacos de golfe, bem-disposto. *É impossível. Deve ser engano.* Mas não era, o agente tinha todos os dados, o óbito fora confirmado ainda no restaurante do golfe, onde ela sabia que André estava àquela hora. Ouviu as crianças a brincar lá dentro, no quarto, sentiu-se perdida. *O que vai ser de nós?*

Desligou o telefone. Tinha a camisa encharcada, a testa coberta por um suor frio, o rosto pálido. Viu a sala a andar à roda, deslizou encostada à parede até ficar sentada no chão. Recolheu os joelhos ao peito, abraçada às pernas, sacudida pelo choro convulsivo, em pânico.

O velório decorreu na Basílica da Estrela e contou com centenas de pessoas. Durante a missa, Pipa e as crianças sentaram-se na primeira fila, ao lado da filha de Tomé e do marido; no final, perfilaram-se para receberem os cumprimentos, antes de seguirem para o cemitério. Enquanto tudo aquilo acontecia como se fosse um pesadelo, Pipa tinha a sensação de que não passava de uma espectadora que todos evitavam mais ou menos educadamente.

Não lhe passara despercebido que Tomé tivesse morrido sentado a uma mesa de amigos e que ela, a sua mulher, recebesse a notícia por um polícia, um estranho, no cumprimento do dever. Nem um dos amigos se incomodara a telefonar-lhe para que fosse informada por uma voz próxima.

Terminadas as exéquias, teve a certeza de que todos se retirariam e nunca mais ouviria falar dos amigos de Tomé.

A sua situação revelou-se bastante pior do que podia imaginar. Tomé ganhava muito dinheiro, mas guardava pouco. A casa onde viviam era arrendada e o escritório dele também, ambos por um preço astronómico. Em suma, embora vivessem bem, ele precisava de receber muito todos os meses para a máquina continuar a rolar. Não era dono de imóveis nem fizera investimentos significativos, tinha algumas acções pouco valiosas e uma conta bancária com alguns milhares de euros, que Pipa se apressou a esvaziar.

Guardou o dinheiro todo para si e não deu nem um cêntimo à filha dele. Mentiu-lhe, disse-lhe que gastou tudo o que restava no funeral do pai. Depois disso, deixaram de se falar.

Passou as duas primeiras semanas a desmontar o escritório. Despediu a rapariga que admitira recentemente e vendeu tudo o que conseguiu: tanto a mobília do escritório como a de casa. Depois regressou ao seu antigo apartamento e, com o dinheiro que conseguiu juntar, abriu um restaurante

minúsculo, só com quatro mesas, em Campo de Ourique, não muito longe do Papa Rica. Não tinha empregados e estava sozinha, de novo a lutar pela sobrevivência.

MARGARIDA

O regresso de Margarida à empresa, depois de ter conspirado para que André fosse despedido, foi glorioso. De resto, se houvesse dúvidas sobre a sequência de acontecimentos, ela fez constar que só voltara na condição de André sair. A sua versão correu livremente por corredores e departamentos e o poder dela reforçou-se com a impressão generalizada de que bastava alguém cair em desgraça aos seus olhos para ser despedido.

Contratou uma empregada a tempo inteiro para cuidar do bebé e consagrou-se ao trabalho com dedicação renovada. Sentia-se renascida e determinada a conquistar cada vez mais espaço.

Era agora claro que se tornara a número dois da empresa. O presidente adorava-a e escutava sempre a sua opinião antes de tomar decisões importantes.

Decorridos alguns meses, convidou-a para almoçar e revelou-lhe que impusera a si mesmo um prazo máximo de cinco anos para se retirar.

— Quero dedicar-me a outras coisas, ter tempo para a família, jogar golfe, ir à pesca, o que me apetecer. E, nessa altura, quero que você assuma a presidência da empresa — disse. — Portanto, tem de se preparar para a tarefa.

Margarida ficou de boca aberta, riu-se, meio aparvalhada.

— Nem sei o que dizer.

— Não diga nada, minha querida, limite-se a preparar-se. Que estou a dizer? Você podia assumir o cargo hoje mesmo!

— Nem pensar nisso! — reagiu ela, como se ficasse horrorizada com a ideia de ele sair imediatamente e depositar-lhe a responsabilidade no colo. — Ainda nos faz muita falta. Não tenho nem metade da sua competência.

— Pois, bem, de qualquer maneira não tenciono sair já.

— Felizmente. Estamos muito bem assim.

— E vamos manter esta conversa entre nós.

— Esteja descansado.

Ela era muito habilidosa e sabia na perfeição como influenciar o presidente. Não via a hora de substituí-lo, mas haveria de tentar convencê-lo até ao fim a manter-se no lugar. Ele apreciava sobremaneira a veneração que pensava que Margarida tinha por si.

A notícia de que André estava preso deixou-a simultaneamente estupefacta e satisfeita. *Não podia ter descido mais baixo. É bem feito, espero que apodreça na cadeia.*

Todavia, seis meses passados, voltou a ter notícias dele.

Arruinado, sem casa e sem emprego, André procurou Margarida para lhe pedir ajuda. Telefonou-lhe primeiro e, como ela não atendeu o telefone nem respondeu às chamadas, apareceu-lhe na empresa. *O descaramento dele! O que será que me quer?*

Apesar de curiosa, recusou-se a recebê-lo, mas ficou desconfiada, com

receio de que André pretendesse reclamar os seus direitos de pai, quisesse sacar-lhe dinheiro ou que tentasse fazer chantagem com ela, ameaçando reclamar os seus direitos sobre a criança se ela não lhe desse dinheiro.

Margarida entendeu que, fosse lá o que fosse que ele lhe queria, não podia ser coisa boa, por isso decidiu antecipar-se para não correr riscos. Avançou com um processo na justiça para o impedir de ter qualquer contacto com o filho.

André não contestou a acção e ela ficou descansada.

O trabalho corria-lhe bem, o futuro apresentava-se brilhante, já não se sentia sozinha, tinha o seu bebé e tão cedo não queria ouvir falar de homens na sua vida.

ANDRÉ

Tinha de reconhecer que a humildade lhe dava a paz de espírito que nunca tivera. No passado, considerava-se um tipo fora de série, uma espécie de *primus inter pares*, e sentia-se na obrigação de agir em conformidade com o estatuto que acreditava ter. Isso implicava ter mais sucesso profissional do que os colegas e os amigos; ter posses que os outros nem sonhavam vir a conseguir; ter uma mulher que estivesse ao seu nível, ou seja, alguém invejável pela sua beleza, elegância e educação.

Em tempos, André pensara que Sofia era *essa* mulher. Bem, ainda pensava, mas já se convencera de que ela não queria voltar a vê-lo e não lhe custava compreender que era ele quem deixara de estar à sua altura.

A refrescante novidade é que, depois de seis meses na prisão, deixou de se julgar especial. Quer dizer, as pessoas da elite não apresentavam como morada — ainda que provisória — o Estabelecimento Prisional da Carregueira. Portanto, deixou de se preocupar com *essas tretas* das aparências.

No que tocava a aparências, a sua imagem estava irremediavelmente manchada. Agora, tinha um desafio mais importante pela frente: reconstruir a sua vida.

Embora mantivesse intacto o projecto de abrir a sua própria mediadora e trabalhasse furiosamente para o concretizar, sentia que fora socialmente despromovido. Eram raros os amigos que lhe falavam e, mesmo esses, pouco se esforçavam para o apoiar. Ninguém queria ter nada a ver com ele, como se tivesse apanhado uma doença infecciosa. Tinha sido excomungado pelo seu meio social.

Cumpriu a promessa de visitar Ana Paula e até fez mais do que isso, ajudou-a a instalar-se na nova casa. No fim-de-semana, vestiu umas roupas velhas e foi carregar caixotes e pintar paredes com ela. À noite, foram jantar a um restaurante barato ali perto. Depois voltaram para casa e acabaram a dormir juntos.

Não estava apaixonado por ela e não a enganou, deixou claro que eram só amigos. Enfim, amigos íntimos, digamos assim. A verdade é que estava a aprender a gostar de Ana Paula, ganhou um carinho especial por ela. Sentia-se profundamente agradecido por ter sido a única pessoa que não desistira dele, mesmo sabendo tudo o que fizera de mal e apesar de lhe ter dito que não a suportava nem tinha consideração por ela.

Mas isso eram águas passadas. André apreciava a companhia dela, sentia uma grande tranquilidade quando estavam juntos. Ana Paula dava-lhe espaço, deixava-o ir e voltar quando lhe apetecia, já não lhe fazia exigências nem o perseguia. Prometeu-lhe que isso não voltaria a acontecer, mesmo que ele tornasse a desaparecer.

Ela era inteligente e aprendia a insinuar-se positivamente na vida dele sem

se tornar um estorvo. Tê-lo ao seu lado já era suficiente, por agora. Um dia, quem sabia, talvez levasse a água ao seu moinho.

SOFIA

Os dias corriam exasperadamente devagar. Sofia não tinha muito que fazer e também não era pessoa de grandes iniciativas, de sacudir a letargia e ir à luta. Sempre fora responsável, cumpridora e trabalhadora, uma alma simples, dedicada e de confiança, mas também muito sensível e, quando o mundo desabava, não sabia reagir, faltava-lhe a energia, ficava desorientada e profundamente triste.

Vivia do subsídio de desemprego e da ajuda que o pai lhe dava. Não lhe faltava nada, mas sentia-se a deslizar para a depressão. Chegara a ter ideias suicidas que, conquanto não passassem de pensamentos inconsequentes, eram um sintoma do desespero que a atormentava.

Não se perdoava por ter sido injusta com Bernardo. Ele fazia-lhe tanta falta que até doía, percebeu que o amava mais agora, que não o tinha, do que quando estavam juntos e tudo parecia fácil e óbvio. Mas ele ficara desiludido e afastara-se e Sofia compreendia que se tivesse zangado para a vida. O amor revelava-se, sobretudo, nos momentos difíceis e Sofia não estivera à altura das circunstâncias. Penalizava-se por ter sido caprichosa e irredutível.

Passaram seis meses, André foi libertado e voltou a tentar contactá-la. Recusou-se a responder-lhe, pois ainda ficava perplexa quando pensava nas enormidades que ele cometera. Detestava-o pelo mal que lhe causara, mas era incapaz de odiar alguém e, ao fim de algum tempo, começou a ter pena dele, a pensar que devia estar a passar um mau bocado. Teve de se controlar para não o procurar. Um dia, talvez pudesse falar com ele serenamente, agora ainda era tudo muito recente.

Embora o comportamento de André fosse injustificável, Sofia reconhecia que, ainda que de forma desastrada e descontrolada, ele quisera virar o mundo ao contrário por ela, coisa que Sofia não fizera por Bernardo. Tinha de lhe reconhecer isso.

Ultimamente, começara a ganhar o hábito de se meter no carro e rumar ao Guincho para fazer um pouco de desporto. O Verão estava à porta e a Primavera já se confundia com os dias de calor intenso que aí vinham. Saía de casa muito cedo para evitar as horas mais quentes, parava o carro à beira das dunas, por cima da praia, e corria alguns quilómetros na ciclovía ao longo da estrada do Guincho. No regresso, descia à praia e trocava os calções e a camisola pelo biquíni para caminhar à beira-mar, dar um mergulho, apanhar um pouco de sol.

Este hábito reanimou-a muito, deu-lhe outro ânimo, resgatou-a da angústia. Ocasionalmente, até combinava com alguma amiga irem juntas ao Guincho.

Compreendeu que o tempo sarava tudo e que o seu tempo de luto e de tristeza estava a chegar ao fim. Começava a acreditar na felicidade outra vez.

Não podia ter Bernardo, mas já era altura de soltar amarras e deixá-lo ir. Recordá-lo-ia sempre com um sorriso nos lábios, uma alegria que tivera na vida. Um dia, certamente, voltaria a ter um emprego e alguém que a amasse. Tinha de acreditar nisso!

BERNARDO

Ainda lhe parecia impossível que tivesse feito aquela loucura. Quando pensava nisso, era acometido por um acesso de euforia e deixava escapar uma gargalhada para o ar. Parecia um miúdo, quem o visse a rir-se sozinho em qualquer lado, no meio da rua, talvez pensasse que estivesse doido. Ele queria lá saber!

Conquistara a liberdade, sentia-se verdadeiramente livre e tinha vontade de erguer os braços para o céu e gritar bem alto como estava feliz com a sua opção! Enfim, era preciso controlar-se, para evitar que o tomassem mesmo por um louco destravado.

Quem diria que teria a coragem de romper com a vida que levava, desistir de tudo e recomeçar a viver a sério, sem andar permanentemente em cima do arame, a ludibriar a falência com fugas para a frente para não se afogar em dívidas.

Olhando para trás, tinham sido uns anos extenuantes, sempre à beira do colapso, com a empresa por um fio desde que a crise atingira a economia com a força de um terramoto. Naquela época, Bernardo via centenas de empresas a derrocarem à sua volta e dava voltas à cabeça para a sua não ser arrastada para o fundo com as outras.

Era uma preocupação, meses e meses sem saber como iria conseguir pagar os ordenados, mas nunca baixou os braços nem perdeu o optimismo.

No fim, teve sorte. A economia reanimou um bocadinho, conseguiu um bom contrato, estava a sair do vermelho quando apareceu a proposta. Outra empresa maior, interessada em apanhar o seu cliente, fez-lhe uma oferta de compra. Bernardo pensou duas vezes. Agora que começava a recuperar, depois de tantos anos sem respirar, era quase um pecado vender. Disse que não.

Contudo, a empresa compradora manteve-se firme e subiu a parada. Então, Bernardo vacilou. A nova oferta era tentadora, quase obscena, e tão cedo não haveria outra igual.

Recentemente, regressara com o filho à Malveira da Serra, a terra onde tinham parado para beber um café há vários meses. Bernardo reparou que a casa que vira à venda na outra vez que por lá passara continuava disponível. Recordou-se de que guardara o número de telefone do vendedor, mas nessa época andava tão ocupado que nunca mais se lembrara do assunto. Não chegara a ligar-lhe para pedir informações. Desta vez não se esqueceria.

Estar ali novamente com Eduardo e descobrir que aquela casa a poucos minutos da praia ainda estava à venda foi revelador. A oferta para lhe comprarem a empresa mantinha-se de pé e a casa que tanto o entusiasmara continuava à venda, era como se os astros se unissem para lhe darem uma segunda oportunidade de mudar de vida e lhe lançassem sinais gritantes para que aproveitasse.

De certa forma, Bernardo ficou a dever a André o último empurrão para tomar a decisão certa, porque o que aconteceu foi providencial, pois deixou-o a pensar em como era frágil a sua situação. Bastava um parvalhão mal-intencionado montar-lhe uma armadilha bem-sucedida e deitava-o abaixo.

Se André tivesse tido sucesso e Bernardo tivesse sido apanhado com o pacote de droga no carro, teria sido muito complicado, se não impossível, convencer a polícia, o procurador, o juiz, da sua inocência. Provavelmente, teria sido preso em vez de André e teria sido o descalabro, porque, mesmo que se safasse de uma coisa dessas, a empresa não teria resistido seis meses sem ele.

Naquele momento, à frente da casa à venda, acompanhado pelo filho, Bernardo teve uma epifania. De repente, conseguiu juntar todos estes pensamentos e os dados conjugaram-se na sua cabeça com uma facilidade arrepiante. Estava na hora de mudar de vida!

Na segunda-feira, iniciou as negociações para vender a empresa e umas semanas depois concluiu o processo. De caminho, colocou também à venda a casa de Lisboa e comprou a da Malveira da Serra, bem mais pequena e rústica.

De modo que se encontrava rico, com alguns milhões no banco, e de férias. Ainda mantinha o Papa Rica, mas o restaurante não lhe dava muito trabalho. Actualmente, ocupava os seus dias a fiscalizar as obras da casa nova, nada de grande envergadura, só uns melhoramentos para que ficasse acolhedora e confortável. Em breve poderia mudar-se.

Como não era capaz de ficar parado, já lhe ocorrera um negócio ou dois que poderia iniciar para aqueles lados. Pensou em abrir um segundo restaurante e já tomara nota mentalmente para investigar o mercado sobre a possibilidade de investir em casas para arrendar a estrangeiros. Mas isso ficaria para mais tarde, agora estava a gozar as primeiras férias que tinha desde há muito tempo.

Era um dia qualquer a meio da semana, hoje em dia Bernardo nem sabia se era segunda, terça ou quarta-feira, tanto se lhe dava. Deixara de ter agenda e arrumara o relógio numa gaveta, tal como dispensava a gravata e o fato. Vestia-se informalmente e conduzia o seu próprio carro, como toda a gente. Dispensara o motorista, a quem dera uma generosa compensação pelos anos de lealdade, e trocara o *Mercedes* por um desportivo *Jaguar F-Type* de duas portas. Estava ansioso por largar a confusão do trânsito de Lisboa e instalar-se naquela terrinha sossegada, perto do mar, onde se podia circular à vontade.

Acordou cedo, passou pela Malveira para verificar as obras e em seguida foi até ao Guincho dar um passeio. Embora ainda não houvesse muita gente na praia, os dias já estavam muito quentes e convidavam a dar um mergulho. Bernardo arrependeu-se de não ter levado fato de banho, teve de se contentar em tirar as meias, arregaçar as calças e fazer uma caminhada revigorante à beira-mar. Foi andando sem pressa, com ideia de ir até ao fim da praia e

voltar.

Ao longe, uma mulher despiu uns calções e uma camisola, aproximou-se do mar em biquíni e foi entrando devagar para se habituar à água fria antes de mergulhar.

Bernardo observou-a a desaparecer na espuma de uma onda partida e emergir pouco depois. A mulher fê-lo lembrar-se de Sofia. *Podia ser ela*, pensou a sorrir. Mas claro que não era.

Ainda pensava em Sofia, embora não considerasse voltar a falar-lhe. Eles os dois carregavam demasiada carga, demasiados incidentes graves que os tinham separado. Era uma fatalidade, porém, não havia nada a fazer. Já não evocava Sofia a pensar no futuro, só a recordava com a mágoa de um amor perdido. Outrora, tivera a certeza de que era a mulher da sua vida.

Por alguma razão, Bernardo não se ligara a nenhuma outra mulher durante aqueles longos meses, mas preferia acreditar que isso se devera a ter andado tão ocupado a manter-se à tona da água que não lhe restara um minuto de disponibilidade para procurar uma namorada. Na verdade, tivera muitas solicitações que descartara liminarmente. Não permitiu que elas se aproximassem, não lhe interessavam.

Ocorreu uma coincidência: a mulher que Bernardo observara ao longe e lhe fizera lembrar Sofia saiu do mar precisamente quando ele passava ali à frente, e nessa altura pôde vê-la melhor.

Ela deteve-se um instante, dobrou-se para a frente e endireitou-se com um golpe de rins vigoroso, atirando o cabelo molhado para trás, desenhando um arco de água no ar, de modo a alisá-lo de forma natural.

Foi uma enorme surpresa. De repente, ali estava Sofia espedada a olhar para ele, igualmente surpreendido. *Afinal, é mesmo ela!*

— Olá — disse Sofia.

Ele espreitou por cima dos óculos escuros e abanou a cabeça, desconcertado e sorridente.

— Eu sei que já disse isto antes, mas estamos condenados a encontrar-nos por acaso nos lugares mais improváveis.

— É o destino.

— É, só pode ser — concedeu, rendido.

— Onde vais assim vestido, com este calor?

Ele sentiu-se um saloio, de calças arregaçadas e com as meias enfiadas nos sapatos que levava na mão.

— Oh — encolheu os ombros —, estava aqui perto e apeteceu-me dar um salto à praia, mas não vinha preparado.

Ela, vendo-o de calças de ganga e pólo, estranhou.

— Bernardo, sabes que dia é hoje?

— Quinze? — disse, fazendo uma careta de dúvida.

— Da semana.

— Terça... quarta?
— Quarta. Não devias estar a trabalhar?
— Ah — riu-se —, pois...
— O Bernardo que eu conheço não vem à praia a meio da semana, não sai do escritório mais de trinta minutos, só trabalha o dia inteiro, *todos* os dias.
— O Bernardo que tu conheces mudou muito.
Ela pôs as mãos na cintura, fez uma divertida cara de espanto.
— Não me digas!
— Digo, digo.
— Temos novidades, então.
— Nem imaginas.
— Não te posso deixar um bocadinho à solta que comesças logo a inventar — brincou.

O bocadinho a que ela se referia tinham sido mais de seis meses — exactamente, seis meses, três semanas e três dias, pensou Sofia, *mas quem é que anda a contá-los?* —, no entanto, ali estavam eles a falar com a facilidade de sempre e parecia que nada acontecera entretanto.

Bernardo convencera-se de que Sofia era um assunto resolvido e arrumado na sua cabeça, mas bastaram uns segundos para perceber a falta que ela lhe fizera.

Acompanhou-a até à toalha estendida na areia uns metros acima.

— Então conta lá essas novidades — pediu Sofia.

— Vendi a empresa. Estou oficialmente desempregado.

Ela deu uma gargalhada. Ele pensou: *as saudades que tinha desta gargalhada.*

— E mais?

— Vendi a casa.

— E mais?!!

— Vendi o carro e dispensei o motorista.

— Espera, viraste ecologista e só andas de bicicleta.

— Não propriamente.

Sentaram-se na areia. Sofia partilhou a toalha e ficaram lado a lado, de frente para o mar. Bernardo contou-lhe tudo o que mudara na sua vida e porquê, disse-lhe que estava entusiasmado com a perspectiva de morar na Malveira da Serra, ali perto da praia, que se sentia aliviado por ter vendido a empresa e tirado de cima dos ombros o peso dessa responsabilidade.

— Foram anos à beira do precipício — comentou.

— Então agora estás livre.

— Completamente livre.

— E feliz.

— Moderadamente feliz.

— Só?!

— Sim, quer dizer, estou feliz, claro que sim, estou eufórico por me ter livrado da empresa e não ter *stress*, mas é tudo muito recente, ainda me estou a adaptar.

— Acho que te vais adaptar bem.

— E tu?

Sofia ergueu a cabeça para o sol, fechando os olhos atrás dos óculos escuros.

— Eu também não faço nada — disse. — Só praia.

Riram-se.

Bernardo começava a derreter, vestido, ao sol, sem uma sombra por perto. Sugeriu que fossem até ao restaurante da praia.

— Caso contrário, morro de insolação — disse.

— Se é por isso, eu vou — respondeu Sofia.

Foi dar um mergulho a correr para se refrescar e juntou-se a ele.

Sentaram-se na esplanada e pediram duas imperiais. Veio a hora do almoço e encomendaram hambúrgueres. Entretanto, Sofia contou-lhe que continuava desempregada e não conseguia arranjar trabalho.

— O Tomé morreu, soubeste?

Bernardo abanou a cabeça lentamente.

— Soube — disse.

— Uma coisa repentina, coitado.

Não se interessaram pelo destino de Pipa, evitaram mencioná-la, mas Sofia comentou que André fora libertado após seis meses na prisão. Bernardo também sabia isso.

— O que anda ele a fazer? — perguntou.

— Não sei, perdi-lhe o rasto. Tentou falar comigo, mas não lhe respondi e troquei de número de telefone para ele não me chatear.

Encerraram assim os assuntos sensíveis. Não houve mais pedidos de desculpa, nem lamentações. Sentiam-se felizes por se reencontrarem e não quiseram estragar aquele momento com mágoas antigas.

Pediram café e mais duas cervejas. A tarde passou depressa enquanto conversavam, concentrados um no outro.

Havia uma loja de roupa de praia ao lado do restaurante. Bernardo propôs-se comprar um fato de banho. Sofia acompanhou-o e divertiram-se a dizer disparates, enquanto Bernardo provava fatos de banho, abria a cortina para lhe pedir a opinião e fazia patetices. Sofia ria-se como uma perdida. Observava-o deleitada e cheia de nervos, a pensar que aquilo era um sonho.

Como não se conseguia decidir, acabou por comprar dois fatos de banho. E uma toalha.

Voltaram à praia, correram para mergulharem entre as ondas que

rebetavam em cima da areia. Estenderam as toalhas e deitaram-se em silêncio a apreciar os últimos raios de sol e a companhia um do outro.

— E namoradas? — perguntou Sofia, rompendo o silêncio.

— O que têm?

— Tens alguma?

— Não, e tu?

— Também não.

Voltaram a ficar um momento em silêncio, como que absorvendo a informação. Depois Bernardo ergueu a cabeça, apoiado nos antebraços, perguntou:

— Onde tens estado?

— Em casa, deprimida, mas estou quase curada. E tu?

— Tenho estado à tua espera — disse.

Ela deu-lhe um murrinho de protesto no ombro.

— Mentiroso — reclamou.

— É verdade, mas tenho tido tantas preocupações no trabalho que nem me permiti pensar na falta que me fazias.

— E agora?

— Agora tenho todo o tempo do mundo para ti.

— Eu também — murmurou Sofia, emocionada.

Bernardo inclinou-se para a frente, beijou-a.

O sol enfraquecido feneceu numa derradeira explosão laranja que rompeu o azul celestial do fim da tarde. A noite já lá vinha fria quando Bernardo e Sofia se foram embora, caminhando pela areia, de mãos dadas, vagarosamente.